LEONARDO GUDEL

SANGUE AZUL

MORTE E CORRUPÇÃO NA PM DO RIO



GERAÇÃO EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

LEONARDO GUDEL

SANGUE AZUL

Morte e corrupção na PM do Rio

GERAÇÃO EDITORIAL

SANGUE AZUL
Morte e corrupção na PM do Rio

Copyright © 2009 by Leonardo Gudel

1ª edição – novembro de 2009

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Capa
Silvana Mattievich

Projeto Gráfico
Alan Maia

Diagramação
Kauan Sales

Preparação de Texto
Paulo Schmidt

Revisão
Josias Aparecido Andrade

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gudel, Leonardo

Sangue Azul : Morte e corrupção na PM do Rio / Leonardo Gudel. -- São Paulo : Geração Editorial, 2009.

ISBN 978-85-61501-39-6

1. Polícia - Atitudes 2. Policiais militares - Biografia 3. Rio de Janeiro (Estado) - Polícia Militar 4. Violência - Aspectos sociais I. Título.

09-09885 CDD: 363.22092

Índices para catálogo sistemático

1. Policiais militares : Biografia 363.22092

GERAÇÃO EDITORIAL

ADMINISTRAÇÃO E VENDAS
Rua Pedra Bonita, 870
CEP: 30430-390 – Belo Horizonte – MG
Telefax: (31) 3379-0620
Email: leitura@editoraleitura.com.br

EDITORIAL
Rua Major Quedinho, 111 – 20° andar
CEP: 01050-030 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3256-4444 – Fax: (11) 3257-6373
Email: producao.editorial@terra.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

ÍNDICE

EU NÃO ME CHAMO RUBENS

QUEM MATOU MARINA?

O COMEÇO DA HISTÓRIA

TIRO CERTEIRO

CORRUPÇÃO NÃO TEM PATENTE

OS CINCO FANTÁSTICOS

O COMEÇO DO FIM

INFERNO

PREFÁCIO

EU NÃO ME CHAMO RUBENS

É evidente que, para proteger as pessoas que participaram dos episódios descritos no livro, todos os seus nomes próprios foram alterados. Inclusive o meu, que não me chamo Rubens.

Foram alterados também os nomes dos lugares. Misturamos a geografia da cidade para que nenhum evento ou participante possa ser identificado. Essa postura de proteger os envolvidos foi seguida por uma convicção minha. Nessas nossas vidas, dentro desse conflito, é difícil saber com certeza quem de fato é a vítima e quem é o agressor.

Tudo que está escrito nas páginas abaixo são experiências vividas por mim e outros colegas durante meus anos como policial militar do Estado do Rio de Janeiro.

Há anos que eu quero fazer um livro sobre o que eu passei na polícia, mas nem sabia como começar. Através do roteirista de cinema Leonardo Gudel é que dei os meus primeiros passos. Redigi um pequeno texto, com umas vinte páginas, mas que já continha os pontos essenciais que eu queria abordar.

Não sou um homem das palavras, tenho um dos trabalhos mais barra-pesada que existe. Após vários encontros, conversas no MSN, pelo telefone, seguindo fielmente o que eu lhe contei, o Leonardo transcreveu este pedaço da minha vida para o papel. Um pedaço amargo, mas que eu sinto o dever de transmitir.

Sinto isto porque percebo em cada pessoa com quem converso que ela não tem a menor ideia do que está acontecendo no Rio de Janeiro. Estamos num estado de guerra. Os bandidos, junto com a polícia, criaram um poder paralelo que controla as favelas e as camadas mais pobres da sociedade. Eles estão cada vez mais armados e daqui a pouco a bomba vai estourar. Daqui a pouco, o carioca mal vai poder pôr o pé na rua. Essa terra sem lei, onde o mais forte se

impõe à base de tiro e bomba, existe ao lado de prédios de luxo na Zona Sul e por infinitos lugares na Zona Norte. Está na cara de todos, mas parece que as pessoas têm medo de enfrentar a realidade.

Mas a minha história ainda vai além. Eu tento relatar o encontro entre esses dois mundos, esse encontro que aconteceu dentro de mim.

É claro que eu já entrei na PM sabendo que lá não tem nenhum santo. Mas entrei com o intuito de servir e proteger. Achei que poderia fazer o meu serviço e me afastar dos maus policiais. Mas infelizmente, a realidade não é tão simples. Não existem bons e maus policiais.

Será que é possível imaginar como fica a cabeça de um sujeito que acaba de cometer, às vezes, mais de um assassinato? Que tem uma profissão em que é pago para matar? Que se encontra em situações em que é obrigado a matar uma criança para não morrer?

Depois de passar por situações de uma brutalidade que esse sujeito nem pensava existir, como é a sua vida dentro de casa? Como é a relação dele com o seu filho pequeno?

Não é mole não. São milhares de pessoas na mesma situação que eu passei. Pessoas doentes, mas sem nenhum amparo do Estado. O trabalho transforma esses cidadãos em homicidas. Essas pessoas, na sua maioria, nem percebem o quanto estão piradas.

Este livro é para o povo carioca, para o Brasil acordar e enxergar o que está acontecendo. Não é fácil abrir os olhos para essa realidade. Tem que ter estômago para encarar estas páginas.

RUBENS

QUEM MATOU MARINA?

1

Não posso mexer o meu rosto. Não posso mexer meio centímetro do meu corpo. Na hora não pensava em nada disso, era puro instinto. É estranho, de repente tudo parece estar contra mim. Até o meu próprio corpo quer me trair. Eu tenho que me segurar. Não posso me mexer. Minha boca está tão ressecada, que minha gengiva chega a colar nos lábios. A adrenalina faz o meu ângulo de visão ficar reduzido a menos de noventa graus. Não consigo saber direito o que se passa à minha volta. Só sei que não posso me mexer.

Era uma noite escura, sombria, barulhenta. Estava cercado de cheiros que me deixavam tonto. Sangue, churrasco, vômito.

Às vezes eu tinha um relâmpago de consciência quando meus olhos conseguiam focalizar o relógio de pulso. Eu via que mais um minuto tinha se passado. Até o tempo está contra mim. Parece que eu estou parado nessa posição há horas. Mas, na verdade, não se passaram nem dois minutos. O tempo quer ficar congelado nesse inferno.

Ouço sons de tudo quanto é tipo. Explosões, rajadas de metralhadora, gritos. Nenhum deles me assusta. Só aquela música me fazia tremer. Um ritmo contínuo, mas que vai ficando cada vez mais alto. É ele que me obriga a ficar parado, estático. Eu já conheço bem o seu som, é um tiro de 7.62. Mas não é um tiro qualquer, é um disparo de alguém treinado. Tiro colocado, devagar, ritmado. Um depois do outro, vai cada vez mais se aproximando da minha cabeça.

À medida que vou aprendendo a música, fico sabendo mais ou menos a frequência com que ele para e troca o carregador. É essa a minha hora de revidar.

Minha guarnição avançou e eu fiquei guardando a retaguarda. Os colegas conseguiram avançar, eu cumpri minha missão. Mas os vagabundos me cercaram. Vieram da parte baixa do morro.

Tenho que segurar essa posição até a próxima guarnição chegar. Mas eu não faço isso por um ato de bravura militar. Se eu não contiver o avanço dos bandidos, eles me matam. Não tem como eu recuar. Se eu der um passo para trás, tomo tiro. Graças a Deus estou numa posição em que eles não conseguem me atingir. Mas eu também não posso deixar que eles se movimentem, senão

estou fudido.

Os tiros chegam cada vez mais perto. Eu ouço o zunido estridente passar a poucos centímetros do meu ouvido. A dois dedos da minha testa, tiros estouram no bloco de concreto em que estou escorado. Sinto o impacto como uma paulada na minha cabeça. Mas tenho que me segurar. Não posso me mexer. Meu rosto está todo branco por causa do reboco arrancado pelos tiros. Poeira branca e pedaços de concreto caem nos meus olhos.

Mais um minuto se passou e nada do reforço chegar. Estou tomando uma chuva de tiro. É tiro pra caralho! Na posição que tenho de ficar, não dá nem para trocar o carregador. Tenho que economizar na munição. Dou um tiro de vez em quando. Não vou dizer que eu só atiro na boa porque na verdade eu não estou enxergando é porra nenhuma.

O tempo custa a passar. Devo estar a umas três horas agachado, encostado nessa parede. Olho para o relógio. Só passou meia hora! Cada minuto parece levar uma eternidade! Tudo bem que não se passaram três horas, mas mesmo na medição real do tempo, ser alvejado por trinta minutos sem poder mover um centímetro do corpo é coisa pra caralho.

Os estouros no concreto vão ficando cada vez piores. O impacto que minha cabeça grudada na parede leva é insuportável. Mas sei que se eu tirar a cabeça da parede eu morro. O concreto parece que está cada vez mais fino. O animal com a 7.62 está tentando demolir a parede a tiro. O cara viu que não consegue me atingir então resolveu acabar com o meu abrigo. O pior é que ele está conseguindo. Esse filho da puta é bom mesmo.

Tento dar mais um tiro. Não consigo, acabou minha munição. Pela primeira vez desde o começo dessa roubada minha cabeça voa para outro lugar. Penso no meu filho Serginho, na minha vida. Fudeu. Além de estar perdendo a concentração, já cansei de ouvir histórias de nego que antes de morrer vê a vida passar em *flashback* diante dos olhos. Porra, esse filme eu não quero ver agora não. Tento mudar de canal, voltar para o tiroteio. Eu não posso me mexer. Concentra! Estou vendo que isso vai dar merda.

Ouço tiros vindo das minhas costas. Quero me virar, mas me seguro. Se eu me mexer vou acabar tomando um tiro no rosto. Mas e se forem os vagabundos chegando por trás? Aí é só esperar o Zé Maria me abraçar. Zé Maria é o apelido que nós damos para a morte. Para morte não, para o capeta. É ele que vem nos levar. Agora, por que Zé Maria, eu não sei.

Paro de ouvir os tiros passando perto do meu ouvido. Estou zonzo, será que fui atingido? Mas não estou sentindo nada. Uma mão pousa no meu ombro. Que

alívio! Duvido que a mão do Zé Maria seja tão quente. Vejo coturnos e fardas azuis avançando à minha frente. A segunda guarnição chegou. Demorou, mas chegou. Os bandidos recuaram.

— Vamos embora, polícia! Rápido, porque o bicho tá pegando!

Vou me levantar, mas as pernas não respondem. Fiquei tanto tempo parado sem me mexer, que elas ficaram dormentes.

— Não consigo, eu não tô sentindo as minhas pernas!

— Aguenta firme. Segura essa munição aí.

O policial se levanta e avança junto com os demais, me deixando novamente sozinho. Filho da puta! Se eu conseguisse andar, eu quebrava esse viado. Juro por tudo que é mais sagrado, se eu sair vivo dessa eu mato esse filho da puta que me deixou para trás. Vou encher ele de porrada, depois vou dar um tiro seco no meio da testa. Filho da puta!

Levanto os olhos e vejo o rapaz que eu acabara de crucificar com outro soldado. Ele tinha ido buscar ajuda. Os dois me levantam e me carregam para longe daquele mar de sangue, daqueles corpos estirados. Para longe do perigo. Santo garoto! Ele tinha conseguido tirar um policial da linha de frente para me resgatar.

Eu mal conseguia andar. Os dois praticamente me carregaram até a entrada da favela e me colocaram dentro da viatura. Queria dizer pelo menos um “valeu, irmão!”, mas não tinha mais forças nem para falar.

No banco de trás, deixo minha cabeça cair para o lado. Fico com a testa prensada contra o vidro vendo a movimentação da rua. O cansaço deixa tudo meio desfocado. Ainda zonzo, tento distinguir as imagens que passam pelos meus olhos. Alguns polícias armados, a agitação das pessoas que saem para o trabalho e ficam que nem barata tonta sem saber para onde correr. Até que vejo a minha guarnição carregando um corpo. Não acredito! Esfrego bem os meus olhos, tento me concentrar. Será que é ele?

— Era esse o safado que te encurralou na viga de concreto! Olha só o estado da criança! — disse o soldado Fausto todo agitado, como se tivesse recebido uma carga de adrenalina.

Estava todo dilacerado por causa dos tiros. Mas mesmo assim dava para reconhecê-lo. Não era à toa que os disparos em cima de mim foram muito bem colocados. Sua pontaria era perfeita. Com um fuzil na mão, ele era o melhor.

Depois que vi seu corpo sendo jogado dentro do camburão, não me lembro de mais nada. Apaguei.

2

— Acorda, Rubens! Acorda, rapá! O dia já está raiando. Chegamos em casa.

Em casa nada, abro os meus olhos com dificuldade e vejo que amanheci no pátio da garagem do quartel. Pelo visto, a minha viatura acabou de chegar. A incursão deve ter durado a noite inteira. O sargento Lúcio, o soldado Fausto e o soldado Quirino já saíram da viatura. Só eu ainda continuava sem me mexer.

— Consegue se levantar? Ou dessa vez você vai precisar de quantos para te carregar? Ele não consegue sair do lugar, sargento. Olha só — disse Fausto.

Ele falava sem parar. Estava radiante, tão excitado, que não conseguia ficar parado. Também, depois de toda a carnificina que passamos durante a noite.

— Botamos para fuder? — perguntei.

— Responde, sargento, fala aí as boas pro camarada, fala, chefia.

Fausto estava mesmo eufórico, mal respirava para falar.

O sargento ficou me encarando. Balançou pouco a pouco a cabeça à medida que abria o sorriso.

— A maior apreensão do ano — disse ele me estendendo a mão e me ajudando a levantar.

Ah! Tudo dói. A tensão foi tanta, que eu acho que fiquei com todos os meus músculos contraídos. Me esticar de novo doeu, mas foi uma dor gostosa. Algo que acabou me provocando um alívio inesperado.

— Vai sair foto da gente em tudo quanto é jornal — completou Fausto.

Fui andando devagar, com bastante dificuldade, até a reserva de armamento. Dei baixa no fuzil 7.62 e na minha pistola. Aqui no quartel cada um tem a sua pistola. Já o fuzil não. A gente pega o que tiver na hora.

Graças a Deus não cruzamos com o coronel Alfredo. Talvez ele ainda não tenha chegado ao batalhão. Mesmo com a cabeça tumultuada, tenho consciência que compramos briga. E uma briga feia.

Como é gostoso sentir a água do chuveiro caindo e batendo no meu corpo. Hoje o meu banho foi mais demorado que o normal. O banho é quase que um ritual de passagem. Eu relaxo e tento deixar para trás a brutalidade do meu dia para mais tarde poder me encontrar com a minha família.

Me visto à paisana, pego a minha pistola particular, uma Taurus .40, e meto o pé do quartel. Eu não ando desarmado. O Rio de Janeiro é muito perigoso, não dá para dar mole não. Ainda mais um policial. Com os anos de profissão, nós vamos criando uma legião de inimigos. Contando os vagabundos de todas as

favelas do Rio, deve ter pelo menos umas cinquenta mil pessoas querendo me matar. Não é sacanagem não.

Entro no meu Astra e vou pela Avenida Brasil.

Como estou voltando de manhã para casa, pego o fluxo inverso e chego rapidinho. Essa hora a maioria das pessoas já saíram para o trabalho e a molecada já foi para a escola. Minha rua está vazia.

Estaciono em frente à minha casa e ando até a padaria. Sempre quando eu chego do serviço de manhã compro uns pãezinhos para levar para a patroa. De longe eu já percebo algo estranho. Tem um moleque escurinho servindo os fregueses atrás do balcão. Isso não está certo. Nos trinta anos que eu moro nesse bairro, sempre foi o seu Geraldo e as suas filhas que cuidaram sozinhos do boteco. Agora não vejo nenhum deles. Só esse escurinho aí.

Coloco logo a minha mão direita na coronha da arma e ando devagar até a porta da padaria. Com certeza esse moleque não está agindo sozinho. Ele deve estar só de fachada, servindo os clientes, enquanto os seus colegas fazem o seu Geraldo e as filhas como reféns.

A porta que dá para os fundos da padaria está logo atrás do moleque. Eu não sei quantos bandidos estão lá dentro. Acho melhor não chamar muito a atenção. Em vez de matar o escurinho com um tiro, eu quebro o pescoço dele... não, melhor! Rendo o filho da puta e uso ele de escudo humano para entrar no fundo da padaria e prender os outros bandidos. A minha cabeça ferve.

Eu me aproximo do balcão e vou sacar a arma quando o seu Geraldo aparece todo sorridente detrás da porta dos fundos.

— Rubens! Que bom te ver hoje de manhã. Eu queria mesmo falar contigo. Você já conhece o Jorge, meu novo empregado?

Ainda pode ser armação dos bandidos. Vou entrar no jogo para ver o que acontece.

— Não, não conheço. Tudo bem?

— Tudo bem, e o senhor?

— Um pouco cansado, mas tudo bem...

Seu Geraldo tira um envelope detrás do balcão.

— Aqui Rubens, o famoso convite de casamento da minha filha Giovana. Não é maravilhoso? É por isso que eu contratei o Jorge. Depois do casamento, Giovana vai se mudar com o marido. Você não pode deixar de ir. Você sabe como minha filha gosta tanto da Clara.

Relaxo. Não está rolando nenhum assalto. Foi só paranoia da minha cabeça. Mas vida de policial é assim mesmo, tem que estar preparado a toda hora.

Quando menos se espera, algum maluco pode mandar o Zé Maria vir te fazer uma visita. É foda.

Bato um papinho com o seu Geraldo e com o Jorge, compro os pães e subo para casa.

Clara, a minha esposa, tinha acabado de acordar. Ela está arrumando o Serginho, meu filhão de quatro anos, para ir à escolinha. Assim que eu abro a porta, Serginho corre para o meu colo.

— Papai! Papai! Eu não quero escolinha!

— Mas isso não tem não querer, tem que ir. Vocês não estão atrasados, não?

— O despertador não tocou — responde Clara.

Entrego o Serginho no colo de Clara. Fazendo mil coisas ao mesmo tempo, ela se vira para falar, como se tivesse se lembrado de algo importante:

— Rubens, eu deixei um prato de comida para você dentro do fogão.

— Está ótimo.

Demos o nome de Sérgio para o nosso filho mais para agradar a minha sogra, a dona Neuza. Sérgio Braga era o nome do irmão de Clara. Um ex-sargento da PM que acabou tendo uma morte não muito agradável. Logo quando eu entrei para a corporação, Braga foi o meu sargento.

Essa casa que nós moramos era dele. Na verdade a casa é da família da Clara. É uma casa pequena, de dois andares, numa rua tão estreita, que mal dá para passar um carro quando tem outro estacionado na calçada. No apartamento de baixo mora a dona Neuza e aqui, no apartamento de cima, morava o sargento Braga.

Na época, Clara morava no andar de baixo com a mãe. Depois que o sargento Braga faleceu, eu e Clara nos mudamos para cá. Como retribuição, eu acabei botando o nome dele no meu filho. Sérgio Braga era gente boa, mas era o capeta. Safado pra caralho. Só vivia na putaria... Bom, deixa para lá. Dona Neuza ficou feliz com a nossa homenagem, é isso que importa.

A nossa casa é humilde, mas bem arrumadinha. Por mais que o meu salário seja de fome, graças a Deus, hoje não deixo faltar nada. Sempre dou tudo que a minha família precisa.

Estou todo dolorido. Minhas pernas estão doendo de verdade. Hoje foi pancada. Só espero que isso não vire rotina.

Sento na cama. É só chegar em casa que o cansaço bate. Que sono! Acho que não vou nem comer. Vou direto para cama.

Tiro a minha roupa, fico só de cueca e deito na cama. A maldita fome volta a aparecer. Será que eu levanto? Se eu dormir a fome passa... Que merda! Quanto

mais cansado eu fico, mais difícil pegar no sono. Estou morrendo de fome. Essa que é a verdade.

Me levanto. Estou tão cansado, que pareço um zumbi andando pela casa. Clara e Serginho ainda estão na sala.

— Ué, vocês ainda estão aí?

— A gente já está saindo...

Clara começa a rir.

— Que que foi? — pergunto.

— Você está com a cara toda amassada de sono.

Dou um bocejo em resposta e vou até a cozinha. Acho que tenho alguma consciência da minha figura ridícula. Tiro a comida do fogão e me sento para comer.

A rua continua calada. O bom do silêncio é que conseguimos perceber qualquer coisa estranha. Ouço o motor de um carro. Ele se aproxima e parece que o carro para bem perto daqui de casa. Fico com esse barulho na cabeça, mas não tomo nenhuma atitude. Volto a comer. Continuo encucado. Me levanto e me dirijo até a janela. Olho para baixo, não vejo nada. Estranho, mas deixa para lá. Mais uma vez, me sento e continuo a minha refeição.

A campainha toca. Agora sim estou preocupado.

— Já vai — responde Clara.

Me levanto e vou o mais rápido que posso para a sala. Tento impedir que ela abra a porta.

— Clara, não...

Não deu tempo. Ela abriu a porta e dois polícias com a farda azul da PM entram empurrando-a contra a parede. O que é que dois policiais armados querem na minha casa?

— Qual é? Que porra é essa, meu irmão?

— Qual é que tu tá preso!

— Preso? Tá maluco?

— Tu tá preso pra caralho, vamo embora.

Serginho não para de chorar. Clara o segura no colo, tentando acalmá-lo. Os policiais me algemam e estão me levando de casa como se eu fosse um bandido.

— Eu sou polícia! Sangue azul, porra! Não sou vagabundo não! Qual foi o esculacho? Olha o que vocês estão fazendo com o meu moleque. Clara, leva o Serginho pro quarto! Deve ter havido algum mal-entendido...

Clara estava tentando fazer o Serginho parar de chorar, mas agora era ela que chorava, os dois choravam, e isso estava me deixando muito puto. Me dava um

aperto no coração.

A confusão acabou acordando toda a vizinhança. As pessoas saíram de casa e ficaram paradas na porta só para me ver passar de cueca, algemado, humilhado. Que raiva! Até a dona Neuza, minha sogra, que não conseguia mais andar, acordou com a confusão. E nessas horas, sempre aparece uma vizinha fofoqueira que faz questão de colocá-la na cadeira de rodas e empurrá-la para frente da casa.

O olhar da dona Neuza era estranho, perturbador. Nossa família já passou por tanta coisa, que acabamos ficando muito unidos. Até poucos minutos atrás, eu podia dizer, com toda certeza, que ela gostava e até se orgulhava de mim. Agora parecia decepcionada. Bastante decepcionada.

Eles me jogaram no banco de trás da viatura. Eu continuava inconformado.

— Posso saber pelo menos qual é a acusação?

— Vai me dizer que tu não sabe? Tá se fazendo de espertinho, é? Aí, o cara é malandro.

— Se eu soubesse eu não estaria perguntando, porra!

— Não mete essa, meu irmão! Para de sacanagem com a minha cara. Se tu quer que eu fale alto para todos os teus vizinhos ouvirem, eu falo porra! Quer espalhar para geral?

— Para de fazer cena. Eu não estou de sacanagem com a tua cara não. Eu tô cansado pra caralho, na boa, vamos deixar de caô. Com todo o respeito, eu não sei que porra é essa que tá acontecendo!

— Tu matou a tua piranha na porrada. Encheu a tua amante de cacete depois jogou o corpo no matagal! Tá bom ou quer mais?

3

Trancafiado no xadrez do Regime Disciplinar, a lembrança das fotos de Marina espancada, com a cabeça raspada, me machuca. Estava toda desfigurada, ossos do rosto quebrados... Marina era uma negra deslumbrante. Mas o que me dói mais é saber que Clara está agora depondo para o delegado:

— A senhora sabia que o seu marido tinha uma amante?

Imagino Clara chorando com seu jeito tímido enquanto ouve o delegado falando besteira. Um choro contido, que ela luta para esconder.

— Ele não passa de um safado. Essa é a sua hora de dar uma lição nele. Tudo que a senhora se lembrar ou tiver que possa nos ajudar.

Clara tenta segurar mais uma lágrima que insiste em sair.

— Olha bem para essas fotos. Olha o estado dessa pobre coitada. O nome dela era Marina, a senhora sabia? É horrível dizer isso, mas eu acho que a senhora teve muita sorte. Se o vagabundo do seu marido sair dessa, é a senhora que pode terminar desse jeito. Escuta o que eu estou te dizendo... Olha que nojo aqui as costelas quebradas furando a barriga da menina.

A minha divagação é interrompida pelo barulho estridente da tranca de aço. A pesada porta se abre e um polícia entra seguido de Clara. Ela anda o corredor de celas gradeadas e para de frente para mim.

Sua cara está inchada. Como se estivesse chorando por horas. Não vejo tristeza nos seus olhos, parece mais raiva. Algo que eu nunca tinha visto estampado no seu rosto.

— Você fez isso que estão dizendo?

— O que você acha?

— Eu não sei... eu não sei mais de nada...

— Você não faz ideia como é a minha vida.

— Esse é que é o problema. Eu não sei como você vive, as coisas que você passa. Eu tô com medo.

— Clara, essa Marina, ela não era a minha amante. Quer dizer, eu conhecia ela, é verdade...

— Ela morreu.

— Eu não matei ela! Clara, nós já passamos por situações parecidas. Na polícia o que mais acontece são essas injustiças.

— Dessa vez é diferente.

— Diferente porra nenhuma! É igual às outras vezes!

— Você foi identificado. Uma testemunha te conhecia.

— Que testemunha! Isso é impossível! Eu não fiz nada, caralho!

Clara não consegue mais segurar o choro. Como se fosse uma represa que estourasse, ela chora com força. Chora tudo que estava segurando até aquele momento.

Ela se levanta e vai embora sem olhar para trás. Um desespero, uma angústia muito forte bate no meu peito. Eu grito com toda a força que tenho:

— Clara!

Minhas pernas tremem, mal consigo ficar em pé. Escorrego arrastando o rosto nas grades da cela. Encolhido no chão, ouço a batida da porta de ferro. Clara se foi.

É uma vida de merda essa que eu ando levando desde que entrei para a

polícia. Não é humano, com certeza não é humano. Se Clara conversasse com os meus companheiros e soubesse tudo o que eu fiz, ela nem pensaria duas vezes em me deixar. Eu tenho a sorte, se é que posso chamar isso de sorte, que quase todos os meus companheiros da época estão mortos. Alguns morreram nas minhas próprias mãos. Não que eu planejasse matar eles. Foi tudo pura ironia do destino.

O COMEÇO DA HISTÓRIA

1

Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!... Filho da puta! Ah!...

É gostoso. Eu não sei bem explicar, só sei que é bom. Cada batida põe para fora do meu corpo um pouco do meu ódio. Ah! Uma energia que sai da minha cabeça, passa pelo meu braço e vai explodir na massa gosmenta que minha mão está acertando. Filho da puta! Minha mão. Eu nem sinto mais a minha mão.

Minha mão.

Olho para ela. Acho que está inchada. Sinto ela latejando. Deve estar inchada, inchada pra caralho. Eu não consigo saber como ela está. Só sei que está cagada de sangue. Meu estômago começou a ficar embrulhado.

Sangue.

Minha farda azul está toda cagada de sangue.

Sangue.

Me levanto.

O filho da puta ainda está se mexendo. Acho que não. Parece mais com espasmos. Caralho! O que é que eu fiz?

— Porra! Acho que nem *O Povo* teria coragem de publicar a foto desse daí. Caixão fechado é pouco!

O comentário do soldado Gonzáles fez com que eu voltasse a ouvir o som à minha volta. Aos poucos eu voltava para a realidade e ia me assustando, cada vez mais, com a imagem do homem à minha frente. O que era um rosto tinha virado uma massa disforme de pedaço de osso, miolo do cérebro e sangue, muito sangue. Confesso, estava mais bonito agora.

Me viro e vejo o Gonzáles sentado numa mesa cheia de saquinhos de maconha. Ele passa a língua no baseado que acabara de apertar e acende. Estende a mão me oferecendo:

— Dá um tapinha aí! Tu tá precisando relaxar.

Continuo parado. Não consigo responder. Devo estar em estado de choque,

sei lá.

— Ai! Minha buceta!!

O grito de uma mulher faz com que eu olhe para a direita. Duas mulheres estão de pé com os punhos algemados num cano que corre perto do teto. Elas estão de costas, completamente peladas, com os braços e pernas abertos. O sargento Sérgio Braga ainda fardado, mas com as calças arriadas, segura firme na cintura da mais bonitinha e mete a pica com força. Agarrando a moça por trás, roçando o seu espesso e farto bigode castanho na nuca dela, o sargento fala no seu ouvido.

— Tu não engana ninguém, sua vagabunda. Eu sei que tu tá gostando.

Segura violento nos seios da mulata e continua:

— Molhadinha tu vai ficar mesmo quando eu botar nesse cu.

Tremendo de medo, a loirinha do lado chora. Um choro silencioso, mas com muitas lágrimas. A coitada quase morre de susto quando o sargento Braga lhe dá um forte e estalado tapa na bunda.

— Tu eu vou dar de presente para o meu cunhado.

A menina não consegue segurar o susto e se mija toda. Acho que o sargento nem chegou a perceber o rio amarelado descendo pela perna da moça. Ele só levantou a cabeça e me encarou:

— Agora que tu comeu esse mané na porrada, chega aqui pra comer essa cachorra de sobremesa.

Gonzáles, fazendo muita fumaça com o baseado na boca, ri sem parar:

— Porra, sargento, tu é o cara mesmo. O Rubens pega a tua irmã e tu ainda serve piranha no espeto pra ele?

— Não é qualquer um que pega a minha irmã, não! A menina é braba. Mas ele ainda não está pegando. Vamos dizer que isso aqui é a despedida de solteiro. Não é, Rubens?

Rubens sou eu. Acho que sim, sei lá. Continuo parado. Não consigo reagir.

— É hoje, Rubens!

O sargento se volta para o Gonzáles e começa a conversar tranquilamente enquanto continua currando a menina:

— Amanhã, na nossa folga, minha esposa vai preparar um jantar. A gente tá servindo meio de cupido nessa história do Rubens com a Clara, sabe como é? Olha que não é pra todo o sangue azul que eu dou essa moral! O foda é que tem todo esse rolo com a nossa mãe e o Rubens...

— E a tua irmã?

— Parece que está apaixonada, não é, imbecil? Tu acha que eu estaria

fazendo essa porra toda de jantar e o caralho se eu achasse que ela não está nem aí pro cara? Parece que bebe.

Sargento Braga balança a cabeça de um lado para o outro como se achasse idiota a colocação de Gonzáles. Tudo isso sem parar com a sua transa, se movimentando para frente e para trás num ritmo contínuo. De repente, parece que ele se lembra de mim:

— Porra, Rubens! Qual é? Tu não é homem, rapá? Vai esnobar um rabo desse, porra?

Antes que eu pudesse responder alguma coisa para o sargento, a porta é arrombada. Não consigo ver mais nada além do cano do fuzil surgir junto com a voz profética:

— Eu vim limpar o pecado do Reino do Senhor! Eu sou Jesus!

Com o susto, o sargento se joga, com toda a força, para trás. Antes do sargento cair no chão, os tiros de fuzil do Jesus já esquartejaram as duas meninas. Pedaço da cabeça, perna, tronco, intestino e um braço pendurado na algema.

— Filho da puta! Caralho! — esbraveja o sargento. — Porra, soldado Jesus! Você manchou toda a minha farda!

Gonzáles cai na gargalhada. E não para de rir enquanto o sargento fica repetindo baixinho:

— Esse maluco filho da puta... maluco... eu devia é prender esse maluco... filho da puta... maluco...

O soldado Jesus me abraça com uma das mãos segurando o meu ombro e me leva para fora.

— Vamos, meu rebento. Eu te ajudo a cuidar dos seus ferimentos.

Só agora que ele falou é que eu me lembrei do tiro que eu tinha levado. Enquanto deixo a casa e vou andando pelas ruelas da favela junto com o soldado Jesus, pouco a pouco vou reconstruindo a história na minha cabeça. Não foi nada, foi um tiro de revólver que pegou de raspão quando estávamos entrando na casa. Mas foi esse tiro que me tirou do sério. Esse tiro que deixou um traficante sem rosto.

2

Mesmo à noite, ainda fazia muito calor no subúrbio do Rio de Janeiro. Mas abafado mesmo estava dentro da viatura. Um Golzinho. O motorista, soldado

Nelson, e o sargento Braga, que, é claro, viajavam nos bancos da frente, eram os dois mais folgados. Atrás, estavam apertadinhos eu, Gonzáles e Jesus. Os três suados e com os fuzis no meio das nossas pernas. Eu estava no meio. Jesus continuava me abraçando com a mão no meu ombro.

Ficar sacudindo com três marmanjos, num carro pequeno, com canos de armas que volta e meia acabam olhando para você, não é a melhor sensação do mundo. Nelson me olha pelo retrovisor.

— É namoro ou amizade?

— Namoro — responde Jesus.

O carro inteiro entra no coro: “Ih!...”

— Tô falando que essa Coca é Fanta. Jesus, tu é um viadinho, mesmo — resmunga o sargento.

— Não se usa esse tipo de linguagem com o Filho de Deus.

— Vai tomar no cu! Para de falar merda!

— Como eu não falo palavrões, não tenho como responder às suas ofensas.

— Nem um “porra” de vez em quando?

— Não. Nem mesmo quando algum juiz comete uma injustiça com o meu divino Fluzão.

— E o que você falou quando tomou o tiro na perna?

— Eu gritei: “Pai!”

Todos começam a rir.

— Duvido.

A viatura chega no pronto-socorro. O sargento se vira e fala para mim:

— Eu vou te deixar aí com o Jesus e vou seguir para o batalhão. Vê se esse arranhãozinho de nada não vai fazer com que você se atrase, hein? Tô te esperando lá em casa amanhã.

Jesus abre a porta e nós saímos do carro. Quando estamos caminhando para dentro do hospital, o sargento coloca a cabeça para fora do carro e grita:

— Rubens! Mais uma coisa: vê se não vai trocar o avião da minha irmã pelo Jesus, hein?

O sargento deu o azar de falar essa frase logo quando um mulato franzino, muito bem arrumado, de camisa social para dentro da calça, passava com uma bíblia na mão. Ele berrou enquanto a viatura arrancava em alta velocidade:

— Blasfêmia! Eu vou até o batalhão prestar queixa!

O mulato pegou um caderninho e começou a anotar a placa do carro. Jesus surgiu na frente do mulato e arrancou o caderninho da sua mão. Se curvou para que seus olhos ficassem na altura do religioso e profetizou:

— Se tu continuar metido a besta, tu vai é pro inferno!

O menino, que era escurinho, ficou branco. Olhou o nome do soldado costurado na farda próximo ao peito e gaguejou:

— Me perdoe, seu Jesus. Eu prometo que não vou fazer nada.

Jesus nem respondeu. Rasgou o papel em que o mulato tinha anotado a placa do carro e voltou para me apoiar. Entramos no hospital. Duvido que se isso acontecesse na Zona Sul, eu veria Jesus cantar de galo. Mas aqui, vale tudo.

3

Demoramos horas até finalmente sermos liberados do hospital. Não por causa do meu ferimento. Tomamos foi um chá de cadeira devido à falta de médicos. Comigo, graças a Deus não foi nada. O tiro só pegou mesmo de raspão. Sem maiores problemas. Só tomei alguns pontos e mais nada. Graças a Deus mesmo. Porque nesse hospital, se meu ferimento fosse grave, era capaz de eu ter morrido esperando ser atendido. Que merda!

Quando chegamos de volta ao batalhão, já era quase meiodia. Devolvemos nossas armas à RUMB (Reserva Única de Material Bélico), uma espécie de depósito onde são guardadas todas as armas do quartel.

Lá é feita uma parte de consumo, um relatório no qual eu preencho o calibre da arma que eu utilizei e a quantidade de munição que eu usei. Mesmo sem ter dado um tiro, eu preenchi que tinha gastado todas as munições do meu carregador.

Tirei o carregador do fuzil e apoiei em cima do guichê da RUMB. O quartilheiro, soldado Armando, leu o relatório e me olhou com cara de desconfiado.

— Qual foi? — eu perguntei.

— O senhor não está esquecendo de nada?

— Olha direito, porra.

Armando levantou o carregador e viu que eu tinha deixado dez reais na mesa. Discretamente, pegou o dinheiro e enfiou no bolso. Ainda olhou para mim abrindo um sorriso escroto.

Esse quartilheiro filho da puta me extorque quase todo o dia. Mas não é culpa dele. Ele só se aproveita de uma falha do Estado. Eu pago para ele guardar a minha munição não utilizada. Assim, nas próximas incursões ele me disponibiliza tudo que foi guardado até o momento para eu usar. Essa é uma

prática normal dentro da PM. Pela lei, só pode ser dado para cada policial um carregador por missão. Para não subirmos o morro com pouca munição, nós subornamos o quartilheiro da reserva de material bélico. Quando não usamos a munição, em vez de devolvê-la, guardamos para termos munição suficiente para o próximo confronto.

Se algum dia alguém se sentiu lesado por ter sido obrigado a subornar o guardinha da *blitz*, que essa pessoa se sinta reconfortada. Quase que diariamente nós temos que perder um dinheiro para alguém dentro do batalhão. Essa é a nossa rotina. Parece brincadeira, mas não é.

4

Quando cheguei, sargento Braga já tinha começado a comer. Suzana, sua mulher, e Clara estavam me esperando.

— Porra, pensei que tu tinha dado pra trás. Aceitou Jesus, sei lá.

Sargento Braga ria sozinho, mas Suzana o repreendeu.

— Para com isso, Sérgio.

— Não me chama de Sérgio, você sabe que eu não gosto. Quando tem gente por perto, eu gosto de ser chamado de sargento Braga. Pô princesa, você sabe disso.

— Pirou, Sérgio! Eu te chamo de como me der na telha!

— Desculpa amorzinho...

— Já vai se acostumando, Clara. Mulher de polícia tem que aturar essas maluquices. Manuela, me passa o sal.

— Que Manuela, amorzinho? Aqui não tem nenhuma Manuela.

— Tem sim, a Manuela é você. Resolvi que agora eu quero te chamar de Manuela, algum problema?

— Assim pega mal, princesa.

Suzana se aproxima do sargento e o beija na boca.

— Brincadeirinha. Só para você ver como é ruim ficar mandando nos outros.

Mal-entendidos à parte, eles eram um casal apaixonado. Ambos não eram muito delicados, por isso se entendiam muito bem.

O apartamento era simples, mas bem cuidado. Não tinham muitos móveis, mas o sargento procurava dar o maior conforto possível para Suzana que passava o dia todo em casa. Por isso, tinham uma TV de vinte e nove polegadas tela plana, *home-theater*, DVD e outras bugigangas eletrônicas que os faziam felizes.

— Eles não queriam me liberar no hospital. Cheguei no batalhão na hora do almoço. Acabei dormindo lá pelas quatro da tarde. Foi por isso que eu acabei me atrasando um pouco.

— Esses pequenos acidentes só são bons para mostrar que vocês não podem tudo. São gente. Para vocês verem que o sangue de vocês não é azul.

— Para de resmungar, Suzana, tá vendo aquela farda azul lá no varal? A gente é PM. É claro que o nosso sangue é azul! Anda, Rubens, mostra o seu ferimento para a Clara. Elas adoram isso.

— Rubens, não liga não — interferiu Suzana. — É que o sargento Braga acabou de sair do primário. Se lembra na escola quando a criança quer se mostrar? Ele é assim.

— Porra, Suzana. Tu ainda não abriu nenhuma brecha nessa tua marcação. Mas se prepara, eu ainda vou conseguir te sacanear essa noite. Ainda vou zoar com a tua cara. E vai ser bonito.

— Conta, Rubens, o que foi que aconteceu?

Foi a primeira fez que ouvi a voz da Clara esta noite. Estava sentado de frente para ela. Ao ouvir o som da sua voz, levantei o meu olhar e encontrei as duas pérolas negras que são os seus olhos. Grandes e seguros que eram, ainda mais realçados pelo seu nariz arrebitado e lábios finos sobre uma pele macia e clara, como seu nome. Ela é linda.

— Bom... — na hora de falar, meio que travei. Não que eu sinta cagaço na frente de uma mulher. — Nós entramos na favela, aí... — É que eu não estava muito criativo, depois de tudo que havíamos passado poucas horas antes, para ficar inventado uma mentira convincente.

— Nós não! Éramos apenas quatro cabeças, e essa favela tem mais de duzentos fuzis. É verdade que não prendemos o Zé Careca, o vagabundo que estávamos atrás, mas desmontamos quase todo o seu esquema de venda de maconha. Isso sem falar no...

Eu não precisei me preocupar em ter que inventar nada. O sargento Sérgio Braga engatou uma narrativa fantástica. Nós entramos partindo para dentro como se eu fosse o Stallone e ele o Chuck Norris. O sargento adora o Chuck Norris. Só não usa barba porque é proibido na PM, mas é por isso que conserva o seu espesso bigode. Segundo o sargento, já de cara tivemos que escapar de uma emboscada. Foi nessa que acabei levando o meu tiro no braço...

— Cara! Por pouco a gente não consegue sair de lá vivo.

Escapamos por um fio. Saímos abrindo caminho a tiro até encontrarmos o lugar onde eles separam a maconha. O lugar estava cercado por traficantes, blá,

blá, blá...

Talvez elas não acreditem em tudo, mas dificilmente vão imaginar que nós entramos na favela sem ninguém perceber. Já sabíamos o lugar exato por causa do caguete de um X9 da própria comunidade. Era um senhor que tinha apanhado dos traficantes. Nós chegamos e o encarregado estava fazendo uma festa particular com duas piranhas. Entramos sem dar um tiro sequer. Já rendido, quando ia nos passar o revólver, a arma disparou — provavelmente um acidente. Eu perdi a cabeça... O resto é passado.

— É por isso que sua mãe não sossega! O Estado dá armas na mão de crianças. É para nos matar de preocupação. Só pode ser. — Esse foi o comentário de Suzana no final do relato do sargento.

— É verdade. Eu acho que eu não causo mesmo uma boa impressão na mãe da Clara.

Podia ter ficado calado. Teria sido melhor. Não sei por que eu resolvi me lamentar.

— Não é que ela não goste de você, é que a mãe do Serginho...

— Agora eu virei Serginho, puta que pariu, Suzana...

— Como eu ia dizendo, é que a mãe do Serginho se preocupa demais com ele. Chega a ficar noites inteiras em claro esperando ele voltar. Ela não quer uma vida assim para a Clara, só isso.

Realmente eu podia ter saído sem essa.

Sargento Braga terminou de comer. Com o bigode todo sujo, levantou-se, soltou um arroto e foi sentar no sofá de frente para a televisão. Eu, Clara e Suzana continuamos na mesa. Para a minha surpresa, a mulher do sargento não reclamou dos modos do marido:

— Liga não, Rubens, a Clara já conhece a figura. Esse daí não tem jeito não. Mas eu entendo. Vocês tiveram um dia cheio.

— Clara? — eu perguntei. — Bora sair depois do jantar? — Eu estava há horas querendo fazer essa pergunta.

— Bora.

— Por que vocês não ficam aqui e assistem um filme? — gritou o sargento do sofá. — Eu aluguei um filme de porrada maneiro pra caralho.

— Filme de porrada, Serginho? Antes de qualquer coisa, você quer fazer o favor de limpar esse bigode?

Todo sem graça, Braga esfregou o braço no bigode. Suzana continuou:

— Que programa mais chato, Serginho! Acho que até eu vou sair com eles — respondeu Suzana. — Posso? — ela me perguntou.

Claro que não, não é?! Na verdade eu não falei nada, só fiquei fingindo que estava meio sem graça.

— Olha o que você vai responder, soldado — ameaçou o sargento na brincadeira.

No final, Suzana foi para cozinha fazer uma pipoca para o sargento e eu saí sozinho com a Clara, como eu queria. Atravessamos a rua do prédio do sargento já de mãos dadas.

Eu a abracei e fiquei andando devagar com o rosto colado no seu ouvido só falando sacanagem. Depois de algumas quadras ela parou e ficou de frente para mim:

— Quando é que você vai falar sério comigo?

— Me dá um beijo, eu não tô de brincadeira.

— Você não tem namorada, Rubens?

Tenho uma namorada e tô pegando a irmã da tua melhor amiga. Eu não sou nem maluco de dar uma resposta dessas. Mas era a verdade. Clara não sabia desses detalhes.

— Eu largo as duas para ficar contigo.

Escapuliu. Mas eu não sei se Clara percebeu ou não, só sei que ela jogou os seus braços em cima do meu ombro e me beijou com vontade.

5

Dias depois foi publicado no boletim interno um elogio pela nossa ação, por um trabalho perfeito. Na verdade, quase perfeito. O nosso principal objetivo era prender o traficante José Antônio Alves Xavier, o Zé Careca, mas para nossa publicidade, o batalhão considerou que a operação foi um sucesso. Não é nada, não é nada, apreendemos uma quantidade considerável de maconha, um revólver 38 e algumas munições. Saiu até foto no jornal.

No batalhão o dia transcorreu sem maiores tumultos. No final do expediente, eu e Jesus pegamos uma carona com o sargento Braga. Quando o sargento parou o carro num beco faltando quase um quilômetro para chegar no meu cafofo, eu entendi tudo. Ele tirou um maço de dinheiro e passou para dentro do meu bolso. Meu questionamento foi imediato:

— Que é isso, ô meu chefe?

— Ué, é a sua parte do dinheiro.

Na verdade, essa é a parte da história que faltava ser contada. O barraco que

nós estouramos era também um esconderijo de armas dos traficantes. Achamos quatro fuzis. Dois G3, um 5.56 e um AK47. Depois que me deixaram no pronto-socorro, a viatura seguiu para a favela vizinha e meus companheiros venderam, para a facção rival, os fuzis que nós encontramos.

— Isso não está errado?...

— Você está há pouco tempo na corporação, tem certas coisas que é melhor você já ir começando a entender.

O meu desconforto foi imenso. Eu não sou nenhum santinho, não é isso. Só não queria me meter no negócio mais burro que eu já vi na minha vida. Porra! Parece que o sargento está cagando para as nossas vidas. Cagando para a vida dele. Vender arma apreendida no morro A para o morro B é dose. As mesmas armas que daqui a alguns dias podem estar me matando.

Jesus, que estava calado, falou:

— É melhor você aceitar.

A voz de Jesus me cortou como uma navalha fina. Foi aí que eu entendi a gravidade da situação. Na verdade eles estavam pouco se fodendo para mim. O que eles queriam mesmo era que eu não deixasse de ser cúmplice do trambique. Se eu não aceitasse o dinheiro, eu seria considerado perigoso para o grupo. Eu tinha que aceitar a grana para não ser morto pelos meus companheiros. Corromper a minha vida para ficar vivo.

— Sargento, eu fiquei no hospital... eu não vi nada...

— Você viu as armas, você viu as putas, você viu a maconha rolando solta, como assim você não viu nada?

— Eu já estou envolvido até o pescoço nessa parada. Eu matei um homem!

— Matou um traficante, grandes merdas. Não fez mais do que a sua obrigação como policial perante a sociedade.

— Caralho!

Eu olhei para cima, respirei fundo. O que é que eu faço, meu Deus!? Merda, vou fazer merda, só pode ser. Peguei o dinheiro do meu bolso e entreguei de volta para o sargento. Antes que eles pudessem falar qualquer coisa, abri a porta do carro e saí.

Segui meu caminho sem olhar para trás. Estava esperando, a qualquer momento, tomar um tiro nas costas. Cada passo que eu dava, eu comemorava por ainda estar vivo. Talvez ali não fosse o lugar mais seguro para se matar alguém. Só sei que não foi hoje que Jesus tirou a minha vida.

6

Após minha folga, chego ao quartel às sete horas da manhã perguntando a mim mesmo como seria meu dia; antes eu não tivesse feito isso.

Recebemos a missão de realizar uma operação na favela de São Tomé, uma outra ligada à facção que, pelas novas informações, estava dando abrigo ao traficante Zé Careca.

Vou à reserva de armamentos pegar o meu fuzil 7.62 e meus carregadores. Tudo rotina, até a hora que o quartilheiro Armando só me entrega um carregador de fuzil com apenas vinte tiros.

— Que é isso, Armando? Cadê o resto?

Armando me faz um sinal de silêncio com o dedo.

— Shh! Fala baixo. Porra, seu Rubens, tá difícil de liberar mais hoje. Tá rolando uma supervisão velada, coisa assim...

— E aquele guaraná que eu te pago todo dia? Qual foi?

— Hoje num dá.

Nessa situação, subir o morro com um carregador só é quase suicídio. Porra! Fazia poucos dias que eu tinha molhado a mão do Armando. Tinha alguma coisa nisso. Era a primeira vez que eu ouvia falar nessa tal de inspeção dentro da RUMB. Por todas as munições que eu guardei e por tudo que eu já havia pagado ao Armando, eu devia ter direito a pelo menos quatro carregadores.

— E cadê o resto da minha guarnição? — eu perguntei.

— Todo mundo pegou as armas comigo aqui mais cedo. Eles já devem estar tudo na viatura.

Peguei as armas e dei as costas sem falar mais nada. Saí andando quando ouço a voz de Armando.

— Aí rapá! O senhor não vai agradecer pelas armas que eu cuido para tu?

Nem me dei ao trabalho de me virar. Só levantei, acima do meu ombro, o meu dedo médio fazendo o sinal de *piru* e segui o meu caminho.

No pátio da garagem, encontro toda a minha guarnição: sargento Braga, soldados Nelson, Jesus e Gonzáles, todos com os seus armamentos completos. Cada um com pelo menos três carregadores. Essa visão me deu um frio na espinha. Nenhum deles me dirigiu a palavra. Entramos na viatura e seguimos nosso destino.

Hoje nós saímos na PATAMO (Patrulhamento Tático Móvel), uma Blazer. Mas até esse conforto me deixava angustiado. Sobrava mais lugar para o

silêncio. Diferente de todas as outras vezes que saímos juntos, hoje permanecíamos calados. Cada um olhando para um lado.

— Que cara de triste é essa, pessoal? — falou o sargento. — Porra, falem qualquer coisa. Parece até que morreu um colega.

Todos, menos eu, é claro, soltaram um sorriso sinistro. Fico apreensivo e inquieto. Tento pensar numa maneira de me defender, mas não sei como. Não faço nada. Deixo a situação me levar. Rezo para que na hora certa eu saiba como agir.

— Eu estou meio mal mesmo. Não consegui dormir direito, sargento — resmunga Gonzáles. — A falta de grana tá foda, sargento.

— Porra! Tu já gastou tudo?

— Aquilo serviu só pra pagar as dívidas. Mulher grávida, três filhos pequenos... Tá foda a parada.

— Tu também resolveu fazer um atrás do outro! — rebate o sargento.

— Crescei e multiplicai — completa Jesus.

— Porra, Jesus. Mas esse aí parece coelho!

— Quem segue as palavras de Deus será recompensado.

— Caralho! Cala a boca, Jesus!

Pelo menos a brincadeira voltou para dentro da viatura. Me sinto bem melhor e solto um longo suspiro. Gonzáles não perdoa:

— Olha aí, sargento. Esse aí está se cagando de medo. Soltou até um suspiro estilo mocinha de novela das oito. Sabe como é que é. Tipo assim: ai, ai.

Gonzáles solta uns suspiros, desmunhecando com a mão direita sobre o peito.

— O Rubens está certo. Nelson, para o carro. Vamos mijar o medo pra fora! — grita o sargento.

— É pra parar agora? No meio da rua, mano? — pergunta Nelson.

— Para essa merda! É uma ordem, caralho!

A rua era estreita e, graças a Deus, deserta. Descemos os cinco e nos acomodamos nas árvores mais próximas. Baixamos o zíper. Era claro e nítido os gemidos de alívio dos meus companheiros. Aquela mijada era mágica. Conseguia tirar boa parte da minha tensão.

Termino de mijar, fecho a braguilha e volto devagar para a PATAMO. O sargento coloca a mão, a mesma que acabou de segurar a sua pica, no meu ombro, me dá um sorriso amarelo e nos manda entrar rápido.

— Porra! Assim o Careca já vai ter criado cabelo!

De volta à PATAMO, o sargento se anima. Se volta para nós três no banco de trás e fala empolgado com Gonzáles:

— Eu estou sentindo que está chegando o nosso dia da sorte! Se bobear, a gente cruza mesmo com esse tal do Zé Careca e aí bingo! — e solta uma gargalhada sinistra.

Todos riem, eu solto um sorriso.

7

Chegando perto da favela, estamos mais concentrados. Planejamos uma incursão rápida e sorrateira.

A viatura para uma esquina antes da entrada da favela. Saltamos os quatro e vamos correndo em fila indiana. O sargento vai na frente, agacha num ponto de proteção e, vendo que a área está limpa, faz sinal para avançarmos.

Como éramos um grupo pequeno, entramos sem chamar atenção. Até agora não cruzamos com nenhum bandido. Nem sequer avistamos algum.

Já avançados dentro da favela, paramos antes de uma encruzilhada. Um lugar aberto, comparado com as vielas que percorremos. Tudo tranquilo. O lugar não tinha nenhum sinal de perigo, o que permitia que uma criança, com no máximo doze anos, vestida com a camisa do Barcelona, brincasse com a sua pipa em cima de um engradado de cerveja, bem no ponto onde a rua se dividia em duas.

O sargento se vira para nós e fala rápido:

— Nós vamos nos separar e nos encontramos mais acima. Eu vou na frente com Gonzáles pela direita. Rubens segue na dianteira com Jesus à esquerda — e faz um sinal positivo para Jesus com a cabeça, que me faz recuar.

Jesus, que estava logo atrás de mim, me empurra:

— Vamos, anda!

O sargento corre na frente com Gonzáles. Continuo parado e olho para o caminho da esquerda. À direita parecia que continuava a ruela com casas, mas à esquerda parecia que dava num matagal deserto. Tive toda a certeza do mundo que eu seria executado por Jesus. Não, agora eu percebo tudo! Essa história parece mais uma emboscada. O sargento e o Gonzáles daqui a pouco já devem estar posicionados para me pegar de frente. Puta que pariu! Com Jesus nas minhas costas eu não vou ter como escapar.

— Não, você vai na frente.

— Qual é? Tá amarelando? Tá com medo de levar tiro de bandido?

— De bandido não.

— Rubens! Eu sou teu irmão de fé! Aqui em cima do morro o papo é outro.

Qualquer desavença entre a gente fica lá em baixo, não sobe a favela... Bom, deixa para lá. Eu sei que tu é meu irmão e eu não tenho nenhum grilo de dar as costas para tu.

Jesus se levanta e segue na dianteira. Quando ele passou a encruzilhada e ia virar para fazer sinal para mim, o garoto que brincava com a pipa tirou uma colt 45 de dentro da bermuda e disparou contra o soldado.

Nem hesitei, dei quatro tiros de fuzil. Foi tudo muito rápido, mas eu vi com perfeição. O primeiro tiro, no estômago, tirou a criança do chão. O segundo, no joelho arrancou a sua perna. Terceiro no peito e o quarto, no rosto, abriu um buraco que parecia que o nariz e os olhos tinham entrado para dentro.

Logo depois dos disparos, o sargento e Gonzáles voltaram correndo. Nos reunimos para socorrer o soldado Jesus e aquela criança que parecia tão inocente, mas que o tráfico já havia adotado como filho.

Saímos o mais rápido possível daquela favela. Mesmo ferido, Jesus conseguia andar. Graças à fraqueza daquela criança, que pela sua pouca idade não conseguira empunhar aquela arma devidamente, o soldado acabou levando só um tiro no ombro. O resto dos disparos do garoto nem sequer chegaram a acertá-lo.

Colocamos o corpo do garoto no porta-malas e seguimos para o hospital. Eu estava muito nervoso. Não conseguia controlar a minha respiração. A cena não parava de passar pela minha cabeça. O menino sacando a arma, a minha reação, o sargento voltando com Gonzáles... agora eu vejo com clareza. Eles deram a volta no quarteirão, nos abordando de frente, pela rua que estávamos seguindo. Eles voltaram pelo matagal, para me pegar! Se não houvesse o incidente, o corpo que estaria estendido no chão seria o meu!

— Obrigado por salvar minha vida.

No banco de trás da viatura, Jesus do meu lado colocou sua mão sobre a minha. E continuou:

— O que seria dos meus filhos sem mim?

Eu olhei para ele. Não falei nada. Tirei sua mão e me virei para a janela. Comecei a pensar na Clara, imaginar meu filho, como seria daqui a alguns anos, como eu me sentiria ao olhar para ele sabendo que eu tinha tirado a vida de uma criança?

8

É muito quente e abafado no bairro que eu moro. Tomo uma ducha gelada para tentar me livrar da tensão. Saio de casa e vou até o orelhão do outro lado da rua. Ligo para Clara e combino para sairmos. Eu não quero descarregar minhas mágoas nela, mas estou precisando de companhia. Ela me faz sentir bem.

Chegando no prédio de Clara, paro embaixo do apartamento do sargento Braga. Ouço a TV ligada. Não sinto raiva, só decepção.

Me aproximo um pouco mais da porta do apartamento de Clara e pronto, começam os latidos. Toco a campainha.

— Já vai!

Do lado de fora, escuto aquela voz rouca, fraca, castigada pelas décadas de tabagismo. Era dona Neuza, mãe de Clara.

— Não, mãe, deixa que eu atendo!

De longe, Clara tenta impedi-la, mas parece ser tarde de mais. À medida que a senhora se aproxima da porta, o cachorro late com mais força. Ouço a velha senhora brigando:

— Cala a boca, Chope! Será que você ainda não se acostumou com a dona Lurdinha.

Sem se importar em verificar quem está tocando, a velha senhora abre a porta. Seu sorriso desaparece na hora. Morde o cigarro e também começa a latir para mim:

— Posso saber o que o senhor está fazendo aqui?

— Mãe, para com isso.

Dona Neuza nem tirou o cigarro da boca para falar. Empacou no lugar e ficou exatamente como estava assim que abriu a porta. Clara, que não é muito alta, tenta se comunicar comigo sobre os ombros da corpulenta mãe. O bom dessa história é que se a dona Neuza não estivesse bloqueando a passagem, o Chope, que é um filhote de *pittbull*, já teria me atacado. O cachorro meteu a cabeça entre as pernas da dona. Latia e babava, tentando forçar a passagem.

— O senhor não respondeu minha pergunta — insistiu dona Neuza.

A velha senhora realmente estava alterada. Mesmo com camadas de rugas escondendo seu rosto, dava para ver o sangue pulsando. Ela estava horrível. Até os caroços que ela tinha nos seios pareciam mais sinistros. Um em cada mama. Os dois mais ou menos do tamanho de uma mão fechada.

— Dona Neuza, eu vou ser sincero com a senhora. Eu gosto muito da sua filha. Eu sou um homem de bem, a senhora sabe.

— De bem! Até parece! Onde já se viu um homem de bem sair com a minha filha antes mesmo de pedir a minha permissão?

Permissão o caralho! Só faltava essa velha gorda, escrota e cancerosa para acabar com o meu dia. Se enxerga, coroa! Em que mundo você vive? Com toda certeza não falei o que estava pensando. Respirei fundo e saí pela tangente:

— A senhora sabe que eu sempre tive muito respeito pelo seu marido, seu Oswaldo, que Deus o tenha. A senhora também sabe que seu Oswaldo dedicou a sua vida para formar o sargento Sérgio. Sempre depositou nele toda sua confiança. E foi justamente o sargento Sérgio Braga que me concedeu a permissão de ver sua filha. Concordo, foi um erro, é verdade. Devia ter consultado a senhora. Mas como o sargento Braga é hoje o homem da casa, eu pensei que a senhora também concordaria.

Ela não me respondeu, só ficou me encarando. Soltava fumaça do cigarro pelo nariz. Parecia um touro bufando.

— Eu só não quero que você volte tarde, ouviu, Clara?

— Obrigada, mãe!

Clara dá um beijo na bochecha da mãe. A velha, pouco contente com a sua própria decisão, abre apenas uma pequena brecha entre o seu corpo e a porta, o que obriga Clara se contorcer toda para conseguir sair.

9

Nós passeamos de mãos dadas pelas ruas do bairro. Falamos sobre coisas simples, coisas banais que conseguem me distrair, tirar da minha cabeça o meu dia de trabalho. Como é bom estar com ela. Clara.

— Tem uma coisa que eu preciso te contar.

— O que é?

— Eu não sei se eu devo. Ela pediu para eu não contar para ninguém.

— Ela quem? Para de fazer mistério.

— A Suzana, mulher do Sérgio. Ela pediu para eu não falar nada principalmente para o meu irmão.

— Falar o quê? Agora vai ter que contar.

— Hum... Tá bom... Jura que não vai contar para o Sérgio?

— Juro. Fala logo.

— Olha, a minha mãe também não sabe.

— E eu, com certeza, vou ser a última pessoa a ir correndo contar qualquer coisa para ela.

Clara riu. Estava leve, alegre.

— É que a mamãe vai ficar tão feliz quando vier a notícia. O engraçado é que mesmo sem saber de nada, mamãe ficou a semana toda falando de como queria ter um neto, que esse era o sonho da sua vida. E agora esse sonho vai se tornar realidade!

A notícia embrulha o meu estômago. Será que depois de uma trepada eu já vou ser pai! A possibilidade de ter uma criança na minha vida faz com que me lembre de tudo que passei no dia de hoje. A imagem do menino que matei volta à minha mente. Como eu posso botar um filho nesse mundo! Num mundo que me obriga a matar uma criança!

Fico tonto e me apoio na parede para não cair.

— Rubens? Você está bem?

— Foi só um mal-estar, vai passar.

— Acho melhor você sentar um pouco. Vamos, eu te ajudo a chegar até o barzinho.

Fomos andando devagar e sentamos nas cadeiras de plástico do lado de fora do boteco. Apoiei os cotovelos na mesa e fiquei um tempo de olhos fechados com as mãos segurando a minha cabeça.

Clara começa a rir às gargalhadas.

— Quer parar de me sacanear? — eu falo.

— É que... é que...

Clara mal consegue falar. As risadas não a deixam completar a frase.

— Você... você deve estar pensando que sou eu que estou grávida! Nossa Senhora! Que reação você teve!

— Não é nada disso, Clara...

— É a Suzana, a esposa do meu irmão, quem está grávida. Ela e o Serginho vão ter um filho!

Fico um pouco aliviado com a notícia, mas nem tanto assim. A última coisa que eu queria ter ouvido hoje era história sobre crianças. Na verdade, eu queria apagar qualquer imagem de criança da minha cabeça.

— Poxa, Rubens. Você continua emburradinho, é?

— Não é nada... Só vamos mudar de assunto, por favor.

— Bom... tudo bem. Sei lá... Me conta como foi o seu dia?

Essa pergunta me fez piorar na hora. Me levantei sem dizer nada e fui correndo até o banheiro, que fica no final do estreito barzinho, lavar o rosto. Ao abrir a porta do banheiro, o cheiro forte de mijo e merda fez com que o meu estômago quase saísse pela boca. Mal cheguei na pia e vomitei tudo que havia comido.

Pálido, olhando para o espelho, comecei a chorar. Não sabia direito o que estava sentindo. Só chorava.

Aos poucos, fui me acalmando. Finalmente, consegui lavar o meu rosto e voltei para a mesa. Me sentei calado. Não sabia o que dizer. Foi Clara quem falou:

— Se você achar melhor, eu posso voltar para casa.

— Não. Por favor, fica comigo. Acho que eu preciso deitar. Você fica um pouco comigo na minha casa?

Ela sorri e responde passando a mão na minha cabeça.

— Claro.

10

O dia amanhece no meu humilde quarto. Meu quarto é uma forma generosa de chamar o meu apartamentinho que se resume apenas a um quarto e um banheiro.

Clara acorda nos meus braços. Estamos vestidos. Não fizemos nada durante a noite. Ficamos só abraçados. Ela me beijando e confortando.

Não contei nada do que aconteceu. Não consegui. Clara também não perguntou.

— Minha mãe vai me matar.

— Por quê? São quase oito horas da manhã. Se você sair daqui a pouco vai chegar bem cedo em casa.

Ela me empurra sorrindo.

— Seu bobo.

Eu a abraço e a beijo com carinho. Eu não sei o que teria sido de mim sem ela ao meu lado.

— Eu tenho uma pergunta para te fazer... — paro sem saber se continuo ou não.

— Fala. Agora é você que está fazendo mistério.

— Não é mistério. Eu te amo.

Ela me beija com paixão.

— Eu também te amo.

— Eu sei que é muito cedo, mas...

— Mas o que, fala!

— Você se casaria comigo?

Outro beijo e a resposta:

— Claro que sim.

11

A primeira coisa que faço quando chego no quartel é pedir a minha transferência para outro batalhão. Eu preciso ficar longe desses caras. Preencho todos os documentos e pergunto para o rapaz:

— Você tem previsão de quanto tempo leva para sair a transferência?

Ele balança a cabeça com um muxoxo.

— Só sei que demora.

O rapaz quase não mexe nenhum músculo para falar. Parece que é oco, que não tem sangue. Nem parece uma pessoa. Parece um objeto que faz parte do escritório.

— Quanto, uma semana?

— Pode demorar uma semana como alguns meses. É muita burocracia. Mas se tu colaborar, a gente pode até apressar as coisas.

— Vai se fuder você também. Puta que pariu!

Mesmo com a minha reação, o polícia não esboça nenhuma reação. Simplesmente me responde:

— Assim demora mais.

Será que não existe um lugar dentro da PM em que não se precise perder uma prata para conseguir as coisas? Caralho!

O dia já começou mal...

Encontro a minha guarnição no pátio da garagem do batalhão. O sargento Braga está abatido, com olheiras profundas. Ele comunica que fomos designados para fazer uma *blitz* numa das ruas próximas. Nada de especial, só rotina.

Entramos na viatura. Jesus está de licença médica por causa do tiro que levou. Pelo menos a viagem no Gol fica mais confortável.

Gonzáles sacaneia Nelson, também rotina. A única coisa estranha é o sargento. Ele está com a cara fechada, sinistra, quase imóvel. Parece boladão com alguma coisa. Percorre o trajeto inteiro calado, olhando para baixo.

A manhã transcorreu sem maiores problemas. Só o sargento permanecia quase sem abrir a boca. Falava só o indispensável para conduzir o serviço.

Próximo do meio-dia, ele mandou o soldado Nelson conduzir o serviço junto com Gonzáles e me chamou para almoçar.

Sentamos numa lanchonete na rua de trás daquela onde estava parada a

viatura. Foi aí que o sargento me assustou de verdade:

— O que é que você faria se soubesse que tinha matado a sua esposa, a mulher que você ama?

— Que papo é esse, chefia?

— Só me responde, caralho.

— Porra, sei lá. Acho que eu me matava.

— E se essa mulher ainda estivesse viva?

— Como assim?

— Você sabe que ela vai morrer, mas ainda está viva.

— Eu faria de tudo para que ela não sofresse.

O sargento não falou mais nada. Baixou a cabeça e ficou olhando de lado para o chão.

Eu não estava entendendo nada daquela conversa, mas resolvi ficar na minha.

— Eu não estou com fome — murmurou o sargento se levantando. — Come você, que eu vou voltar para o serviço.

— Tem certeza que tu não quer levar nem um sanduíche?

— Eu estou bem. Relaxa.

O sargento se levantou, deu um tapinha nas minhas costas e foi embora. Bem, dava para perceber que ele não estava. Mas como eu estava morrendo de fome, não discordei. Fiquei sentado e pedi um PF com refresco de caju.

Que papo estranho foi esse do sargento! Antes de chegar a comida, peguei meu celular e dei uma ligada para Clara.

— Vem cá... Tá tudo bem com a Suzana?

— Ela está ótima! Acabou de revelar a surpresa para minha mãe! Você tinha que ter visto como ela ficou. Toda boba.

— Mas não tem nada de diferente nela?

— Não. Agora ela subiu, foi descansar. Vai só esperar o meu irmão voltar para contar para ele que agora ele vai ter um herdeiro.

— Isso deve animar o sargento.

— Mas por que você quer saber dela?

— Não, nada não, só curiosidade.

O almoço chegou. Desliguei o telefone e comi sem descobrir o que estava acontecendo.

12

Volto para o serviço e fico logo apreensivo. Só vejo os soldados Nelson e Gonzáles, mas nada do sargento Sérgio Braga. Vou me aproximando da viatura e faço a pergunta:

— Cadê o sargento?

— Ué — responde Gonzáles —, ele não foi almoçar contigo?

Foi aí que o meu celular tocou.

— Rubens...

Era Clara do outro lado da linha. Dava para perceber que estava chorando. Ela mal conseguia falar.

— Rubens...

— Calma, meu amor. O que foi que aconteceu.

— O Sérgio... ele...

Clara não estava conseguindo falar. Puta que pariu! Eu não queria nem imaginar o que podia ter acontecido.

— Clara, está me ouvindo? Não faz nada, não mexe em nada que eu já estou chegando aí.

Desliguei o telefone e falei depressa com os soldados:

— Vamos rápido, que eu acho que aconteceu alguma coisa com o sargento.

Entramos na viatura e Nelson arrancou a toda velocidade.

Estacionamos em frente ao prédio do sargento Braga. Chope, que nunca saía de perto de dona Neuza, estava no meio da rua. Latindo, como se pedisse ajuda.

Clara me esperava do lado de fora. Ao sair da viatura, ela me abraçou com força e chorou no meu ombro.

— Onde ele está?

— Dentro da casa dele...

— Você fica aqui com o Nelson. Gonzáles, você vem comigo.

Subimos as escadas correndo, abrimos a porta do apartamento e demos de cara com a cena sinistra.

— Por quê? Por quê? Por quê? — repetia dona Neuza chorando em estado de choque.

Sentada no chão, com o vestido todo manchado de sangue, ela segurava a cabeça do filho no colo. Tinha pedaços de miolos do cérebro grudados na sua roupa. A parte de trás da cabeça do sargento tinha estourado com o tiro. À sua frente, caída, estava Suzana com um tiro na testa.

Pela quantidade de sangue no rosto, no peito e por não ter nenhum buraco de tiro na frente da cabeça, dava para perceber que o sargento colocou o cano da pistola na boca e apertou o gatilho. Isso, é claro, depois de ter matado a mulher.

Tento me aproximar de dona Neuza.

— Por quê? Por quê?...

Ela nem percebeu que estava ao seu lado. Só quando lhe toco o ombro é que levanta devagar os olhos na minha direção. Ao me enxergar, berra com raiva:

— Sai daqui! Sai daqui! Sai daqui!

— Dona Neuza...

— O que é que você quer comigo?! Você não está vendo que o meu filho está precisando de mim! O que é que você quer de mim?!

Me ajoelho devagar ao seu lado e pouso as minhas mãos sobre os seus ombros.

— Quem está precisando muito da sua força agora é a sua filha, que está lá fora. Ela também não está bem e precisa da sua proteção.

Dona Neuza desaba no choro. Me abraça. A cabeça do sargento fica entre nós, encostando na minha barriga. Sinto o sangue molhar a farda azul e chegar até minha barriga.

Ela se afasta e respira fundo.

— Me ajuda a levantar. Por favor.

Eu tiro a cabeça do sargento Braga do colo da mãe. Me esforço para não demonstrar nenhum tipo de repugnância com aquele buraco gosmento, acima da nuca, que minhas mãos são obrigadas a tocar. Deito a cabeça do sargento com cuidado no chão. Me ergo e seguro a mão da velha senhora servindo de apoio para que ela se levante devagar.

Abraçado a dona Neuza, a conduzo até o lado de fora da casa. Ao vê-la, Clara sobe as escadas, corre até a mãe. As duas se abraçam e choram. Eu coloco a mãos nas costas delas e falo:

— Clara, dona Neuza, acho melhor vocês ficarem lá embaixo.

Ajudo elas a descerem as escadas. São passos lentos que só seguem adiante depois de cada uma se apoiar em um dos meus ombros.

Gonzáles vai até a viatura e chama a perícia. Peço para Nelson ficar com elas dentro de casa. Tiro um dinheiro do bolso e entrego para ele.

— Depois, Nelson, vê se você vai na farmácia e compra para elas um calmante ou coisa parecida.

Subo de novo ao apartamento do sargento. Gonzáles vem logo atrás.

— Que cagada, hein? — desabafa Gonzáles.

— Nem me fale.

— Por que o sargento foi fazer uma merda dessa?

Vejo um papel saindo debaixo do corpo do sargento. Com as mãos para trás,

para não encostar em nada, me abaixo para ver melhor.

— Que porra é essa, Rubens?

— Parece o resultado de um exame...

Chego mais perto para tentar ler o que está escrito.

— Pega essa porra aí! O local do crime já foi violado mesmo.

— Caralho!

— O que foi, Rubens?

Me levanto e respiro fundo antes de falar com o Gonzáles.

— O sargento estava com AIDS. HIV positivo.

Gonzáles fica doido.

— Puta que pariu, Rubens... Será que ele dava o cu?

— Acho que não. Devem ter sido aquelas duas putas que ele comeu naquele dia.

Gonzáles leva as duas mãos juntas ao céu e vibra.

— Graças a Deus! Ainda bem que eu não comi aquelas vagabundas! Graças a Deus! Que sorte!

— Graças a Deus não, graças a Jesus que explodiu com elas antes que nós pudéssemos fazer qualquer coisa.

— É um milagre! Jesus salvou as nossas vidas!

Eu não consegui me segurar e comecei rir. Gonzáles também. Em pouco tempo as minhas risadas se transformaram em lágrimas.

— A Suzana, cara... a mulher do sargento... o sargento não sabia de nada. Era para ser uma surpresa, sei lá... Ela estava grávida.

13

— Eu não gosto de você. Nunca gostei e nunca vou gostar. Mas minha filha precisa de você. Ela está tão mal. Não come direito, não dorme direito. O que ela está precisando agora é de um homem.

Eu não sei se isso é sonho ou pesadelo. Trabalhei a noite toda, volto em casa de manhã cedo e apago em cima da minha cama... de repente sinto aquele bafo de tabaco bem perto do meu rosto. Abro os olhos e dou de cara com dona Neuza falando comigo. Apoiada na cama, encostava aqueles caroços nojentos do seu peito no meu braço. Quem abriu a porta para essa mulher?

— Foi você! Que mal destrancou a trava, voltou para se deitar! Seu vagabundo!

Que sinistro, ela consegue escutar o que eu estou pensando. Que horas devem ser agora?

— Dez horas! Hora de vagabundo estar acordado!

Eu devo ter chegado umas sete e meia da manhã...

— Tu vai ficar aí esparramado nessa cama ou vem comigo?

— Acho melhor tomar um banho... já venho...

— É bom mesmo. Com esse fedor, ninguém te aguenta.

Me levanto e vou me arrastando para o chuveiro.

14

Dona Neuza abre a porta da sua casa e entra. Eu a acompanho. Desta vez, Chope não latiu para mim. Estava estranho, andava de um lado para o outro da sala, chorando.

No fundo, vi Clara sentada de frente para a janela. Parecia que já estava há horas na mesma posição. O seu rosto não tinha expressão. Sem sorriso, sem lágrimas, sem nada. Ficava simplesmente imóvel.

— Clara, olha quem eu trouxe para te ver! — berra a dona Neuza com sua voz rachada.

Clara não se mexe do lugar. O rosto continua fixo, olhando para frente.

Me aproximo aos poucos e o cheiro vai ficando cada vez mais forte. O problema é sério mesmo. Clara estava suja, fedia. Devia fazer dias que não tomava banho. Que aperto no coração! Me ajoelho ao seu lado e passo minha mão sobre os seus cabelos.

— Meu amor... Saiba que eu estou do seu lado, sempre estarei. Tudo isso que você está sentindo... eu quero que você tenha certeza que tem uma pessoa do seu lado para dividir a dor. Eu sei que dói... principalmente do jeito que aconteceu... Mas não é porque a vida deles se foi que você tem que jogar fora a sua. Clara, olha para mim, eu te amo.

Aos poucos, os músculos do seu rosto vão se comprimindo. Uma bochecha se mexe, uma sobrancelha, um lábio... e ela começa a chorar. Eu a aperto em meus braços e beijo seu rosto. Ela cobre a cara com as mãos e fala baixinho:

— Eu também te amo. Eu também te amo.

— Vamos nos casar logo, eu sei que posso te fazer feliz. Me deixa tentar.

Ela faz que sim com a cabeça e me abraça com força.

Mais aliviada, dona Neuza se senta e acende um cigarro. Chope corre e se

mete embaixo da poltrona. Fica só com a cabecinha para fora, entre os pés da mãe de Clara.

— Agora que você conseguiu convencer ela a se mexer, vê se a convence a tomar um banho.

— Dona Neuza, por favor! Já sei o que a senhora pode fazer. A senhora, que é muito amiga do pastor Batista, podia tentar marcar o nosso casamento para semana que vem. Que tal?

— Deus me livre!

— Bom, então vou eu. Mais tarde eu passo lá.

— Não, não, não. É melhor eu mesma falar com o pastor. Se não, é capaz dele pensar que você só está casando porque engravidou a minha filha.

A velha também não está falando coisa com coisa. Continuou:

— Vou sair e resolver isso agora mesmo. Uma semana, onde já se viu, tanta coisa para resolver! O vestido, os convidados, onde vocês vão morar. Na sua espelunca é que não dá, não é, Rubens...

Dona Neuza foi saindo e ainda conseguíamos ouvir a sua voz mesmo do lado de fora da casa. Clara soltou um sorriso por causa da mãe. Mas não foi qualquer sorriso. Foi um sorriso tão bonito, que fez meu coração se irradiar de alegria. O sorriso mais bonito que eu já vi. Um sorriso que eu nunca mais vou esquecer.

TIRO CERTEIRO

1

— Ô meu chefe, há muito tempo o senhor não deixa aquele guaraná pra mim — disse o cara de pau do Armando quando pego meu armamento na RUMB.

— Quando eu precisei tu me deixou na mão! Não te pago mais um centavo.

— Chefia... Aquele dia não foi culpa minha... o senhor sabe.

Me irrita esse jeito do Armando. Eu não sou de uma patente superior à dele nem nada e mesmo assim ele insiste em me chamar de senhor. Ele chama todo mundo de senhor. É estranho pra caralho.

— Rapá, agora é tu que tá me devendo um favor. Quando tu cumprir o que tu deve comigo, nós voltamos a conversar. Tá falado?

— Pó, seu Rubens. O senhor tá pegando pesado. Mas tudo bem... Vamos ver quem vai precisar de quem.

No começo do serviço arrumar confusão no batalhão é dose. Bom, foda-se. Pego o meu armamento e vou para o pátio encontrar com a minha guarnição.

O sargento Lopes já estava sentado no carona da Blazer enquanto Nelson e Gonzáles conversavam do lado de fora. Sargento Lopes foi o novo sargento designado para assumir a nossa guarnição.

— Porra, tu é sempre o último a chegar. Vamos, rapá, entra logo na viatura — disse o sargento, mal-humorado.

Enquanto entramos na PATAMO, Gonzáles fala no meu ouvido:

— Já sei com quem esse cara se parece: ele deve ser o primo do conde Drácula.

O pior que parece mesmo. Cabelo puxado para trás, olhos negros sustentados por olheiras profundas, bocas e dentes enormes. Só falta a capa vermelha. Não há dúvida. São da mesma família.

Já era noite fechada. Os serviços noturnos eram os piores para mim. Sempre acontece merda à noite. De dia também acontece, mas é mais difícil. De noite é pior.

Fazíamos um patrulhamento de rotina. Andávamos na viatura devagar pelas ruas do bairro. Dando voltas e voltas.

— E a tua despedida de solteiro? Você viu a piranha que eu tô comendo. Ela

tem umas amigas que pelo amor de Deus. Uhm... — Gonzáles quase teve um orgasmo. — Eu não paro de dar ideia pra minha putinha: você não sente vontade de chupar um peitinho, lamber uma buceta... eu sei que você quer.

Eu não devia ter contado que ia me casar. Agora eu vou ser obrigado a convidar esses filhos da puta para o meu casamento.

— Nem vai dar tempo, Gozáles, o casamento é daqui a sete dias. Mesmo assim, eu nem quero saber dessa porra... Já basta a última despedida de solteiro que o sargento Braga arranjou para mim.

— Puta merda, nem me fala. Mas falando sério, acho que mais algumas semanas eu como as três juntas, se Deus quiser. Já pensou, três gostosas na minha cama, que delícia... E você aí de viadagem... Porra, o cara não para de olhar pra trás.

— Pra trás, que papo é esse?

— Não é tu não, ô mané. É aquele outro mané ali!

Um mulato alto e magricela, de bermuda, chinelo e camiseta, andava de forma suspeita. Dava alguns passos e olhava para a nossa direção. Mais alguns passos e voltava a olhar. Se o cara tem alguma coisa a esconder, não está conseguindo disfarçar. Com certeza deve estar doidão, para ficar nessa paranoia de olhar toda hora pra trás. Ou então é bandido mesmo e dos mais burros!

— Encosta do lado do elemento — ordenou o sargento Lopes para Nelson.

Nelson levou a viatura próximo do rapaz e o sargento gritou:

— Polícia! Parado com as mãos para cima!

O rapaz parou e levantou as mãos. Nelson embicou a viatura entre dois carros estacionados no meio-fio. Quando o sargento abriu a porta para sair, foi o rapaz que saiu correndo. O sargento voltou a fechar a porta o mais rápido que pôde e ordenou:

— Dá ré nessa porra e vai atrás do filho da puta!

O tempo da viatura manobrar foi o suficiente para o rapaz ganhar uma boa vantagem. O sargento colocou a pistola para fora da janela e disparou para o alto com o intuito de parar o elemento que corria desesperadamente. Mas em vez disso, o rapaz sacou uma pistola e começou a disparar também, só que não era para o alto.

No mesmo momento, abri o teto solar da Blazer e posicionei o fuzil para o tiro. O cara parecia uma bolinha de *pinball* andando para esquerda e direita, levantando e abaixando. Coloquei o vagabundo na mira e fiz o meu primeiro disparo. Milésimos de segundo antes de eu puxar o gatilho, a viatura passou em cima de um buraco. Meu pulso estava firme. Não foi um mau tiro, mas foi

aquele pequeno desvio que na hora H fez com que o tiro desviasse da cabeça do elemento e estourasse na parede.

O filho da puta não para de atirar na gente. Consigo firmar mais uma vez meu pulso, o bandido volta para minha mira e faço o meu segundo disparo. Dessa vez, quase caio sentado. Nelson virou a esquina em alta velocidade. A viatura fez um cavalo de pau que quase me joga para fora. Esse tiro saiu todo torto. Foi parar não sei onde.

Consigo ter o safado de novo em condições para o disparo. Mas prefiro não arriscar. Ele entrou na subida do morro da Itioca. A rua tinha algum movimento. Podia ter o perigo de eu acertar algum pedestre. Com o carro em movimento, fica difícil para qualquer tipo de disparo. É melhor deixar o bandido escapar. Recolho o fuzil e volto a me sentar.

— Vai ser ruim de tiro assim na puta que te pariu! Chegando no quartel vou mandar você direto de volta para a academia. Achei que tu ia acabar era acertando o motor do nosso carro!

O sargento Lopes estava realmente irritado.

— Para a viatura! A partir de agora, eu viajo perto da escotilha.

Nelson parou o carro. O sargento desceu e abriu a porta de trás. Eu desci, mas ele me mandou voltar.

— Não, Rubens. Você vai continuar aqui atrás comigo! Gonzáles, você vai na frente!

— Sim senhor!

Eu entro de volta no banco de trás e o sargento senta ao meu lado.

— Se fosse eu que tivesse no seu lugar aquele bandido estava essa hora em pedaços agonizando no meio dessa rua, está entendo? Ele estaria no mínimo pela metade. Pernas de um lado e tronco do outro.

— Eu teria estourado a cabeça dele. Buum! Miolos para tudo quanto é lado! *Show* de imagens! Lindo!

— Gonzáles, cala a boca! Estou começando a ficar cheio das suas gracinhas!

— Sim, senhor.

“Assalto em andamento na Rua das Rosas número 136. Viaturas procedam ao local.”

O rádio da patrulha interrompeu nossa discussão.

— É aqui do lado, responda que estamos a caminho — ordenou o sargento.

Nelson respondeu a chamada:

— Entendido. Viatura a caminho.

Dobramos três esquinas e chegamos ao lugar indicado. Duas outras viaturas

já estavam estacionadas em frente ao número 136.

— Já tem polícia demais nessa merda. Vamos embora — ordenou mais uma vez o sargento.

Continuamos por horas a dar voltas nos quarteirões sem nada acontecer. Ninguém falava nada, só respondíamos às ordens do sargento.

— Alguém sabe que horas são?

— Um pouco mais de quatro da manhã.

— Foda-se, por hoje chega. Nelson, conhece a Rua Alberli Silva?

— Sim, senhor.

— Vamos para lá.

Chegamos na tal rua e o sargento nos levou para frente de um hotel abandonado.

— Eu vou descansar aqui até a hora de voltar para o batalhão. Vocês ficam aqui na patrulha.

O sargento saiu da viatura e entrou no hotel.

— Filho da puta! — desabafei.

— A culpa é tua, mano, que não conseguiu matar a porra do vagabundo — falou Nelson, irritado.

— Minha! Você não consegue deixar esse carro estável por dois segundos que seja. Tu é ruim de roda pra caralho!

— Eu é que não quero entrar nesse lugar sinistro com o Conde Lopes.

— Cala a boca, Gonzáles!

— Aí Rubens, parece que o Nelson gostou mesmo desse novo sargento. Eu não posso nem sacanear o cara, que ela fica toda irritadinha.

— Aí! Se liga, mano! Irritadinha é o teu cu que fica depois que eu enfio a minha piroca.

— A conversa está muito boa, mas como o serviço está oficialmente encerrado, eu vou é recostar o meu banco, acender um baseado e dormir.

— Você ainda tem aquele que a gente pegou dos baianos?

— É esse mesmo.

— Pô mano, esse é do bom.

Gonzáles tira a seda do bolso da camisa, o bagulho do bolso da calça e começa a soltar a maconha prensada, amassando-a com o dedo. Depois de apertar o cigarro, e dar os primeiros tragos, oferece.

— Quem vai?

— Eu quero — pede Nelson.

Gonzáles estende o baseado, mas quando Nelson está para pegá-lo, recua o

braço.

— Só se você chupar a minha caceta.

— Vai tomar no teu cu. Aí mano, já falei pra tu se ligar.

— Foda-se. Pelo visto você está precisando relaxar. Toma aí.

Gonzáles passa o baseado para Nelson, que depois passa para mim. Eu também precisava relaxar.

— Uhm... Ele não aceita dinheiro, mas fuma maconha dentro da viatura. Faz muito sentido.

— Me deixa, caralho!

Dou alguns tragos e passo o baseado de volta para Gonzáles. Deito no banco de trás, ponho as mãos atrás da cabeça, fecho os olhos e não demoro para adormecer.

2

As pancadas na lataria me acordam no susto. Levanto do banco e já pego o meu fuzil. Demoro alguns segundos para me situar, me recordar que eu tinha adormecido dentro da viatura.

— Porra! Vocês estão malucos! Querem morrer!

Já havia amanhecido e esse Drácula parecia que não tinha o menor problema em sair com a luz do sol.

— Três polícia dormindo dentro de uma viatura do lado de fora da rua! É pedir para morrer! Que porra é essa?

O sargento Lopes vai até o lado do carona e abre a porta.

— Ajeita esse banco e vai para trás, Gonzáles!

— Sim, senhor!

Gonzáles fez o que o sargento mandou e saiu da PATAMO para sentar do meu lado.

— Nelson, rápido para o batalhão!

A viatura arrancou. E o sargento continuou esbravejando:

— Acho bom depois da folga nos acertarmos, senão a vida de vocês vai virar um inferno!

3

O batalhão estava um tumulto só. Era repórter, oficial nervoso andando de um lado para o outro, moradores nervosos gritando, pedindo justiça. Não dava para entender direito o que estava acontecendo. Foram só alguns passos para dentro, e um oficial barrou a nossa passagem.

— Vocês estão presos! A guarnição toda!

O oficial foi direto, sem nos perguntar nada. O sargento Lopes é que questionou o oficial.

— Por que estão nos prendendo?

A resposta foi seca como o deserto:

— Porque vocês atiraram em uma mulher perto do morro da Itioca.

— Não — tentou argumentar o sargento —, realmente houve uma troca de tiros rápida próximo do morro, mas foi contra um homem armado, não contra uma mulher.

— Não tem conversa!

— Eu não quero ouvir ninguém reclamando! Entreguem as suas armas! — foram as ordens do sargento Lopes para nós, da sua guarnição.

Entregamos as nossas armas e fomos detidos como bandidos pelos nossos próprios colegas de batalhão. Depois nos levaram e nos trancaram nas celas do quartel.

O sargento sentou num catre e baixou a cabeça, desolado.

— Além de tudo, você ainda conseguiu acertar uma mulher. Como tu é ruim!

Eu dei dois tiros, só o segundo eu não vi onde foi parar. Mas tenho certeza de uma coisa: nessa hora a gente ainda não tinha chegado na entrada do morro.

— Eu não dei nenhum tiro perto do morro, sargento. Não fui eu que acertei essa mulher.

— Eu sei. Eu também tenho certeza que o tiro que pegou nessa mulher não saiu da gente. Mas fazer o quê? — disse o sargento, abatido.

— Quanto tempo a gente deve ficar detido, sargento?

— Até a investigação acabar. Três dias, um mês, seis meses... sei lá. Vocês nunca passaram por isso?

— Acho que só o Rubens que não.

— Então, meu amigo, seja bem-vindo ao famoso RD, Regime Disciplinar. Nós damos as nossas vidas para caçar os bandidos e no final, somos nós mesmos que acabamos presos... Agora é só esperar.

No dia seguinte eu já estava implorando para os carcereiros me deixarem ligar para Clara. O casamento estava marcado para daqui a cinco dias e os escrotos não deixam eu nem falar com ela.

— Coitado, se fudeu — ri o sargento de mim. — Liga não, se ela te ama ela vai entender. Acho que seria até pior se você pudesse falar com ela: “Amor, eu não vou poder comparecer ao nosso casamento porque eu matei uma senhora inocente”.

O babaca ainda tem humor negro. Eu não me contive:

— Com todo respeito, senhor, vai tomar no meio do teu cu.

Dezesseis de abril, dia marcado para o meu casamento. A raiva era tanta, que eu cheguei a uivar de dor. Uma dor forte que saía do meu peito. Os filhos da puta não deixaram nem eu ligar para Clara, explicar o que tinha acontecido. Fiquei a manhã inteira deitado de costas, com a cabeça no travesseiro.

— Relaxa, rapaz, ela já deve estar sabendo o que aconteceu. Num tinha repórter no dia que a gente foi detido? Então, a parada saiu no jornal e o caralho. Mas se ela é do tipo burrinha que nem lê jornal, aí fudeu.

Eu levantei na hora. É agora que eu arrebento esse sargento filho da puta na porrada. Quando eu estava quase em cima dele, Gonzáles e o Nelson me seguraram.

— O senhor cala a boca! Cala a boca ou eu te mato!

Eu tentei me soltar a todo custo.

— Deixa eu bater nesse porra!

— Calma, Rubens!

Cada dia que passava, piorava a minha agonia.

Oito dias depois, o carcereiro abriu a porta da cela.

— Podem ir, vocês estão liberados.

Pegamos os nossos objetos pessoais e ficamos esperando o sargento para saber o que aconteceu. Ele entrou na sala do oficial de plantão e ficou uma boa meia hora lá dentro.

Eu só pensava em ir embora, mais nada. Mesmo assim, esperei o sargento Lopes sair da sala.

— Na fuga o marginal atirou contra a mulher para que pudesse escapar e mandou um morador discar para o batalhão e fazer a denúncia anônima dizendo que foi a gente que atirou na coitada. Só isso.

Parei por alguns minutos e fiquei pensando: fui preso por um telefonema sem o direito de me defender. Sem o direito de falar nada, igual a um cachorro de rua.

— Bom, vamos para casa descansar, voltou tudo ao normal. Daqui a dois dias, todo mundo de volta ao batalhão.

O mais engraçado é que nem ouvimos um pedido de desculpas, uma folga para repor os dias de cativeiro. É isso, vamos voltar ao serviço como se nada

tivesse acontecido.

É visível a cara de esgotamento de todos nós. Não falamos mais uma palavra um com o outro. Cada decepção é guardada para si. Nos separamos e voltamos para nossas casas.

4

Diferente do que eu mesmo planejara, eu não fui ver a Clara. Fiquei na minha cama, olhando para o teto, rolando de um lado para o outro. Estava com medo. Medo de perder a única pessoa que me fazia bem. Medo de perder minha chance de ser feliz.

De manhã bem cedo, eu toco a campainha da casa de dona Neuza.

— Quem é? — é a voz rouca da velha senhora.

Eu não respondo.

Chope começa a latir do outro lado. Ouço a voz gasta do outro lado da porta dizer:

— Chope, do jeito que você está, já estou até imaginando quem seja...

A porta se abre e aquele rosto cheio de rugas, com seu inseparável cigarro no canto da boca, me encara com desprezo.

— Marginal assassino não é bem-vindo aqui em casa. Que que tu quer?

Minha vontade é de bater com jornal no peito da bruxa gorda, bem entre os caroços em cima dos seios. Controlo a minha força e estendo o jornal popular bem na notícia sobre a investigação do nosso caso.

— Tá vendo o que aconteceu? Agora eu posso falar com a Clara?

— Não sei não. Não sei se ela quer te ver.

Olho por cima de dona Neuza, que insiste em bloquear a minha passagem. Vejo Clara saindo do quarto. Quando me vê, abre um sorriso tão gostoso, que alivia o meu coração. Ela corre na minha direção.

— Com licença, dona Neuza...

Sem ser muito grosso, eu desloco dona Neuza, que se recusa a sair do lugar. Chope tenta morder o meu calcanhar, mas mesmo assim, entro no apartamento e vou ao encontro de Clara. Ela me abraça e me beija.

— Desculpa, Clara, eu...

— Eu sei que não é culpa sua... Mas eu fiquei como, Rubens?

— E a vergonha que eu passei na frente do pastor Batista? — interrompeu dona Neuza. — O pior mesmo foi para a Clara, que frequenta o culto todo dia. E

a vizinhança que eu convidei para a comemoração?...

— A senhora pode convidar de novo — eu respondo por responder.

Na verdade eu nem estou prestando a atenção nos resmungos da velha. Não consigo soltar Clara dos meus braços que, mesmo aborrecida, acabou cedendo às minhas carícias. Beijo-a com paixão, com tesão.

— É ruim! Eu mal tenho coragem de sair na rua. Quem dirá falar com elas. E dá para parar com essa pouca vergonha na minha casa!

— Dá sim — agora eu respondo me afastando um pouco de Clara. — Nós vamos é continuar em outro lugar.

Pego a mão de Clara e desloco mais um pouco a dona Neuza para podermos sair.

— Passar bem, dona Neuza. Nós não temos hora para voltar.

5

Já chegamos na porta da minha casa nos beijando loucamente. Tento achar a chave sem largar Clara dos meus braços. Ela me encosta na parede e lambe o meu pescoço.

Cadê a porra da chave!

Estou quase tirando a roupa dela no meio da rua mesmo! Eu não resisto. Ela está de calça de moletom e uma camisetinha branca, fininha que molda muito bem os seus seios firmes com o bico pontudo. Foda-se a chave! Ponho a mão no peito dela e lambo a sua boca com vontade. Clara segura a minha bunda com as duas mãos e apalpa os meus bolsos de trás. Deixo que ela procure as chaves. Nada nos bolsos de trás.

Ela põe as mãos nos bolsos da frente. Ela põe a mão perto do meu... Ah... Ela tira a chave do meu bolso, levantando até a altura do seu rosto. Mexe as chaves de um lado para outro como se estivesse balançando um sininho. Tudo isso bem em frente do seu sorriso sacana.

Arranco as chaves das suas mãos e abro rápido a porta da minha casa.

6

Nessa folga, eu só saí de casa para comprar pão, presunto e queijo, e umas cervejas para a gente beber. Ficamos dois dias trancados, sem nos preocuparmos

com o que se passava lá fora.

No final da tarde do último dia, estávamos deitados na cama pelados vendo televisão. Alguns raios de sol ainda deixavam o céu roxo e alaranjado. Estava muito quente. O ventilador colocado em cima da cadeira apontado para a cama não estava dando vazão.

Terminei de beber a minha cervejinha e fui me chegando para cima de Clara. Ela dormia. Quando meu corpo estava quase todo em cima do seu, Clara abriu os olhos, o rosto amassado de sono. Meio que se espreguiçava no pouco espaço que eu lhe dava.

— Está muito calor, Rubens.

— Você ainda não viu nada.

Peguei a sua coxa com a mão e abri espaço entre suas pernas. Fui bem devagar lambendo o pescoço até a orelha que tinha um brinco de argola prateado. Mesmo com o calor que fazia, senti sua perna arrepiar. A pele ficou eriçada, cheia de bolinhas. Então o quarto se encheu de música. Era *Pour Elise* de Beethoven que tocava bem alto nos meus ouvidos.

Não, eu não tinha entrado em êxtase. Era a porra do meu celular.

— Foda-se. Deixa tocar.

— Rubens, pode ser a minha mãe.

— E ela tem o meu número?

— Eu dei o seu telefone caso ela precisasse de alguma coisa.

— Que merda!

Me levantei e peguei o celular que estava na cadeira ao lado do ventilador. Não reconheci o número que estava no visor. Atendi e ouvi a última voz que eu imaginaria que ligasse para mim.

— Alô, Rubens, eu preciso levar um papo sério contigo.

— Fala, sargento Lopes.

Clara me olhou com uma cara de “o que é que esse cara quer?”. Eu estiquei bem as minhas sobrancelhas fazendo uma cara de “sei lá”.

Ela conhecia o sargento porque eu lhe contei tudo o que eu passei na cela. Os meus desentendimentos etc.

— Rubens, a chapa esquentou para o meu lado. Eu sei que tu não gosta muito de mim, e eu também não vou muito com a tua cara. Mas além de tu ser PM como eu, sangue azul, eu sei que tu é um cara que eu posso confiar. Eu tô precisando de mais um homem. Nego mexeu com a minha família.

Eu posso até não gostar da pessoa. Mas quando vagabundo mexe com um colega parece que o meu sangue ferve. Isso acontece em toda a polícia. É o

único caso em que nos ajudamos mutuamente.

— Me dá o endereço, que eu estou indo praí.

Anotei o endereço de uma padaria na Baixada, onde iria me encontrar com o sargento Lopes, e desliguei o telefone.

— O que é que aconteceu?

— O sargento Lopes pediu que eu fosse na casa dele para eu dar uma força numas paradas.

Eu não falei nada com nada. Clara ficou me olhando com cara de quem não estava me entendendo.

— Mas tu não odeia o cara?

Fico sem saber responder. Eu não sei como me explicar. Eu não posso... Não sei se eu não posso ou se eu não consigo. O que acontece é que eu não quero dizer que o sargento me chamou provavelmente para matar um bandidozinho de merda que está enchendo o saco da família dele.

— Mas parece que ele está precisando de uma força para preparar o trabalho de amanhã. Acho bom fazer uma média com o cara. De repente ele alivia um pouco a minha barra.

— Virou puxa-saco agora?

Fico puto para caralho com esse comentário. Já tenho que mentir para ela, o que eu não gosto de fazer, e ainda sou obrigado a ouvir desaforo! Encaro Clara sem dizer uma palavra. Ela percebe que eu não gostei nada do que ela falou.

Me levanto, abro o armário. Coloco uma calça *jeans*, uma camiseta e visto o meu tênis. Clara observa todos os meus movimentos e também não diz nada.

Pego o celular em cima da cadeira e ponho em cima da cômoda. Abro a gaveta e coloco minha pistola na cintura. Resolvo não levar o celular. Saio de casa e, antes de fechar a porta, me volto para dentro e a encaro nos olhos.

— Daqui a pouco eu volto.

Bato a porta e vou embora sem esperar a resposta.

7

Chego na tal padaria e fico esperando do lado de fora pelo sargento Lopes. É uma padaria pobre, de esquina, numa rua pouco movimentada. Parece mais um boteco, com uma prateleira de ponta a ponta, parafusada na parede com algumas cachaças e uísques nacionais.

Cadê o cara? Cinco minutos e nada.

Encosto na parede e fico prestando atenção em todas as pessoas que entram e saem. Olho bem para cada uma delas. Sempre em alerta para um possível perigo. Tem gente que cruza o olhar com o meu, mas logo desvia de medo ou de vergonha. Mas tem pessoas que nem percebem a minha presença.

Vinte minutos depois, vejo de longe aquela cabeleira negra puxada para trás. De camisa social bem larga, sem mangas, calça *jeans* surrada e tênis. O sargento parecia um turista da Transilvânia. Ou então um policial disfarçado à paisana em filme de polícia americano.

— Tá esperando muito tempo?

— Uma meia hora.

— Aí, irmão, chega aí.

O sargento começou a andar e fui seguindo ao seu lado.

— Vou te contar logo qual é a parada. Eu sou noivo de uma mulher que mora aqui no morro do Titiri.

Assim que o sargento falou, eu o encarei desaprovando. Namorar uma mulher em morro controlado pelo tráfico é pedir para arranjar problema. Continuamos andando pelas ruas da Baixada.

— Não precisa me olhar assim, que eu sei que é roubada. Mas a gente ia se casar e ela ia sair de lá para morar comigo. Ela só não veio antes porque tem que cuidar da irmã e da mãe. Foda. Mas como ninguém sabia que eu era polícia, dava para entrar e sair da área sem problema.

Paramos em frente a um prédio de cinco andares. No interfone do lado da parede, o sargento apertou quatro vezes o 506 bem rápido, parou e apertou mais duas, só que dessa vez cada aperto era bem demorado.

— Não é que um filho da puta de um caguete foi abrir o bico para os traficantes quando a gente tava preso no RD.

— Eles não deixam mais você subir para ver ela?

— Porra! Antes fosse isso.

Nesse momento alguém do outro lado da linha atende:

— Duque de Caxias?

O sargento responde:

— O Paraguai que se foda.

O trinco da porta se abre e nós entramos num estreito e longo corredor.

— O problema não é que os filhos da puta não deixam mais eu subir. Eles não deixam mais elas descerem! Tu acredita que o filho da puta teve a cara de pau de ligar no meu celular?

Chegamos no final do corredor e o sargento apertou o botão chamando os

dois elevadores, um do lado do outro. Um tinha um cartaz escrito “Social” em cima da porta e o outro estava escrito “Serviço”. Eram duas portas de madeira velha exatamente iguais, com uma janelinha gradeada de ferro em forma de losango.

— Eu atendi o telefone alô, tal, e o filho da puta já foi logo dizendo: “Alô é o caralho, ô pulicinha! Dei uma coça na tua mulher e raspei a cabeça delas duas, e se descerem o morro quebro as duas e a mãe junto, seu cuzão, se liga no papo!” O cara falando da minha noiva e da irmã! É foda ou não é?

O elevador social chegou primeiro abrindo com um som arranhado o seu gradeado enferrujado. O sargento abriu a porta velha. Entramos e ele apertou o quinto andar.

Enquanto o elevador subia, o sargento Lopes não falou nada. Ficou só balançando a cabeça com muxoxos seguidos. Parecia puto da vida, remoendo a conversa que teve com o traficante pelo telefone.

Num solavanco, o elevador parou no quinto e o gradeado estridente se abriu. O sargento Lopes foi na frente. O corredor parecia com o do térreo e andávamos agora no sentido inverso, na direção da rua.

— Nós não subimos os morros por causa dos outros? Agora é por nos mesmos!

O sargento deu batidas na porta parecidas com a forma com que ele tocou o interfone lá embaixo. A porta se abriu e eu fiquei impressionado com o que eu estava vendo. O sargento me pegou no braço para que eu entrasse logo e o seu companheiro pudesse fechar logo a porta.

O sargento deve ter se irritado com a minha lerdeza. Mas confesso que assim que a porta se abriu eu fiquei meio abobalhado. Como é que os caras conseguiram fazer aquilo? Até então, eu pensava que o sargento tinha me chamado para matar um bandidinho, mas não.

Tinha uns dez caras em pé, numa sala que não cabia mais de vinte pessoas. E armas, muitas armas, armas para caralho estendidas numa toalha no chão. Fuzis AK47, M16, pistolas, granada, facas, tudo que se pudesse imaginar.

— Agora quem vai morar no Titiri sou eu. Vou tomar o morro para mim! É comando sim, mas é azul porraaaaaaaaa! Comando Azul! Sangue azul no morro! — falou o sargento exaltado.

O sargento Lopes me apresentou para os companheiros, tudo polícia ou ex-polícia. Tinha até um polícia que já foi morador do Titiri. É uma merda um policial morar num morro controlado pelo tráfico, mas esse polícia não tinha opção, não tinha onde morar.

O rapaz era meio esquisito, magro, pomo de adão saliente, o nariz grande e pontudo curvado para frente. Fomos apresentados e ele acendeu um charuto. Era um hábito que nele ficava até engraçado, devido ao seu porte físico. Parecia um abutre de desenho animado. O nome dele é Alfredo.

Ele me contou que viveu anos sem ninguém da vizinhança nunca desconfiar que ele era polícia. Foi por causa do comandante do seu batalhão que ele foi obrigado a sair do morro, ou seria morto. Alfredo balançava a cabeça para baixo enquanto falava. Parecia que bicava cada palavra com o seu nariz.

— Olha a sacanagem que o cara me fez. Escuta só. Eu tinha que pegar sete e trinta da manhã no batalhão. Eram oito horas e cadê da minha esposa chegar para ficar com o neném? Ela trabalha numa fábrica de remédio no turno da madrugada. Costuma chegar seis e trinta em casa. O tempo certinho de eu picar a mula pro serviço. Não sei o que que deu que ela não chegava. O comandante já estava como no batalhão? Uma fera. Bufando: cadê o Alfredo? Porra! Sabe o que o filho da puta desse comandante fez? Mandou os soldados pegarem a viatura e me buscarem em casa.

— Porra, ele não sabia que onde você morava só tinha bandido?

— E os colegas até tentaram ajudar: Pô chefia, lá na área só tem vagabundo, ninguém sabe que ele é polícia, vai acabar com a vida do cara. Sabe o que o comandante respondeu?

— O quê?

— Foda-se. Não quero nem saber. Pega a viatura e traz ele aqui agora!

— Sinistro.

— Não rapá, minha mulher tinha acabado de chegar. Quando eu vi a viatura parando na porta da minha casa eu não pensei duas vezes. Mandei ela arrumar a mala, arrumar a mala da criança, que a gente ia se mudar. Entrei na viatura com minha filha, minha esposa e tudo o que a gente podia carregar. Fui com tudo isso para a sala do comandante e falei que ele agora tinha que se virar para achar um lugar para eu morar porque pro morro do Titiri eu não volto mais não. Tá maluco!

Eu comecei a rir. O sargento Lopes me entregou um revólver Colt calibre 38.

— Você vai ficar só de revólver porque eu sei que com o fuzil tu não tem muita intimidade.

Agora era o grupo que ria de mim. O sargento Lopes não podia deixar de ser escroto.

— Mas vou te falar a real, irmão — continuou Alfredo. — Minha filha não tinha nem um ano e já tinha pressão alta. O médico disse que era estresse. Tudo

porque esse morro Titiri não parava de ter tiroteio. Ainda bem que a gente saiu dessa merda.

Alfredo balançou a cabeça indignado e se calou. Só ergueu de novo os olhos para ouvir o sargento Lopes, que começou a explicar o plano.

— Vai ser uma invasão simples. Eles têm por volta de uns quarenta fuzis, mas nenhum deles sabe atirar. São tudo uns merda. Perto das dez a gente sobe pela mata e vamos esperar a troca de turno da boca lá de cima do morro. Quando der umas seis da manhã a vagabundagem começa a guardar os fuzis, e aí nós entramos tomando o morro de cima para baixo. Eu vou agora dividir vocês em três grupos de três que vão descer, respectivamente, pela esquerda, pela direita e pelo meio, um depois do outro, em estilo cavalo corredor, correndo e largando o dedo até chegar na base do morro. O soldado Alfredo, que também vai ser o nosso motorista, vai ficar de *sniper* em cima de uma árvore na entrada do morro. Vagabundo nenhum vai escapar. Eu e Rubens vamos à caça de Marluci, Marina e da mãe delas.

Foi a primeira vez que eu ouvi o nome de Marina. Na hora não me pareceu nada de especial. Era só um favor que eu estava fazendo para um amigo... que não era bem amigo, mas era colega de farda, sangue azul.

O sargento Lopes chega do meu lado.

— Não se preocupa com o serviço de amanhã, que eu já resolvi tudo no quartel. Depois da nossa operação de hoje, eu ainda consegui dois dias de folga pra gente.

Para mim já não era novidade que, no batalhão, com dinheiro se compra quase tudo.

8

Colocamos todo o armamento em bolsas tipo esportiva. Tínhamos só um carro. Desde as dez da noite, iam saindo homens em grupos de três levando uma bolsa. Alfredo descarregava um grupo no matagal e dava uma volta com o carro pelo bairro para disfarçar antes de pegar o próximo grupo.

Eu fiquei no último grupo junto com o sargento Lopes. Já passava da meia-noite quando o carro veio nos buscar.

O carro parou em frente a um matagal escuro e deserto. O sargento Lopes ordenou ao motorista:

— Alfredo, já vai para a sua posição. Nos vemos amanhã.

Entramos no meio do mato sem ajuda de lanterna. O começo é um pouco mais difícil, mas logo, logo a vista se acostuma.

O matagal dava a volta no topo da favela, como se a abraçasse. Todos nós subimos pelo lado esquerdo. O primeiro grupo subiu o morro inteiro, deu a volta por cima da favela e se posicionou na direita. O segundo fez o mesmo trajeto, mas parou no topo. O terceiro ficou pela esquerda.

Em vinte minutos, encontramos o grupo da esquerda. Eu fui com o sargento Lopes nos três grupos para checar se estava tudo em ordem. Depois, ficamos junto ao grupo do topo. De todos os grupos, dava-se para ver com clareza a principal boca de fumo que fica justamente na parte de cima da favela.

Observamos durante toda a noite a movimentação da boca. Como cada bandido se comportava, os clientes que subiam. Tinha de tudo, desde trabalhador a *playboy*. Só não sei por que um *playboy* vinha até esse fim de mundo comprar pó.

Subiu até um carrão de luxo, que estacionou no meio da boca. Um A3. Eu crente que ia sair um *pitboy* desses da vida, um rapaz todo malhado, com a camisa e calças apertadinhas que ia comprar coca para cair na *night*. Porra nenhuma, saiu uma senhora que parecia ter uns cinquenta anos, vestida à vontade, como se tivesse saído de casa para comprar cigarro.

Os traficantes adoravam a madame. A intimidade que ela tinha com eles, brincado, rindo, era surreal. Parecia uma dondoca fazendo trabalho social no meio dos pretinhos, magrinhos e pobres. Trabalho social o caralho. Comprou cocaína pra dedéu, enfiou tudo na bolsa e foi embora.

Olho para o lado e vejo o colega com o celular apontado para a boca, filmando tudo. Ele sussurra no meu ouvido:

— Essa é para o Fantástico. Vender esses filmes dá uma grana maneir...

Antes dele terminar de falar, ele viu o sargento Lopes com a mão estendida pedindo a câmera.

— Como é que apaga essa merda?

— Coé, sargento? A grana é boa.

— Eu sei lá quem é essa madame. A gente vai ocupar esse morro e a última coisa que a gente vai querer é merda para o nosso lado. Nem fudendo. Vai saber quem é essa mulher, isso com certeza vai dar merda. Faz imagens da boca sem clientes, com os neguinho andando para lá e para cá de fuzil. Depois filma eles tudo morto. Isso deve vender bem.

9

O dia começa a clarear. Os traficantes entram no barraco que parece servir de depósito, guardando os seus fuzis. O sargento Lopes apoia os dois braços numa árvore e faz mira com o seu 7.62. Quando o último sai do barraco, ele não dá nem um passo e já é atingido pelo tiro do sargento. É um tiro certeiro que arranca fora toda a testa do rapaz.

Esse era o sinal para o grupo do meio avançar. Os polícias saem correndo, atirando para tudo quanto é lado. Os traficantes ficam malucos, é muito tiro. O sargento continua parado só na cobertura.

Três traficantes que estavam escondidos tentam voltar para o barraco para pegar as suas armas. Nessa hora, eu já estou mais próximo da boca. Ao sinal do sargento, jogo duas granadas dentro da casa e volto para a mata.

A explosão é forte, mas não é tão bonita como no cinema. Levanta mais poeira do que qualquer coisa. Esse era o sinal para o grupo da direita seguir. Eles saem da mata e entram numa rua diferente do primeiro grupo.

Dos escombros do barraco, sai um branquelo magricela rastejando com um AR15 nas costas. O vagabundo não parecia ferido nem nada. Porra, como é que esse filho da puta sobreviveu? Quando ele esticou o braço para frente veio o tiro. Um tiro preciso no pulso que arrancou a mão do bandido. O sargento Lopes atira muito! O bandido berrava de dor enquanto tentava tirar o fuzil das costas com a mão esquerda. Aí veio o segundo tiro. Um tiro no estômago, que deixou as tripas do branquelo espalhadas pela rua.

O sargento fez mais um sinal e eu joguei outra granada dentro do barraco. Engraçado que dessa fez ouvimos a granada estourar, sentimos o impacto da explosão, mas não vimos nada. Mal levantou poeira.

A granada era o sinal para o terceiro grupo descer o morro.

Em poucos minutos a troca de tiro ficou mais distante. A parte de cima do morro já estava dominada.

Era fácil distinguir pelo som quando um colega matava um vagabundo. O bandido não sabe atirar, por isso mete o dedo no gatilho e não solta. Já o polícia dá um tiro de cada vez. Cada rajada contínua era interrompida por dois ou três tiros. Taí, um vagabundo morto.

O sargento fez um sinal para que eu o seguisse. Ele parou em frente ao barraco das armas e deu vários tiros no chão. Sem falar nada, seguiu em frente e fez sinal para que eu o acompanhasse. Olhando de perto para o barraco é que eu

entendi o que tinha acontecido com a terceira granada. O lugar onde os traficantes guardavam as armas era subterrâneo. As duas primeiras não caíram lá dentro, por isso o branquelo sobreviveu. Já a terceira granada caiu no subterrâneo e acabou com tudo que poderia existir de vivo por lá.

Fui seguindo o sargento Lopes pelas vielas da favela. Era bala voando para tudo quanto é lado. Traficante caindo de laje, cachorro latindo, pedaço de perna, braço, sangue nas paredes, no chão. Fomos entrando em algumas casas e saindo pela porta dos fundos. O sargento estava mais preocupado em comandar a operação do que ir até a casa da Marluci, da Marina e da mãe.

Em menos de uma hora, trinta e sete dos trinta e oito traficantes do morro do Titiri estavam mortos.

— Como é que você sabe que falta um, meu chefe? — eu perguntei para o sargento.

— Porque eu ainda não vi o dono do morro entre os mortos. Um crioulo safado com o cabelo pintado de amarelo igual a pagodeiro. Foi esse filho da puta que ligou para o meu celular. Nego chama ele de He-Man. O pior é que eu nem vi o merda na boca.

— Se bobear nem está no morro.

Um senhor que ouvia a nossa conversa se aproximou. Era um paraíba que disse que se chamava Raimundo. Ele chegou perto da gente e cochichou baixinho.

— O He-Man passou a noite inteira com uma das suas piranhas no barraco dela. Quando começou o tiroteio, ele deve ter se escondido por lá mesmo. Já há algum tempo, ele cavou um buraco subterrâneo nas casas que ele dorme para se esconder caso a merda estoure.

Sempre tem um morador que nos ajuda. Sempre tem alguém que foi esculachado pelo traficante ou tem algum parente que sofreu alguma agressão. Ninguém nos ajuda por dever cívico, ajuda por vingança. Principalmente hoje, que nem fardados estávamos e o senhor não poderia adivinhar que éramos policiais.

— E onde é que fica essa casa?

— É desse lado da rua mesmo, lá no final, é a última casa da esquina. Não tem como errar.

— O senhor sabe onde mora a família do He-Man?

— Sei.

O sargento Lopes mandou um grupo reunir a família do dono do morro e ordenou que o resto expulsasse os parentes de todos os traficantes da favela. Fez

sinal para que eu o seguisse.

Fomos para a casa indicada pelo seu Raimundo. Nos aproximamos devagar, escorando nas paredes. A porta da casa estava aberta. Só tinha um cômodo, com uma cama de casal no meio, uma pia, fogão, geladeira numa parede e um reservado para o banheiro separado do cômodo principal por uma cortina de plástico.

Dava para ouvir um choro abafado vindo do chão.

O sargento Lopes olhou para mim e fez sinal com a cabeça para cama. Me mostrou o número três com os dedos. Começou a contar em silêncio levantando um dedo para cada número. Um, dois, três e de uma vez só levantamos a cama, apontado nossas armas para o buraco no chão.

— Perdeu! Perdeu! — gritamos para o traficante.

O tal do crioulo com o cabelo amarelo e a sua piranha estavam pelados, deitados de costas no chão do buraco. Com os braços por trás do seu pescoço, ele a abraçava e segurava sua boca para que a gente não ouvisse seu choro. Quando tiramos a cama, ele soltou a putinha, levantando as mãos para cima. Foi aí que ela soltou o berro. E não queria parar de gritar. Um grito misturado com choro desesperado.

— Perdi! Perdi! Calma aí. Eu tô desarmado! Cala a boca, mulher!

Num movimento calmo, bem devagar, o sargento tirou a pistola do coldre e deu um tiro seco na testa da menina.

— Pronto, resolvido o teu problema. Agora sai desse buraco, que tu vem comigo.

O bandido ficou gelado. Mal conseguiu falar.

— Ôôô.... Ôôô chefia, vai com calma.

— Eu estou calmo.

— A gente pode resolver essa parada numa boa, chefia. Tem ideia?

— Com certeza que eu vou ficar numa boa. Tu que tá fodido... He-Man.

10

Eu e o sargento Lopes caminhamos pelas ruelas da favela. O sargento estava leve, feliz, olhava cada casa, como se tudo agora fosse dele. Como se a vida dos moradores daquele lugar agora estivesse em suas mãos.

Chegamos em frente a uma casa bem bonitinha, talvez a fachada mais bem conservada que eu vi até agora. O sargento Lopes bateu na porta, mas ninguém

atendeu. Ele me olhou desconfiado. Virou a maçaneta e a porta estava aberta. Isso o deixou preocupado. Em geral não se preocuparia, já que dificilmente alguém tranca a porta na comunidade. Mas com o tiroteio, ele imaginou que Marluci se trancaria em casa.

Era uma sala pequena, com espaço suficiente só para um sofá e uma cômoda com televisão. A casa tinha dois quartos, uma cozinha mais ou menos do tamanho da sala e uma porta fechada que, com certeza, devia ser o banheiro.

O sargento entrou na casa gritando:

— Marluci, cadê você?

Uma voz chorosa do banheiro gritou:

— Sai daqui! Vai embora.

— Minha princesa, tá tudo resolvido. Nós quebramos geral. Botamos tudo quanto é vagabundo para correr. O morro é nosso. O morro agora é das famílias, não do tráfico. Eu só saio daqui contigo!

O choro fica mais forte dentro do banheiro.

— A gente pensou que era os homi do He-Man que tinham vindo para quebrar a gente — disse Marluci fungando.

Parecia que tinha umas dez mulheres chorando do outro lado da porta.

— Quem taí contigo, meu amor?

— A Marina e a mamãe.

— Esse banheiro é pequenininho, não sei como vocês estão conseguindo ficar aí dentro, vamos, abre logo essa porta!

— Não! Vai embora, Humberto! Me deixa em paz!

Humberto era o primeiro nome do sargento Lopes.

— Ôoooouuuu, coé? Que isso, neguinha? Quase morri pelo teu amor e vocês mandam a gente sair, ôoooouuuu se liga.

Então vem o grito do banheiro:

— Saiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Você não vai ver a gente careca não, porraaaaaaa, saiiiiiiii.

Sargento Lopes começa a rir. Nunca tinha visto ele rindo. Achei que não fosse capaz. Ele me deu uma cotovelada no braço.

— Vamos.

E gritou para o banheiro.

— Ô princesa. Não sei como tu vai se resolver, mas à noite eu volto para te ver. A gente vai ter que comemorar de qualquer jeito.

Saímos da casa rindo. O Sargento foi andando na frente sem perder o sorriso. Estava imerso em pensamentos agradáveis. Mas em pouco tempo sua fisionomia

mudou. O ódio tomou conta das suas feições. A cada passo remoía uma raiva que estava a ponto de explodir.

— Como é que um filho da puta faz isso com três mulheres?... Tem que ser muito covarde mesmo.

Já no meio da rua, depois de mastigar uma por uma, bem devagar, as palavras, demorando-se mais ao pronunciar “mulheres”, “covarde”, o sargento se virou para mim num sobressalto e gritou:

— Anda logo, porra, fecha essa porta!

Quando me voltei para fechar a porta, tive uma das visões mais bonitas da minha vida. Era uma negra, mas com a pele não muito escura. Ela saiu do banheiro para ver se já tínhamos ido embora. Estava com um vestido de malha laranja, suspenso por duas finas alcinhas. O vestido era curto, mostrando bem as suas pernas. Os seios fartos e cintura eram perfeitamente modelados pelo pano laranja. Linda, muito gostosa. Mesmo os cabelos raspados não apagavam a sua beleza. Pelo contrário. O seu nariz fino e os olhos grandes, negros, lhe davam uma beleza exótica como eu nunca tinha visto antes.

Ela ficou parada, encostada na porta, me encarando.

11

— Quem eu começo matando primeiro? A gorda da tua mãe deve fazer muita sujeira.

— Ô doutor. O dinheiro já tá chegando, fica frio.

— Tão demorando muito. Acho que tu tá de sacanagem com a minha cara...

A sala da casa da mãe do He-Man era maior do que a maioria das casas de qualquer favela. Era toda equipada com bugigangas eletrônicas caras de som e vídeo. Tinha até um projetor para a família assistir filmes.

O sargento Lopes estava sentado numa cadeira de ferro e pano, tipo de diretor de cinema. Ele se recostava na parede deixando as pernas da frente da cadeira suspensas no ar.

No centro da sala estava He-Man pelado, ajoelhado com os dois braços nas costas presos por algemas. Eu e outro polícia estávamos com as pistolas apontadas para o traficante.

De frente para o sargento, mas do outro lado da sala, estavam com as mãos para trás, presas uma nas outras com algemas, a mãe, a filha de seis anos e a esposa do He-Man. Olhando por cima as mulheres presas pareciam que

formavam uma flor com três pétalas.

O sargento se levanta impaciente e vai andando lentamente na direção das mulheres.

— Eles já estão chegando, porra! — chora o traficante angustiado.

A porta se abre e entra o polícia que escoltava o irmão do traficante. Eles trazem duas bolsas parecidas com a que nós trouxemos as armas. Se bobear eram as mesmas.

O polícia prende o irmão junto com as mulheres. Agora eles parecem um trevo de quatro folhas. Será que isso significa sorte para alguém? Para eles eu duvido.

O mesmo polícia abre as malas na frente do sargento. Nesse momento eu olhei para o colega na minha frente. Ele não conseguia parar de olhar para dentro das bolsas. Tinha dinheiro à vera. Muita grana. Tudo em notas de cinquenta e de dez.

— Deve ter mais de cem mil aí, agora libera as meninas, pelo amor de deus. Esse era o trato, não era? Puta que o pariu! Fala alguma coisa...

O sargento Lopes continuava andando calado pela sala. Mais do que nunca as sua olheiras estavam escuras, sua expressão sinistra, ameaçadora. Era o conde Drácula em pessoa.

Ele se agacha na frente da filhinha do traficante. Uma menina bonitinha, vestida com uma camisetinha branca, *short* rosa e com um elástico, também rosa, prendendo o cabelo em rabo de cavalo. O traficante chorava murmurando:

— Deixa ela em paz.

O sargento acariciou o rosto da menina e perguntou delicadamente.

— Como é o seu nome, minha filha?

— Alessandra — falou a menina fazendo bico, toda emburrada. — Mas o papai me chama de She-Ra.

— Que bonitinho — comentou o sargento com um sorriso sinistro no rosto.

Foi tudo muito rápido. O sargento pegou todo o rosto da criança com a mão aberta, bateu ele no chão, tirou a pistola do coldre e deu um tiro entre os olhos da menina.

Simplesmente indescritíveis os berros, os gritos que externavam a dor da mãe e do pai. Puta que pariu! Até agora eu não tinha sentido nada. Nada pelos vagabundos. Mas depois dessa, eu me arrependi de ter entrado nessa parada.

O sargento Lopes continuava o seu tranquilo passeio pela sala.

— Você disse que ia fazer o que com a minha noiva? Com a mãe dela?

Nem sei se o traficante tinha condições de ouvir a pergunta. Estava em estado

de choque, chorando compulsivamente.

O sargento parou na frente do He-Man e agarrou o seu rosto com força.

— Responde, seu filho da puta! O que você ia fazer com a família da minha noiva?

O traficante respondeu sem parar de chorar:

— Nada, eu não ia fazer nada... nada.

— Quem deu uma coça na minha mulher? Quem raspou o cabelo dela?

— Não sei... não sei...

— Porra, rapá! Morre que nem homem pelo menos! Assume as merdas que tu fez!

— Mas eu não fiz nada!

— É, tu não fez nada. Só falta dizer que é trabalhador, funcionário do Castelo de Greyskull. Bandido é tudo frouxo mesmo! Puta que pariu!

A piada era sem graça, mas acabei rindo. Serviu para soltar um pouco o nervosismo que estava sentindo. Porra, que tensão!

— Rubens, tira as algemas delas e prende as duas viradas de frente para o He-Man. Elas vão assistir a um espetáculo representado pelo próprio vagabundo.

— E o que eu faço com o irmão dele?

Um tiro, o irmão no chão. O sargento foi tão ágil, que dessa vez eu nem vi ele tirar a pistola do coldre, apontar e atirar no peito do irmão do traficante. Só ouvi um disparo e vi o corpo caído no piso.

— Faz o que eu te mandei.

Entro nessa roubada para dar uma força para a rapaziada e ainda fico ouvindo ordem. É foda!

Faço as vontades do sargento Lopes sem reclamar. Só suspiro balançando a cabeça.

As mulheres não paravam de chorar. Só não era mais aquele protesto escandaloso. Eram apenas soluços. Um choro resignado.

Faço tudo de cabeça baixa, sem olhar nos olhos delas. Não tenho coragem de encará-las.

— Vamos agora ao espetáculo! Peguem duas cadeiras. Prende as mãos do He-Man no pé de uma delas e os pés prende na outra para que ele fique no chão de quatro.

Eu e o colega ficamos parados sem entender direito o que o sargento queria.

— Andem logo! Qual o problema de vocês?

E foi logo fazendo tudo sem esperar a nossa resposta. Colocou a arma na cabeça do traficante.

— Vamos, ô vagabundo filho da puta. Fica aí de quatro no chão.

He-Man, que já estava pelado, de joelhos, se curvou apoiando os cotovelos no chão. Era humilhante.

— Agora vocês põem uma cadeira na frente da mão e do pé dele e prendem ele.

Fizemos como o sargento pediu. O sargento Lopes sentou na cadeira aos pés do traficante.

— Rubens, você senta na outra cadeira... Não, tive uma ideia melhor. Traz elas aqui e prende cada uma delas sentada numa cadeira, viradas para o He-Man.

Prendemos as mulheres prensando o espaldar das cadeiras nos seus peitos. Elas estavam uma de frente para a outra com o traficante de quatro, no chão, entre elas.

O sargento pegou o 38 que tinha me dado. Sorrindo, falou eufórico bem perto dos rostos das mulheres.

— Agora, minhas senhoras divirtam-se porque o espetáculo vai começar!

O urro veio quando o sargento Lopes enfiou o cano do revólver no cu do traficante.

— Gostou? — perguntou o sádico sargento.

O traficante não conseguia controlar a respiração. Bufava, sem parar, ficando quase sem ar.

— Você vai gostar mesmo quando eu apertar o gatilho. O tiro vai provocar uma hemorragia interna que deve te dar umas oito horas de puro orgasmo.

A mãe do traficante desmaiou fazendo com que a cadeira quase virasse. O meu colega correu para segurar a senhora.

— Acorda a velha, ela não pode perder o espetáculo!

O colega deu vários tapas no rosto tentando despertá-la. Pouco a pouco, ela foi dando sinais de que estava acordando. Seus olhos foram se abrindo. Seu rosto parecia que acordava com a esperança de ter sido teletransportada para outro lugar. Ou que tudo não tivesse passado de um grande pesadelo.

Ela abriu os olhos e veio o disparo.

— Vocês podem ir, eu também quero assistir ao *show* — disse o sargento, que estava fascinado com o sofrimento do bandido.

Sem tirar os olhos do traficante em agonia, pegou a cadeira de diretor e sentou de frente para os três.

Em pouco tempo a mãe do traficante voltou a desmaiar. A cadeira tombou para o lado. O sargento não falou nada. Continuou em silêncio admirando cada detalhe da cena.

Antes de fechar a porta da casa às minhas costas pensei: agora não havia mais dúvidas, com certeza é ele: Conde Drácula, quero dizer Conde Lopes, o empalador.

12

O copo de vidro com cachaça até a borda. Fico olhando a cor da bebida. Era amarelada. Não, era alaranjada. Sei lá. O copo em cima de uma mesa branca de ferro. A mesa estava descascando no centro, onde se via a ferrugem marrom. Era bem aí onde estava o copo.

O copo estava bem cheio. A bebida forma um pequeno volume que parecia se equilibrar acima da borda. Junto com o som da pancada metálica, a mesa balança e boa parte da cachaça é derramada.

— Porra! Olha por onde anda, caralho!

— Calma, rapá! O tempo é de paz, não é de guerra — falou o colega polícia que tinha esbarrado na minha mesa.

Ele dançava abraçado numa loira de shortinho *jeans* e *top* vermelho. Os dois nem deram tempo para eu levar a discussão adiante. Saíram rindo alto e continuaram a girar loucamente.

A festa está cheia. O balcão do botequim ficava ao lado da quadra de futebol. Quando a tarde estava caindo, o dono do bar colocou as mesas e cadeiras de ferro em volta das quatro linhas e transformou o lugar numa pista de dança. Embaixo do gol ficavam os pagodeiros cantando e tocado seus instrumentos.

Agarro com raiva o copo de vidro com o que sobrou da minha cachaça. Bebo tudo de um gole só. Que ódio! Eu ia gritar, mas vi de novo aquela miragem.

A morena subiu as escadas que davam para a quadra. Eu observava cada detalhe. O seu jeito de andar, o seu rebolado, a minissaia com camisetinha branca, o seu corpo. Parecia que eu via a cena em câmera lenta. Que filé!

Ela foi direto para o bar. Pegou uma cerveja em lata e ficou apoiada na bancada, vendo o movimento. Para mim, a festa, as pessoas, o pagode, tudo tinha desaparecido, eu só via ela. Será que ela era a Marluci ou a Marina? Se fosse a Marluci, a noiva do sargento Lopes, eu tava fudido. Do jeito que o cara é pancada, pode ficar com ciúmes e me mandar dar uma volta com o Zé Maria. Vai saber?

A morena virou um pouco a cabeça e os nosso olhares se cruzaram. Ela me encarou e também não desviava o olhar. Antes que eu pudesse pensar em me

levantar, ela veio na minha direção. Quando se sentou ao meu lado foi logo falando:

— Então, foi você que salvou a minha vida?

— Eu e os companheiros.

— O que o Humberto fez foi lindo, muito romântico.

Fudeu, é a mulher do cara. Estou reconhecendo a voz.

— Para salvar a minha família, a família da sua noiva, montou uma milícia e tomou o morro.

Por que é que a mulher do sargento veio até aqui ficar dando esse mole para mim? Que roubada!

— A minha irmã, a Marluci, está morrendo de paixão pelo homem! Está histérica, não para de falar. É Humberto para cá, Humberto para lá... Desculpe, eu não me apresentei. Sou Marina, a irmã da famosa noiva.

Glória a Deus. Louvado seja o Senhor. Graças a Deus eu me confundi!

— Eu sou Rubens, polícia da guarnição do famoso noivo.

Ela riu. Um sorriso largo. A boca carnuda, grande, uma delícia.

— A minha irmã falou que já estavam por aí dizendo que iam mudar até o nome da favela. A partir de agora se chamaria morro do Amor. Não é linda a história deles?

Todo esse papo de romantismo só me fez lembrar da Clara. Não respondo à Marina. Só abaixo a minha cabeça, triste.

— O que foi, Rubens?

— Nada.

Um tiro. Me assusto com o barulho e viro a cabeça. Segundos depois, outro. Mesmo vindo de longe, o som do disparo era nítido.

O ódio cresce dentro de mim. Os tiros foram disparados pelo sargento Lopes. Ele continuava dentro da casa do He-Man. Assistindo o traficante agonizar até a morte. Já estava há mais de doze horas lá dentro. Os tiros sinalizavam que o sofrimento do bandido tinha acabado. Ele morreu e em seguida o sargento matou a esposa e a mãe do homem.

Era muito estranho o que eu estava sentindo. Depois de tudo o que eu vi hoje! Esses disparos remexeram dentro do meu espírito. Era ódio misturado com tesão.

Vendo que eu estava abalado, Marina encostou a sua mão no meu braço. O meu pau cresceu na hora. Agarrei ela pelo pescoço e beijei a sua boca com violência.

13

Se uma dúzia de policiais sem nenhum aparato especial, sem a superestrutura do Estado junto com eles, toma um morro inteiro, por que a PM, com seus milhares de soldados, não consegue acabar com o tráfico?

A resposta todo mundo sabe.

— Tá tudo na mão dos políticos. Só tem corrupto filho da puta nessa porra! — disse o sargento. — Até parece que são esses pérapados, pobres e magricelas que nós passamos o ferro que são os caras que ganham dinheiro com essa merda. Porra nenhuma! São eles mesmos, os caras em que a gente vota. Eles ganham milhões!

O sargento Lopes dirigia o seu Gol preto e discursava para mim. Estava eufórico. Desde a tomada do morro, tinha virado outra pessoa. Me tratava como se fôssemos íntimos.

— Se o governador tivesse culhões mesmo, só bastava quatro palavras para acabar com o tráfico no Rio de Janeiro. Ele só tinha que chegar em cada batalhão, bater no peito e dizer: é por minha conta. E aí acabou. Eu aposto tudo o que eu tenho que em uma semana e meia num sobrava um bandido. Mas por que ele não faz isso? Porque ele enche o cu de dinheiro com essa porra, só pode ser! Só que quem vai se fuder no futuro vai ser ele. Ele não, os filhos dele. Daqui a alguns anos essa porra vai virar o caos. Nego na Zona Sul não vai poder nem mais sair de casa. Pode escrever o que eu estou dizendo!

Não tive cabeça ou força de espírito para sair do Morro do Amor e voltar para casa depois da invasão. Passei os últimos dois dias comendo a Marina, tentando relaxar, me desligar do mundo. O sargento estava me tratando como se eu fosse parte da família.

— Aquela grana que tu viu, que a gente pegou dos vagabundos, eu não vou poder dar a tua parte agora não. Aquela grana eu vou precisar para investir na comunidade. Não teve espólio de guerra para ninguém. Já tava combinado assim com todo mundo. Só tu que acabou entrando às pressas que eu estou avisando agora. Eu só paguei aqueles colegas que eu tinha prometido um dinheiro adiantado. Mas não se preocupa não. Pode confiar. Assim que surgir alguma parada tu vai ser o primeiro a receber.

Não falei nada, só acenei com a cabeça. Não sei explicar, mas uma parte dessa grana eu não me sentiria mal em receber.

— Bom, tu já ganhou uma morenaça! Já tá bom para caralho, é ou não é? E

pensar que há poucos dias atrás, tu tava chorando no xadrez pela tua noiva.

Rindo, o sargento Lopes me imita:

— Ó! Meu casamento!... Rubens, meu velho. Quem te viu, quem te vê!

O carro dobrou à esquerda e entrou na rua do batalhão. Estacionamos e fomos direto para o vestiário colocar nossas fardas azuis. Pegamos o armamento e nos encontramos com a nossa guarnição.

Jesus estava de volta.

— Já está curado? — eu pergunto.

— É um milagre — ele responde.

Tinha se recuperado em tempo recorde. Voltou mais cedo para o trabalho e com os dias que ainda tinha direito da sua licença médica, deu uma graninha para o responsável do batalhão e aumentou suas próximas férias.

— É que eu estou planejando fazer uma viagem com a família.

— Porra, tu ainda tá fudido então?

— Essa palavra feia que você disse eu não estou não. Só dói quando eu encosto... me movimento... sento... levanto... ando... fora isso tudo bem.

No pátio, em frente à Blazer, o sargento foi gentil e deixou Jesus sentar na frente.

— Mano, o que é que deu nele? — perguntou Nelson.

— É o amor — eu respondo.

— Amor é a minha pica no teu cu. Se a gente der sorte, eu vou mostrar para vocês como é que se atira em cima de um carro em movimento.

Até a grosseria do sargento parecia mais simpática. Era o amor sim.

O sargento Lopes sentou no meio. Entre Gonzáles e eu. Bem embaixo do teto solar.

A viatura saiu do batalhão. A cada balançada mais forte, os músculos da face de Jesus se contorciam de dor. Ele tentou se distrair sacaneando Gonzáles.

— O que foi contigo, minha criança? Andas tão calado!

— É que ele perdeu uma grana fudida na maquininha de caça-níquel lá perto de casa — respondeu Nelson. — Mano, ele tá puto pra caralho.

— Cala boca — foram as primeiras palavras de Gonzáles no dia.

— Pegou umas cervejinhas, colocou o cigarrinho no canto da boca e ficou o dia inteiro sentado na frente daquela merda. Fala aí mano, quanto tu perdeu para aquela porra?

— O que eu perdi é passado. O que me interessa é o que eu vou ganhar hoje. Tá vendo aquele Honda verde-escuro? É roubado, pode abordar.

Realmente, o carro ficava dando uns trancos e umas freadas bruscas. Devia

ser um carro hidramático e o vagabundo não sabia dirigir aquela porra.

— O veículo é suspeito. Liga a sirene — mandou o sargento.

Nelson ligou a sirene e foi embicando a viatura atrás do Honda. A janela fumê do carona do carro se abriu. Um rapaz branco, com casaco preto e de óculos escuros colocou meio corpo para fora e deu alguns disparos. O Honda arrancou a toda velocidade.

A pista não estava engarrafada, mas tinha bastante carro; mesmo assim o Honda conseguiu pegar uma boa velocidade. Nelson fez tudo para acompanhá-lo. Cortou veículos pela esquerda, curvas na contramão. Do lado dele Jesus suava de dor. Tentava se segurar onde podia. Se fudeu.

O sargento rapidamente abriu a escotilha e ficou de pé com metade do tronco para fora da PATAMO. Ele abaixava e se levantava para poder falar comigo, me ensinando como atirar.

— Isso é como surfe. O segredo para atirar de dentro de um carro em movimento é manter o tórax reto, perpendicular ao chão. Ao contrário das pernas que ficam soltas, acompanhando o movimento do veículo, está vendo?

O sargento colocou o corpo para fora, mas logo voltou para complementar.

— Mais uma coisa importante. Nunca apóie os cotovelos, braços, nada no carro. Nunca. O seu único ponto de apoio com o veículo tem que ser os seus pés. Igual surfe.

O sargento empunhou o fuzil. Mesmo com os bandidos atirando, ele ficou imóvel, esperando o momento certo. Firmou o pulso e apertou o dedo no gatilho.

O tiro entrou pelo vidro de trás do carro, furou o encosto do banco do motorista, entrou pela nuca, arrancando o maxilar do bandido, e quebrou o parabrisa. Perfeito.

Desgovernado, o Honda entrou no matagal próximo à favela conhecida como Castanheira. Por uma manobra mal-sucedida de Nelson, dois bandidos conseguiram abandonar o veículo e fugir subindo o morro.

Paramos a alguns metros do carro porque havia o risco de ter mais gente e efetuarem disparos contra nós. Gonzáles mais que rápido chegou ao veículo e o revistou. Estava limpo.

— Rubens, tira as chaves da ignição para a gente abrir o porta-malas.

Abri a porta do motorista. O corpo com o rombo na nuca estava estirado sobre o volante todo cagado de sangue. Aquela gosma vermelha estava espalhada por todo o painel. Para não encostar no defunto, resolvi dar a volta no carro e pegar a chave pelo lado do carona.

— Coé Rubens, deixa de viadagem e pega logo essa merda!

Abri a porta do carona e dei de cara com aquele rosto sem boca. Pedaços da medula saíam pelo buraco debaixo do nariz. E aquilo pingava sangue bem em cima da chave.

Bom, foda-se. Meti a mão naquela merda e peguei a chave. Fechei a porta e fui entregar para o sargento Lopes que se afastou.

— Abre você. Já tá com a mão suja mesmo.

Abri o porta-malas. Estava vazio, só com uma bolsa de couro. O sargento abriu a bolsa. Tinha os documentos do dono do carro e trinta mil reais.

O sargento colocou a bolsa na viatura e mandou eu fechar o porta-malas.

— Enfia essa chave na ignição e limpa o sangue das maçanetas e trincos que tu botou a mão. O que tu fez foi violação da cena do crime e isso dá cadeia.

Depois de fazer o que o sargento mandou, voltei para a viatura. Ele estava sentado no banco do motorista com o rádio na mão avisando à Maré Zero que procederíamos à delegacia de polícia da área.

14

O dono do carro estava prestando queixa do roubo. Ele estava agitado, não conseguia ficar parado. Enquanto o investigador ia buscar algum formulário, ele se levantava, andava de um lado para o outro. Tinha cabelos encaracolados, vestia calça preta e uma camisa branca com listras pretas fininhas, as mangas arregaçadas até o cotovelo.

Num determinado momento o investigador apontou para nós.

— Foram eles que acharam o seu carro. Aquele ali é o sargento Lopes.

Na primeira oportunidade, o rapaz se aproximou.

— Bom dia, eu me chamo Lourenço, sou o dono do carro que vocês recuperaram.

— O senhor pode ficar tranquilo que não aconteceu nada demais com o carro do senhor. Só vai ter que trocar o estofado e os vidros traseiros e dianteiros. Só isso.

O tal do Lourenço não parava de mexer a cabeça. Chegava até a suar.

— Vocês me desculpem, eu estou um pouco nervoso. Nunca ninguém antes tinha encostado uma arma na minha cara... Desculpem.

Não falamos nada e o rapaz continuou.

— Com certeza foi algum malandro da firma que deu a dica. Eu sou gerente de uma gráfica aqui em Ramos. E justamente hoje, eu levava o dinheiro para

fazer o pagamento para os funcionários da empresa. O patrão sempre varia o dia do pagamento entre o final do mês até o dia cinco para evitar esse tipo de coisa, mas a informação deve ter vazado.

Lourenço estava tão nervoso, que não parava de falar.

— O César é um rapaz esperto, sabe. Bom funcionário, mas me parece muito cheio de ginga, brincadeira. Acho ele um pouco... sei lá. Eu já falei com o inspetor Marcos. Vão chamar ele para depor... Voltando ao assunto, o que eu queria mesmo saber é que a bolsa com o dinheiro do pagamento de todos os funcionários estava dentro do carro. Vocês acharam uma bolsa de couro marrom?

O sargento olhou nos olhos do rapaz e disse na maior cara de pau:

— Infelizmente dois bandidos conseguiram fugir, eles devem ter levado o dinheiro junto.

O rosto de Lourenço ficou da cor da camisa: branco.

— Tô ferrado. Só falta agora o patrão desconfiar de mim. Sargento, é sargento não é? Não fala uma coisa dessas não. Você não tem como recuperar essa bolsa? Para onde os bandidos fugiram?

— Para o morro da Castanheira.

— E não tem como vocês entrarem lá?

— Só se pedir para o comando geral da PM mandar o BOPE para invadir a favela. Lá é barra-pesada.

— E como é que eu faço isso?

— O carro era teu?

— Era.

— E dá para comprar um Honda automático sendo gerente de uma gráfica?

Lourenço fica mais nervoso ainda. Mexe nos cachos negros sem parar.

— Claro que dá porra! O que é que você quer dizer com isso? Eu dei o meu sangue para comprar esse carro. Porra!

E começa a chorar.

— Você tá certo, qualquer um pode pensar isso de mim... Mas eu comprei o carro usado e sempre paguei tudo certinho... Tenho como provar tudo... Essa merda de assalto vai acabar me botando no olho da rua... Que azar!

Ele estava sendo sincero. Dava para sentir. O sargento que era um filho da puta.

Ficamos esperando o R.O. (Registro de Ocorrência). Assinamos e voltamos para a nossa viatura.

Paramos o carro perto de uma lanchonete numa rua deserta. Sentamos na

mesa do fundo. Eu pedi um x-tudo e um refresco. Fui o único que pediu alguma coisa. Os outros só estavam esperando o sargento Lopes chegar com a bolsa de couro marrom.

Ele entrou cumprimentando calorosamente o dono que estava atrás do balcão. Sentou-se conosco e abriu a bolsa. Dividiu o dinheiro em cinco maços iguais de seis mil. Entregou um maço para cada um e dois para mim.

— Toma a sua parte mais o que eu estava te devendo do servicinho que a gente fez junto.

O sargento me deu o que seria a minha parte mais a dele. Não fiz um único movimento para pegar o dinheiro. Fiquei olhando aquilo na minha frente. Levantei os olhos e vi os meus colegas me fulminando de ódio, com medo que eu não entrasse em mais essa jogada.

— Anda! Pega logo essa porra! — ordenou o sargento.

A grana que era o salário de não sei quantos funcionários. Essa não dá para aceitar. Depois de tudo que a gente passa fica até um pouco a sensação que receber esse tipo de grana é legítimo. Porra nenhuma!

— Aí chefia. Não dá não.

— Qual foi? Tu acha que alguém ficou sem o salário do mês? O patrão não pode deixar de pagar os caras. Foda-se. Mesmo tendo sido roubado. O único que pode se fuder mesmo é aquele mané, o gerente. Esse pode até ir em cana.

E começa a rir. Rindo da desgraça do tal Lourenço.

— Sabe o que eu acho? Vou ser sincero com vocês. A população tem mais que se fuder. Ela tem a polícia que merece, num sabe votar. Agora se tu der para trás é tu que vai ficar mal comigo e com os seus colegas. A escolha é tua.

Se o sargento Braga, que era meu amigo de anos quase me manda conversar com Zé Maria, imagina esse cara sinistro aí? Se bobear ele mete uma bala na minha cabeça hoje mesmo.

Sem mexer no dinheiro, me levanto e falo:

— Cada cão lambe a sua caceta. O que vocês fazem é problema de vocês. Com tudo que já aconteceu com a gente, vocês estão tudo de prova que eu nunca abri o bico. Mesmo vendo merda para caralho.

Dou as costas para eles, ando para a entrada da lanchonete e me sento no balcão. Os quatro ficam conversando entre eles. Não consigo escutar o que dizem, mas posso sentir fumaça saindo da cabeça deles. Estraguei o que seria um ótimo final de serviço para a guarnição. Foda-se.

Eles se levantam e o sargento senta do meu lado. Os outros três ficam em pé atrás de mim. Sinto a respiração deles sobre os meus ombros.

— Eu vou levar a tua grana comigo. Tu pensa bem na merda que tu tá fazendo. Eu te dou até o próximo serviço para decidir.

Ele se levanta.

— Mas hoje tu volta de ônibus para o quartel porque eu não quero mais ver a tua cara.

Eles entram na viatura e vão embora. O dono do bar serve o xtudo com refresco. Eu pago, bebo um gole do refresco e me levanto.

— Não vai comer o sanduíche?

— Fica para a próxima.

15

— Clara! Clara!

Eu me segurava no portão da casa para não cair. A luz da janela do apartamento debaixo estava acesa. Acho que estava. Eu não estou enxergando direito. Na verdade, as coisas é que não estão querendo ficar paradas no seu lugar. Fica quieta, janela! Para de se mexer!

Esfrego o meu rosto com as duas mãos. Estou suando, embriagado.

— Clara! Cadê você! Clara!

— Quer parar de gritaria que aqui é uma casa de família!

Um vulto grande tapou a luz da janela. A sua voz rascante e velha era inconfundível.

— Dona Neuza, chama a Clara! Clara!

— Para de escândalo, garoto! Não está vendo que ela não está! Mesmo se tivesse eu não deixaria ela falar contigo! Olha o teu estado!

— Onde ela está?

— Saiu com as amigas.

— Onde ela está?

— Não é da sua conta, agora sai daqui!

Escorado pelo portão, tomei impulso e fui andando pela rua à procura de Clara. Andei alguns metros gritando.

— Clara! Cadê você...

A rua toda girava. Girava muito rápido. Rápido demais. Demais para uma rua, que não deveria girar.

Meu estômago ficou pesado. Encostei numa árvore, botei o dedo na goela e vomitei. Levantei e respirei fundo. Estou bem melhor, mas o calor é grande.

Tiro a camisa.

Vou deitar só um pouquinho com as costas na pedra da calçada. A pedra é fria, assim eu vou me sentir melhor.

Deito e durmo.

16

— Rubens... Rubens...

Vou abrindo os olhos devagar. Onde eu estou? Está tudo fora de foco. A voz macia, a pele branca, as mãos suaves. Será que é um anjo?

— Rubens, você está bem?

Fecho os olhos e abro-os novamente. As coisas ficaram mais nítidas. Era sim um anjo que cuidava de mim. Era Clara.

Tento me levantar, mas ela não deixa.

— Shhh... calma. Você precisa descansar.

— Clara, onde você estava ontem? Eu te procurei por toda parte.

— Eu estava no culto, como faço todas as noites. Você que sumiu por quatro dias! Onde o senhor estava?

Olho em volta com calma, e vejo que estou na casa da dona Neuza. Deitado no sofá da sala com a cabeça em cima das coxas de Clara. Olho para o lado e vejo que a velha senhora está sentada na poltrona de frente para o sofá. Chope dormia aos seus pés.

— Eu também estou curiosa. Onde o senhor estava? — falou a velha, que me encarava com as mãos sobre o joelho e o tronco projetado para fora da cadeira.

Nessa hora que eu senti a ressaca. A voz da dona Neuza me deu uma dor de cabeça como eu nunca tinha sentido antes. Minha cabeça latejava. Eu mal conseguia ficar de olhos abertos.

— O seu celular estava toda hora desligado. Eu fiquei angustiada. Não sabia o que tinha acontecido contigo. Você não pode ficar sem dar notícias!

Clara tenta prender o choro.

— É uma longa história.

— Já vem a enrolação. Escuta aqui rapaz, se não fosse pela Clara essa hora você estaria dormindo na sarjeta! Eu não queria deixar, mas ela insistiu em trazer você para casa. Ela gosta e cuida de você. Ela merece é o mínimo de respeito!

— O meu trabalho é muito duro. A gente vê coisa que até o diabo duvida.

— Por isso mesmo que você não pode deixar a minha filha nesse desespero.

— Me desculpa, Clara. Eu prometo que nunca mais vou sumir. Prometo que nunca mais vou desaparecer. Nunca mais.

— O senhor ainda não contou onde estava.

— Se vocês querem tanto saber, tudo bem. Eu vou contar tudo o que aconteceu com uma condição. Que essa seja a primeira e a última vez que eu faço isso. Eu nunca mais quero que vocês me peçam para contar nada, tudo bem?

— De jeito nenhum! Vai contar agora e sempre!

Larguei a minha cabeça nas coxas da Clara e fechei os olhos soltando um suspiro.

— Mãe, para com isso! Isso já está virando implicância.

— Tá bom!

Dona Neuza levantou a mão direita para cima.

— Eu juro nunca mais encher o teu saco perguntando coisas sobre o teu trabalho. Tá bom? Satisfeito? Agora desembucha — disse a velha, acendendo um cigarro.

Com dificuldade, levantei o meu tronco devagar e sentei ao lado de Clara. Meus músculos estavam muito doloridos. Contei com os mínimos detalhes, os detalhes mais sinistros, tudo sobre a invasão do morro do Titiri. Contei os motivos, a história de amor do sargento, tudo. Só não contei sobre a Marina, é claro.

Quanto mais eu ia avançando, mais se emocionavam. Repugnância, suspense, paixão. Os seus rostos mostravam todo o tipo de sentimento. Até dona Neuza chorou quando eu contei a parte da filha do traficante.

Acabei a história e me joguei de novo sobre as coxas de Clara. Estava exausto. Mas confesso que me sentia bem por ter posto tudo aquilo para fora.

As duas mulheres estavam mudas. Ficaram realmente impressionadas. Clara se curvou e beijou o meu rosto.

— Rubens... desculpa pelo que eu te disse naquele outro dia, antes de você sair de casa. Eu te amo.

17

Estou com medo. Medo da besteira que fiz. Eu devo ser muito burro mesmo. Podia ter aceitado o dinheiro. Se tivesse pegado a grana, essa hora eu estaria curtindo uma viagem com a Clara, estaria numa boa. Agora não. Fico aqui, com

cagaço de voltar para o quartel e levar um tiro nas costas. “Ferido durante o combate”, meus colegas possivelmente diriam isso no batalhão.

Não, hoje não.

Peço para Clara ir à casa da dona Lurdinha e ligar para o quartel. Pedir uma licença médica. Dizer que eu estou de cama, com febre. O que não deixa de ser verdade. Hoje eu não consegui sair da cama. Estou quente, suando. Tudo isso é medo. Não dos bandidos. Da polícia.

Dois dias depois eu acordo melhor. Eu tenho que pensar num jeito de resolver essa situação. Não sei como. Quando sairmos do quartel, meus colegas podem tentar me matar. Vou falar com o comandante. Não, vai ser pior. Acho que até lá eu penso em alguma coisa.

No batalhão tudo parece normal. Coloco minha farda e vou direto para a RUMB. Armandinho está organizando o armamento e sorri quando me vê. Termina de guardar um fuzil e logo se dirige na minha direção. Apoia os dois braços no gradeado que nos separa. O seu riso é cheio de marra.

— Faz muito tempo que o senhor não faz aquela contribuição, não é?

— Que engraçado, eu estava pensando nisso agora mesmo.

O quartilheiro solta um sorriso escroto.

— O senhor sabe que mesmo com toda aquela confusão eu gosto do senhor. Sabia?

— Que surpresa.

— Quem está precisando de quem agora?

— Por que você acha que eu estou precisando de você, Armandinho?

— Não sei. Foi só um palpite.

Armandinho vai até o fundo do depósito. Traz com ele um fuzil 7.62 e quatro carregadores.

— Vamos fazer um negócio. Eu te arranjo essa munição e depois o senhor volta a pagar aquele guaraná, mais um extra pelo o que eu estou te adiantando. Combinado?

Pego o armamento sem dizer nada e dou as costas para a reserva. Ouço Armandinho rindo às minhas costas. Filho da puta!

Abro a porta do pátio e logo me sinto ridículo. Todos estão com armamentos leves. Só eu estava armado até os dentes. Na verdade o sargento Lopes também tinha um fuzil, mas ele não desgruda do seu fuzil.

Ficamos um tempo parados olhando uns para os outros. Jesus, Nelson e Gonzáles viraram o rosto tentando prender o riso.

— Atrasado de novo — disse sério o sargento Lopes. — Da última vez

ficamos te esperando e acabou que tu nem apareceu! E vem cá, tu não foi informado que hoje apenas vamos fazer um patrulhamento de rotina?

— Ele deve ter tido alucinações quando estava de caminha, de febrinha. Deve achar agora que é o Rambo!

Eu fiquei calado. Com os olhos injetados de sangue, encarava cada um dos meus colegas.

— Gonzáles, deixa de pilha e entra no carro.

— Sim, senhor.

— Todos vocês. Rubens, você vai na frente.

Fiquei um tempo em pé sem saber o que fazer. Se sairmos do batalhão, estou fodido. Não tinha como fugir. Será que o covarde me daria um tiro na cabeça dentro da viatura? Pouco provável, a sujeira seria grande demais. O que será que eles estão tramando?

Sentei no banco do carona. Todos entraram na Blazer e fecharam as portas. Tô fodido. Tive vontade de abrir a porta e sair correndo. Seria humilhante, mas era a atitude mais inteligente. Não tive coragem. Que merda.

A PATAMO começa a andar devagar pelo pátio. Estão todos calados. Nem o Gonzáles resolveu fazer outra brincadeira. Mau sinal.

Na saída do batalhão, um homem se coloca na frente da viatura. É um oficial. Ele faz sinal para pararmos.

— Todo mundo para fora. Tá tudo preso.

Faz sinal para alguns soldados que o acompanhavam.

— Leva todos esses vagabundos para o xadrez.

Devem ter descoberto que o sargento Lopes embolsou a grana do pagamento daqueles funcionários. A merda era que eu estava sendo levado junto. Não peguei a grana e ainda vou me fuder por isso. Fudido por fudido, de repente eu estou melhor agora do que poucos minutos atrás.

18

Aqui eles não podem me matar. Será que podem? Se o caso foi descoberto, podem estar desconfiando de mim. Achando que eu abri o bico para me salvar.

Estou sentado sozinho, no canto da cela. Do outro lado, os quatro conversam entre si. Falam baixo, de modo que eu não ouça o que eles estão falando. Mas volta e meia olham na minha direção. Olham com cara feia, como se estivessem se preparando para atacar.

O que será que estão planejando?

Me matar dentro da prisão do quartel é difícil. Seriam indiciados por homicídio e expulsos da corporação. Por outro lado, não aconteceria muita coisa se me enchessem de porrada.

Fico em alerta. Analisando cada movimento de Nelson, Gonzáles, Jesus e do sargento Lopes.

O tempo passa, escurece. Eles não saem do outro canto da cela.

Já é tarde da noite. Não posso dormir. Tenho medo do que possa acontecer. Meus olhos querem fechar. Mas eu forço. Tento me manter acordado.

Eles dormem, cada um no seu catre.

Está amanhecendo. Consegui me manter acordado.

Um policial traz a refeição. A comida me dá força para continuar. Mas quantos dias eu vou ter que ficar sem dormir? Por que eles ainda não tomaram nenhuma atitude? O que esses caras querem?

Eles continuam do outro lado da cela. Juntos. Tramando alguma coisa. Seus olhares não revelam o que pretendem fazer. Só transmitem ódio. Estão vermelhos, cheios de raiva.

A noite chega. Eu não estou mais aguentando ficar acordado. Meus olhos se fecham... Eu abro. Se fecham de novo... Faço um esforço para se abrirem. Se fecham...

Ouço passos. Mais passos. Abro os olhos. Vejo pernas andando de um lado para o outro.

Já é de manhã.

Que merda! Eu não devo ter aguentado e dormi.

Eles se movimentam pela cela, mas sempre mantendo distância de mim. Agora nenhum deles olha na minha direção. Aquela movimentação vai me deixando angustiado. Podem partir para cima de mim a qualquer momento.

Não param de andar.

Cada passo vai me deixando cada vez mais nervoso. Um vai para um lado, outro vai para o outro. Parem, porra! O que será que eles querem? Me deixar maluco?

Fecho os olhos e coloco a cabeça entre os joelhos em posição fetal. Tenho a esperança de assim me livrar daquela tortura.

Sinto um calor perto da minha cabeça. Alguma coisa perto de mim. Abro os olhos e vejo dois coturnos bem na minha frente. Olho para cima. É o sargento Lopes. Fudeu.

— Isso não é jeito de um soldado ficar. Levanta, Rubens!

Me levantei e fiquei cara a cara com o sargento.

— Tu é sujeito homem. Eu admiro pessoas assim. Cheguei até a desconfiar de tu. Achei que tu tinha falado mais do que devia. Mas não. Tu ficou na tua.

Graças a Deus! Mas eu tinha ficado tão tenso, que mesmo agora não consegui relaxar.

— Esta manhã me chamaram para depor. Nego trancou a gente aqui por causa da merda que aconteceu no dia que tu amarelou e não veio pro serviço.

Mesmo assim, o sargento não consegue deixar de ser escroto.

— Mas que merda foi essa?

— Sei lá, irmão. Só sei que tá todo mundo preso. Só isso.

— Como o senhor não sabe?

— A parada foi o seguinte: estávamos na Rua Sabrina e veio um carro importado. Tu sabe que ali é um local onde tem muitos assaltos. Desconfiamos do carro e mandamos que ele parasse. Desceu um rapaz que disse ser filho de um juiz. Tu sabe como é, eles dizem de tudo para sair do flagrante.

— E aí?

— E aí que embaixo do painel havia cocaína escondida.

— Chefe, o senhor levou pra dura um papelote de cocaína?

— Um papelote não irmão, nove.

— Nove papelotes?

— Não. Nove quilos.

— Porra! Isso tudo?

— E o safado ainda ofereceu dinheiro — disse o sargento.

Parei e pensei.

— Deve ser isto, ele deve ter dito que o senhor o extorquiu.

— Só se for isso.

— Então não sei o que eu estou fazendo aqui, chefe. O senhor sabe que eu não trabalhei nesse dia.

— Fica tranquilo quando o oficial chegar, peço para me levar ao coronel e digo que tu não estava de serviço.

O sargento Lopes se afasta. Volta a sentar no seu canto e fica calado olhando para o infinito.

Eu estou exausto. Pareço um zumbi. Arrasto meus pés até os catres, do outro lado da cela. Paro na frente de Nelson, Gonzáles e Jesus que estão de pé perto das grades e desabo no colchonete. Adormeci na hora.

19

Mesmo depois de o sargento ter falado com o coronel que eu não estava de serviço no referido dia, me mantiveram detido sob o pretexto de que eu tinha ido embora sem autorização. Eu não tinha nem comparecido ao serviço, quanto mais ido embora. Impossível argumentar.

Fiquei preso e incomunicável por mais vinte dias. Até que me chamaram para depor perante a juíza.

— Como foi a ação de prisão? — ela me perguntou.

— Eu não participei. Tinha sido dispensado do serviço.

— O senhor foi dispensado por quê?

— Não me sentia bem, excelência.

— O senhor não sabe de nada?

— Nada.

— Pode ir, senhor. Seu depoimento não é mais necessário.

O que será que ela temia que eu soubesse?

Voltei para a cela sem saber o que aconteceria comigo. Se ia continuar detido, se seria solto. Acabei dormindo mais uma noite no xadrez.

Pela manhã, um oficial apareceu no corredor.

— Rubens, levanta. Tu tá liberado.

Quando eu ia sair, o sargento Lopes segurou o meu braço.

— Eu não sei mais quanto tempo a gente vai ficar preso. Eu queria te pedir um favor. Vai lá no morro do Amor, dá notícias minhas para a Marluci. Explica o que aconteceu. Devem estar morrendo de preocupação. Ficar esse tempo todo sem saber o que aconteceu comigo. Sabe como é mulher.

— Aí, fala com a minha esposa também — pede Gonzáles.

— Com a minha também, mano — pede Nelson.

— Meu filho, se tu puder quebrar essa pro parceiro também — pede Jesus.

Agora todos me olham como se fossem meus amigões. Fico um tempo olhando para aqueles sorrisos.

— Pau no cu de vocês todos. Vou falar é porra nenhuma!

20

Toco na casa de dona Neuza. Ninguém atende. Ainda bem. Não estou me sentindo bem para encarar a Clara. Ela deve estar decepcionada comigo. Mas

não é culpa minha. O que eu podia ter feito?

Dou meia volta. Me viro para tocar mais uma vez a campainha, mas desisto. Desço a rua devagar, quando ouço me chamarem.

— Rubens, querido!

Viro a cabeça e me surpreendo com o que vejo. Dona Neuza!

Ela vem correndo na minha direção. Até o Chope corre junto. Balançando o rabinho e tudo. Dona Neuza põe as mãos no meu rosto e beija várias vezes a minha bochecha. Fico parado sem reação. Até um pouco enojado com a lambuzeira que ela está fazendo na minha cara.

— Meu filho! Eu estava tão preocupada! Que bom te ver! Que bom que nada de grave aconteceu contigo. Deus que me perdoe, mas nessas horas a gente pensa em cada besteira!

Eu não estou entendendo nada, mas tudo bem.

— Foi só um mal-entendido. Mesmo assim, eles me deixaram esse tempo todo detido no quartel.

— Mas nós ligamos várias vezes para o batalhão. Eles não deram nenhuma informação!

Muito estranho isso. Na hora eu me lembrei da pergunta da juíza “O senhor não sabe de nada?” Ainda não entendi o que realmente aconteceu com a minha guarnição.

Dona Neuza ficou séria. Mudou a expressão num piscar de olhos.

— Você não está mentindo para mim, está?

— Eu posso provar.

Na verdade eu não tenho tanta certeza que eu posso provar alguma coisa. Depois que dona Neuza me disse que não deram nenhuma informação quando ligaram para o quartel, qualquer coisa é possível.

Com a mesma velocidade ela voltou a ficar amigável.

— O que importa é que você está bem.

— Por algum motivo parece que eles não quiseram divulgar o ocorrido. Deve ser por isso que a senhora não recebeu nenhuma informação.

— Eu já disse. O que importa é que você está aqui. Vem cá que eu quero te fazer uma surpresa.

Eu fui seguindo dona Neuza. O Chope veio junto, pulando feliz em cima da minha perna. Se eu achava que o que aconteceu no quartel era estranho, isso aqui é absolutamente bizarro. De uma hora para outra a bruxa velha e seu fiel cachorro me amavam.

— Eu tentei falar com a Clara, mas ela não estava muito para conversas esses

dias. Coisas de mulher, daqui a pouco você vai entender. É que desde que o meu Serginho morreu esse prédio tem ficado tão triste.

Enquanto dona Neuza falava, fomos subindo as escadas que davam para o apartamento do falecido sargento Sérgio Braga.

— Eu pensei que agora, depois de tudo, seria tão bom ter vocês morando aqui.

— Deixa eu entender. A senhora quer que eu venha morar aqui com a Clara?

— Uma família sempre ilumina o lugar.

Dona Neuza abriu a porta do apartamento. Eu sabia que a velha estava de sacanagem com a minha cara. O lugar estava sinistro. Além do ambiente ser pesado, ainda tinha marcas de sangue no chão e nos móveis.

— O apartamento não é ótimo? O que você acha?

— Acho que a gente tem que conversar melhor sobre o assunto.

— Que conversar que nada. Você ama a Clara, ela te ama, é isso que importa.

21

Por incrível que pareça, eu estava na casa da dona Neuza tomando cafezinho e conversando como se fôssemos velhos amigos.

— Tudo bem que o apartamento precisa de uma pinturinha, mas isso é o de menos.

O apartamento precisa é de um descarrego. Um pai de santo para tirar tudo de ruim que tem lá dentro.

— Tá bom de açúcar?

— Está ótimo, dona Neuza. Muito obrigado.

Eu não sei o que poderia acontecer para essa situação ficar mais estranha.

Ouço o som da maçaneta girando. Deve ser a Clara. Me levanto para recebê-la. A porta se abre. É ela. O cabelo caído na testa, os olhos negros, os lábios finos. Ela é linda. Quando me vê, o seu rosto se fecha.

— Sai daqui! Sai daqui!

— Clara... não foi minha culpa...

— Sai daqui!

— Clara... eu fiquei preso no quartel... Clara, me escuta.

— É mentira!

— Ele diz que pode provar — até dona Neuza tenta interceder ao meu favor.

Clara cai de joelhos no chão, chorando. Vou até ela e a abraço.

— Você prometeu que nunca mais ia sumir.

— Eu sei. Eu não pude fazer nada.

— Eu que não sei se consigo viver assim.

Dona Neuza se meteu entre nós dois. Amparava a filha:

— Clara, minha filha, agora você tem que ser forte. Tem que pensar na criança.

— Que criança? — eu pergunto.

Clara não presta atenção nem em mim, nem em dona Neuza. Continua falando como se nós não tivéssemos dito nada:

— Eu não sabia se você tinha me abandonado. Se você tinha morrido. Logo agora...

— Que criança, Clara? — eu insisto.

— Clara, vai se acostumando, polícia é assim mesmo. Criança sem pai é que não pode.

— Clara, olha para mim. Que criança é essa?

— Rubens, será que você ainda não entendeu? Eu estou grávida.

22

— Esses caras é que têm o poder, Rubens. Um dia eu também vou ter essa moral toda. A gente vai ter essa moral toda.

De charuto na mão, Alfredo falava balançando a cabeça pra baixo, marcando o ritmo das palavras com o seu nariz pontudo curvado para frente. Encheu o meu copo de cerveja e continuou:

— Sabe a juíza que te interrogou? Olha que cara de pau. O rapaz no carro importado que o Lopes e seus colegas pegaram com a cocaína era o irmão dela. Da mesma mulher. Nem para pedir para um amigo fazer o serviço sujo ela pediu. Foi lá na cara de pau e resolveu a parada. Agora você vê como a corporação nos trata como se fôssemos merda. Fuderam a vida de quatro homens para ficar bem com a juíza.

Alfredo me contou que a juíza sentenciou que os policiais haviam plantado as provas no carro do elemento (leiam: seu irmão), e ordenou a prisão deles por associação ao trafico, perjúrio, tráfico e tentativa de homicídio, já que o réu disse que eles executaram disparos de arma de fogo contra ele.

— Rubens, enquadraram os caras em tudo que eles tinha direito. Conclusão: quatro anos e meio para cada um de cadeia em regime fechado e perda de

função. Escuta bem: estão expulsos da polícia! Isto tudo porque, segundo a juíza, eles eram um grande perigo para a sociedade. Revoltante, não é?

— Então a Marluci já está sabendo de tudo?

— Porra, nem me fala. Ela ficou como? Arrasada. Tá mal a vera.

— É que no quartel eles não tavam dando informação sobre o nosso paradeiro. Eu vim avisar para ela que o sargento Lopes estava vivo, estava bem. Bem não... você entendeu, não é?

Eu acabei indo no morro do Amor para falar com a Marluci, exatamente como o sargento Lopes me pediu. Talvez essa história de gravidez da Clara tenha me deixado um pouco sentimental, quem sabe. Às vezes a gente precisa mentir para si mesmo.

— Mas tu já saiu há algum tempinho do Regime Disciplinar, não saiu?

— Eu deveria ter vindo aqui antes.

— Sem grilo. A Marluci já sabia de tudo desde o primeiro dia da detenção. Eu tô ficando um cara bem relacionado. Consegui algumas informações privilegiadas no seu batalhão. Eu tô foda, rapá. Ninguém me segura.

Alfredo começou a rir.

— E como vai o morro? Vagabundo tentou retomar o comando?

— Que nada. Aqui tá na maior paz. A comunidade nos adora. A gente presta vários serviços por preços bem abaixo do mercado. Na mão do comando é mais barato. Sabe como é que é, não sabe? Com essa grana tá dando para investir em obras de infraestrutura. Tá achando que é pouca merda? Essa parada é igual a ser prefeito.

— Pô legal. E a Marina, sabe dela?

Na verdade era só isso que me interessava: Marina. É por isso que eu vim até aqui. Queria vê-la pela última vez.

— Continua gostosa como sempre. Que mulata! Puta que o pariu! Essa é pra casar.

— Ela tá por aí?

— Eu não sei. Acho que ela saiu. Não sei. Mas com certeza ela deve aparecer no pagode hoje à noite. Tu vai ficar por aqui?

E agora? Caralho, eu combinei de sair com a Clara.

23

— Onde é que você foi hoje à tarde? — me pergunta Clara.

— Fui ver os preços das tintas.

— Encontrou algum lugar barato?

— Lá na Baixada tem uns preços bom.

— Na Baixada?

— É, eu acabei indo até lá, mas aqui a gente encontra por quase a mesma coisa.

Eu resolvi esquecer a Marina. Pelo menos por enquanto. Talvez para sempre. Só sei que quero ficar do lado da Clara. Só isso. É ela que importa para mim.

— Tô tendo que pechinchar, Clara. Esse teu primo pedreiro que tu arranjou para reformar o apartamento está acabando com todas as minhas economias.

— O Josias é um bom profissional. O coitado também está desempregado. Pelo menos a gente dá uma ajudinha pra ele nesse momento difícil.

— Maior pinguço! Por que você acha que ele vive desempregado?

— Ele tá tomando jeito. Você não viu a bronca que a minha mãe deu nele. Ele respeita muito ela.

— Essa história de mudança, eu não tô me sentido muito bem... Não sei não, Clara... Você não acha um pouco sinistro o apartamento do seu irmão?

— Um pouco? É muito sinistro.

— Então por que você quer se mudar para lá?

— Eu quero ficar contigo, mas não quero ficar longe da mamãe. Ela precisa se cuidar. Precisa ir no médico.

Aqueles caroços nos seios da dona Neuza também eram sinistros.

— E por que ela não vai ao médico?

— Você já conhece a minha mãe. Cabeça-dura do jeito que é. Ela não vai é nunca.

— Deixa comigo. Eu levo ela no médico.

— Você, duvido.

24

Logo que amanheceu, fui com a Clara no hospital público da região. Por sorte, havia uma desistência e o clínico podia nos atender na parte da tarde.

Almoçamos lá por perto.

— Tá bom, você marcou a consulta. Agora como é que você vai conseguir levar a minha mãe até o hospital?

— De táxi.

— Táxi, Rubens, tá maluco?

Entramos no táxi e fomos até a casa da dona Neuza. Pedi para o motorista esperar.

Antes de entrar na casa da velha senhora, subi para conferir como estava indo a obra. Estava parada. Não tinha ninguém. A casa estava vazia.

— Tá vendo, Clara? Esse teu primo, o Josias, nem veio para o serviço hoje.

— Vai ver ele foi comprar material.

— Me engana que eu gosto. Foda-se, depois a gente resolve essa parada.

Atrás de Clara, entrei na casa de dona Neuza. Ela estava sentada na poltrona, de lado para nós, com os olhos grudados na televisão. A visão de perfil do corpo da velha senhora era bem estranha. O vestido moldava duas saliências em cada lado do peito, uma em cima da outra. Parecia que dona Neuza tinha quatro seios.

Ao nos ver, se levantou, mesmo depois de insistirmos para ela continuar sentada. Beijou Clara no rosto e me cumprimentou com um aperto de mão. Chope pulou para cima da gente, querendo brincar. Dona Neuza o repreendeu e ele voltou para debaixo do sofá.

— A gente veio levar a senhora para uma consulta no médico.

Clara se surpreendeu com a minha objetividade. Acho que ela esperava que eu fosse amaciar a velha antes.

Dona Neuza soltou um sorrisinho que se transformou num princípio de tosse, cheia de pigarro. Ainda um pouco engasgada, falou com sua voz rascante.

— Mas quem disse que eu quero ir?

— Eu vim para levar a senhora de qualquer jeito — eu disse.

Ela se esparramou na poltrona e acendeu um cigarro.

— E quem é você para decidir o que eu vou fazer ou deixar de fazer? Você não é meu parente. Nem casado com a minha filha você é.

— Vou aproveitar o momento — interrompeu Clara — para deixar bem claro que eu não vou casar com filho no colo. Então o senhor trate de tomar as providências necessárias para a gente casar antes do nosso filho nascer.

— Clara, depois a gente trata disso.

— Depois?! A gente tem que resolver isso é agora! Depois de levar a mamãe no hospital, você já passa no cartório.

— Hospital! Eu não entro em hospital nem morta.

Chope começou a rosnar e latir. Eu tentei dizer alguma coisa para controlar a situação, mas as duas estavam histéricas. Berravam falando ao mesmo tempo. Parecia samba de crioulo doido. Cada um falando de uma coisa diferente.

Eu comecei a ficar maluco. Num ato de puro impulso, me curvei sobre a

poltrona e peguei dona Neuza no colo. Assustada, ela se debateu, tentando se soltar.

— Jesus do céu! O que é isso?

— Chega de conversa, vamos para o carro.

A rua toda viu eu colocando aquela senhora esperneando dentro do táxi. Durante a viagem, ela me xingou com todas as suas forças. Próximo ao hospital, ela foi se acalmando. Parecia resignada.

Saímos do táxi e dona Neuza era outra pessoa. Entrou no hospital na nossa frente e se dirigiu para o balcão de atendimento sem reclamar.

— Parece que tenho uma consulta marcada em meu nome.

— Me empresta a identidade da senhora, por favor.

Dona Neuza se virou para mim.

— Vocês trouxeram meus documentos?

Na pressa eu nem tinha pensado nisso. Mas Clara remexeu sua bolsa e perguntou para a atendente:

— Serve xerox?

Depois de resolvido os problemas na recepção, nos sentamos em cadeiras no corredor aguardando o atendimento. Desde que entramos no hospital, segui dona Neuza sem dizer uma palavra. Era ela que nos conduzia. Eu estava fascinado com sua repentina mudança de comportamento.

— O que é que você está olhando? — ela me perguntou. — Você acha que eu vou fazer escândalo na frente de estranhos?

Passaram-se vinte minutos. Permanecemos o tempo todo calados. Dona Neuza apoia sua mão na coxa da filha.

— Você pode ir lá fora comprar um maço de cigarros para mim. Acabei esquecendo — olhando para mim, deu ênfase ao falar essa palavra — o meu em casa.

— Mamãe, por favor, a gente tá dentro do hospital.

— Eu agradeceria se vocês parassem de me tratar como se eu fosse criança. Se você não for, vou eu.

— Deixa que eu compro — falei já me levantando.

Deu tempo de dona Neuza fumar três cigarros na varanda antes de sermos atendidos pelo médico. Ele a examinou e mandou que realizasse diversos exames, inclusive uma biópsia, já que a doença estava visivelmente em fase avançada.

Semanas depois, voltamos com os exames. A resposta todos nós sabíamos. Estava na cara, era câncer.

CORRUPCÃO NÃO TEM PATENTE

1

Depois de tudo o que aconteceu comigo no batalhão, meses após meu requerimento, finalmente saiu a minha transferência. Tive quarenta e oito horas de trânsito, ou seja, tempo para reunir os meus documentos e pertences.

Dois dias depois, me apresentei na nova unidade. Logo tive uma boa impressão. Ouvi dos novos companheiros que o comandante era braço de ferro contra a vagabundagem. Fiquei muito feliz.

No meu primeiro dia trabalhei em uma radiopatrulha de setor, foi um dia calmo embora de pouco papo. Já que meu parceiro era novo e não nos conhecíamos direito, é regra: quem pouco fala não joga conversa fora. E foi seguida à risca. O máximo que fiquei sabendo era que ele se chamava Dorival, mas era conhecido mesmo por Dodô. Ele também não soube muito mais coisas além do meu nome.

O novo quartel podia parecer ótimo, o problema era que se situava numa área de alta periculosidade.

Com o tempo, eu e meu novo parceiro fomos nos abrindo mais. De cara, ele foi logo me alertando:

— Vir fardado para o quartel, nem pensar! Tem que levar a roupa numa sacolinha, numa bolsa fechada. Tem muito vagabundo solto nessa região. Se nego vê que tu é polícia, tá fudido. Tu tem carro?

— Só uma coleção de Ferrari de brinquedo.

— Então tá na merda que nem eu. Ônibus é foda, tu fica desprotegido. A bandidagem toca o terror. Eu não gosto nem de falar nessas coisas.

Indignado, Dodô me contava dos polícias que foram assassinados depois do serviço, na volta para casa. Alguns ele só conhecia de vista, mas outros tinham sido seus parceiros.

Tinha história de tudo quanto é tipo. De policiais que reagiram a assaltos, até execuções friamente premeditadas. Mas o mais marcante era que na maioria dos casos a vítima não tinha carro. O coletivo tinha uma presença marcante nos crimes. Ou os policiais estavam entrando, ou estavam saindo, ou estavam dentro do ônibus quando foram abatidos.

— Então o segredo é comprar um carro — eu falei brincando.

Dodô mal riu da minha piadinha sem graça. Virou para o lado e se calou. Provavelmente, a imagem dos seus colegas assassinados ainda era viva na sua mente.

Mesmo achando aquela história toda um pouco exagerada, resolvi não arriscar. Depois do serviço, tomei um banho e escondi minha farda azul no fundo da mochila. Coloquei minha arma particular na cintura e fui para o ponto de ônibus.

Eu sabia que muitos policiais pegavam o ônibus naquele ponto. Mas como eu era novo no quartel, não sabia reconhecer de vista quem era polícia.

O coletivo demorava a chegar e eu ficava cada vez mais impaciente. Olhava de um lado para o outro, desconfiado. Comecei a perceber que dois moreninhos e um loiro gordinho, que devia ter mais de quarenta anos, me observavam também. O desconforto crescia à medida que o ônibus não chegava.

Sem nenhum motivo aparente, o loiro gordinho começou a andar na minha direção. Eu fixei o meu olhar nele, mas não queria perder os outros de vista. Botei a mão na minha pistola e no mesmo momento, o ônibus chegou. O gordinho passou reto e ficou plantado bem atrás de mim como se estivesse na fila para pegar o coletivo. Podia sentir a sua respiração na minha nuca.

Fiquei sem saber o que fazer! Queria virar para trás e render o desgraçado. E se não fosse nada? E se tudo isso fosse só paranoia minha? Saí de onde estava e fui para trás do último da fila. O loiro não se mexeu, continuou no mesmo lugar. Melhor assim. Provavelmente tudo não passou de um susto.

Mas eu não estava relaxado. Ainda sentia que alguma coisa podia acontecer. Continuei de olho no gordinho. Quando ele subiu no ônibus eu tive a certeza! Bandido filho da puta! Vi preso na sua cintura uma pistola prateada!

O que fazer? Eu não posso render o safado dentro do coletivo. Um tiroteio no ônibus pode matar uma quantidade grande de inocentes. Eu tenho que pensar melhor no que fazer.

O gordinho safado sentou num dos bancos da frente, bem próximo da roleta. A fila para entrar era grande, mas como o ônibus veio vazio, ainda sobravam alguns lugares para se sentar. Passei pelo loiro e sentei no fundo para não levantar nenhuma suspeita. Assim que o gordinho saltasse eu iria atrás.

Foi só o ônibus andar alguns metros e o imprevisto aconteceu. Um dos moreninhos que eu tinha desconfiado no ponto se levantou e apontou a arma para mim:

— Jogo rápido! É só todo mundo aí passar dinheiro, celular, anel, tudo que

tiver de valor que nada vai...

Antes do vagabundo terminar a frase, o loiro gordinho levantou com mais uns outros vinte passageiros. Todos tiraram revólveres e pistolas da cintura e apontaram para o assaltante. Automaticamente, eu também saquei minha pistola e entrei na bagunça. Aí foi todo mundo gritando ao mesmo tempo:

— Polícia!

— Tá fudido, filho da puta!

— Larga a arma!

Que azar do bandido! O infeliz foi assaltar um ônibus cheio de polícia! Vendo aquelas armas todas apontadas para sua cabeça, o coitado, começou a entrar em pânico e chorar:

— Por favor, não me mata!

O gordinho loiro logo tomou o controle da situação:

— Larga a merda dessa arma!

O bandido obedeceu e jogou a arma no banco à sua direita.

— Ô chefia, por favor, eu juro...

— Cala a boca, vagabundo, e deita no chão!

— Por favor, me leva para delegacia!

— Deita na porra do chão com a mão na cabeça!

Era visível nos olhos de todos os polícias do ônibus o ódio que eles queriam descontar em cima daquele vagabundo. Liberar toda paranoia, todo o medo, apertando o gatilho e atirando contra o bandido que, em outra ocasião, poderia ter tirado as suas vidas.

Foi só o vagabundo deitar no chão que começou a chuva de tiros. Eu também atirava. E atirava com prazer! Toda a tensão que apertava o meu peito no ponto de ônibus foi liberada com aqueles nove tiros que eu dei naquele infeliz.

O bandido ficou tão esburacado, que parecia um queijo suíço. Era impossível levá-lo para o pronto-socorro. Não dava como esconder que aquilo tinha sido uma execução.

Levamos o ônibus para uma vala perto de uma favela e jogamos o corpo. Se encontrado, pensariam que tinha sido morto por traficantes.

Depois o ônibus seguiu o seu trajeto normal. O gordinho loiro, que durante a confusão descobri que era sargento e se chamava Zaqueu, se ofereceu para falar com a direção da companhia de ônibus. Ele não podia deixar que os funcionários prestassem ocorrência do caso. Ainda recolheu uma graninha de todos os polícias para consertar o piso do ônibus que ficou todo furado.

2

Eu não queria passar de novo pela sensação ruim no ponto de ônibus. Nunca mais! Botei na minha cabeça que eu tinha que comprar um carro de qualquer jeito. Nunca mais também é exagero. Pelas vias consideradas legais, ia demorar um pouco até que eu conseguisse juntar dinheiro para comprar um carro.

Tempo livre é o que não falta. Como a escala de trabalho é de a cada doze horas trabalhadas, quarenta e oito de folga, dava tranquilamente para arranjar um emprego nos meus tempos livres. Mesmo sendo ilegal, essa prática eu considero honesta. Pelo menos eu estaria trabalhando, não roubando.

E não era só pelo carro. Eu agora tenho uma família. Em alguns meses o meu filho tá nascendo e Clara fica insistindo que quer casar logo. O dinheiro da polícia até que é suficiente para um homem solteiro, mas para sustentar mulher e filho é impossível.

Por intermédio de alguns contatos dentro do próprio quartel, arranjei um trabalho de segurança para uma firma privada.

Depois de um rápido treinamento, com a duração de apenas uma tarde, fui para o meu primeiro dia de trabalho como segurança de um banco no centro da cidade.

Com certeza é o trabalho mais chato do mundo! Não existe nada mais entediante e cansativo do que ficar oito horas por dia, em pé, sem fazer absolutamente nada.

3

Mesmo com as obras ainda no começo, eu já tinha me mudado para o antigo apartamento do sargento Braga. Como eu só chegava à noite e Clara passava o dia na casa da mãe, deu para improvisarmos uma cama e começarmos nossa vida de casado dentro desse apartamento todo quebrado.

— Casado não! Namorados — dizia Clara. — Casado só quando a gente assinar os papéis.

Ela não deixava de estar certa. Na verdade, eu não sei por que eu estava enrolando tanto em casar com Clara. Não sei se era o medo de marcar e não poder cumprir, como da última vez. Acho que no fundo eu estava mais romântico. Eu só queria casar quando pudesse ter certeza que poderia sustentar minha família com dignidade. Mas isso era besteira. Clara já estava grávida. Eu

já tinha um compromisso moral com ela.

— Mas então, por que não formaliza logo, meu Deus! Você me prometeu que eu não iria casar de neném no colo!

Clara falava e eu respondia que estava providenciando os papéis. O que não deixava de ser verdade.

Dentro da nossa casa, eu não queria ficar com nada que era do falecido. Por isso todos os eletrônicos, televisão, tudo de valor tinha sido distribuído entre dona Neuza, sua irmã do interior, tia Nilce, e o resto da família. O apartamento estava pelado.

A obra estava sempre atrasada. Isso me deixava cada vez mais irritado.

O Josias, primo de Clara, começou a faltar, mas sempre no dia seguinte inventava uma desculpa. Eu já queria encher o cara de porrada, mas Clara procurava ser compreensiva.

— O homem está passando um momento muito difícil.

— Pelo visto ele tá querendo é passar a perna na gente.

Quando recebi o meu primeiro salário de segurança, coincidentemente, Josias se aproximou sorrateiro.

— Sabe o que que é, Rubens? Eu tô sem dinheiro para pagar o aluguel.

— E eu com isso? Porra, eu já te adiantei quase dois contos! Tá pensando que eu sou banco?

Para aumentar ainda mais a coincidência, Clara chega nesse exato momento. E Josias jogou o seu papo furado para ela.

— Sabe o que que é, Clara? A situação tá preta lá em casa. Será que não dava para adiantar umas quinhentas pratas?

— Rubens, você teria como adiantar para o Josias?

— Clara, olha só, eu já adiantei para ele quase dois mil reais e a casa ainda continua um lixo. Esse cara não quer saber de trabalhar!

— Não é assim também. A obra pode tá indo um pouco devagar, mas não está parada.

Clara me puxou para o canto e continuou baixinho. Falava assim para não magoar o primo.

— Poxa Rubens, o coitado está se esforçando. Você vê, toda hora surge problema na casa dele. Se você puder, não custa nada ajudar. Afinal, a gente tinha combinado pagar três mil para ele mesmo.

— É, mas a gente tinha combinado metade quando começasse a obra e a outra metade só quando ele terminasse. Eu já paguei quase tudo e o cara nem chegou na metade.

— Eu conheço o Josias desde criança, eu confio nele. Ele agora também é parte da sua família. Uma coisa você pode ter certeza, ele não vai fugir.

Clara acabou me convencendo e eu adiantei quinhentas pratas para o vagabundo. Praticamente todo o salário que recebi da firma de segurança.

No dia seguinte o safado do Josias não veio para o trabalho. Nem no outro dia, nem nunca mais. O safado desapareceu com o meu dinheiro.

4

Fora os problemas com o safado do primo da Clara, minha vida, tanto em casa como no batalhão, estava seguindo um bom rumo.

A área em torno do quartel é dividida em setores estratégicos. O comando distribui as radiopatrulhas de modo que cada viatura fica responsável por uma dessas regiões.

Trabalhar no setor era uma maravilha. Em seis meses conhecíamos todos os comerciantes. Tínhamos de tudo, desde carne até o sacolão da semana. Detalhe: tudo dado de coração, com amor e com a intenção de nos ajudar. Sem mortes, sem tiros, tudo na paz do Senhor, de bom grado.

— De bom grado porra nenhuma — disse Dodô. — Eles nos dão essas coisas com a esperança que a gente dê uma atenção especial na segurança das suas lojas. Mas esses caras são tão mãos de vaca, que em vez de pagar, ficam dando presentinhos. É por isso que ninguém quer trabalhar nesse nosso setor aqui. Se eu tivesse grana, eu também saía daqui!

— Não é bem assim.

— Ô Rubens, acorda! Como não é bem assim? Sabe por que é que eles não pagam a gente? Porque eles não precisam. Se precisassem de algum favor mesmo, estariam toda semana molhando a nossa mão.

Passamos com a viatura na divisa do nosso setor. Fora da nossa região, na rua da frente, um caminhão descarregava mercadorias para uma loja de departamento em horário proibido. A radiopatrulha responsável por aquele setor estava parada bem na frente do caminhão e não fazia nada para detê-lo.

— Tá vendo aqueles caras dali? — Dodô falou apontando para os nossos colegas. — Esses caras ganham muito dinheiro dessa loja. Eu andei sondando no batalhão. O ponto deles custa uma grana.

— Como assim?

Dodô riu com vontade. Achou que eu tinha feito uma piada.

— Tu é uma comédia. Solta umas de vez em quando que são muito engraçadas. Deixa eu continuar o que eu tava falando. Eu fiquei sabendo que eles pagam trezentos reais por mês para o oficial responsável pela organização dos setores. Só para não sair desse ponto.

Essa mamata era nova para mim, mas não fiquei impressionado. Eu já imaginava que as coisas funcionavam daquela maneira.

No serviço seguinte, quando nos juntamos na radiopatrulha, Dodô estava entusiasmado, louco para me contar as boas notícias.

— Escuta que maravilha! Eu descobri que os caras do nosso setor vizinho, aqueles da loja de departamento, vão sair do setor para integrar uma PATAMO. É a nossa chance! Eu cheguei no oficial, sabe como é esse tipo de conversa, o cara nunca diz diretamente o que quer. Uma mão lava outra, aquele papo furado. No final das contas, o que o oficial disse era que a vaga tava livre mesmo, mas que tinha que pagar adiantado. E era bom correr, porque já tinha gente de olho no setor. E aí, bora rachar a grana e pegar a vaga?

— Eu tô fora.

Quando falei, o sorriso de Dodô desapareceu. Ele nunca na vida esperava que eu fosse dar essa resposta.

— Porra, Rubens, como é que eu vou fazer? Eu não tenho essa grana toda. Tem que ser muito otário para desperdiçar uma chance dessa. Tá maluco?

— Meu irmão, tu faz o que tu quiser, mas eu não estou a fim de me envolver nessa porra. Isso é meu problema e acabou.

Fui duro com o meu colega para que ele visse que eu estava falando sério. Dodô ficou um tempo parado, pensando no que ia fazer.

— Beleza — disse ele —, eu respeito a tua posição. Mas tu tem que quebrar o meu galho. Eu vou correr atrás dessa grana de qualquer maneira. Tem como tu ficar algumas horas sozinho até eu resolver essa parada?

Eu não era nem maluco de empacar a vida do cara. Sei lá o que no futuro ele iria querer fazer comigo. Vai que o cara fica tão ressentido que resolve se vingar?

Dodô passou a tarde toda correndo atrás de agiota até finalmente conseguir a grana para pagar os trezentos reais para o oficial do batalhão. No serviço seguinte, ele já estava no seu novo setor. Para repor o seu lugar, um outro soldado foi designado para trabalhar na minha radiopatrulha.

Durante todo o tempo que eu trabalhei no setor, vários soldados entraram e saíram. Nenhum deles via vantagem em ficar comigo naquela região.

5

Clara estava com barriga de sete para oito meses quando nos casamos no cartório. Eu embromei tanto com o casamento civil, que o religioso foi esquecido completamente. Na verdade eu não queria mais ouvir dona Neuza reclamando da vergonha que passou na igreja com a nossa primeira tentativa.

A cerimônia foi bem simples. De familiar só veio a tia da Clara, que morava no interior do Estado, além da sua mãe, é claro. Os que compareceram mesmo foram os nossos amigos mais próximos da vizinhança.

Três semanas depois, o nosso filho nasceu. Dona Neuza ficou tão feliz que, em homenagem a ela, resolvemos chamar a criança de Sérgio.

O problema era que a casa estava com a obra parada, menos da metade estava pronta. Não tinha condição alguma de Clara e o bebê ficarem na casa.

O jeito foi improvisar o berço no apartamento de dona Neuza. Ficaríamos lá até conseguir terminar as obras.

Eu fiquei com tanta raiva, que se eu visse o Josias, eu matava o filho da puta. Mesmo ele me devolvendo a grana que tinha roubado, eu estava disposto a acabar com a vida dele de qualquer jeito.

Chamei o Arturzinho, um garoto da rua, para me dar uma força na obra. Eu mesmo resolvi colocar a mão na massa para terminar o apartamento. Arturzinho só tinha doze anos, mas tinha muita disposição. Órfão de pai e mãe, fazia de tudo para ganhar uns trocados e sobreviver. Era o xodó da rua. Todo mundo ajudava o garoto.

Num desses dias que estava trabalhando com Arturzinho, vi por acaso o cara de pau do Josias passando na rua. Como é que o cara, depois de tudo que ele me fez, ainda tem peito de andar perto de onde eu moro?

Não pensei duas vezes. Peguei a minha pistola e desci correndo. Meu sangue fervia. Eu não pensava, parecia um animal e queria acabar com a vida dele ali mesmo, em frente à nossa casa.

Quando coloquei o pé na rua, Josias me encarou. Eu via o medo nos seus olhos, ele sabia que eu estava ali para matá-lo. Peguei a minha pistola e antes que eu puxasse a arma da cintura, ouvi dona Neuza chamando:

— Josias, há quanto tempo! Que bom que você apareceu por aqui. Estávamos ficando preocupados contigo.

A voz de dona Neuza me fez voltar a consciência. Parei e me virei para ela. Esse foi o tempo suficiente para Josias sair correndo. Eu queria ir atrás, mas

dona Neuza não deixou.

— Vamos, Rubens, eu acabei de passar o café. Vamos entrar em casa, que eu quero conversar contigo.

Eu, todo sujo de cimento e tinta, entrei na casa da minha sogra. Chope veio ao meu encontro, mas não latiu. Só queria um pouco de carinho.

Dei uma espiada no quarto e vi Clara e Serginho deitados na cama. Dona Neuza me serviu o café, se sentou e acendeu o cigarro.

— Você não vai se sentar, Rubens?

— Eu não quero sujar o estofado.

— Então chega aqui mais perto. Você viu que a sua mulher e o seu filho estão dormindo? Agora me diz, você acha que vale a pena acordar eles com um tiro, com um cadáver na nossa porta por causa da raiva que você sente desse pobre coitado do Josias? É isso que você quer para o seu filho? Uma violência dessas dentro da nossa própria família?

Eu não consegui responder. Só chorei. Eu agora tinha um filho, uma esposa. Não era só em mim que eu tinha que pensar antes de tomar qualquer atitude.

Me ajoelhei na frente de dona Neuza e chorei com a cabeça apoiada nas suas pernas. Ela acariciou meus cabelos. Olhei nos seus olhos e pedi com toda sinceridade:

— Desculpa...

6

Trabalhei durante muitos meses na segurança privada para juntar todo o dinheiro. Meses em pé sem fazer nada. O pior é que nesse tempo não aconteceu nada. Nenhuma tentativa de assalto ao banco, nada. Só chateação na hora de pico quando a fila do lado de fora do banco está gigantesca e um cliente fica empacado na porta giratória.

— Tem mais algum objeto de metal com a senhora?

— Eu já tirei tudo! Isso é um absurdo! Daqui a pouco vai querer que eu tire toda a minha roupa!

Com dois anos sem parar de trabalhar consegui comprar um Chevetinho velho para me deslocar com maior segurança.

Nesse meio tempo, dona Neuza fez uma operação para retirar os seios e está se recuperando muito bem. Em todo o seu período de recuperação, como Clara estava dedicada a cuidar do Serginho, era eu quem ficava do lado da velha

senhora. Quando precisava, dava uma gorjeta para o Arturzinho comprar os remédios na farmácia.

Já eu e Arturzinho terminamos as obras do apartamento de cima. Não digo que ficou uma maravilha. Mas está habitável e completamente diferente de como era quando o sargento Braga morava aqui. Pelo menos todas as marcas do crime foram apagadas. As paredes foram pintadas, os pisos trocados.

Clara diz que gostou do resultado. Mas não sei se ela disse isso só para me agradar.

No batalhão, depois dos tempos na tranquilidade do setor, com poucas prisões, fui convidado para integrar a PATAMO do coronel. Aceitei na hora sem hesitar. Pensei então: chegou a hora de combater realmente o crime que era a missão precípua para a qual fui treinado.

Quando fui apresentado à minha guarnição, logo reconheci aquele gordinho loiro que pelo seu aspecto já tinha passado dos quarenta anos. Ele estendeu a mão na minha direção.

— Você deve ser o Rubens, não é? Sargento Zaqueu. Este aqui é o cabo Felipe e aquele é o Carlos, o nosso motorista.

Eles me acenaram com as mãos.

Fora o sargento, os outros pareciam ser jovens. Deviam regular comigo na idade. O sargento perguntou:

— Eu não te conheço de algum lugar?

— Acho que só de vista aqui do quartel mesmo.

— Deve ser.

Na reserva de armamento, cada um pegou um fuzil e quatro carregadores. Eu, que já tinha entrado no esquema do batalhão, também peguei além do carregador oficial, mais três. Só o sargento Zaqueu não quis levar nenhum carregador extra.

— Não estranha não, Rubens. Sabe o que que é? Cansei de ficar carregando peso à toa.

— Mas eu sempre digo para ele: sargento, é melhor o senhor não arriscar.

— O cabo Felipe diz isso porque gosta de mim. Mas já há um bom tempo eu ando assim. Só pego mais de um carregador quando é para atender alguma prioridade. Fora isso, não vou ficar andando com quilos a mais sem nenhuma necessidade.

— Um dia a merda pode estourar.

— Que nada! Nesse batalhão aqui? Não sei não. É bom você ir se acostumando logo de cara, Rubens. É difícil a gente sair para uma ocorrência séria. Isso aqui parece mais brincadeira de criança.

— O senhor vai acabar assustando o novato.

— Assustando nada. Quem é que não gosta de moleza?

Entramos na Blazer e fomos até a favela do Canguru. Estacionamos em frente a uma encruzilhada logo na subida do morro. O sargento Zaqueu deu uma espreguiçada e se recostou no banco da frente. Perguntei:

— Qual é a missão de hoje, sargento?

— A mesma de sempre: nada. A gente só precisa ficar parado aqui para mostrar para a população que a polícia se faz presente.

O cabo Felipe fez um sinal para mim.

— Chega aqui, tá vendo a foto desse aí?

O cabo me mostrava um álbum com fotos de bandidos perseguidos pela PM.

— É o famoso José Antônio Alves Xavier, o Zé Careca.

— Esse aí da foto? Não acredito.

A foto era de um homem branco, perto dos trinta anos, com uma cabeleira até os ombros e barba até o peito. O que não faltava no Zé Careca era cabelo. Parecia um *hippie*.

— Não tô de sacanagem não. Olha aqui escrito no canto da foto o nome do cara. Parece que ele voltou aqui para a favela do Canguru. Vai que a gente esbarra com ele, hein?

— E cadê a careca dele?

— Dizem que ele ganhou esse apelido porque quando entrou para o tráfico, era muito novo, devia ter uns onze anos, e quase não tinha pelo. Por isso os mais velhos sacaneavam ele e começaram a chamar o moleque de Zé Careca.

— E você acha que ele vai dar mole de andar por aí?

— Essa foto a polícia só conseguiu há pouco tempo com um X9. O malandro deve achar que está irreconhecível. Quer parecer um *playboy* viciado, olha só.

— Quando vagabundo acha que tá podendo, é aí que ele se fode — disse o sargento.

Pode parecer muita coincidência, mas foi exatamente o que aconteceu. No final do dia, ao irmos embora, o sargento Zaqueu vê aquela figura de calça e jaqueta *jeans*, camisa branca, tênis Adidas verde, colar e pulseira de miçanga no braço esquerdo, barba e cabelo grande, andando na rua, distraído, como se fosse um cidadão normal, que não deve nada à justiça.

— Não é possível, sargento. Deve ser outra pessoa — eu falei.

— Só se o X9 que tirou essa foto estiver de zoeira com a nossa cara. Fora isso, é esse o cara! Vamos lá, porra!

Saímos do carro com as armas em punho e enquadramos o suspeito. O

cabeludo não reagiu. Sem se alterar, levantou os braços e soltou um bocejo.

— Perdi, meu chefe. Tranquilo, bicho, isso acontece.

Enquanto eu e o sargento apontávamos nossas armas, o cabo Felipe revistava o suspeito. Estava desarmado. O cabo algemou o elemento. O traficante se virou para nós e falou com um jeito lerdo de maconheiro:

— Aí bicho... Eu quero fazer uma pergunta... Saca só... Na boa... por acaso o seu comandante sabe que vocês estão aqui na beira da favela?

Essa pergunta nos arranhou na alma. Dava para ver no rosto dos meus companheiros. Nos olhamos em silêncio, mas não respondemos a pergunta do traficante. Simplesmente o jogamos dentro da viatura.

Conduzimos rapidamente a viatura para a delegacia da região. Entregamos o traficante aos inspetores da polícia civil, mas eles não quiseram recebê-lo. A surpresa foi tamanha, que custamos a acreditar no que estava acontecendo.

Enquanto o Carlos ficava com o bandido na viatura, nós fomos até a sala da delegada.

Logo ao entramos, ela já foi falando:

— Eu não posso autuá-lo.

— Como assim, doutora? — perguntou o sargento Zaqueu.

— Não posso. Não há flagrante, não há nada contra o elemento, eu não posso detê-lo aqui. Por favor, me entendam.

Estávamos indignados. O cabo Felipe soltou um sorriso amarelo e foi claro e objetivo:

— Doutora, todos sabemos que ele é gerente do tráfico.

A resposta da delegada foi mais direta ainda:

— Prova.

Ficamos sem reação. O que poderíamos fazer? Prender a delegada? Era a única solução. Mas aí teríamos que prender a delegacia inteira, o que era impossível. Então o sargento Zaqueu disse:

— Vamos embora, pessoal, já fizemos nossa parte.

Chegamos na viatura e o sargento abriu a porta de trás onde estava sentado o Zé Careca.

— O passeio acabou. Pode ir embora.

O Carlos ficou olhando o sargento sem entender nada.

O traficante saiu da viatura, deu uma espreguiçada e falou:

— Valeu bicho, obrigado pela carona. Se não fosse por vocês, eu teria que descer o morro inteiro a pé. Valeu mesmo.

— Vai tomar no meio do teu cu! Da próxima vez eu vou meter uma bala no

meio da tua testa e não vai ter ninguém por perto para você pedir socorro.

Zé Careca deu uma risadinha:

— Duvido.

Se virou e começou a andar como se nada tivesse acontecido. Ficamos olhando aquele vagabundo ir embora.

Esse trâmite consumiu todo o serviço, e como já era hora de irmos embora, foi o que fizemos. É lógico que não comentamos o assunto, nem precisava: estava escrito em nossos olhares e semblantes o porquê daquilo.

7

Zé Careca ria. Mas ria com vontade. Que raiva!

— Seu filho da puta! — eu gritava.

Mas de nada adiantava. Ele continuava rindo. Soltando gargalhadas. O traficante se aproximava cada vez mais de mim. Que ódio eu tinha daquele zé mané metido a *hippie*. Ele foi chegando mais perto até seu rosto ficar a um palmo do meu.

Parti para cima para quebrar o filho da puta, quando eu tomo um susto. Me levanto da cama num salto. É o rosto do Serginho, meu filho que já estava com dois anos, que está na minha frente.

— Papai...

O Zé Careca tinha sido um sonho, ou melhor, um pesadelo. A realidade era que Serginho acordou cedo, como de costume, e foi até a nossa cama. De pé, ao meu lado, se assustou com a minha reação, fechou o bico e começou a chorar. Clara logo acordou.

— O que foi, meu amor? Vem cá com a mamãe.

Clara pegou ele no colo. O coitado mal queria me olhar. Se encolheu no colo da mãe.

— Desculpa...

Eu não sabia direito como me desculpar. Clara nem me respondeu. Pediu, seca, para eu descer na padaria para comprar leite.

— Mas não demora muito, Rubens. Não sobrou nada para eu fazer a mamadeira do Serginho.

Coloquei uma bermuda, desci as escadas, e fui no seu Geraldo comprar uma caixa de leite integral.

Na volta, foi só eu dobrar a esquina da minha casa que eu já ouvi a gritaria.

— Isso aí é inveja! Inveja porque nenhuma das duas consegue arranjar um marido!

Era dona Neuza apoiada no parapeito da janela gritando com duas vizinhas que passavam na rua.

— Feias do jeito que são, fica difícil mesmo! E me diz qual é o homem que gosta de mulher cachaceira? Vai dizer que é mentira que vocês não saem da barraca da dona Lurdinha nem amarradas? Ficam só no goró que eu sei!

As vizinhas nem conseguiam responder à dona Neuza que emendava uma ofensa na outra. As duas mulheres desistiram de tentar se defender e foram dando no pé. Dona Neuza se irritou ainda mais:

— Peraí? Aonde vocês pensam que vão? Não falaram? Agora vão escutar!

Dona Neuza abriu a porta da casa e correu para a rua tentando alcançar as moças. Correr é forma de dizer. Era mais um passo apertado que ela dava se apoiando na lataria do meu Chevetinho que eu deixava estacionado na calçada de casa. Como sempre, Chope foi atrás, latindo.

Quando vi o barraco armado, fui eu que corri. Corri de preocupação. Dona Neuza não podia fazer esse tipo de esforço.

A velha senhora levantou o dedo para continuar as acusações às moças. Pousei minha mão no seu ombro para acalmá-la, mas foi tarde demais. Dona Neuza desabou no chão. A sorte foi que eu estava muito perto. Consegui amortecer um pouco a queda.

— A senhora está bem?

Ela estava lúcida e parecia não se importar com a queda.

— Rubens, eu não me contive. E olha que não são só elas. Mas todas as vezes que essas vadias olham para o seu Chevetinho, ficam falando que você andou se corrompendo. Levou dinheiro de bandido para comprar o carro. Eu não aguentei.

— A senhora consegue se levantar?

— Não sei... Me leva para casa, por favor.

Ergui dona Neuza no colo e a levei para casa. Coloquei-a na sua poltrona. E perguntei mais uma vez se ela estava se sentindo bem.

— As minhas pernas estão doendo. Doem mais ainda quando eu tento apoiar elas no chão. Acho que eu não consigo ficar em pé sozinha. Não quero nem tentar... Dói demais.

Subi para falar com Clara. A primeira coisa que ela perguntou foi:

— Onde está o leite do Serginho?

Enquanto ela preparava a mamadeira, eu expliquei a situação. Clara ficou assustada, mas por causa do Serginho, procurou não demonstrar. Colocou o

garoto no colo e descemos juntos para a casa da velha senhora.

Logo percebemos que dona Neuza não estava mais conseguindo andar. Chamamos Arturzinho, que estava brincando na rua, para ficar com Serginho. Deixar o Serginho com o Arturzinho era ótimo. Arturzinho ainda era criança, mas já tinha senso de responsabilidade. E o melhor de tudo, os dois adoravam brincar juntos.

Chamamos um táxi e levamos dona Neuza ao hospital. Desta vez, ela foi sem reclamar. No caminho, eu me virava, olhava para o banco de trás e ela até me sorria.

A consulta foi uma barra. Descobrimos que dona Neuza nunca mais iria andar. Ela própria pareceu não se importar muito com a notícia. Mas Clara ficou deprimida. Passou a noite toda chorando.

Fora tudo isso, o que não saía da minha cabeça era a praga da vizinhança que começou a dizer que eu estava me corrompendo, é mole! Cambada de filhos da puta, fofoqueiros. No fim das contas, a culpa é sempre da própria polícia que se corrompe. Levei a fama sem deitar na cama.

Esse troço mexeu tanto comigo, que no dia seguinte pedi demissão do meu emprego de segurança particular.

8

Na polícia, o próximo serviço seria durante a noite, por sinal muito mais perigoso, exigia muito mais atenção, sagacidade e visão.

Além de todos os meus problemas pessoais, tinha que conviver também com os podres da polícia. Todos nós da guarnição nos sentíamos mal, depois de ter prendido um dos traficantes mais procurados do Rio de Janeiro e ser obrigados a soltá-lo. Aquilo era ridículo. Mais do que impotente, eu me sentia um palhaço. Arriscava a minha vida para quê?

Passamos com a PATAMO em frente a uma outra favela. Naquela área os traficantes já não tinham o menor pudor. Faziam tudo às claras, sem precisar se esconder.

Por incrível que pareça, tinha uma boca de fumo bem na beira do asfalto. E o vapor também não era nada discreto. Gritava como se estivesse numa feira livre:

— Pó de cinco! Pó de dez na promoção! É pra acabar! Pó de dez leva mais dois!

Eu não me contive e soltei:

— Pô, sargento. Aqui a bandidagem faz a festa.

O sargento ficou vermelho de raiva.

— Festa eles vão fazer é na puta que os pariu! Na minha frente eles vão é comer bala!

O sargento já saiu da viatura atirando. Nós o acompanhamos e foi tiro para tudo que é canto. Os traficantes revidaram, mas não foi um combate direto. Eles atiravam só para possibilitar a fuga para dentro do morro.

Nós não os seguimos, pois poderíamos cair numa emboscada. Só o vapor acabou sendo preso. Ficou tão enrolado com a mercadoria na hora do tiroteio, que não sabia se juntava tudo, ou se corria.

— Ô chefia, eu não sou bandido não. Olha...

O vapor levantou a camisa com dificuldade, pois já estava algemado.

— Olha, eu nem arma carrego. Eu só vendo! Sempre fui vendedor. De feira, de camelô. Só agora que a coisa apertou que eu vim fazer um bico aqui, no movimento.

O sargento balançou a cabeça sem o menor saco para as lamentações do elemento.

— E eu sou lutador de boxe que de vez em quando prendo bandido para alimentar minha família. Eu nunca vi gente mais honesta do que traficante. É sempre trabalhador! Cala boca e entra na viatura.

Como procedimento normal, fomos levar o bandido e a droga apreendida para a delegacia. Dessa vez os inspetores receberam o elemento, mas nós fomos chamados para a sala do delegado.

Ao chegar demos de cara com a mesma doutora do outro caso, que veio logo dizendo:

— Tem flagrante? Se não tiver pode voltar daí mesmo.

Nos olhamos abismados. Mais uma vez aquele clima de estranheza no ar. Rapidamente o sargento Zaqueu respondeu irônico:

— Tem sim, doutora, mas se for da sua vontade nós soltamos ele.

A delegada despenteou o cabelo com as duas mãos, se levantou da cadeira e deu um ataque:

— O que o senhor está insinuando, polícia?!

O sargento não respondeu.

— Responde! Responde na minha cara, se tu é homem!

O sargento chegou bem perto da delegada, olhou bem fundo nos olhos dela e rugiu como um leão:

— Eu já estou de saco cheio dessa brincadeira. Eu resolvi que vou comprar

essa briga. Se a senhora não receber o elemento eu vou ficar esperando com o bandido dentro da viatura até amanhecer. Depois que a senhora trocar o turno com o próximo delegado eu venho e trago a ocorrência para essa mesma delegacia, só que de dia.

A delegada se sentou, respirou fundo. E chegou até a sorrir.

— Eu não sei de que briga o senhor está falando. Deve ter sido tudo uma confusão. É que essa profissão é muito perigosa e todos nós temos que ser muito cuidadosos. Afinal, estamos lidando com as vidas das pessoas. Não é verdade, sargento Zaqueu?

O sargento não respondeu. Só ficou a encarando, ainda raivoso. Ela continuou.

— Podem esperar que eu já trago a ocorrência para vocês assinarem.

Esperamos sentados dentro da delegacia. Ao lermos a ocorrência, outra surpresa. O elemento foi autuado, mas não como associação ao tráfico, o que mais uma vez nos causou muita estranheza, pois houve flagrante!

O sargento Zaqueu se levantou. Deu uma pequena caminhada para tentar esfriar a cabeça. Depois chegou perto do inspetor encarregado do caso e perguntou o que houve.

— O vagabundo disse em depoimento que a droga não estava em seu poder, porém perto dele, o que descaracteriza o flagrante.

O sargento Zaqueu não se conteve. Deu um murro na bancada. As pessoas que esperavam para serem atendidas, na sala de espera, se assustaram com o barulho. E todos olharam quando o sargento que falou em alto e bom som com o rosto quase colado ao do inspetor:

— Então qual palavra tem veracidade em todo o território nacional?

O inspetor não sabia o que dizer:

— Eu compreendo que o senhor...

— Compreende é o caralho! Vamos embora dessa merda que eu já estou ficando enjoado.

O sargento deu as costas para o inspetor e nós o seguimos.

Voltamos para o batalhão para jantar. Antes de sentarmos no refeitório, um oficial se aproximou.

— O coronel quer que vocês se apresentem na sala dele. É urgente.

Nos levantamos. O sargento continuava com a cara amarrada. Eu me sentia bem. Afinal, tínhamos estourado uma boca de fumo.

— Sargento Zaqueu, o coronel deve ter ficado sabendo que nós acabamos com aquela boca! Nós ganhamos a noite! Ele deve estar contente com a nossa

atuação. Se bobear, até sabe da safada da delegada. Deve nos apoiar!

— Será? — respondeu o sargento, cinicamente.

Foi só abrirmos a porta da sala do coronel que a gritaria já começou:

— Que merda foi essa que vocês fizeram na delegacia?! Estão malucos! Vocês pensam que são o quê?! Entrem logo e fechem a porra dessa porta, caralho! Querem que o batalhão inteiro veja vocês tomando esporro, é?!

Fechamos a porta. De pé, ouvimos por quase uma hora o coronel gritar na nossa cara. Ele chegava a babar de tanta raiva. Nós ficamos em silêncio com as mãos para trás em posição de sentido.

— Sabe o quê? Vão tudo preso!

Foi aí que o sargento Zaqueu interveio.

— Mas coronel, eles não tiveram culpa de nada. Só obedeceram às minhas ordens.

— Porra, Zaqueu! Tantos anos de casa! Ainda não aprendeu? Tem que comandar direito esses moleques! Tu é bom no serviço. Só por isso vou te aliviar. Mas vê se fica mais esperto, porra! Nunca vi! Estão dispensados. Podem ir. Da próxima vez eu não vou nem querer ver a cara de vocês. É cana direto!

Saímos e andamos lado a lado no corredor, de volta ao refeitório. Foi aí que o soldado Carlos fez um comentário um tanto diferente:

— Acho que mexemos na comidinha de alguém.

Eu senti de novo o cheiro da corrupção no meu nariz, porém me calei. Eu era novo na guarnição. Mas vi que a expressão do sargento condizia com os meus sentimentos.

O mais engraçado era que a fama do coronel era exatamente o oposto do que se desenhava na nossa frente como realidade. De longe, uma pessoa pode se apresentar de mil maneiras. Mas quando chegamos perto é que vemos como ela realmente é.

9

Durante a chuveirada, antes de deixar o serviço, fiz uma promessa para mim mesmo: não pensar mais no assunto. Era inútil encher a cabeça com toda essa sujeira. Desse jeito eu vou acabar pirando!

O dia estava começando a amanhecer quando entrei no meu Chevetinho e segui de volta para casa. Peguei a Avenida Brasil, como todos os dias. Para minha surpresa, o trânsito parou.

De manhã, na pista sentido Zona Norte, isso não é normal.

Resolvi descer do carro para dar uma olhada no que estava acontecendo. Fui andando devagar entre os carros, olhando de um lado para o outro, sempre com a mão na pistola.

Quando eu bati o olho no carro que trancava a pista, recuei e me protegi agachado atrás de outro veículo. Era um assalto! Dois ladrões armados com revólveres tentavam tirar uma mulher de dentro do carro, mas ela se recusava a sair.

Burra! Eu pensava. Não vale a pena reagir! Vai acabar tomando um tiro de bobeira.

Nessas horas eu fico mais frio do que gelo. Começo a calcular a forma de agir e minhas chances de êxito.

Os bandidos já estavam nervosos. Se me vissem armado, com certeza executariam a mulher. Preferi esperar mais um pouco antes de intervir.

A briga continuava. Finalmente um dos vagabundos conseguiu arrancar a mulher de dentro do carro. Ela tentava morder, se debatia, mas nada disso foi suficiente. O bandido a jogou no meio da rua. Eles entraram e saíram cantando os pneus.

Nessa hora eu me levantei. Apoiei o meu cotovelo no capô do carro, apontei a minha pistola e só fiquei esperando que a mulher saísse da linha de fogo.

Ela deu dois passos para o lado e eu soltei o dedo. Gastei todo o meu carregador.

O carro deu uma virada brusca para esquerda e bateu na parede do acostamento.

Corri até lá, mas sempre me escorando num carro ou num poste. Eles ainda podiam estar em condições de trocar tiros.

Me aproximei dando ordem de prisão.

— Polícia!

O bandido do carona só tinha se ferido no ombro, mas estava tão chocado, que não conseguia falar. Só ficava apontando para o motorista. Este tava todo fudido. Tinha levado um tiro na cabeça e estava todo estirado no banco.

Tirei o bandido do carro, algemei-o e fui socorrer a vítima. Ela estava de pé e não parecia ter ferimentos graves.

— Puta que pariu! Olha a merda que você fez! Fudeu todo o meu carro! Quem vai pagar o conserto?

— O seguro. Sei lá.

— Só se for o teu. Que merda!

Liguei para o batalhão e eles mandaram uma viatura.

Fomos para a delegacia da região. A mesma da delegada safada. O inspetor encarregado do caso conversou alguns minutos como ela. A piranha da delegada nem quis ler a ocorrência, disse que já estava de saída. Única coisa que fez foi dar um tapinha no meu ombro e soltar um sorriso. Mas o sorriso dela foi pior do que um sorriso amarelo. Foi um sorriso do tipo “tá fudido”.

Devo estar viajando, não tenho porque me preocupar.

O depoimento da vítima demorou horas. Depois veio a surpresa desagradável: a mulher não teve coragem de reconhecer o assaltante morto; só o que estava vivo. Será que ela fez isso de propósito, só para me fuder? Não é possível! É paranoia demais.

Agora só falta eu ser acusado de homicídio! Fico inquieto, mas não tomo nenhuma atitude. Fico só esperando a conclusão dessa roubada. Eu também sou burro pra caralho! Por que eu não fiquei quieto no meu canto? Por que é que eu fui arranjar mais esse problema?

Fui chamado para depor e contei tudo exatamente como aconteceu. O investigador agradeceu e pediu para que eu continuasse aguardando até o final dos depoimentos.

As horas foram passando e meu futuro ficava cada vez mais incerto. Acusado de homicídio, eu posso ser expulso da polícia e condenado como preso comum. O que vai ser da minha família? Da Clara, do Serginho?

No final da tarde saiu o depoimento de um outro motorista. Que alívio! Depois de perder o dia inteiro, depois de toda a tensão, o motorista testemunhou a meu favor. Santo homem! Identificou os dois assaltantes e deu uma versão parecida com a minha. Graças a Deus. O seu testemunho me livrou de um grande problema!

Assinei a ocorrência. Depois de perder um dia inteiro da minha folga, fui liberado para voltar para casa.

10

Em casa, Clara estava estressada sentada no sofá com nosso filho no colo.

— Rubens, assim não dá! Eu vou ficar louca! O Serginho tá todo sentimental, não parou de chorar, e levar a mamãe da cama para o sofá é um sacrifício. O Arturzinho é um amor, mas é muito pequeno, ele não aguenta a mamãe.

Eu tinha contratado o Arturzinho para ficar com dona Neuza, para ajudá-la no

que fosse necessário. Contratado não era bem a palavra. Eu lhe dava uma gorjeta todo dia se ele ficasse ao lado da minha sogra.

— Calma meu amor, qual é o problema?

— O problema? Se fosse só um problema era fácil. Mas, por exemplo, eu não consegui botar a mamãe na banheira para tomar banho.

Com dois anos de idade, Serginho já estava enorme. Segurando a minha mão, desceu as escadas até a casa da vovó.

Arturzinho estava sentado no chão, brincando e fazendo carinho no Chope. Dona Neuza estava sentada no sofá, vendo televisão. Clara beijou a mãe enquanto eu dei o dinheiro a Arturzinho.

— Valeu, garoto! Se quiser tu já pode ralá.

— Obrigado, seu Rubens, mas dona Neuza pediu para eu passar a noite aqui caso ela precisasse de alguma coisa.

— Tudo bem, mas eu não posso te dar mais do que eu já te pago.

— Não tem problema não.

Dei um beijo na testa da velha senhora.

— Não se preocupa não, sogrona, amanhã eu compro para a senhora uma cadeira de rodas. Com a cadeira, o Arturzinho vai poder te ajudar melhor.

— Ele é um amor — disse dona Neuza. — Uma gracinha de criança.

Me curvo para pegá-la no colo, mas paro no meio do movimento.

— A senhora promete que não vai espernear?

Minha sogra ri com a brincadeira. Pego-a no colo e a levo até a cama. Clara entra logo atrás. Saio do quarto e fecho a porta para que minha mulher a despisse e a enrolasse na toalha. Aproveito para ligar o chuveiro e ir enchendo a banheira.

Sento no sofá e fico aguardando Clara me chamar. Arturzinho e Serginho estão sentados no chão brincando com Chope.

— E aí Arturzinho? — pergunto. — Tá gostando?

Ele me responde sem parar de brincar com o cachorro.

— Sim, senhor, obrigado.

Passo minha mão esfregando bem rápido a sua cabeça. Mas o seu cabelo é tão duro, que nem sai do lugar.

Clara me chama e levo dona Neuza até o banheiro. Coloco-a na banheira e fecho a porta para que minha mulher a banhe.

Com minha sogra de volta à sala, passamos mais uma horinha juntos vendo televisão. Serginho pegou no sono. Carreguei dona Neuza até seu quarto. Peguei o penico no banheiro e o coloquei embaixo da cama, num lugar onde a velha senhora pudesse alcançar.

Arturzinho desliga a televisão e se prepara para dormir no chão da sala.

— Dorme no sofá — falo para ele.

Mas ele responde que está muito calor e prefere dormir no chão porque é mais friozinho. Eu sabia que era mentira, mas não falei nada. A pobre criatura não deve nem se lembrar da última vez que dormiu numa cama. Passou tantos anos dormindo no chão, na rua e em outras superfícies duras, que não consegue dormir em nada que seja menos consistente.

Eu e Clara nos despedimos do nosso pequeno amigo e subimos para nossa casa. Levo Serginho para casa nos meus braços, a cabeça pousada sobre meus ombros.

Passei uma noite e um dia inteiro sem dormir. Deito nosso filho no seu quarto e desabo na nossa cama. Clara se troca e se junta a mim. Já estou quase dormindo quando ela me abraça por trás e fala no meu ouvido.

— Foi o Arturzinho que pediu para dormir na casa da mamãe. Ela me contou que o coitado disse que não tinha onde passar a noite.

Fecho os olhos e acordo só no dia seguinte. Já passou do meio-dia. Mesmo desperto, o sono não tinha se afastado de mim. Com o corpo mole, vagaroso, entro no meu Chevetinho e ando pela cidade tentando descobrir onde comprar uma cadeira de rodas. Não demoro muito em achar uma loja especializada em artigos ortopédicos.

Levo a cadeira até a casa da minha sogra. Ela estranhou um pouco, mas gostou de saber que, com algum esforço, podia até se locomover sozinha. Com Arturzinho por perto, então, era perfeito.

Não fico muito tempo na casa de dona Neuza. Não consigo. Estou muito cansado. Subo as escadas com dificuldade e desabo no sofá da minha sala. Passo o resto da tarde descansando junto ao meu filho e minha companheira.

À noite Clara insiste para sairmos. Eu acabo cedendo. Ela veste Serginho e vamos até a barraca de lanches.

Umas cinco mesas com cadeiras de ferro se espalham em volta da Kombi com a lateral adaptada para parecer um balcão de lanchonete. Nos fins de semana, a partir do final da tarde, o lugar costumava ficar sempre cheio. Hoje não era diferente.

Nos aproximamos e cumprimentamos quase todos os presentes. São todos vizinhos, ou amigos dos vizinhos. Arranjo duas cadeiras para sentarmos. Serginho fica no colo de Clara. É só nos instalarmos, que uma besta resolve abrir o bico.

— Vocês viram no jornal? Mataram dois polícias em Vila Valqueire.

Clara odeia isso, mas comentários desse tipo são constantes na sua vida. É só ela se encontrar com um grupo de amigas que sempre tem alguém para soltar uma observação do gênero.

— Dona Lurdinha, me traz uma cachaça!

Essa foi a minha resposta àquela pergunta fora de hora. Clara não quis parecer grosseira e respondeu à conhecida.

Mas a mulher parecia estar de sacanagem com a minha cara. Insistia em tocar no assunto de polícia. Ela não tinha a menor noção do que estava falando. Dizia várias coisas sem sentido. É um saco ser obrigado a escutar essas coisas no dia da minha folga.

Eu resolvi ignorar, não iria dirigir uma palavra sequer a essa pentelha. Pedi mais uma dose de cachaça. Depois mais uma, e mais uma, e mais uma. Falava com todos os outros, mas fingia que essa chata não existia. Clara ficou completamente sem graça e tentava responder às perguntas da vizinha.

— Qual foi, Rubens? O gato comeu a tua língua? Tá com medo de responder às minhas perguntas?

O que é que eu faço com uma mulher dessas? Encho ela de porrada? Não seria uma má ideia. Mas em vez disso peço mais uma cachaça. Vejo a dona da barraca vindo do balcão com as mãos vazias. Sem a minha cachaça. Ela pousa as duas mãos sobre os meus ombros e fala carinhosamente.

— Por hoje é só, Rubens. Você já bebeu muito.

— Até tu, dona Lurdinha! Foda-se. Eu vou pra casa. Vambora, Clara.

Eu nem estava tão bêbado. Estava só um pouco tonto. Mas bêbado era o que dona Lurdinha não queria que eu ficasse. Acho que ela via no meu rosto que eu estava prestes a explodir. Não sei também o porquê de tanta preocupação. Eu nunca armei nenhum barraco.

Na verdade, eu não conseguia perceber o quanto dona Lurdinha era inteligente. A dona da barraca tinha a capacidade de acabar com as confusões antes mesmo que elas começassem.

Caminhando de volta para casa, Clara ia ao meu lado. Segurava com força a minha mão. Virando a esquina, vejo um homem com o uniforme do bombeiro andando de costas. Toda a minha raiva desapareceu. Só podia ser ele. Meu amigão de infância. Um dos únicos da nossa galera que, como eu, conseguiu sobreviver nesse mundo cão. Sem sacanagem, dos vinte moleques que andávamos na rua, só tem uns três ou quatro que continuam vivos.

— Carlão! — eu grito.

Ele se vira e abre um sorriso ao me ver. A primeira coisa que fazemos é nos

abraçar.

— Quanto tempo, Rubens. É bom te ver!

— E aí, Carlão, o que você tá fazendo por aqui?

— Eu vim visitar meu pai. Tu sabe, ele mora aqui no final dessa rua.

— Você não quer passar lá em casa? A gente toma um café, põe a conversa em dia.

Carlão aceitou na hora. Meu humor mudou completamente. Em casa, Clara passou o café para a gente. Passamos horas batendo um longo papo. Conversamos sobre nossa infância, as brincadeiras. Falamos de tudo que realmente era bom e tinha valor.

Esse encontro me fez um bem danado. Devolveu a paz de espírito, a serenidade, a lembrança de ser puro, de ser simplesmente humano. Me fez um bem porque nessa época, eu ainda tinha alguns lampejos de consciência. Às vezes, eu percebia que estava me tornando um animal. Estava começando a me impressionar com a minha própria capacidade de ser seco, cético, debochado, indiferente, um verdadeiro bloco de gelo diante das mais variadas situações.

11

Acabou a moleza. Acordo bem cedo para ir trabalhar. Pego o meu Chevetinho e vou bem devagar. Já não tenho vontade de chegar tão rápido, tendo em vista os últimos acontecimentos.

É visível o abatimento de todos os meus colegas. Mesmo o dia claro, sem nuvens no céu, não conseguia dissipar o clima pesado dentro da PATAMO. Só melhorou quando contei o que se passou comigo. O assalto na Avenida Brasil, o dia inteiro de folga perdido na delegacia, a acusação de homicídio. O sargento Zaqueu então não parava de rir:

— Se fudeu!

No começo eu fiquei puto da vida com eles rindo da minha cara. Mas depois eu relaxei e comecei a me divertir também.

Carlos, o cabo Felipe, eu e o sargento ríamos e nos divertíamos com todos os absurdos que passamos nos últimos dias. Até que o riso foi diminuindo e o gosto amargo voltou a tomar conta das nossas bocas. O sargento Zaqueu foi o mais sincero:

— Sabe o que? Eu cansei. Cansei dessa vida. Cansei de ser feito de otário. Eu vou largar a farda. Já vi de tudo e não tenho mais idade para essa falta de

vergonha.

— Falta muito tempo para o senhor se aposentar?

— Uns dez anos. Coisa para caralho. Mas você sabe muito bem que dentro da PM com dinheiro se resolve tudo, não é? Com uns vinte ou trinta mil dá para comprar uma reforma e se aposentar antes do tempo. É esse agora o meu objetivo. Juntar essa grana. Seja da forma que for preciso e cair fora.

— Coé, sargento? Não fala assim.

— Felipe, você que me conhece há vários anos, me responde: você quer que eu fale como?

O rádio da PATAMO interropeu a nossa conversa. O sargento responde:

— Maré Zero, viatura na escuta.

— Encontrado cadáver no morro do Chapéu. Cadáver na última casa da ladeira de entrada do morro.

O sargento não queria responder a ocorrência.

— Ó que merda! Agora eles querem que a gente bote o nosso cu na reta, lá dentro da favela, para resolver essa ocorrência. Dá vontade de mandar Maré Zero para a puta que o pariu.

— Ô chefia, o senhor já respondeu. Vamos lá, se nós não atendermos agora é capaz do coronel trancar a gente tudo no xadrez. Não faz isso com a gente não.

— Pensa bem, chefia... Não seria nada mau se desse para matar uns vagabundos hoje.

É a primeira vez que eu falo abertamente uma coisa desta. Até eu me assustei! Mas era a pura verdade. Eu precisava descontar o meu ódio. E essa era a forma que parecia me dar mais prazer.

O sargento olhou para todos nós.

— Vocês estão delirando. A gente não vai entrar na favela para combater. A gente nem tem um número suficiente de pessoas para isso. Eles só querem que a gente verifique uma denúncia. É só encheção de saco.

— Mas vai que a gente dá sorte dentro da favela... Acha sem querer alguma coisa de valor, hein?

— Duvido — disse o sargento.

Mas ele era voto vencido. Estávamos com sede de fazer alguma coisa. O sargento acabou nos entendendo.

— Então é isso que vocês querem? Todo mundo topa subir? Então vamos.

O sargento pegou o rádio e respondeu:

— Maré Zero, viatura procedendo ao local.

Paramos a PATAMO na entrada da favela e subimos a ladeira a pé. Devagar,

sempre alerta.

Moradores na rua, crianças brincando, cachorros correndo de um lado para o outro. Tudo parecia na mais completa paz. Não só parecia como realmente estava.

Eu só achei a situação desconfortável porque não vimos um traficante, um olheiro. Não soltaram até agora um foguete para avisar que tinha polícia no morro. Nada.

— Vocês acham que eles não sabem que tem polícia na favela? Claro que sabem. Só que eles também sabem que nós não viemos para o combate — disse o sargento. — Eles não mexem com a gente, a gente não mexe com eles. Simples.

Chegamos a uma casa de tijolo com telhado de zinco. Carlos ficou do lado de fora, enquanto o sargento, eu e Felipe entramos.

A porta não estava trancada. O que é normal dentro da comunidade. Dentro, só havia um beliche velho. Reviramos a casa e não encontramos cadáver nenhum.

— Vai ver foi um trote — disse o cabo Felipe. — O que a molecada mais faz é dar trote na polícia.

— Bom, foda-se, vamos embora.

Quando o sargento acabou de dizer a frase, começaram os disparos. Era tiro vindo de todas as direções.

Na hora, Carlos entrou na casa e se juntou a nós, que estávamos deitados no chão.

Muito mais ágil do que o seu porte físico fazia crer, o sargento Zaqueu foi apontando e ordenando.

— Rubens, guarda esse canto daqui! Carlos, você vai para esse. Felipe, você fica naquele! Pouco tiro! Só para conter! Só para conter.

O sargento foi para perto da porta. Trocava alguns tiros e se escorava.

Cada um ficou responsável por guardar um dos cantos da casa.

A nossa sorte foi que os traficantes não pareciam ser bons de tiro. Faziam muitos disparos, mas todos a esmo.

Na primeira oportunidade, o sargento pediu reforço pelo rádio.

— Prioridade! Prioridade! Quatro polícias encurralados! Morro do Chapéu! Última casa da ladeira!

O sargento Zaqueu, que só tinha levado um carregador, logo ficou sem munição. Ele gritou:

— Merda! Cabo Felipe! Munição!

O cabo encarou o sargento com a aquela cara de “eu não falei para o senhor?” e jogou um carregador pelo chão, que foi deslizando até parar na perna do sargento.

Já ia fazer uma hora que estávamos naquela situação. A minha munição e do Carlos já tinham se acabado. Dava para sentir que os traficantes iriam invadir a casa a qualquer momento.

— Que porra é essa? — gritei.

— Tão armando para o Zé Maria entrar na nossa casa.

O tiroteio continua forte, quando então o som dos tiros volta a se afastar.

A porta é arrombada.

O sargento Zaqueu, encostado na parede da porta, se prepara para atirar no homem que acabou de entrar, quando vê as costas da farda azul. Se trata de um PM.

— Porra! Devia ter gritado que era a polícia entrando!

— Mas eu gritei!

— Quase tu toma um tiro nas costas.

O reforço afastou os traficantes. Polícias tomaram alguns pontos estratégicos e formaram um corredor seguro por onde pudemos ser conduzidos até a entrada da favela.

12

Regressamos ao quartel. Fomos ao refeitório almoçar. Estávamos todos de cara fechada, pensando no que tinha acontecido. Eu não aguentava mais aquele silêncio.

— Quem pode ter arm...

— Cala a boca, Rubens! — me interrompeu o sargento com uma voz sussurrada, mas firme. — Aqui não!

No descanso, depois do almoço, continuávamos calados. Estávamos sentados no pátio do quartel. A maioria de nós com o olhar fixo no chão. Só o sargento acenava e sorria para os oficiais.

Entramos na PATAMO para voltar para o patrulhamento. Assim que saímos do quartel a discussão começou:

— Quem pode ter armado para cima da gente? Será que foi o coronel?

— Não acredito!

— Foi cilada, tá na cara que armaram para nos matar!

— Por que nego faria isso?

— A gente não fez porra nenhuma!

— Deve ter sido aquela vaca da delegada.

— Com o coronel!

— Do coronel, eu tenho as minhas dúvidas. Se ele queria nos fuder, por que não prendeu a gente? Ou por que não transferiu a gente para outro batalhão?

— Porque ele resolveu matar a gente! Qual é a diferença?

— Duvido.

— Você deve tá dando a bunda pro cara.

O sargento, que não tinha dado uma palavra até agora, resolveu se manifestar.

— Vamos parar a viatura e pensar melhor nessa história.

Estacionamos em frente duma lanchonete. Eu, o sargento e Carlos nos sentamos numa mesa de plástico. Cabo Felipe não conseguia ficar parado e andava de um lado para o outro. O sargento logo se irritou com ele:

— Para com essa porra e senta aqui com a gente!

O cabo obedeceu sem reclamar. O sargento continuou:

— Tive uma ideia. Mas só se todos concordarem.

— Fala logo, sargento!

Estávamos com o ocorrido preso na garganta, querendo revanche a qualquer custo. Algo que nunca existira em meu coração se avolumava à medida que o sargento ia falando. Era o meu desejo de vingança. Desejo de ver o sangue daqueles que tentaram me matar! Não consegui distinguir se aquele sentimento era ruim ou se era bom. Eu não pensava. Eu vivia!

Zaqueu tirou um caderninho vermelho, envolto por um elástico preto, do bolso. Tirou o elástico e folheou bem junto ao rosto. Não dava para ver o que estava escrito. Só dava para ver que as folhas eram amareladas pelo tempo. Zaqueu vira uma página e levanta a sobrancelha, perece satisfeito.

— Gordinho, ele vai ser perfeito...

Falou para si mesmo. Ergueu a cabeça e nos encarou sério:

— Vou trazer um informante e colocá-lo na favela para descobrir todo esquema do tráfico; depois, com tudo mapeado, pegar os bandidos é moleza.

13

Durante minha vinda para casa venho pensando em tudo que aconteceu. Só eu e Deus. Aquele sentimento de vingança vem me remoendo, ativando em mim um

lado que eu não conhecia até então.

Chega de pensar nessa porra! Paro o carro na frente do primeiro bar que vejo. Bebo para tentar esquecer. Não para fingir que o problema não existe. Só quero deixar tudo de ruim que aconteceu no serviço para trás e chegar em casa de alma lavada.

Mas meu corpo estava estranho. Todo tipo de barulho me incomodava. Eu não queria ouvir uma agulha caindo no chão. O estresse insistia em ferver o meu cérebro.

Bebo mais um copo e uma ideia se fixa na minha mente: eu preciso da minha cama. Tenho a esperança de que, dormindo, no dia seguinte eu estaria me sentindo melhor.

Pago as bebidas. Preciso da minha cama. Cama. Minha cama. Entro no carro. Minha cama. Eu preciso deitar. Abro a porta de casa e sigo reto para o meu quarto, para minha cama. No meio do caminho, meu filho corre, do seu jeito desengonçado, ao meu encontro, e me dá um abraço de boas-vindas.

— O papai chegou! O papai chegou!

— Sai da frente, moleque!

Eu o afasto com um leve empurrãozinho, mas que já é o suficiente para fazê-lo cair de bunda no chão. Do jeito que Serginho caiu, ele ficou e abriu a boca soltando o berreiro. Clara, que estava no banheiro, corre para socorrê-lo. Rapidamente o coloca no colo e acaricia sua cabeça tentando fazer com que ele pare de chorar.

— Ficou maluco, Rubens! Qual o teu problema?

Fiquei parado, sem conseguir responder. Clara logo sentiu o meu cheiro de cachaça. Mudou o tom de voz, não gritou mais. Falou bem baixo, muito decepcionada:

— Já tô vendo o seu problema. Sai da minha frente, por favor.

Só depois do esporro da minha mulher que consegui enxergar o tamanho da grosseria com a qual tratei meu filho. Mas agora, já era tarde demais. Já havia magoado Serginho, coisa que eu nunca tinha feito antes. Me senti horrível, uma sensação de tristeza muito grande.

Consegui finalmente me jogar na cama, mas não tive uma boa noite de sono. Virava para os lados igual bife na frigideira. Sorte que no outro dia só trabalharia à noite.

Durante o dia seguinte, eu não quis nem sair da cama. Minha esposa sentou várias vezes ao meu lado, perguntando o que estava havendo. Eu não queria desafundar a cabeça do travesseiro para responder. Só iam sair da minha boca

palavras que me ajudassem a fugir do assunto. Eu não tinha a capacidade de compartilhar o que sentia. Mas na minha cabeça, eu enganava a mim mesmo pensando: ela já tem problemas de sobra, não precisa que eu lhe traga ainda mais.

14

Chega a noite e vou para o trabalho ainda bastante encucado.

Encontro a minha guarnição na reserva de armamento. Eu, cabo Felipe e Carlos pegamos nossos habituais fuzis e pedimos seis carregadores cada um. Dois a mais, só por segurança.

Quando o sargento Zaqueu se aproximou do guichê, nos calamos esperando ver como seria o pedido dele. Depois da cilada, será que ele ainda acha que não precisa de mais de um carregador?

Zaqueu sabia que estávamos de olho nele, por isso ficou conversando com o quartilheiro da RUMB só para nos deixar mais ansiosos.

O quartilheiro da reserva de material bélico desse batalhão devia ter a mesma idade do sargento. Entraram na polícia mais ou menos na mesma época e se dão muito bem.

Ficaram conversando sobre família, sobre a PM, os bandidos, o batalhão. Até que o sargento se virou para nós:

— Vem cá, vocês não tem mais o que fazer, não?

— Estamos esperando o seu comando, sargento — respondeu o cabo Felipe.

— Então vão para o pátio, eu já alcanço vocês.

Continuamos parados, só de sacanagem.

— O que que vocês querem? Querem ouvir eu pedindo, não é? Tá bom. Por favor, eu quero o meu fuzil, mais três carregadores. Satisfeitos?

Seguramos o riso, até o quartilheiro da reserva de armamentos responder:

— Há meses o senhor não paga o fundo dos armamentos. Por isso, sargento, o senhor vai ter que obedecer a lei e sair só com um carregador.

Agora sim, soltamos a gargalhada.

— Porra, Coimbra! Toma aqui dez pratas. Agora me dá mais munição aí.

— Só amanhã. Há quanto tempo você parou de me pagar?

— Mas eu não tava usando!

— Só amanhã.

Nós riamos sem parar.

— Qual é a graça? Eu não vejo nada de engraçado. Vamos para o pátio. Dá para parar de rir, caralho?

Antes de entrarmos no pátio, um oficial nos parou. Toda a guarnição foi chamada para uma reunião. Nós fomos.

Mais uma vez era o coronel.

Eu não sabia dizer se chegava a desconfiar do coronel. Acho que sim. Ele era uma das possíveis pessoas que poderiam ter armado aquela cilada no morro do Chapéu.

Entramos na sala querendo saber o que esse cara queria da gente. Estávamos sérios. Nos sentíamos ameaçados.

O oficial fechou a porta às nossas costas. O coronel nos cumprimentou e começou a falar como se nada tivesse acontecido.

Ficamos em pé por horas, em posição de sentido, ouvindo o coronel falar sobre a imagem da PM nas comunidades carentes. Como fazer com que a comunidade passasse a gostar do policial. O que devia ser evitado.

Eu estava completamente perdido. Não conseguia captar o motivo da conversa. Só sei que eu estava sofrendo com o peso daqueles seis carregadores. Cada um devia ter pelo menos uns quinhentas gramas. Nem era tanto, mas se juntar o peso do fuzil, esse sim era pesado, fazia uma bruta diferença. Olhei para os meus companheiros e todos pareciam estar tendo dificuldades com o peso que carregavam.

Só o sargento Zaqueu estava com uma boa aparência. O sacana ainda deu um sorrisinho para mim.

Depois de nos enrolar por uma eternidade, finalmente o coronel chegou ao ponto:

— Bom, o negócio é o seguinte. Infelizmente houve uma denúncia de agressão a moradores por PMs no interior da favela do Chapéu e vocês estão proibidos de voltar lá.

Ficamos boquiabertos, e o protesto do sargento veio no ato:

— Nós fomos feitos de alvo pelos vagabundos e isso vai ficar sem pronta resposta?

— Eu entendo vocês, mas foram ordens do comandante geral da PM que acabou de ter uma reunião com o presidente da associação de moradores do Chapéu. Eu não posso fazer nada.

Mentiroso filho da puta! Infelizmente não pude expressar tudo o que estava sentindo em relação ao nosso coronel. Tive que me calar.

Já começamos mal o serviço.

De moral baixa, saímos da sala do coronel. Íamos para o pátio, pegar a viatura, quando Zaqueu parou na nossa frente:

— Vamos devolver o armamento. Hoje ninguém sai do quartel. Vamos aproveitar essa noite para dormir. Se der merda, pode botar tudo na minha conta. Eu não sei quanto a vocês, mas hoje eu não consigo sair na rua não.

Nenhum de nós queria trabalhar. Devolvemos as armas e fomos descansar nos dormitórios do batalhão.

Pelo menos dormi a noite toda. No dia seguinte, iria para casa descansado e de bom humor.

15

Clara adorou me ver chegando em casa e ir direto brincar com o Serginho. Essa noite de sono no quartel me fez muito bem. Por pior que fossem os meus problemas, consegui deixá-los nos seus devidos lugares. O sono impediu que os levasse junto comigo. Quando acordei, minha cabeça estava vazia. Eu só queria saber da minha família.

Estava tão bem disposto, que à noite convidei Clara para um cineminha. No final da tarde, deixamos Serginho na casa de dona Neuza. Nosso filho nem reclamava de ficar sem a gente. Adorava ir para a casa da avó brincar com o Arturzinho, com o Chope e ficar vendo desenho animado até tarde.

Arturzinho se mudou de vez para a casa de dona Neuza. Foi ótimo para nós. Infelizmente, a cada dia, minha sogra precisava de mais cuidados. Arranjamos um cantinho para ele guardar suas coisas e o deixamos fazer o sofá da sala de cama. Mas toda noite, depois que minha sogra adormecia, Arturzinho não queria saber de deitar no sofá. Estendia o lençol no chão da sala. Nos dias mais frios, dormia em cima do tapete.

No serviço seguinte, também quase não trabalhamos. Logo no início do dia, nos deram a notícia que ganhamos uma semana de folga. Perguntamos por que, mas não nos deram nenhuma explicação. Olhamos uns para os outros. Pobre quando vê muita esmola tem que desconfiar.

Mas minha cabeça estava tão bagunçada, que eu não queria saber de mais nada. Foi só eu cruzar o portão do quartel, no final do dia, para que bloqueasse da minha mente qualquer suspeita. Queria passar essa semana como passei minha última folga. Eu era só alegria.

Parei o carro em frente ao nosso prédio e buzinei chamando o Arturzinho.

Clara veio até a janela.

— O que está acontecendo, Rubens?

— Ganhei uma semana de folga! Eu parei no supermercado e comprei algumas coisinhas para a gente se divertir.

Clara sorriu. Ela adora receber boas notícias. Principalmente quando vêm recheadas de coisas gostosas.

— Não precisava, Rubens, a gente tá tão apertado de grana.

Eu sei que ela falou isso só para disfarçar a alegria.

— Liga, não. A gente merece.

Abri o porta-malas. Botei duas caixas de cerveja embaixo do braço. Arturzinho pegou outra caixa e a sacola com os tira-gostos. Clara abriu a porta de casa, e colocamos tudo na cozinha. Arturzinho desceu para buscar as duas caixas que faltavam.

O menino foi embora para casa de dona Neuza e ficamos eu e Clara na cozinha. De frente para as cinco caixas de cerveja e os tira-gostos. A minha mulher não parecia mais tão feliz. Acho que não era bem isso que ela estava esperando.

— Só isso? — perguntou.

— Você queria mais, Clara?

— Não tô falando da cerveja. Isso eu acho até que tu comprou demais.

— Ué, você não bebe mais?

— Eu acho... sei lá... Eu acho que você não precisava beber assim.

— Pô, eu comprei as cervejas para a gente se divertir.

— Para você se divertir.

16

Fora esse pequeno desentendimento, a folga transcorreu tranquila. O que me incomodava mesmo era dona Neuza. Era visível que seu corpo estava, aos poucos, sendo consumido pela doença.

A mulher ativa, desafiadora, espirituosa foi desaparecendo. Com o passar do tempo, ela foi falando menos, só o necessário para sobreviver. Só falava mais quando encontrava suas amigas na igreja, ou ao conversar com sua irmã pelo telefone.

O seu corpo estava mais pesado. Em algumas posições, ela mesma tinha dificuldades para sustentar o próprio tronco.

— Rubens, não tem outro jeito. Eu não consigo mais. Arturzinho tem menos força ainda.

Estávamos eu e Clara discutindo no nosso quarto.

— Você já falou com ela? Você não está exagerando?

— Eu não aguento, tô te falando. Eu tenho medo que ela escorregue da banheira e acabe morrendo afogada. Ela não ajuda mais. É difícil de segurar. Se você não quer dar banho nela, pelo menos contrata um enfermeiro.

— Se eu pudesse.

Clara insistiu muito e acabou me convencendo a dar banho em dona Neuza. Era uma situação desconfortável tanto para mim, quanto para minha sogra. Meses atrás ela me odiava, agora talvez até gostasse de mim, mas sempre mantendo alguma distância.

Eu achei que dona Neuza iria reclamar, mas reclamar mesmo. Juntaria todas suas forças e faria um baita de um escândalo.

Clara conversou com a mãe. Minha sogra olhou para mim e sorriu. Ela tinha consciência do seu estado. Estava feliz em saber que eu tinha me oferecido para ajudar. Preferia que fosse eu a lhe dar banho, a um estranho ou uma estranha.

Foi a primeira vez que fiz todo o ritual. Carreguei dona Neuza até o quarto, tirei a sua roupa, enrolei ela na toalha e a levei no colo para a banheira. Clara ficou todo o tempo ao meu lado, me mostrando como proceder.

Lavei os cabelos ralos da minha sogra com *shampoo* e condicionador.

— Os cabelos não são para lavar todo dia — explicava Clara. — Só uma vez por semana. Hoje nem tinha que lavar, é só para eu te mostrar como é que faz.

Ensaboei o pescoço, a barriga, os braços, o sovaco, as pernas, as nádegas. Era uma sensação estranha passar o sabonete naquela pele enrugada. Eu não sentia nojo, mas um certo pudor. Achava que a qualquer momento, dona Neuza iria reclamar. Me chamar a atenção dizendo que eu estava sendo desrespeitoso. Mas não, ela não falou nada, nem sequer mudava a expressão do seu rosto. Talvez também estivesse nervosa.

Eu tinha ensaboado tudo, menos as partes íntimas. Olhei para Clara implorando com o olhar para que ela me ajudasse.

— Pode acontecer de eu não poder estar junto. E aí? — perguntou Clara.

Fiquei parado, sem saber o que fazer. Clara tirou o sabonete da mão e entregou para dona Neuza.

— A senhora consegue ensaboar lá embaixo, mamãe?

Dona Neuza balançou a cabeça dizendo que sim.

17

Uma semana de folga passa rápido. Quando dei por mim eu já estava dentro da viatura, pronto para o trabalho, combater o crime e a marginalidade.

— Rubens, que pena ver que você está se transformando num cínico.

— É a experiência.

— O que é isso, homem!? Você não pode se acomodar!

O sargento estava entusiasmado aquela manhã. E continuou:

— Eu tenho uma boa notícia. Uma boa notícia para todos nós. Enquanto a gente curtia a nossa folga, o nosso informante já passou a semana toda no morro do Chapéu. A gente vai enrabar esses viados!

Já o cabo Felipe voltou mais contido da folga prolongada:

— O coronel avisou para não entrarmos lá.

Zaqueu brinca, alegre:

— Mas eu não estou lá! — e dá gargalhadas.

O cabo Felipe continua sério e insiste:

— Tu vai prender a gente.

Zaqueu ri de novo:

— Tá tranquilo, o que não quero para mim, não quero para vocês!

E continuamos o patrulhamento normal.

Durante toda a tarde o sargento continuou nessa alegria. Ele era pura descontração. Nós ríamos de tudo, até do uniforme do pipoqueiro. Só o cabo Felipe continuava sério.

Essa alegria era natural entre nós. Afinal, estávamos virando uma família, cúmplices, e o mais importante: amigos.

No final do serviço, o telefone do sargento Zaqueu toca. Era o tal do Gordinho, o informante.

Ficamos atentos, tentando pescar alguma pista do que o sargento dizia. Até que ele desligou.

— Bom, o negócio é o seguinte. O informante já fez um levantamento completo da favela. Onde estão escondidas as armas, a droga, onde os chefes se escondem.

O sargento dá uma risada diabólica e se volta sério, olhando firme para nós.

— Agora é com a gente. Vamos invadir? Querem tentar a sorte?

Por alguns instantes ficamos mudos, um olhando para a cara do outro, porém mudos.

Naquele exato momento todo sentimento de vingança me veio à tona. Eu pensava: quem sou eu? O que estou me tornando? Que sentimento incontrolável é esse?

— Quando? — perguntou Felipe. — Hoje?

— Não, hoje não. No próximo serviço. É até melhor porque pela escala o nosso próximo serviço é à noite.

— Não sei não...

— Eu estou a fim — afirmou Zaqueu. — Agora vocês têm dois dias para decidir. Todo mundo sabe as consequências que uma ação dessa pode resultar. Tanto com os traficantes quanto no comando do batalhão. Mas porra! Vocês viram como os caras são ruins de tiro. Podem ter certeza que a gente consegue fazer um estrago maneiro nesse morro!

— E se alguém não quiser subir?

O sargento, que falava tão empolgado, se decepcionou com a pergunta. Um pouco a contragosto respondeu:

— Eu acho que uma decisão como essa tem que ser unânime.

Mas logo sua excitação tomou conta do seu corpo. Zaqueu bateu no banco da viatura e falou:

— Bom, vamos deixar de conversa mole. Carlos, por hoje encerramos. Vamos voltar para o batalhão. Pensem bem.

Tirou seu caderninho vermelho, envolto por um elástico preto, do bolso. Apontou-o na nossa direção, para enfatizar o que estava dizendo.

— Já vou deixar o informante sob alerta. A resposta tem que ser dada daqui a dois dias, assim que nos encontrarmos. E se essa for a vontade de todos, invadimos o Chapéu no próximo serviço!

18

O que faríamos? Melhor: o que eu diria?

Mais uma vez a dúvida vinha comigo para casa, no meu carro, na minha mente, e pior: para minha casa, minha família.

Clara preparou um frango no jantar. A proposta do sargento Zaqueu martelava dentro de mim. Eu estava distante. Meu corpo estava em casa, mas minha cabeça voava em meus pensamentos.

— ... grosso, ignorante...

Levantei a cabeça. Só agora percebi que Clara falava comigo.

— O que é que você está falando? — perguntei.

Ela mastigou rápido a comida para me responder.

— Você não está mais dando atenção para a nossa família, Rubens. Eu quero o meu marido de volta. Aquele marido com quem eu me casei. Aquela pessoa doce, meiga, alegre, brincalhona, só isso.

— Clara, você anda uma chata. Fica reclamando de tudo. Parece uma doida insatisfeita. Eu tô de saco cheio disso. Todo dia você vem me encher com uma coisinha à toa. Porra, dá um tempo.

Minha mulher não falou mais nada durante toda a noite. Terminou de comer, tirou os pratos da mesa, colocou o Serginho na cama e se deitou para dormir.

Eu não aguentei esse clima pesado. Saí de casa e fiquei à noite na barraca de dona Lurdinha tomando cerveja.

— Acorda, Rubens. O almoço está na mesa.

Era Clara. Estava de pé, de frente para a nossa cama. Balançava o meu braço tentando me acordar. Já passava do meio-dia. Me levantei, passei uma água no rosto e entrei na sala. Quando vi meu prato feito na mesa, meu sangue subiu à cabeça. Que raiva! Clara tinha feito frango de novo!

Fuzilei minha esposa com o olhar e me sentei à mesa. Fiquei parado, sem dizer nada. Clara percebeu que eu não levantaria a mão para tocar a comida. Mas como minhas feições deviam estar muito alteradas, resolveu não comentar nada.

Ela não sabe que eu odeio repetir a comida?! Ela não sabe?! Porra! Há quanto tempo a gente já vive juntos?! Essas perguntas eram as únicas coisas que passavam pela minha cabeça.

Minha mulher comeu e deu comida para o Serginho.

— Eu vou descer para ver minha mãe... Depois eu tiro a mesa.

Clara se levantou e saiu de casa. Eu não tinha tocado no meu prato. Na verdade, não tinha me mexido. Nem sequer tinha levantado os braços para cima da mesa.

Ela fechou a porta às suas costas e eu fiquei encarando aquele prato, aquele frango. Senti meus músculos ficando cada vez mais rígidos. Sentia o meu sangue queimando.

Levantei o prato intocado de comida acima do meu ombro e o joguei com toda a força na parede. O barulho de vidro quebrando foi tão alto, que no mesmo instante me arrependi do que eu tinha feito. Toda a raiva tinha desaparecido e o remorso tomou conta da minha alma.

Corri para a cozinha. Peguei a vassoura, a pá e voltei para tentar apagar a sujeira antes que Clara voltasse.

Entro na sala de vassoura e pá na mão quando Clara abre a porta. Olha assustada para a parede toda suja de feijão. A comida se espatifou no alto e escorreu até o chão.

— O que é que aconteceu? — ela perguntou.

— Foi só um acidente. Pode voltar para a casa da sua mãe. Deixa que eu limpo tudo.

19

Ao nos reunirmos nos corredores do batalhão, cada um veio com a sua resposta.

Sargento Zaqueu:

— Eu mantenho a minha posição. Vamos nessa ou não vamos?

Soldado Carlos:

— Eu topo.

Senti um frio na espinha antes de responder:

— Sim.

Só faltava o cabo Felipe. Ele nos olhou intensamente. Respirou fundo e finalmente respondeu:

— *Ok*. Vamos botar para fuder!

Nós comemoramos feito criança. Os oficiais e outros soldados que passavam por nós não entenderam nada do que estava acontecendo. Só estranharam ver aqueles marmanjos pulando.

Na reserva de armas, pedimos para levar tudo que nós tínhamos e o que não tínhamos direito. O quartilheiro da RUMB ficou nos olhando desconfiado:

— Tão achando que aqui é o Iraque, é?

— Eu aprendi que é melhor andar prevenido, meu amigo. Nunca se sabe o que pode nos acontecer — respondeu o Zaqueu.

A noite estava escura, com muitas nuvens no céu. O que facilitava a nossa operação surpresa.

Na viatura, o sargento ligou para o informante e acertou os últimos detalhes. Paramos numa esquina para preparar a operação.

Como éramos só quatro pessoas, não podíamos dar mole dentro do morro. A operação tinha que ser rápida e eficiente. Numa situação como esta o mais importante não é não chamar atenção. É não dar tempo para os traficantes reagirem.

O sargento nos passou o plano:

— Vamos esperar até umas quatro da manhã e entrar a toda com o carro. A gente não pode levar mais de cinco minutos para chegar na pracinha no final da ladeira. O informante vai estar posicionado por lá. Assim que saltarmos, ele vai correr, tipo fingindo que vai se esconder, a parada é que ele vai correr para onde estão os fuzis. Aí fudeu. É só festa. Entenderam?

Eu só fiquei curioso para saber uma coisa:

— E como o informante fez para saber tudo isso, em tão pouco tempo?

— Tá formando na boca, ué — me responde Zaqueu.

Calado, aceito a resposta e partimos para o tão esperado troco. Homem contra homem. Mas ao contrário deles, sem covardia.

A ladeira da favela não era muito íngreme, o que permitiu à viatura subir a toda velocidade. Carlos é um ótimo motorista, mas aquela situação era de assustar qualquer um. Uma rua estreita, cheia de curvas fechadas, cachorros latindo. Sorte que naquela hora já não tinha muitos moradores fora de casa.

Mas quando aparecia um, era um desespero! Minha vontade era de gritar: cuidado, Carlos! Mas eu me segurava e a nossa viatura passava fino do corpo do cara.

Chegamos numa reta, estreita, mas parecia menos perigoso do que as curvas. Carlos acelerou tudo. Mais à frente, surgiu um cachorro que ficou parado no meio da rua olhando para o carro.

— Olha o cachorro!

— Porra, Rubens, você acha que eu não estou vendo!

Buzinar era impossível, chamaria demais a atenção para a nossa viatura. Parar nessa velocidade também não dava. Além do que, podia ser uma emboscada dos traficantes. O jeito foi passar por cima.

Primeiro a roda da frente, depois a de trás passando em cima daquele bicho e levantando o lado direito da viatura, me causou uma sensação tão ruim, que eu já achei que não valeu a pena ter subido o morro.

A pracinha era usada como boca de fumo. Quando chegamos, logo começou a correria dos vapores e dos poucos usuários que estavam por lá.

Paramos e todos saltaram ao mesmo tempo do carro já enfrentando uma rápida troca de tiros. Rápida porque eles tomaram um susto com a nossa chegada e só pensavam em fugir.

O sargento Zaqueu, que era o único que conhecia o informante, foi na frente, servindo de ponta. Era ele que nos guiava. Eu guardava o lado direito da rua; O cabo Felipe, o lado esquerdo. E Carlos a retaguarda, mas sempre de olho para que ninguém tomasse a nossa viatura.

Na confusão eu não consegui identificar quem era o nosso informante. Era um corre pra lá, corre pra cá de vagabundo, que eu preferi me manter concentrado na minha função: o lado direito.

Só sei que em pouco tempo conseguimos chegar à referida casa. Estava tudo lá, direitinho, como o informante havia dito. Eram: cinco fuzis, dois 5.56 e três M16 da marinha americana (dá para acreditar?); dez quilos de maconha; três de cocaína; uma grande quantidade de munição. Muita coisa mesmo, e um vagabundo morto. Dessa vez eu nem vi como o cara acabou tomando esse tiro.

Estava lavada a nossa alma. A tão esperada revanche, completa até a última gota. Melhor, até o último tiro. Tudo bem que não matamos tanto quanto gostaríamos. Só um, na verdade. Mas nós ferimos os traficantes onde mais dói: no bolso. Demos um puta prejuízo pros caras.

Na saída, eu nunca vi minha guarnição agir com tanta eficiência. Colocamos tudo que encontramos na casa, em pouquíssimos minutos, dentro da PATAMO. Inclusive, enfiamos o defunto no porta-malas da viatura.

Descemos o morro e paramos em frente ao hospital. O sargento Zaqueu saiu, deu a volta no carro e abriu a porta do motorista:

— Carlos, levanta daí e ajuda o Rubens a descarregar o defunto. Deixa que eu assumo a direção.

Saí da viatura, abri o porta-malas e, com a ajuda de Carlos, retirei o traficante morto. Colocamos o cadáver na calçada. De dentro do carro, o Zaqueu deu as últimas instruções:

— Vocês resolvem tudo que têm que resolver por aí. Eu e Felipe já vamos para a delegacia desenrolar a ocorrência, adiantar o processo. Quando vocês acabarem, vão para lá e a gente se encontra.

A PATAMO arrancou. Eu fiquei encarando Carlos para ver se descobria alguma coisa. Ele deu com os ombros e nós arrastamos o corpo para dentro do hospital.

É raro o sargento dispensar o motorista. Normalmente, ele ou outro soldado só assume a viatura em uma situação de emergência, ou se o motorista se ferir.

Tudo resolvido no hospital. Pegamos um ônibus e fomos para a delegacia. O sargento Zaqueu e o cabo Felipe estavam sentados, esperando o encerramento das papeladas.

— O troço lá no hospital foi demorado mesmo — comentou Zaqueu.

— É que a gente pegou um pouco de trânsito na volta.

— Aqui já está tudo nos finalmentes. Só estamos esperando a burocracia de sempre.

Ainda estava bastante excitado com a nossa ação e não conseguia ficar sentado. Me levantei e fiquei dando voltas na delegacia.

Como só o sargento e o cabo deram entrada na ocorrência, dessa vez eu não precisava assinar nada. Só por curiosidade, resolvi dar uma lida no processo. Lá estava descrita a apreensão de apenas dois fuzis 5.56 e dez quilos de maconha. Pois é, sumiram três fuzis M16 e toda a cocaína.

Um frio passou no meu estômago. Botei o mais rápido que pude a ocorrência no lugar. Será que eles me viram lendo o documento? Observei atento tudo à minha volta. Não tinha ninguém. Os meus colegas estavam todos na frente do prédio. Nas cadeiras de espera.

Estava na cara a mamata que tinha acontecido. Mas eu não podia falar nada. Tive que ficar quieto. Não faria pergunta nenhuma. Principalmente na rua, onde não era nada seguro. Poderia significar minha vida.

O sargento Zaqueu e o cabo Felipe, com certeza, estavam envolvidos no roubo. Mas será que Carlos também sabia de tudo? A sensação de insegurança era horrível. Eu não tinha mais confiança nos meus colegas.

Ao chegarmos no quartel, o sargento saiu rápido da viatura e se isolou. Vi mais ou menos a direção que ele tinha tomado. Andei devagar pelos corredores do batalhão como quem não quer nada. Na verdade, o que não me faltava era atenção. Queria saber o que o sargento estava fazendo. Vi ele se trancado numa salinha. Resolvi ficar espiando pela janelinha de vidro.

No canto da sala, Zaqueu fazia várias ligações de um telefone. Impaciente, folheava seu caderninho vermelho de páginas amareladas, deixava-o aberto sobre o colo e discava um número. Não dava para entender o conteúdo das conversas. Só dava para ver que ele não parecia nada satisfeito. Desligava, abria o seu caderninho, procurava um nome e tentava ligar de novo.

Depois de várias tentativas, ao desligar o telefone pela última vez, ele fechou a mão direita com força e comemorou. Antes que eu pudesse me esconder, Zaqueu saiu da sala numa velocidade impressionante.

— Rubens! Que bom que eu te encontrei tão rápido! Cadê o resto do pessoal?

— Não... não sei.

Eu estava nervoso, não sabia se ele tinha me visto espionando.

— Não precisa gaguejar comigo, garoto. Eu sei que você estava me espiando e acho que você tem todo o direito de preservar os seus interesses. Agora vamos reunir o pessoal. Não temos tempo a perder!

Entramos na viatura e saímos do quartel. Passamos em frente à favela do Chapéu, fizemos o primeiro retorno e entramos no morro em frente, na favela

rival.

Soldados do tráfico. Jovens e crianças armadas de fuzis observavam a viatura passar e não faziam nada. Já estava tudo combinado.

Chegamos no topo do morro. Saímos do carro. Um negro alto e forte, que usava um bigode grosso, saiu de casa para nos receber. Estava só de bermuda e carregava um fuzil G3 nas costas preso por um tira de couro que cruzava o peito.

— Coé, Zaqueu, trouxe a parada?

O bandido cumprimentou o sargento.

— Tá tudo aqui.

O sargento abriu o porta-malas e lá estavam: três fuzis M16 e três quilos de cocaína.

— E foi tudo roubado dos alemão do Chapéu?

— Tudinho, olha aqui uma cópia da ocorrência.

O bandido leu o documento e começou a rir.

— Os polícia roubaram as armas dos alemão!

Os soldados do traficante, que cercavam a viatura começaram a rir também.

— Aqui a grana, Zaqueu. Se tiver uma outra parada maneira assim, é só me dá um toque. Valeu, choque?

— Valeu.

Os dois se cumprimentaram e nós voltamos para a PATAMO. Descemos a favela sem complicação alguma. Passamos por dezenas de traficantes armados e bocas de fumo. Os olhares eram desconfiados de ambas as partes. Mas não passou disso.

Pior do que conspirarem contra mim, foi me envolverem no roubo sem perguntarem se eu topava. Me levaram para o esquema como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Tem quanto aí nessa sacola, chefia? — perguntou Carlos.

— Cinquenta mil.

— Mandou bem, sargento!

Enquanto eles comemoravam, eu me perguntava: estou vendendo armas para dar tiro em outro polícia? Para ajudar a tirá-lo de sua família? Não. Eu não podia compactuar com isso. Essa parada não tinha escrúpulos, moral, ética, não tinha nada de bom, só desgraça.

Após a negociata me calei até chegar ao quartel. É evidente que perceberam o meu descontentamento.

— Aí Rubens, tá emburradinho por quê?

A viatura parou no pátio e fui logo falando:

— Não vou participar disso... podem ficar tranquilos... vou sair da guarnição... vou levar o segredo comigo para o túmulo.

Estávamos dentro do carro com os vidros todos fechados. O ambiente já era sufocante e eu esperava ser ainda mais sufocado pelos meus colegas. Eles me encaravam, decepcionados. Pareciam feras prontas para atacar.

— Tudo bem — disse o sargento Zaqueu.

— O quê? — eu perguntei.

Eu mesmo não acreditei na resposta do sargento.

— Eu disse que por mim, tudo bem. Não precisa entrar na jogada. Porra, Rubens, a gente já matou, destruiu, tacou fogo, fez merda pra caralho juntos. Todos nós confiamos em você. Se tu não quer receber a grana, melhor pra gente, que vamos ficar com mais dinheiro.

E começou a rir. Os três começaram rir sem parar.

— Viva o Rubens! — gritou o cabo Felipe. — Papai Noel da turma!

Depois das brincadeiras, eu fiz a minha parte. Fui ao departamento, pedi para sair da guarnição e pronto. Não venderia meus companheiros por nada nesse mundo.

20

Será que não aprenderia nada de bom? Seriam somente surpresas desagradáveis? Que vida eu tinha escolhido para mim?

Tinha em minha mente várias perguntas sem respostas. E quantas mais viriam? Faltam tantos anos pela frente! As dúvidas pairavam sobre a minha cabeça!

Mas estava leve. Apesar do que ocorreu, eu gostava dos meus colegas. Depois das palavras do sargento Zaqueu e da reação do resto da guarnição, saí do quartel seguro. Tive a certeza de que eles confiavam em mim e não fariam nada contra minha vida.

Antes de conversarmos eu estava tão tenso, que mal conseguia me mexer. A confiança dos meus colegas me provocou um alívio tão grande, que cheguei em casa muito feliz. Estava tão agitado, que nem fui dormir. Fui direto brincar com Serginho, que tinha acabado de acordar.

Clara adorou me ver daquele jeito. Várias vezes se sentou no chão e se juntou a nós nas brincadeiras. O dia todo foi de festa e alegria.

No final tarde, Clara foi à igreja e ficamos só eu e meu filho em casa.

— Papai, quero biscoito. Por favor. Eu quero um pouquinho de biscoito.

Abri os armários na cozinha já sabendo que não tinha nada para dar ao Serginho. Foi uma falsa esperança que me fez levantar e ir até lá. O pior do que saber que não tinha biscoito era saber que não tinha dinheiro. O salário baixo mal deu para pagar as contas.

Voltei para a sala e dei a notícia para Serginho. Não tinha mais biscoito. Ele fechou o bico, mas não gritou, não fez pirraça. Começou a chorar e falar baixinho, sem parar.

— Por favor... Me dá um pouquinho... Por favor...

Puxa vida! Eu podia estar com mais de dez mil reais no bolso. Mas não. Em vez disso, tenho que ver meu filho desse jeito. Uma sensação estranha me invadiu. Uma tristeza diferente de tudo que já tinha sentido.

— Para de chorar, garotão. Não precisa ficar assim.

Serginho abraçou minha perna. Colou o rosto na minha coxa. Já estava soluçando e não conseguia mais falar direito. O choro não ia embora.

Me ajoelhei tentando ficar da sua altura. Abracei o meu filho e chorei. Meu filho não podia passar por isso! Meu filho não tinha biscoitos. E eu que sempre fui um pai, um homem responsável, não merecia passar por isso.

Será que valeu a pena minha atitude honesta, moral? Era justo passar aquilo? Ter aquele sentimento de impotência porque ganho uma miséria?

Ser incorruptível não enche a barriga da família. Todo homem tem seu preço. Eu tinha o meu. Muita gente dependia de mim. Minha família não era grande, mas proporcionalmente ao meu salário, parecia imensa. Poxa! Eu arrisco a minha vida quase todo o dia e o que eu ganho com isso?

21

Antes de tirar o serviço, vou à sargenteação para descobrir quem eram os meus novos companheiros e me juntar à minha nova guarnição.

O departamento era uma sala que tinha aquelas portas de madeira divididas ao meio. A parte de cima ficava aberta enquanto a de baixo permanecia fechada. Nessa parte de baixo, tinha um balcãozinho em que eu me apoiei esperando que o rapaz achasse o processo. Era tanta papelada, que o coitado parecia mais perdido do que barata tonta.

— Onde é que eu guardei o seu papel? Eu me lembro bem do caso. Aqui! Era isso mesmo.

— Então, com quem eu vou trabalhar?

— O problema foi que o sargento Zaqueu não autorizou sua transferência.

— Como assim?

— Ele esteve aqui, logo no primeiro horário e anulou sua transferência de equipe.

Eu estava confuso. Primeiro eles dizem que não tem problema eu ficar de fora da parada. De repente, eles não querem me deixar sair. O que será que está acontecendo?

Já estava de saco cheio de passar por esse tipo de estresse. Será que nunca vão me deixar fazer a porra do meu serviço em paz? A situação já está preta em casa e nem os meus colegas me dão folga!

Agora era eu que me sentia a barata tonta. Não sabia para quem reclamar. Para onde fugir. Começo a andar pelo batalhão sem rumo certo. A minha cabeça fervia. Eu tentava a qualquer custo achar uma maneira de resolver a minha vida dentro da polícia.

Dobro o corredor e vejo de longe o sargento Zaqueu sentado de braços cruzados. Eu não consegui chegar a conclusão nenhuma. Me aproximo já bastante desgastado.

— Eu estava te esperando, Rubens.

O sargento se levanta e começa a caminhar ao meu lado.

— Vamos dar uma volta.

Eu estava tão vencido, que não me importava mais com o que pudesse acontecer. Fui deixando o sargento Zaqueu me levar.

— Desculpa Rubens, mas eu não posso deixar você fazer essa besteira.

— Pô, sargento, é que vender armas para bandido é foda.

— Então deixa eu te fazer uma pergunta. Tu já tem alguns anos na praça, não tem?

— Quatro anos.

— Beleza. Agora me responde: nesses quatro anos, quantas vezes tu participou de uma operação para acabar com o tráfico dentro da favela? Não tô falando das incursões que a gente faz pra pegar alguns fuzis e às vezes resolver problemas pessoais com os vagabundos. Eu tô falando de uma operação de verdade, pra acabar com a festa dos caras.

O sargento me pegou. Fiquei pensando. Pensado em tudo que já passei e não soube responder.

— Já que tu não consegue se lembrar de nenhuma, deixa que eu respondo. Você me contou uma sim. Uma que tu se armou com uns colegas seus e acabou

com a bandidagem do Titiri em uma noite. Porra, será que você não vê?! Os comandantes, os coronéis, os políticos, todo mundo fatura uma grana com os bandidos. A gente é usado de peça publicitária. Eles colocam as viaturas em lugares estratégicos só para a população ver que a segurança está atuando! A gente é usado de matador para resolver algum desentendimento entre os políticos e os bandidos. A gente é usado de tudo quanto é jeito! Você acha que as armas que eu vendi vão ser usadas contra nós? Talvez, mas não porque a polícia quer acabar com a criminalidade na favela. As armas podem ser usadas contra nós ou contra nossos companheiros que vão estar defendendo interesses ilegais dos nossos superiores. Então, meu amigo, eu estou com a consciência tranquila! Eu quero mais é que eles usem essas armas para invadir o morro vizinho e que todos eles acabem se matando.

O sargento estava agitado. Passava as mãos nos cabelos loiros e continuava:

— Eu não vou ficar no meio desse fogo cruzado, sendo feito de otário sem ganhar o meu nessa putaria. Já botei na minha cabeça: a polícia é um meio de vida, não um meio de morte.

Até que Zaqueu parou. Ficamos frente a frente. Ele me olhou firme. Segurou com os dois braços os meus ombros e concluiu:

— Irmão, somos nós que colocamos o nosso cu na reta, que colocamos nossa vida em risco. Nossa família tem que estar amparada para a hora que nós faltarmos. Pra polícia somos apenas um número, como diz a música, o hino da PM: mais um sol que nasce. Só isso. Só a nossa família vai chorar. Pra sociedade somos um mal necessário, só isso e mais nada. O que você está sentindo eu também já senti, são vinte anos da minha vida, se é que se pode chamar isso de vida. Pegue seu dinheiro, você merece, você é guerreiro, faz por onde, não deixe faltar nada para seu filho e esposa.

Parecia que ele sabia o que tinha acontecido em casa, com o meu filho. Aquilo me tocou profundamente.

22

Aceitei o dinheiro e no outro dia fui direto ao mercado fazer compras para a família. Já não tinha mais nada em casa, armário e geladeira vazios, e o pagamento estava longe.

Comprei quatro pacotes de biscoito de cada sabor que tinha no mercado. Ah! Que sensação maravilhosa ver o sorriso estampado no rosto do meu filho! Ali eu

realmente havia cumprido meu dever. Não de policial; um dever mais sublime, o dever de pai.

Com dinheiro no bolso, aproveitamos o final de semana para fazer uma visita à irmã de dona Neuza, tia Nilce, que morava no interior do Estado. Botei as malas, sacolas, dentro do Chevetinho e ainda sobrou lugar para os cinco: eu, Clara, Serginho, dona Neuza, mais o Chope.

A tia de Clara tinha um pequeno sítio. Serginho adorou brincar com os cachorros, ver a criação de galinhas e as verduras na horta. No campo, conseguimos relaxar e esquecer os problemas da cidade. Inclusive, as nossas desavenças dentro de casa. Até dona Neuza parecia revigorada com o ar puro.

Tudo que é bom dura pouco. Quando me dei conta, já estava deixando minha sogra em casa. O que eu estranhei foi encontrar a casa vazia. Arturzinho não estava mais lá. Ele tinha levado todas as suas coisas embora. Não que eu desconfiasse do moleque, mas dei uma conferida para ver se ele tinha levado mais alguma coisa que não era dele. Arturzinho era um bom garoto. Só levou o que era dele.

À noite, Magali, nossa vizinha de porta, veio nos visitar. Ela disse que Arturzinho pediu que ela fosse falar com a gente assim que chegássemos. Magali contou que o garoto encontrou uns conhecidos que lhe propuseram um emprego na Zona Sul, na empresa de uns bacanas. Enquanto Arturzinho não arranjava um canto para morar, iria ficar na casa de um deles num morro da região.

Achei ótimo que Arturzinho arranjou um emprego. O meu único problema era como eu iria fazer para cuidar da dona Neuza.

— Não tem problema, Rubens, eu passo o dia todo em casa e posso dar uma mão para Clara.

— Obrigado, Magali, você é um anjo — respondi.

Magali sempre foi muito prestativa. É amiga de infância de Clara. Mesmo quando Arturzinho morava com a gente ela sempre nos ajudou quando precisávamos.

— Rubens — disse Clara —, de repente vai ser até bom economizar a grana que a gente dava para o Arturzinho. Você só vai precisar mesmo é nos ajudar com o banho da mamãe.

Clara me viu gastando dinheiro adoidado durante todo o final de semana, mas não me perguntou de onde tinha vindo a grana. Eu achei que ela tinha entendido a situação e aceitado. Mas depois do que ela acabou de dizer, parece mais que ela bloqueou uma parte da mente para não enxergar o que realmente tinha acontecido.

23

Passados alguns dias, colocamos nosso informante em outra favela. Não demorou muito tempo para termos o resultado esperado: tiro, porrada e bomba. E é claro, o esperado espólio de guerra, que nessa altura era a melhor parte de todas.

— A festa está muito boa, mas a gente ainda não se vingou de todo mundo que nos fudeu.

— Como assim, sargento?

— A gente ainda tem que enrabar aquele filho da puta do Zé Careca e aquela vadia daquela delegada.

Zaqueu queria usar a mesma estratégia do informante para invadirmos a favela do Canguru e darmos um flagrante com “F” maiúsculo para cima do cara.

— Se ele der mole pode até acabar levando tiro.

Todos nós estávamos empolgados. Nos sentíamos invencíveis. A favela do Canguru era a maior da região, e com certeza, a que devia dar mais lucro ao tráfico. Era um trabalho perigoso, mas nem chegamos a medir os riscos. Queríamos apenas o resultado.

Ficamos esperando ansiosos a resposta do informante. Um mês depois, ela veio.

Entramos os quatro a pé na favela. O engraçado foi que a Canguru era uma das favelas mais bem armadas do Rio de Janeiro. Diferente do que imaginávamos, não houve nenhuma resistência. Entramos na favela e só vimos pessoas correndo, fugindo. Zaqueu, que por medida de segurança era o único que conhecia o X9, deve tê-lo reconhecido entre as pessoas da rua, pois foi nos guiando até o esconderijo das armas. Chegamos ao local sem dar um único tiro.

Arrombamos a porta da casinha de tijolos. Para nossa surpresa, a casa estava vazia. Só tinha um cara muito magro, mas magro mesmo, do tipo que dava para ver todos os ossos do seu corpo, sentado numa mesa fumando um baseado, e o Zé Careca.

A figura do Zé Careca já era ridícula. Cabeludo, cheio das pulseiras, colares, parecia o John Lennon fumando maconha. Mas pior do que isso foi descobrir que aquele cara magérrimo, praticamente pele e osso, ao lado do traficante, era o Gordinho, o famoso informante de Zaqueu.

— Larga essa merda! — gritou o sargento Zaqueu.

— Calma bicho, tenta relaxar...

— Relaxar é o caralho!

O sargento levantou o Zé Careca da cadeira, o encostou na parede e o revistou.

— O cara tá limpo. Não tá nem de pistola!

Zaqueu olhou para trás e viu o seu informante. Cabo Felipe já o tinha algemado. A gente tinha que fingir que Gordinho era traficante como qualquer outro. Se Zé Careca desconfiasse de alguma coisa, adeus X9, era morte na certa.

O sargento ficou olhando para o sujeito ossudo. Gordinho movia, sem mexer a cabeça, os olhos na direção do teto. Era um telhado de zinco e eu comecei a ouvir um rangido logo acima da minha cabeça.

Pulei para trás de susto com o barulho dos tiros. Eu nunca tinha tomado um susto em combate, pois sempre estive alerta, mas desta vez eu não estava preparado mesmo. Era o sargento Zaqueu que largou o dedo e começou a atirar no teto de zinco. Quase no mesmo instante, um corpo rompeu as telhas com o seu peso e caiu na nossa frente, bem em cima da mesa da sala. Era um pretinho, parrudinho, com um fuzil amarrado no braço. Estava só esperando o momento certo para nos abater.

Até o momento, Zaqueu era o único que tinha entendido os sinais do informante. Depois do susto, acompanhamos o sargento e fuzilamos a telha até não sobrar mais nada entre as nossas cabeças e o céu. Nessa brincadeira, caíram três fuzis AK47 e dois AR15 que estavam escondidos no teto da casa.

— Dessa vez tu tá fudido, ô Careca!

— Ai que saco, bicho!

Eu não entendia por que o Zé Careca só demonstrava tédio durante aquela operação. Isso até chegar um menor, com no máximo onze anos, trazendo um rádio de comunicação e entregar para o traficante.

Parecia evidente. Tínhamos a certeza que ele falaria com seus subordinados e mandaria trazer dinheiro para nós. Tentaria negociar sua liberdade.

Mas não. Zé Careca pegou o rádio e já parecia outro. Sua expressão se contraiu. Nunca pensei que aquela figura fosse capaz de perder a calma. O traficante foi duro no rádio.

— Porra, bicho, teus vermes estão aqui e me agarraram, e aí, qual vai sê?

O susto só bateu de verdade quando ouvimos a voz do coronel do outro lado da linha tentando se explicar. O traficante continuou dando esporro no comandante do nosso batalhão.

— Vai mandá eles me soltá ou não, porra?! E os setenta mil que tu leva pra me deixá em paz, caralho!

Aí meu mundo caiu. Caiu todinho na minha cabeça. E com bastante força, de uma só vez. Pensei: meu filho passa aperto, eu me arrisco pra um corno desse ganhar dinheiro sentado atrás da mesa, dando uma de santo. E eu aqui, me fudendo todo, trocando tiro toda hora enquanto o filho da puta me vende!

Zaqueu me olha como se soubesse ler meus pensamentos:

— Tá vendo aí? Fica com peso na consciência de botar comida dentro de casa. Você tá no combate pra arrumar mixaria e ele nos vendendo. Te avisei, viu...

Cambada de safados! O mais engraçado é que o nosso coronel aparece toda hora na TV, tirando onda de santo.

Um sentimento de indignação me corrói quando sou interrompido pela voz do coronel, pedindo que soltasse o elemento. Tomei o rádio da mão do vagabundo e respondi:

— Aí, meu chefe, se ele paga setenta pra você, eu quero cento e quarenta pra soltar, senão ele não vai preso não, vai de vala.

Quebro o rádio assim que termino de falar. Passa pela minha cabeça o ditado: “Corrupção não tem patente”.

O dinheiro chega rápido, cerca de dez minutos. Incrível ver um coronel pagar pela liberdade de um traficante! Eu nunca pensei que veria uma coisa dessa na minha vida.

Soltamos Zé Careca. Descemos o morro tensos, achando que poderíamos ser atacados a qualquer momento. Mas nada aconteceu.

Na PATAMO era só alegria.

Chegamos no quartel, olhamos para o fim do pátio. O coronel nos esperava de pé. Quando nos aproximamos ele disse:

— Vocês estão transferidos.

Só isso. Depois se virou e foi embora.

24

Voltei para casa satisfeito. Sem nenhum peso na consciência e sim com o bolso cheio até a boca de dinheiro, para ser gasto no conforto da minha família. Estava tranquilo, afinal não teria problemas financeiros durante um bom tempo.

Passada a folga, vamos verificar para onde fomos mandados. Logicamente, um para cada lado. Assim tinha fim nosso reinado naquela unidade.

Sabia que não podia esperar me dar bem. Tenho certeza que fui recomendado.

Não positivamente, mas negativamente. Lógico, mexi na colmeia do homem e qualquer outro comando ficaria com receio.

Peguei um castigo durante um bom tempo. Mas não esquentei, estava com dinheiro guardado.

Nunca mais recebi informações dos meus antigos companheiros. Só mantive contato com Zaqueu. Com o dinheiro, o sargento realizou seu sonho e comprou a sua aposentadoria. Eu devia ter feito o mesmo, mas no lugar disso, resolvi comprar um carro. Um Astra novinho, sem placa, zero quilômetro. Agora sim eu queria ver o que os meus vizinhos iam falar.

No novo quartel, fui apresentado ao meu castigo. Era um batalhão da Zona Sul e os meus novos colegas me levaram para o meu posto de trabalho na orla. Olhei aquele mar, a mulherada passando de biquíni e abri um sorriso de orelha a orelha.

— Parece que eu vim parar no paraíso! Acho que vai ser moleza me acostumar com isso.

— Aí fora, meu irmão, até pode ser o paraíso. Mas aqui dentro, está mais perto de ser o inferno.

Então o meu colega me apontou a cabine policial. Um cubículo que mal cabem duas pessoas de pé. Eu passava doze horas por dia dentro daquela prisão. Só saía para atender uma ocorrência. Raramente tinha uma ronda a pé e eu ficava passeando para lá e para cá no calçadão da praia. Mas quase todos os dias, o meu serviço era ficar dentro do cubículo.

Os dias de sol eram os piores. O lugar mais parecia uma sauna de tão quente que ficava. O ventiladorzinho que tinha não dava conta. E ainda mais que a gente trabalha fardado. Farda azul, calça e coturno. Eu suava em bicas. Foi foda.

O trabalho só tinha uma grande vantagem. Era seguro. Eu não tinha que enfrentar a guerra do tráfico, não tinha que enfrentar colegas me traindo. A única coisa que eu fazia, de vez em quando, era dar umas porradas nuns pivetes que roubavam ou enchiam o saco dos turistas.

OS CINCO FANTÁSTICOS

1

Ano passado teve eleições para o governo do Estado. Com a mudança no governo, um novo secretário de segurança e um novo comandante geral da Polícia Militar foram nomeados pelo governador eleito. Quando outro partido político passa a governar o Estado, grande parte dos comandantes dos batalhões são afastados do cargo. O comandante geral, junto com o secretário de segurança e o governador nomeiam novos coronéis para comandarem os batalhões. Esses coronéis são escolhidos para atenderem interesses políticos e todos eles são filiados ou simpatizantes do partido político da situação.

Os ex-comandantes de batalhões ficam no que nós chamamos de reserva. Muitos deles se articulam politicamente para conseguirem voltar a assumir um quartel nesse mandato. Outros fazem campanha para eleger um próximo governo que os favoreça.

Eu, que acabei fazendo algumas amizades nesses meus anos de polícia, me beneficiei com essa dança dos poderes. Fui resgatado do meu castigo para ingressar em outro batalhão e voltar a fazer parte de um grupo diferenciado.

Na verdade, naquele momento eu ainda não sabia se essa mudança tinha sido casual, talvez por causa da minha trajetória dentro da corporação, ou se realmente algum colega tinha me ajudado a voltar à ativa.

Após setenta e duas horas de trânsito, chego à minha nova unidade. Totalmente mudado. Mais maduro, astuto, maldoso. Já não era mais aquele homem com os ideais de servir e proteger. Agora o lema era proteger os meus familiares e ganhar dinheiro, muito dinheiro.

Vou ao departamento para ser encaminhado à minha nova guarnição, mas sou abordado por um oficial.

— Você é o Rubens, não é?

Ao meu sinal positivo, ele continua:

— Então vem comigo que o comandante quer falar com você.

O comandante do batalhão à minha espera? Provavelmente ele deve saber tudo o que aconteceu comigo nos outros quartéis, deve chamar minha atenção. Provavelmente o cara vai me olhar firme, fazendo cara de mau, e dizer que no

batalhão quem manda é ele e, se eu resolver me meter, vai transformar a minha vida num inferno.

Abro a porta do escritório do coronel. Do outro lado da sala, atrás da sua mesa, envolto na fumaça do seu charuto, ele abre os braços e me recebe com um caloroso sorriso:

— Rubens! Que bom te ter com a gente! Você chegou bem na hora.

Mesmo depois de quatro anos, aquela figura ainda continuava a mesma. Não tinha mudado nada. Charuto na boca e o grande nariz pontudo curvado para frente parecendo com um abutre. Magro, pomo de adão saliente, balançava a cabeça para baixo como se estivesse bicando cada palavra com o seu nariz. Era o Alfredo. Ele se levantou e rapidamente ficou na minha frente com os braços abertos, como se fosse me abraçar.

— Eu não te disse que estava ficando bem relacionado? Olha só para mim!

Alfredo virou o ombro para mostrar a sua patente pregada na farda azul.

— Coronel do batalhão! E você? Como a vida tem te tratado, meu amigo?

— Nada de especial.

— Xiii... que merda, hein? Mas pode ficar tranquilo que aqui no nosso batalhão a história vai ser outra. Você conhece o sargento Lúcio?

Só agora que o coronel Alfredo apontou atrás das minhas costas que eu vi que tinha uma pessoa sentada do lado da porta. Era um tipo que impunha respeito. Devia ter mais de quarenta anos e a musculatura já estava um pouco flácida por causa da idade. Mas o cara era forte. Ombros largos, braços grandes e uma escama vermelha e roxa de queimadura cobria quase todo o pescoço e metade da bochecha direita.

O monstro continuava parado, só me olhando. Alfredo que estava agitado, quase pulando de alegria, fazia sinais para o sargento se levantar.

— Vamos, Lúcio! Vem aqui cumprimentar o meu amigo.

O sargento apoiou as mãos no encosto da cadeira e fez um esforço para erguer toda aquela massa muscular. Pelo amor de deus, o cara era alto! Devia ter quase um e noventa. Veio andando na nossa direção. Fazia tudo devagar, como se estudasse cada movimento. Parou na minha frente e ficou um tempo assim. Ele já era mais alto do que eu e ainda me encarava com o queixo levantado, fazendo com que seus olhos ficassem quase fechados. Finalmente, estendeu as mãos na minha direção e disse:

— Sargento Lúcio.

Eu o cumprimentei de volta e me apresentei.

— Liga não, Rubens, o sargento Lúcio tem todo esse jeitão, mas é tudo pose.

É ou não é?

Alfredo batia com força no ombro do sargento, mas ele nem mexeu a cabeça. Continuava me olhando. Depois de um tempo, Lúcio se virou devagar e o encarou. No mesmo momento, o coronel acabou com as brincadeiras.

— Bom, agora vamos falar sério! Eu trouxe aqui para o meu batalhão os melhores polícias que eu conheço. É o primeiro batalhão que eu assumo e eu quero botar para fuder! Vocês estão me entendendo? Chega de hipocrisia! Não me importo que os meus soldados ganhem o espólio de guerra. Eu quero mais é que vocês ganhem dinheiro mesmo. Para mim o que importa é o resultado: prisão, morte por resistência, tudo que faça o nosso quartel sair no jornal. Não me interessam os meios que vocês vão usar, eu quero é resultado, tá entendendo? Resultado.

Mesmo diante da empolgação do coronel, o sargento Lúcio não esboçava nenhuma reação. Alfredo concluiu:

— Rubens, tu sabe o que eu já passei. Sabe que eu tenho horror a vagabundo. Então, rapá, o negócio é o seguinte: eu dou carta branca para vocês.

Depois de um tempo sargento Lúcio soltou um sorriso.

2

A polícia do Brasil é a única do mundo que tem duas portas de entrada. Você pode fazer prova para soldado e praça, que é o meu caso, ou entrar para a escola de oficiais. Não é fácil entrar na escola de oficiais. Para começar, não é qualquer pessoa que pode se candidatar. Tem um limite de idade para o ingresso, o candidato tem que ser jovem. A prova também é muito mais difícil. É tipo um vestibular, e é bastante concorrido. O curso também não é moleza. Entrar na escola de oficiais não é garantia de sair coronel. O cara tem que ser bom. Mas depois, com os contatos certos, o oficial recém-formado pode sair de cara com um batalhão sob o seu comando. Foi isso que aconteceu com o Alfredo.

O sargento Lúcio me levou para o pátio onde a nossa guarnição nos esperava. Ele parou e de longe foi apontando e me apresentando aos meus novos colegas.

— Cabo Russo.

Era um rapaz alto, atlético e muito branco. Estava quase deitado de costas, bem à vontade, com os cotovelos apoiados em cima do capô da viatura. De óculos escuros, o rosto virado para cima aproveitando para pegar um pouco do leve sol da manhã. A sua pele era tão branca, que parecia refletir a luz do sol

para tudo quanto é lado. Quando me viu, fez um aceno com a cabeça.

— Soldado Fausto.

Era um rapaz magrinho, baixinho e todo agitado. Andava de um lado para outro e não parava quieto. Veio logo na minha direção e me cumprimentou. Falava muito rápido, quase sem respirar:

— Tudo bem, meu nome é Fausto e o seu? Não precisa responder. É Rubens, não é? Está tudo aqui escrito, olha. Vamos entrar na viatura, sargento?

Ele falou colocando a mão na minha farda, no peito esquerdo, mostrando onde estava bordado meu nome.

— Deixa de ser ansioso, Fausto — disse o cabo Russo tranquilamente, sem levantar o rosto, sem deixar de pegar o seu solzinho.

O sargento me apontou para o último da nossa guarnição. Um garoto que não parecia nem ter completado os vinte anos. Sentava-se todo curvado, mostrando toda a sua timidez.

— Esse aí é o mais novo do nosso time, soldado Tiago.

— Vamos entrar na viatura, sargento? — disse Fausto apressado.

Cabo Russo se levantou do capô meio que se espreguiçando e entrou no carro. Ele era o motorista da guarnição. O sargento Lúcio acomodou toda sua massa ao seu lado. No banco de trás sentou o soldado Fausto numa janela, eu na outra e o soldado Tiago, que era o mais novo, no meio.

Depois do sargento, eu era o mais velho da guarnição. Isso era ótimo, porque de antemão eu já ganhava um certo respeito dos meus colegas.

Assim que saímos do quartel, o cabo Russo tirou o maço de cigarro e um Zippo de metal envelhecido com uma águia da Harley-Davidson em alto-relevo colada no lado do isqueiro. O cabo acendeu o cigarro todo cheio de estilo. Paquerava cada mulher que parava perto da viatura. Não chegava a falar nada, só as fitava como se quisesse despi-las com os olhos.

Na janela atrás de Russo, Fausto não parava quieto. Levava os dedos na boca, roía a unha, baixava as mãos. Em poucos segundos repetia o movimentos. Se inclinava um pouco para frente, parecendo que iria falar alguma coisa com o cabo, mas desistia e se jogava no banco. O cabo Russo logo percebeu.

— Qual o seu problema, parceiro?

— Dá para me emprestar um cigarro? Mas só se não for te fazer muita falta. É que eu tô morrendo de vontade de fumar. Me arranja um?

— Não, Fausto. Você não disse que tinha parado de fumar?

— Eu parei, mas olha a minha unha como está? Daqui a pouco eu vou ficar sem dedo. É só um! Não vai fazer diferença.

— Não. Se tu quiser fumar compra o teu cigarro.

— É que eu não queria comprar um maço inteiro. Eu quero fumar só um!

— Então, parceiro, vai ficar sem cigarro.

Quando dobramos a esquina, do outro lado da rua, um pivete com o cabelo todo desgrenhado, roupa suja e rasgada, tentava puxar a bolsa de uma senhora. Era uma mulher da idade de dona Neuza, com o aspecto frágil, mas não soltava a bolsa.

— Sargento, um assalto. Tá vendo, sargento? Assalto. Olha sargento, o bandido na frente. Assalto, tá vendo?

Fausto roía as unhas sem parar e não conseguia parar de falar, mas o sargento continuava calado, sem reação.

Esperando as ordens do sargento, até eu estava começando a ficar tenso. Inquieto, comecei a tamborilar com os dedos na porta da viatura. A minha cabeça fervia. Fiquei imaginando a dona Neuza passando por essa agressão. Eu queria matar o assaltante.

— Sargento, fala alguma coisa — continuava Fausto. — Ele vai acabar matando a velhinha. Tá vendo, sargento? Olha o assalto, tá vendo? O assalto, sargento! A velhinha, sargento.

Tiago, que estava entre eu e Fausto, olhava de um lado para outro absorvendo toda a nossa tensão. Só o sargento Lúcio não saía do lugar. Cabo Russo acendeu um cigarro. Tava achando graça da situação.

O bandido arrancou a bolsa com um puxão que derrubou a velhinha. Nesse momento, eu não esperei mais as ordens do sargento. Abri a porta e corri atrás do vagabundo. Fausto deve ter feito o mesmo, porque logo passou à minha frente.

Mesmo com a velocidade de Fausto, o bandido corria muito. Era quase impossível alcançá-lo. Mas para nossa sorte, o meliante entrou num beco que era sem saída. Azar o dele.

Dei voz de prisão. O bandido jogou a bolsa no chão e levantou os braços mostrando que estava desarmado. Foi aí que ele tomou um tiro no peito. Olhei para o lado e ainda vi a fumaça saindo do cano da pistola do Fausto. Não vou dizer que não gostei de ver aquele bandido morrendo. Era o que eu queria ter feito, mas acho que não tive coragem.

— Porra, Fausto, que cagada.

Era coisa de maluco, mas depois de ter puxado o gatilho, Fausto mudou completamente. Parecia que teve um orgasmo. Estava tão relaxado, que não se importava com mais nada. Nem com o meu comentário, e nem em ficar parado

no mesmo lugar. Só se virou para mim para perguntar:

— Me ajuda a levar o corpo para a viatura?

Até a sua voz tinha se amansado. Falava devagar, bem calmo. Era uma pessoa completamente diferente.

— Nem falar. Tu que fez a merda, agora se vira. Era tão mais fácil levar o vagabundo algemado, de pé. Agora que tu quis mandar ele conversar com o Zé Maria, o problema é teu.

— Mas eu não vou conseguir levar ele sozinho.

— Espera aí que eu já volto com a viatura.

Peguei a bolsa da senhora e voltei para entregá-la. Cabo Russo amparava a velhinha que estava sentada dentro da viatura. Quando viu a bolsa, ela ficou tão agradecida, que me deu um beijo no rosto.

O sargento Lúcio estava de pé. O cara era mesmo gigante. Não sei como seus coturnos aguentavam o peso da sua massa corpórea. Ele parou na minha frente. O seu queixo levantado deixava as marcas das suas queimaduras mais à mostra. Depois de algum tempo ele falou:

— Bom trabalho.

Logo no primeiro dia eu descobri que os movimentos lentos, estudados do sargento não eram para enfatizar a sua pose de mau. Era porque o cara era lerdo mesmo. Olha que eu só fui descobrir isso no pior momento, durante um assalto. Sorte a nossa que não aconteceu nada de mais com a senhora.

Agora que eu sacava um pouco melhor os meus novos colegas. Fui, com muito jogo de cintura, comandando a guarnição. Se fôssemos esperar pelo sargento, ou pelo cabo Russo, que não parece estar nem aí para a Hora do Brasil, não iríamos sair do lugar.

Neste caso, não podíamos chamar a perícia porque seríamos acusados de execução. Então levei a guarnição a violar a cena do crime, despachando o corpo num hospital e inventando uma história dizendo que pegamos o bandido ainda com vida. Essa é a melhor maneira de proceder. Pois não somos acusados nem pela perícia e nem por omissão de socorro.

Mas antes de tudo, levamos a senhora para a delegacia para prestar a ocorrência. Só depois voltamos para apanhar Fausto e o defunto.

Eu sentia orgulho de ver no rosto de Tiago, que era novo na polícia, o seu olhar de admiração. Ele estava impressionado vendo um policial mais experiente tomando controle da situação.

No final da tarde, ao chegarmos no beco, pensamos que Fausto estaria agitadíssimo por causa da nossa demora. Mas não. Estava sentado ao lado do

corpo, ainda em estado de êxtase.

— Desculpa a demora, parceiro.

— Sem problemas.

Depois disso, Fausto não falou mais nada. Passou o resto do dia calado, com o sorriso no rosto.

3

Parece que, naquele dia, a agitação de Fausto me contaminou. Saiu dele e entrou no meu corpo. Foi a caminho de casa que comecei a sentir os sintomas. Minhas veias pulsavam, a respiração não queria se acalmar. O ocorrido, a forma que eu me posicionei, aquilo me deixou eufórico, mas ao mesmo tempo, era uma efervescência sufocante. Sentia uma falta de ar.

Na primeira oportunidade, parei o carro. Liguei o pisca-alerta e entrei num posto de gasolina. Estacionei onde deu e fui logo colocando todas as saídas do ar condicionado viradas na minha direção. Girei o controle para máximo, na esperança de deixar o ar mais frio. Desabotoei alguns botões da camisa e respirei fundo até conseguir me acalmar.

Com a respiração já controlada, vi que em frente tinha um boteco. Engatei a primeira e parei o carro na calçada. Entrei no bar e sentei no balcão. Estava vazio, só tinha um gordo lavando uns copos. O que enchia o lugar era o som da televisão.

— Uma caninha — pedi.

O gordo me serviu e continuou sua tarefa. Eu fiquei parado vendo o copo cheio à minha frente. Levantei a cabeça e vi o atendente, com a mão afundada na pia, de tempos em tempos virar a cabeça para espiar o início da novela. Voltei a olhar o meu copo mais decidido. Levei-o à boca e tomei tudo de uma vez. A ardência da cana passando pela minha garganta é forte. Peço outra, e outra. Todas queimando mais do que fogo.

O que parece uma espécie de autoflagelação vira um deleite quando o álcool começa a fazer efeito. Fico mais pesado, com os sentidos amansados.

Eu não posso chegar em casa neste estado, Clara vai falar um monte no meu ouvido. Vai ser um saco. Por isso, resolvi ficar mais um pouco.

Algumas pessoas entraram no botequim. Um senhor bêbado quis puxar conversa. Ficava toda hora dizendo que a vida era uma merda. Achei a conversa muito chata e resolvi ficar vendo televisão. Já não era a mesma novela, era outra.

Olho o relógio, já está ficando tarde.

Quando vou me levantar, uma morena com a bunda empinada entra no bar. Passa por todo o balcão e se senta na mesa de plástico no fundo. Encaro-a, mas ela desvia. Está com o olhar reto, fixo na porta.

Peço mais uma caninha. Abro o sorriso, me sento ao seu lado e falo perto do seu ouvido:

— Você não sabe, mas você é a coisa mais bonita que eu vi durante todo o meu dia.

Ela mal se vira para mim, continua com o olhar fixo em frente. Só solta um sorrisinho desinteressado. Eu aponto para o meu Astra.

— Tá vendo aquele carro ali? É meu. Tá a fim de dar uma volta?

Solta mais uma vez o seu sorrisinho antes de dizer.

— Não posso. Eu estou esperando o meu namorado.

— Mas eu não sou ciumento.

Se eu tinha começado mal, depois dessa fiquei completamente desmoralizado. Ela só levantou a sobrancelha em resposta. Pouco tempo depois, entra uma outra mulher e se junta a nós. É amiga da morena. Me cumprimenta com um sorriso amarelo. Num curto período, elas falam sobre mil coisas, mil nomes de pessoas, mil acontecimentos. Não entendo nada e me sinto cada vez mais deslocado. De repente elas se levantam e me dão tchau.

A piranha não estava esperando namorado porra nenhuma! Fico puto com o toco. Bebo mais uma cachaça, entro no meu carro e sigo em alta velocidade para casa.

Estacionando o carro em frente ao nosso pequeno prédio de dois andares, vejo um homem, de camisa social branca e calça preta, descer as escadas do meu apartamento. Estava sorridente e nem percebe que estou dentro do carro. Fulmino aquela criatura com o meu olhar acompanhando cada passo. Ele passa por mim, vira a esquina e desaparece.

Quem é esse cara? O que ele estava fazendo na minha casa? Subo as escadas devagar. Não conseguia organizar os meus pensamentos. Só sentia raiva, mais nada.

Abro a porta de casa. Clara estava deitada no sofá vendo televisão. Estava de camisola. Com uma perna no sofá e outra aberta caída sobre o chão, deixava a sua calcinha à mostra. Ela ria, se divertia com um programa de humor.

Vendo aquela santa vestida de puta (ou seria puta vestida de santa?) fez meu sangue ferver de ódio, ao mesmo tempo me excitava, me deixava cheio de tesão.

— O que que é isso? — perguntei.

— Rubens, por favor você vai acordar o Serginho.

— Por favor é o caralho!

— Qual é o seu problema?

— Quem é esse cara que saiu daqui agora?

— Você conhece, é o Nilton. O meu colega da igreja. Não acredito que você está fazendo escândalo por causa disso.

— Clara, olha o seu estado. Deitada no sofá de camisola.

— Pelo amor de Deus, né Rubens? Eu só botei a camisola depois que o Nilton foi embora.

— E o que é que o Nilton queria?

— A gente vai organizar um evento para o grupo jovem. A gente quer exibir vários filmes bíblicos. Que ciúmes bobo, Rubens!

Clara ficou emburradinha. Isso me deixou ainda mais excitado. Sentei ao seu lado e fui me esfregando nela. Com os olhos grudados na televisão, ela tentou me repelir.

— Sai, Rubens. Eu não estou com vontade.

Apertei de leve os seus seios pequenos com as minhas duas mãos. Ela tentava impedir.

— Sai. Eu já falei que eu não quero. Você está fedendo! Fedendo cachaça. Sai daqui!

Me levanto enfurecido. Vou direto para o nosso quarto. Me jogo na cama de roupa e tudo. Abro a braguilha da calça, tiro meu piru da cueca. Fecho os olhos e bato uma punheta pensando na morena do bar. Ela não me dá muito tesão. Penso em Clara deitada no sofá da sala, de camisola e pernas abertas. Eu como ela ali mesmo. Rapidinho eu gozo, em cima da minha camisa mesmo. Viro para o lado e durmo.

4

— Valeu, irmão, por ter resolvido a parada do corpo para mim. Eu estava sem condições.

Ao encontrar a guarnição, Fausto veio logo na minha direção. Levantou a mão até a altura da orelha para me cumprimentar entusiasmado.

— Tu logo de cara mostrou que é um cara maneiro, Rubens.

Fausto não estava mais tão agitado quanto no primeiro serviço, mas seus movimentos não deixaram de ser rápidos. Parecia sempre muito ansioso.

Como o serviço era de noite, em vez de estar pegando o seu solzinho, cabo Russo estava descansando todo estirado no banco de concreto. Com os seus óculos escuros, mascava um palito de dente como se estivesse em casa. Não fez nenhum sinal à minha presença.

Já o Tiago, mesmo do seu jeito tímido, também me recebeu com alegria:

— Tu mandou bem mesmo!

O sargento Lúcio se aproximava lentamente. A cada passo, chutava o chão com força. Passou por nós sem dizer uma palavra. Como se nem nos conhecesse. Cabo Russo o acompanhou com a cabeça e até levantou os óculos escuros fazendo uma cara de “onde será que esse cara vai?”.

Alguns passos à frente, o sargento se virou como se tivesse se lembrado de alguma coisa. Olhou para cada um de nós e disse:

— Bom dia. Vamos para a viatura.

Voltou a passar por nós, pelo mesmo caminho que tinha percorrido, e entrou no pátio.

Cabo Russo se levantou preguiçosamente, bufando e balançando a cabeça sem paciência.

— Bom dia? Essa hora? Eu não sei o que é que eu fiz a Deus para viver cercado de malucos. Puta que o pariu!

É, mais uma noite de inferno. Depois de tantos anos e tanta decepção, não se tem mais prazer em servir, só em se proteger, se manter vivo e solto.

Durante o patrulhamento, somos chamados para uma prioridade: apoiar outro batalhão no morro da Jaqueira. A guarnição tinha sido cercada e dois polícias ficaram encurralados pelos bandidos. O sargento Lúcio pensou um pouco. Antes de responder ao chamado ainda perguntou:

— Ué, mas nesse morro tem bandido?

— Claro que tem, né parceiro! Agora responde logo ao chamado.

O sargento não ficou nada satisfeito com o esporro do cabo Russo e o encarou de cara fechada. Russo nem se alterou.

— Sabe o que é? Acho que o senhor tá certo, sargento. Nessa velocidade a gente não vai encontrar nenhum bandido por lá. Só vamos encontrar os corpos dos nossos parceiros encurralados.

Sem tirar os olhos do cabo, sargento Lúcio respondeu ao chamado. Ele estava irado, a cada segundo ficava mais vermelho de raiva.

Chegamos ao local rapidamente. Chovia tiro para tudo quanto era lado. Olhando em volta, não conseguíamos enxergar nenhum lugar seguro para nos abrigarmos. O sargento foi o primeiro a se mexer.

— Ninguém sai do carro até eu voltar!

Ele saiu e abriu o porta-malas. O tiroteio era tão intenso, que logo a viatura iria ficar no meio do fogo cruzado. Estávamos os quatros tensos, virando a cabeça a cada barulho. Até o cabo Russo já tinha perdido a paciência:

— O que é que esse débil mental do sargento foi fazer? Ele vai acabar é matando a todos nós.

Fausto estava agitado, mas sua ansiedade era muito diferente da do dia anterior. Ele olhava para fora do carro admirado, sonhando com a guerra que iria enfrentar:

— Esse morro não tem é pouco bandido! É vagabundo pra caralho. Vai dar para fazer a festa.

Tiago parecia assustado. Era o seu primeiro combate, estava muito inseguro. Eu tentei dar uma força para o moleque.

— Tiago, tá vendo como esses caras gastam bala à toa. Quase nenhum deles sabe atirar. É só ser firme, não vacilar na hora “H”, que não tem como dar merda. Fica atrás de mim que tu vai ver que vai ser moleza.

— Só para resgatar dois polícias! Não vale a pena a gente entrar nesse inferno. A gente vai acabar é tudo na vala. Isso aqui é encontro com Zé Maria na certa. Tô fora. Aí parceiro, eu não sei quanto a vocês, mas eu vou meter o pé.

No mesmo instante que o cabo Russo terminou a frase, o sargento abriu a porta do carro. A sua figura surpreendeu a todos nós. Ele conseguiu ficar ainda maior do que já era. Tinha posto um colete cheio de bolsos e enchido todos eles com carregadores de munição. Todos os bolsos da sua calça também estavam cheios. O cara parecia um tanque de guerra. Sem perder tempo, ordenou:

— Eu vou na frente, Russo protege a direita, Fausto a esquerda, Rubens na retaguarda e Tiago vem comigo, você vai ser o responsável por repor as munições da equipe. Vamos entrar pelo segundo beco. Agora!

Mal terminou de falar, fechou a porta e correu para o lugar que havia apontado. Nós fomos atrás respeitando a formação que ele havia composto. O sargento foi tão firme, que o cabo Russo obedeceu sem reclamar.

Era impressionante como o cara conseguia correr com todo aquele peso no corpo. Não sei quantos carregadores o sargento estava levando, mas parecia ter dezenas deles.

A realidade era diferente daquilo que eu tinha dito para Tiago. Tá certo que tinha muito tiro a esmo, mas também tinha muito tiro colocado. Tinha gente lá que sabia o que fazer com um fuzil na mão.

Era tanto vagabundo na rua, que mal dava para andar. Levamos quase uma

hora para andar dez metros. Só conseguimos aguentar esse tempo todo por causa do sargento. Além de abrir caminho na raça, quando acabava a munição de alguém, tirava um carregador do bolso e dava para o Tiago entregar.

Mas com essa penetração para dentro da favela, também ficamos encurralados. O pior de tudo é que a confusão era tanta, que não conseguíamos identificar de onde vinham os tiros.

Levantei a mão mostrando que estava sem munição. Tiago veio me entregar mais um carregador. Nessa hora, eu não sei por que, mas eu olhei para cima. Escondido, sobre uma das lajes, consegui avistar um vagabundo atirando. A minha sorte foi que o desgraçado não me viu. Tiago ia voltar para perto do sargento, quando eu o puxei para mim.

— Vem comigo.

— Mas Rubens, o sargento...

— Não interessa, vem.

Fiz um sinal para o Fausto ficar de olho na retaguarda e cobrir a nossa subida. Ele me respondeu com o polegar fazendo um sinal positivo.

— Me segue — eu disse para o Tiago.

Bem devagar, demos a volta ao redor da casa onde estávamos escorados. Subimos a laje e demos com o vagabundo de costas, deitado com um fuzil AK47 apontado para a nossa guarnição. Era esse o safado que estava atirando nos colegas lá embaixo.

Tiago ia dar voz de prisão. Ao sentir que ele ia gritar, eu fiquei irado e apertei o gatilho. Dei uns cinco tiros nas costas do filho da puta, que morreu na hora. Fiquei tão nervoso com Tiago, que depois de matar o bandido, dei um esporro nele:

— Porra, Tiago! Tava querendo chamar a atenção do vagabundo! Assim tu põe em risco a vida de todo mundo, porra!

Ao morrer, os músculos do bandido relaxaram e ele soltou o fuzil que caiu lá embaixo. Ao ver um fuzil caindo aos seus pés, o sargento olhou para cima e nos viu no alto da laje. Ele fez um sinal para que voltássemos.

Daquele ponto em diante, não tivemos mais nenhum problema para chegar até os polícias encurralados. Era aquele único atirador que estava impedindo a nossa passagem. Na guerra, a qualidade às vezes conta mais do que a quantidade.

Resgatamos os policiais e voltamos para o quartel. Durante todo o caminho falamos do sucesso da operação. Do desempenho impressionante do sargento até minha iniciativa de executar o atirador.

— Porra, sargento! — disse Fausto empolgado. — Todo equipado, correndo com quilos de munição por todo o corpo. O senhor é mais sinistro que um blindado, mais sinistro que o Caveirão!

Todo mundo elogiou a minha ação, só o sargento achou ela perigosa.

— Mas Rubens, tu deixou a guarnição toda desprotegida!

— Se eu não fosse discreto, o vagabundo ia perceber que eu tinha visto ele.

O sargento Lúcio olhou para frente pensando no que eu havia dito. Depois de um tempo, se virou e respondeu:

— Você tá certo. Foi muito bem executado, parabéns.

No quartel, Tiago me puxou num canto para conversar:

— Desculpa Rubens, eu quase fudi com tudo.

— É verdade, mas deu tudo certo no final. Isso serve para tu aprender. Não dá para dar mole para vagabundo. Isso daqui é guerra. Se a gente tivesse dado voz de prisão ele teria virado e nos matado.

— Eu não vou dar mais esse mole.

Fausto nos viu e se aproximou.

— Poxa, Rubens, por que você não me chamou para subir na laje junto contigo? Você é o maior pé quente para achar bandido desprotegido. A partir de agora eu quero sempre andar do seu lado.

Ele falava sério, meio irritadinho. Mas eu entendi que essa era a maneira dele dizer que tinha gostado de mim.

— Falou, Fausto. Bandido é que não vai faltar por aqui.

Ele abriu o sorriso, levantou as mãos até a altura da orelha e me cumprimentou entusiasmado como no começo do serviço.

— Valeu, irmão!

Alfredo também reuniu a nossa guarnição e nos cumprimentou antes do final do serviço. Com o seu pescoço fino, pomo de adão saliente e nariz pontudo curvado para baixo, andava de um lado para outro parecendo um abutre que ronda a sua carniça. O seu charuto fazia um rastro de fumaça. Sem tirá-lo da boca, falava com naturalidade:

— Essa ação no morro da Jaqueira foi muito importante para desmascarar a administração anterior, que junto com a Secretaria de Segurança e o governo do Estado, insistia em dizer que não havia tráfico nessa favela! Dá pra acreditar?

Sem ser convidada, a nuvem branca de fumaça entrou pelo meu nariz. Começou a me dar uma coceira danada. Tentei me segurar, mas não deu. Soltei um espirro. Sem interromper seu discurso, Alfredo emendou um “saúde” e continuou:

— Temos que fazer mais ações nessa comunidade para mostrar que eles só queriam enganar a população. Tem que ficar claro que agora com o nosso batalhão a coisa mudou. Nós viemos para cá para ficar do lado do povo! Para proteger e acabar com essa corja de filhos da puta!

5

Chego ao nosso apartamentinho. É de manhã, o sol já está forte lá fora. Não tem ninguém em casa. No mesmo momento minha cabeça é bombardeada de besteira. Aquela história do tal de Nilton não me convenceu. Cadê a Clara? Será que ela não dormiu em casa?

Entro na cozinha. Tem café quentinho na garrafa térmica. Encho um copo e sento no sofá da sala. Antes que eu terminasse de beber, o trinco da fechadura gira e Clara entra.

— Onde você estava? — fui logo perguntando.

— Onde você acha que eu estava? Fui levar o Serginho na escola.

Me sinto ridículo e tento disfarçar.

— Você não vai me dar um beijo? — perguntei.

— Não sei se você merece.

Clara me dá um estalinho, um beijo seco na boca. Ela faz o movimento de ir para o quarto, mas eu a seguro pelo braço.

— Fica aqui, senta do meu lado. Fica um pouco comigo.

Ela se senta e eu a abraço. Na verdade, eu ainda não sosseguei. Minha cabeça ainda está quente. Só que agora eu vou ser mais malandro.

— Passou bem a noite?

— Foi tranquila.

— Você saiu com os seus amiguinhos da igreja?

— Vai começar de novo, Rubens? — disse irritada. — Me deixa!

Ela se levantou, mas mais uma vez eu a impedi que saísse.

— É que você anda tão afastada, eu fico mesmo com ciúmes.

— Sou eu que ando afastada? — Clara falou tão decepcionada, que quase saíram lágrimas dos seus olhos.

Eu coloquei as mãos no seu rosto e beijei sua bochecha.

— Clara, eu gosto tanto de você.

Ela não me falou nada, continuou com a mesma cara. Eu a deitei no sofá, tirei a sua calça de moletom. Ela permaneceu calada. Abaixei as minhas calças e

tentei meter. Ela estava tão seca, que eu não estava conseguindo. Lambi os meus dedos cuspindo bastante saliva, umedeci a vagina e penetrei. Uns cinco movimentos depois eu estava gozando.

— Terminou? — ela me perguntou.

Ela saiu de baixo de mim, levantou as calças, entrou no quarto e fechou a porta. Que merda! Vendo aquilo, uma depressão tomou conta de mim. Fiquei tão abatido, que não conseguia levantar do sofá. Fiquei de olho aberto, com o olhar fixo no teto de tijolo. Não é isso que eu quero para a minha vida. Também não posso ficar parado, tenho que fazer alguma coisa.

Levanto, visto a minha calça e saio de casa. Pego o carro e ando sem destino. Penso na minha vida, na polícia, em tudo o que eu já passei. Eu também estou dando mole, eu posso dar muito mais do que eu estou dando para a minha família. Viver sem grana é uma merda. Penso no Serginho, o quanto eu o tenho deixado de lado. Logo sinto um aperto no coração.

Numa rua de Madureira, vejo uma daquelas lojas que vendem de tudo. Vou comprar um presente para o meu filho e aproveitar essa folga para ficar com a minha família.

Paro o carro atrás de uma Pajero novinha. Quando saio do carro o dono da Pajero se aproxima apertando o controle para abrir o carro. Mesmo com roupas sociais e óculos escuros eu reconheci o meu ex-colega.

— Nelson, meu irmão!

— Fala aí mano, beleza?

— Que carrão, hein? É seu?

— É.

— Porra! Sair da polícia te fez um bem então. Tem um tempinho? Vamos ali tomar um chope, botar a conversa em dia.

Nelson pensou um pouco e apertou o botão trancando a porta do carro.

— Beleza mano, vambora.

Sentamos num bar, pedimos uma cerveja e batemos um papo de quase duas horas. Nelson contou que teve redução de pena e que dos quatro anos e meio que foi condenado, acabou ficando só três anos na prisão. Mas isso não aliviava nada a sua revolta. Afinal, ele foi condenado por um crime que o irmão da juíza cometeu.

Mas isso era passado, agora ele estava bem de vida. Começou trabalhando numa concessionária pequena. Com a liberação dos créditos para financiamento de carros os negócios cresceram, a firma abriu várias filiais e ele se tornou responsável por todas as lojas. O braço direito do dono.

Cheguei a sentir inveja de ouvir ele falando em negócios, liberação de crédito pelo Banco Central, gerenciamento das filiais. Comecei a imaginar se um dia eu também teria uma vida assim se eu saísse da polícia.

Fiquei feliz por ele, afinal trabalhamos um bom tempo juntos. Trocamos tiros com vagabundos várias vezes. Era bom ver um colega tendo sucesso do lado de fora. Principalmente vendo ele trabalhando com o que sempre gostou, carros.

Voltamos para onde tínhamos estacionado os nossos carros.

— Você também não está mal de carro. Tem quanto tempo esse daí?

— Quase três anos.

— Tá novinho então. Se quiser trocar o carro, ou precisar de alguma coisa, aqui está o meu cartão.

Nelson me entregou seu cartão de visita. Nos despedimos e cada um entrou no seu carro. Voltei para casa. Chegando na minha rua, me lembrei que eu acabei não comprando o presente do Serginho. Mas eu trabalhei a noite toda, já era quase duas da tarde e eu estava morrendo de sono. O brinquedo fica para outra hora. Estacionei o carro, entrei em casa, fui direto para a cama e dormi.

6

— Eu sei uma maneira da gente fuder com esses bandidos e ganhar uma grana preta. Tão a fim?

Eu tinha que melhorar de vida, ganhar mais dinheiro. Mas eu só propus isso à guarnição porque sabia que já tinha ganhado a confiança dos meus parceiros. Caso contrário, nem seria maluco de falar uma coisa dessas.

— Depende, como é que é a parada? — respondeu o cabo Russo.

Estávamos parados dentro da viatura. Interessado na conversa, cabo Russo se virou para o banco de trás para ouvir melhor o que eu tinha a dizer.

— Vocês já trabalharam com um informante, um X9?

Eles se olharam, mas não me responderam. Fausto falou:

— Com o informante fica mais fácil matar o bandido?

— Bem mais, o X9 entrega o marginal quase de mão beijada.

— Então eu tô dentro.

O sargento Lúcio, que não tinha se manifestado até o momento, falou do banco do carona, olhando para frente, sem se mexer.

— Mas para dar certo você tem que ter os contatos certos. Se bobear é o informante que acaba nos entregando.

— Você conhece o ex-sargento Zaqueu? — perguntei. — Que acabou de se aposentar? São os informantes dele que eu estou querendo usar.

— Eu topo então — respondeu o sargento. — Eu conheço o Zaqueu, com ele não tem erro.

— Eu também tô a fim de entrar nessa — disse Tiago.

— Só tem uma coisa — interrompeu o cabo Russo. — Se essa porra não der dinheiro eu caio fora. Fechado?

— Fechado.

7

Podia parecer muita coincidência, mas desde que Zaqueu se aposentou, eu sempre esbarro com ele pela rua. Toda vez o sargento reformado me convida para almoçar na sua casa. Eu sempre adiei esse encontro, até que hoje resolvi ligar para meu ex-sargento e marcar uma visita.

Ele ficou bastante animado com o meu telefonema. No dia seguinte, fui com Clara e Serginho na casa de Zaqueu para um churrasco de domingo.

O sargento tinha um terreno em Vargem Grande. Uma casa, um campinho para estacionar carros e jogar bola, piscina, churrasqueira e um viveiro onde ele criava galinhas. O espaço era muito bom, mas não tinha o aspecto de riqueza. A casa ainda não estava terminada. O tijolo e o concreto já estavam tão escuros e cheios de musgo, que dava a impressão que a obra estava naquele estado há séculos e nunca seria finalizada.

A tarde foi ótima. Zaqueu tinha um neto da idade do Serginho. No campinho, ele montou uma piscina de plástico para a criançada. A molecada se divertiu à beça. Na intimidade, Zaqueu era aquele homem tipo paizão. Brincava com todo mundo. Tomava cerveja, fazia o churrasco e ainda cuidava um pouco dos netos.

Clara adorou também. Passou o tempo todo beliscando o churrasco e rindo com as esposas dos filhos e amigos de Zaqueu.

A aposentadoria parecia ter feito muito bem ao meu ex-sargento, que dividia o seu tempo entre a família e o quiosque que comprou na praia.

Antes de irmos embora, Zaqueu me chamou para entrar na casa. Ele me levou até o seu quarto.

— Senta aí na cama e espera um pouco — disse.

O ex-sargento revirou a sua gaveta procurando alguma coisa.

— Segura.

Zaqueu me joga no colo o seu caderninho vermelho envolto com elástico preto.

— Foi para isso que você veio, não foi? Eu queria queimar essa porra. Mas depois me arrependi. Acabei guardando. A gente nunca sabe o dia de amanhã.

Tirei o elástico e folheei as páginas amareladas do caderninho. Tinha os contatos com bandidos em algumas favelas e telefone de vários informantes.

— Assim que você me ligou, eu já sabia o que você queria — continuou o ex-sargento. — Graças a Deus que você pegou esse troço. Esse caderno é uma tentação. Eu sempre quis me livrar dessa porra, passar isso adiante. Mas sei lá, alguma coisa me impedia.

Fiquei calado só ouvindo o Zaqueu. Ele continuou:

— Já fiz alguns contatos para você. Falei que é você agora o responsável. Eles só estão esperando a sua ligação.

8

A primeira pessoa para quem eu liguei foi para o Gordinho, o principal informante do sargento. O cara era profissional, conseguia de tudo e o principal, era de extrema confiança.

Quando o coronel Alfredo anunciou uma forte operação no morro do Chinelão, usando quatro guarnições, só para prender o dono da favela, já estávamos com o Gordinho instalado há meses nesse morro.

O maior problema da operação era que a polícia não sabia como era o tal do bandido. Só sabia, por interceptações telefônicas, que se chamava Brama. Isso praticamente tornava a operação impossível. O que a polícia podia fazer era arrochar o morro, com diversas incursões até prender o cara.

Ninguém no batalhão sabia que nós tínhamos um X9 no morro. Nem o comandante. Quando eu soube da operação, liguei para o Gordinho e acertamos todos os detalhes para pegar o bandido logo na primeira incursão. Se conseguíssemos, seria sucesso absoluto para nossa guarnição. Ficaríamos em alta com o comandante Alfredo.

As quatro viaturas do nosso batalhão pararam na entrada da favela. Todos os outros polícias correram para invadir. Nós esperamos dentro do carro até que sumissem entre os barracos e os perdêssemos de vista.

Desci da viatura com Tiago. Depois desceram o sargento Lúcio e Fausto que nos seguiam alguns metros atrás.

No início da subida do morro, vi aquele magricela, praticamente só pele e osso. Era o Gordinho. Ele estava numa barraca bebendo cerveja com um rapaz de bigode ralo, ridículo. Um tipo simples, cabeça grande achatada, que parecia ser zelador de prédio de madame.

Os dois riam alegres. Passei por eles e apontei meu fuzil para o homem do bigode. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Fausto o algemou por trás.

— O que é isso, chefia? Para que o esculacho? Eu sou trabalhador, tenho carteira assinada.

— Perdeu, Brama.

Quando o sargento falou o nome, o traficante mudou de expressão. Teve a certeza de que tinha sido reconhecido. O cara era esperto. Quando a polícia iria imaginar que aquele rapaz no bar, rindo, assistindo de longe à invasão da favela, era um traficante procurado?

Jogamos o bandido no porta-malas e entramos na viatura. O cabo Russo, que estava sentado nos esperando, perguntou:

— Para onde vamos?

Eu me adiantei para responder com uma pergunta:

— Sargento, a gente pode ir para o matagal atrás do motel?

O sargento demorou um pouco pensando.

— Tem que decidir rápido — disse o cabo Russo. — As outras guarnições daqui a pouco estão voltando.

O sargento se virou para trás e finalmente respondeu:

— Acho uma boa ideia.

Entramos com a viatura no mato atrás do motel e seguimos até onde o carro podia ir. Fui o primeiro a sair e tirei o bandido do porta-malas. Fausto veio atrás de mim.

Coloquei o bandido no chão e tudo aconteceu muito rápido. Fausto sacou o seu revólver e apontou para o rosto do traficante. O disparo veio logo em seguida. Por sorte, o empurrão que eu dei no braço do Fausto foi o suficiente para desviar o cano da arma. O tiro passou de raspão pela orelha do Brama. Desta vez, eu consegui impedir a execução.

— Porra, Fausto! — eu gritei.

— Mas eu pensei que era isso que a gente veio fazer aqui.

— Porra, você quase estragou tudo!

Tiago, sargento Lúcio e cabo Russo já estavam do lado de fora da viatura. Como ninguém tomou a iniciativa, eu comandei a extorsão. Obriguei o traficante a ficar de joelhos e mandei Fausto apontar a arma para a cabeça dele.

— Ô Brama, tu já viu que vai ser um prazer para esse cara apertar o gatilho, então é bom tu colaborar. A parada é o seguinte, tu vai preso de qualquer jeito. Agora tu pode escolher, se tu quer ir algemado na viatura, ou se tu quer ir morto de vala. É vinte mil pela tua vida.

O traficante olhou para mim e me respondeu sem titubear:

— Eu te dou mais vinte se tu disser quem é o X9.

Josias Ferreira. Eu não sei por que eu pensei nisso, mas me deu uma vontade imensa de dizer o nome daquele primo filho da puta da Clara que me roubou três mil reais. Não iria fazer o menor sentido, pois o cara nem morava no morro do Chinelão. Por isso desisti.

Ficamos sem saber o que dizer quando o sargento interveio:

— Nenhum informante vale mais do que vinte pau. Acho que vale a pena a gente dizer o nome do X9. O que vocês acham? Posso dizer?

É, mas com um bom informante a gente ganhou vinte mil hoje e pode ganhar muito mais no futuro. Não vale a pena jogar o cara na fogueira desse jeito.

Todos nós estávamos percebendo o truque do sargento Lúcio. Eu era o único que sabia quem era o informante, então o sargento só podia dar o nome de outra pessoa. E foi exatamente o que aconteceu.

— Leomar Souza de Oliveira.

— Filho da puta. Eu sabia que o safado tava querendo tomar a minha chefia.

— Quem cria cobra, dá nisso — completou o sargento. — Agora deixa de conversa fiada. Pega o teu celular e liga para algum moleque teu trazer a grana.

O sargento tinha dado o nome de outro traficante importante dentro da favela. Normalmente só um da equipe sabe os dados do informante justamente por isso. Alguém pode se sentir tentado e a informação acaba vazando.

Esperamos mais ou menos umas duas horas até um garoto chegar com os quarenta mil. Levamos o traficante Brama para a delegacia e saímos felizes da vida. A operação tinha sido um sucesso. Prendemos o homem, ganhamos quarenta mil reais e provavelmente Brama entraria em contato com os seus colaboradores na favela e mandaria matar o tal do Leomar. O sargento tinha sido um gênio, mataríamos dois coelhos com uma cajadada só. Não podíamos trair nosso informante, ele valia ouro, em notas, é claro.

Ao chegarmos no batalhão, fomos chamados à sala do comandante. Pensamos que ele ia nos parabenizar, mas não foi bem isso o que aconteceu. Alfredo fechou a porta às nossas costas e foi logo balançando a cabeça para frente, parecendo que estava bicando cada palavra com seu nariz:

— Eu quero uma parte do que vocês ganharam.

Nós nos olhamos e continuamos calados. Alfredo se sentou, pegou um charuto dentro de uma caixa de madeira em cima da sua mesa. Com o fumo ainda na mão, sem levá-lo à boca, queimava, com um isqueiro poderoso, o lado oposto ao que acabara de cortar com a pequena guilhotina. Concentrado no que estava fazendo, sem tirar os olhos da chama que queimava a ponta do charuto, falou calmamente:

— Vocês acham que eu sou otário, é? Tão se esquecendo que eu vim da rua como vocês? Vocês desaparecem da operação; horas depois aparecem com o bandido na delegacia. O que vocês ficaram fazendo com o bandido essas horas todas? Foram passear no *shopping*?

Ninguém ainda conseguiu dizer uma palavra. Nunca tínhamos ouvido uma coisa dessa de um comandante.

— Eu deixo claro isso para todo mundo. São vocês que arriscam a vida e eu acho justo que vocês ganhem o seu espólio de guerra. Mas só porque eu passo o dia na merda dessa sala não quer dizer que eu vou ficar de fora dessa parada. Afinal, sou eu que estou autorizando essa prática. Se der merda, é para cima de mim que os homens vão cair.

Estava começando a nos convencer. O coronel colocou o charuto na boca e puxou a fumaça para acendê-lo. Com o isqueiro na ponta, cada baforada formava um fogaréu que transformava a sua estranha figura em algo ainda mais demoníaco. Depois do ritual, concluiu:

— Eu quero receber como se fosse um membro da guarnição. Vocês são cinco, a partir de agora, vão dividir o espólio por seis e vão me dar uma das partes iguais. Combinado?

Voltamos a nos olhar e balançamos a cabeça concordando. Alfredo levantou o dedo, parou de frente para mim e voltou a falar:

— Só tem mais uma coisa. Eu não me importo que vocês tenham quantos X9 quiserem. Não me importo de vocês extorquirem dinheiro de vagabundo. Não me importo que vendam as drogas, as armas, seja o que for que apreenderem. Eu só me importo se vocês invadirem uma favela sem a minha autorização. Toda operação tem que ser aprovada por mim, entenderam?

Balançamos mais uma vez a cabeça concordando. Afinal, ele não estava pedindo muito. Me parecia justo pagar uma parte para ele e tudo mais.

— Vocês estão dispensados. Boa sorte e continuem assim!

9

No serviço seguinte, colocamos o nosso informante, o Gordinho, em outra favela. Dissemos que ele não precisava ter pressa para fazer o levantamento. Que ele levasse o tempo que fosse preciso, que fizesse o trabalho com muita calma para a gente arrebentar.

— Pode deixar comigo — ele respondeu pelo rádio.

Agora só usávamos rádios Nextel com os nossos informantes. Era mais seguro. Eu disse nossos informantes porque passaram a ser mais de um. Com o apoio do coronel, colocamos três X9 em outras favelas.

Os resultados apareceram logo. Prisões, mortes e dinheiro, muito dinheiro. Não tínhamos o menor pudor de receber o que considerávamos ser nosso de direito. Com os contatos que Zaqueu tinha me dado, não tinha erro.

Só na primeira vez que subimos para vender armas para traficantes que Tiago me perguntou:

— Mas isso não é errado?

Eu disse para ele tudo o que o sargento Zaqueu havia me dito no passado. Que nós éramos usados, mas a nossa sorte era ter um coronel como o Alfredo que pelo menos deixava a gente pegar o que é nosso.

Com o tempo Tiago foi ficando mais à vontade com as nossas contravenções mais pesadas. A não ser que você entre na polícia para fazer maldade, é natural o choque inicial quando se aprende as coisas como elas realmente são.

Mas como a gente passou a arrebentar a boca do balão, essas incertezas foram se diluindo. Os nossos resultados eram tão bons, que ficamos famosos dentro do quartel. O pessoal começou a nos chamar de “Os Cinco Fantásticos”.

Para entrar na brincadeira, nós quatro compramos óculos escuros iguais aos do cabo Russo. Dentro do batalhão, por exemplo, a gente não tirava os óculos e andávamos pelos corredores fazendo pose. Era só de sacanagem mesmo, porque como eu não estava acostumado, não conseguia ficar muito tempo usando aquela coisa.

Na verdade, tinha uma ponta de inveja nesse apelido. Só fomos perceber isso um dia que estávamos almoçando no refeitório.

Eu sempre tive curiosidade de saber, mas vergonha de perguntar: como é que o sargento tinha se queimado daquela maneira?

Nos servimos no bandejão e nos sentamos para comer. Me bateu a curiosidade, mas eu tentei reprimir. Que besteira, eu pensei. Qual é o problema em perguntar? Eu perguntei. O sargento demorou um pouco, mas respondeu:

— Eu não gosto de lembrar do que aconteceu. Como você é meu amigo...

O sargento parou por aí. Fiquei encarando-o para ver se ele continuava. Olhei

para o cabo Russo, que deu com os ombros e voltou a comer. Pensei que ele tinha desistido de responder, mas depois de mais um tempinho, continuou:

— Eu tinha rendido um bandido dentro de um barraco na favela. Em vez de colocar as mãos para cima, ele jogou a frigideira cheia de óleo em mim e fugiu. Por causa da farda, o óleo só atingiu toda a parte da frente do meu pescoço e a minha bochecha.

Quando ele terminou, um outro polícia que estava passando parou para nos sacanear.

— Mas não foi bem essa história que eu fiquei sabendo. O que me contaram foi que o senhor sargento Lúcio vivia perto de uma usina nuclear que explodiu. A prova disso é essa sua queimadura aí. Mas a radiação o modificou geneticamente, transformando o senhor num mutante imenso e forte. Não é verdade? — e apontou para Tiago do outro lado da mesa. — Fala aí, Superboy!

Na hora, Tiago se levantou gritando:

— Superboy é a puta que te pariu!

Eu nunca tinha visto Tiago tão alterado. Também, Superboy era muita sacanagem. Eu não entendo nada de inglês, mas parecia que tava chamando o cara de viado.

O policial começou a rir da nossa cara. Tiago partiu para cima. Nós tentamos segurar, mas ele foi mais rápido. Subiu na mesa e acertou um soco direto no nariz do babaca.

Aí a confusão foi generalizada. Os colegas de guarnição do policial vieram tirar satisfação e foi pancadaria por todo o refeitório. A porrada só acabou quando Alfredo chegou.

— Se esse refeitório não tiver arrumado em meia hora, vai todo mundo em cana!

10

Com o dinheiro que nós ganhamos, comprei uma televisão de plasma de quarenta polegadas. Convidei Tiago para jantar na nossa casa e estrear o aparelho. Mesmo trabalhando há pouco tempo juntos, fui desenvolvendo uma boa relação com ele. Considerava-o não só um colega, mas um amigo, o que é raro dentro da polícia.

Clara permaneceu quase todo o tempo calada, só ajudando o Serginho com a comida. Eu conversava com Tiago, mas dava para perceber que ele estava

ficando meio sem graça com a situação.

— O que que foi, princesa? — perguntei para Clara.

Ela me olhou e abriu um sorriso de desprezo.

— Princesa? Você nunca me chamou assim.

— Qual é o problema? Você não gostou?

— Não é isso, Rubens.

— Então me fala qual é o problema?

— Não sei, você está... — ela hesitou. Me observou um pouco antes de continuar. — Está tão diferente.

Tiago parece que não sabe onde se esconder. Eu tento descontrair um pouco e brinco com ela:

— É verdade, eu estou ficando velho, careca e cansado.

— Só que eu não estou falando disso. Eu estou falando das suas atitudes, de como você anda seco...

Eu fico injuriado. Nunca trago um colega para me visitar em casa. Quando eu trago, ela me faz uma dessas! Isso é hora para esse tipo de conversa?

Me levanto da mesa e vou me sentar na sala. Pego o controle e ligo a nossa televisão nova.

— Pronto. Estreei a televisão. Viva!

— Tá vendo a diferença? Cada dia mais você parece com o meu irmão — completa Clara.

Tiago se levanta e vem até a sala.

— Acho melhor eu ir embora.

— Eu te levo em casa, vamos — eu disse.

Pego a minha arma na gaveta do quarto, a chave do carro e saio com Tiago. No carro, tento falar alguma coisa para acabar com aquela sensação constrangedora.

— Mulher é foda. Quando ela quer te encher o saco.

— Esquenta não — disse Tiago. — Sei como é que é.

— E aí, vamos para a putaria? — falei sorrindo.

— Assim tu vai acabar apanhando em casa.

— Acho que vou, mas amanhã é outro dia. Depois eu me preocupo com isso.

Levei Tiago numa boate que eu conhecia. Mostrei para o segurança que eu estava armado. Como nos conhecíamos há anos, ele me deixou entrar.

— O seu colega também está armado? — perguntou o segurança.

— Não — disse Tiago levantando a camisa para mostrar que estava desarmado.

A boate era daquele tipo pequenininha, lotada de gente. Mas tinha um espaço ao ar livre com umas mesinhas. Lá estava um pouco mais vazio. Pegamos duas cervejas no bar e arranjamos um lugar para sentar.

— Você não anda armado? — perguntei.

— Não, nunca andei.

— Tá maluco?! Eu não me separo da minha pistola. Principalmente quando saio de noite. Só para tu ter uma ideia, uma vez, do lado de casa, isso foi antes de eu conhecer a Clara. Saí para ir na barraca da dona Lurdinha comprar cerveja. Foi só eu sair com as garrafas, eu tava de lado, vi com o canto do meu olho, dois caras armados querendo meter o lugar. Larguei o saco com garrafa e tudo, meti a mão na pistola meio torto assim de lado e atirei no cara da frente, pou! pou!

Os olhos de Tiago brilhavam. A sua admiração fez com que eu me empolgasse. Me levantei e repeti mais ou menos os movimentos que fiz no combate.

— Sabe quando você está para frente e consegue ver o que está acontecendo ao seu lado, foi assim ó.

Continuei contando a história:

— Pou! Pou! Atirei no primeiro. Nisso o outro já meteu o pé. Quando eu vi que o primeiro caiu de vez, me agachei, fiz a mira e larguei o dedo para cima do outro. O cara tomou vários tiros, mas mesmo assim ainda conseguiu pular o muro e fugir. Parece que ele acabou caindo lá perto da Avenida Brasil.

O resto da noite foi uma loucura. Bebemos muito. Cada um saiu com uma mulher da boate. Fomos para um motel na própria Avenida Brasil. Só depois disso tudo é que levei Tiago para casa.

Depois de deixar o garoto, no caminho de volta, o sol já estava dando sinais de que ia raiar. Deviam ser quase seis da manhã quando cheguei. Todos já pareciam estar dormindo.

Tiro minha roupa e me deito. Sinto que minha esposa está chorando.

— Para de bobeiras, meu amor. Está tudo bem, Clara, eu te amo.

Ela se vira, os olhos cheios de lágrima. A face toda inchada. Parecia estar chorando há horas.

— Se você realmente me ama, por favor vai procurar um médico.

Começo a rir.

— Eu estou falando sério, Rubens.

— É você que está ficando maluca, Clara. Comigo está tudo legal. Meu único problema é você, que não para de me encher o saco.

Me viro e vou dormir, sem falar mais nada.

11

Passaram-se dois meses. Estávamos no quartel, no final do serviço quando o Nextel tocou. Era fim de tarde e a guarnição ainda estava reunida. Todos me olharam, curiosos. Sabiam que era pelo rádio que os informantes entravam em contato comigo.

— Quem é? — perguntou o cabo Russo.

— É o Gordinho. É melhor vocês não me seguirem para não dar bandeira.

Eu tinha medo que algum outro policial me escutasse falando com o informante. O cara podia roubar a informação e sabe-se lá como poderia usá-la. Podia até vender para algum traficante armar uma emboscada para nos matar. Tudo na polícia era possível. Eu sabia que tudo tinha o seu preço.

Saí do corredor, desci as escadas e me tranquei numa sala do primeiro andar.

— Pode falar, Gordinho.

— A carne já está no ponto. Vamos comer aquele churrasco?

— Que horas?

— Às nove, pode ser?

— Combinado.

Voltei para o meu pessoal e contei o que tinha marcado.

— Hoje eu não vou poder — disse o cabo Russo.

— Tudo bem — eu respondi. — No próximo serviço a gente te põe a par da situação.

Tomamos banho no quartel, vestimos nossas roupas paisanas e fomos para o encontro com o Gordinho.

Dizer que a carne estava no ponto significava que o Gordinho já tinha reunido todas as informações necessárias para realizar a operação. Já a frase “comer aquele churrasco” significava literalmente comer aquele churrasco. Por isso eu, Gordinho, sargento Lúcio, Fausto e Tiago nos reunimos numa churrascaria no centro da cidade.

Eu sempre achei engraçado chamarem aquele magricela de Gordinho. Mas hoje eu entendi por quê. O cara come muito! Até o nosso enorme sargento não conseguiu acompanhar o apetite do informante.

— Vem cá, Gordinho, você já fez exame de fezes para ver se não tem uma solitária gigante dentro de você?

— Rubens, para de palhaçada e se concentra no que eu estou te explicando.

Ele nos mapeou um pouco da geografia da favela e combinamos o local onde

iríamos nos encontrar.

— O plano vai ser o mesmo, Gordinho. Quando a gente chegar, você corre para perto de algo valioso.

— Dessa vez, vocês vão babar, Rubens. Eu queria que o Zaqueu tivesse aqui com a gente! É tanto ferro, mas tanto ferro junto, que até eu fiquei de boca aberta. Esses filhos da puta estão bem armados. Puta que o pariu!

12

— O Gordinho não tinha que fazer contato, Rubens? Ele já não devia ter feito contato? Ele não tinha que te ligar nesse radinho aí? Por que ele ainda não ligou?

— Caralho, Fausto! Dá para sossegar o facho, porra!

— É que eu estou nervoso, Rubens.

— Eu que tô ficando nervoso contigo. Fica quieto. Desse jeito eu não consigo pensar direito.

— Por que você não liga para ele? — perguntou o cabo Russo.

— E se o cara estiver do lado de algum bandido? Não se liga para um cara deste. Ele é que liga para a gente.

— Só se for isso, Rubens — concluiu o cabo. — Ele deve tá perto de alguém que deve impossibilitar o seu contato com a gente. Se vocês combinaram, eu acho que a gente devia invadir mesmo sem o sinal dele.

— Não sei não. Eu acho um pouco arriscado. O que você acha, sargento?

Como sempre, o sargento Lúcio estava pensativo.

— A gente vai ficar até amanhã esperando essa cabeça pegar no tranco.

De repente, num átimo de segundo, o sargento Lúcio colocou o seu rosto frente a frente ao do cabo Russo e soltou um berro. O cabo Russo caiu para trás com o susto. Se levantou ofegante, com a mão no coração. Pensei que ele teria uma taquicardia ali mesmo.

— Caralho, que susto — disse o cabo ainda tentado recuperar a respiração.

O sargento Lúcio ria sem parar. Estava se divertindo mais do que criança. Quando ele também conseguiu se acalmar, disse:

— Acho que o nosso amigo cabo Russo tem razão. Vamos entrar.

Paramos perto da favela e saltamos todos da viatura. O sargento Lúcio cumpriu o seu ritual e se encheu de carregadores de munição. Armou o posicionamento da equipe e seguiu na frente.

Durante a entrada não nos aconteceu nada. Nem fogos de artifícios foram

soltos pelos olheiros.

— Eu já passei por um caso igual a esse, sargento — eu disse. — Isso tá com cara de emboscada.

— A gente não precisa se arriscar muito. Vamos só até o campo de futebol onde a gente marcou o encontro. Se for alguma roubada, lá tem bastante possibilidade de fuga.

A cada passo o cheiro ficava mais forte. Era um cheiro horrível de plástico queimado. Olhando para cima dava para ver a nuvem de fumaça no céu. E a fumaça vinha exatamente para onde estávamos indo.

Quanto mais íamos nos aproximando, mais nítido ficava o berro de uma pessoa. Mas não era um grito qualquer. Nesses meus anos de polícia, eu nunca tinha ouvido um som tão assustador. Era o berro de agonia e dor mais sinistro que se podia escutar.

O medo batia em cada um de nós. Reduzimos instintivamente a velocidade das nossas passadas. Olhávamos uns para os outros tentando descobrir se alguém tinha alguma pista do que estava acontecendo.

Dobramos uma ruela, entramos no campo de futebol e descobrimos porque o Gordinho não atendia ao telefone. O nosso informante estava amarrado em um poste envolto em vários pneus, pegando fogo vivo. Era ele que berrava desesperado.

Foi talvez a cena mais chocante que eu já tinha visto. Eu, o sargento, Fausto e Tiago ficamos parados, sem saber o que fazer. Foi o cabo Russo que imediatamente tomou a iniciativa. Pegou o seu fuzil e acabou com o sofrimento do informante dando-lhe um tiro na cabeça.

Do lado, tinha um engradado com uma folha presa com durex. No papel estava escrito bem grande, em letras de forma: “ESSE NÃO XNOVEIA MAIS NINGUÉM SEUS VERMES!”.

Descemos a favela com cuidado redobrado, mas não houve troca de tiros. Só queriam nos mostrar que ali eles mandavam. Ali o Estado não tinha poder.

Confesso que a tristeza de ter perdido um informante durou uma hora no máximo. Mais pelo impacto do que vimos do que pelo Gordinho em si. Não dávamos valor a um informante, ele não era sangue azul igual a nós. Não tinha farda, não era polícia.

Dentro da viatura, depois de arrancar com o carro, o cabo Russo falou:

— Lá se vai o cara que mais nos trazia dinheiro.

Esse foi o único comentário da nossa guarnição sobre o caso.

13

Cheguei em casa de manhã e fui direto dormir. Acordei com Clara abrindo e fechando os armários. Ainda meio tonto, vi que ela estava com o cabelo molhado e a toalha na mão, tinha acabado de sair do banho. Arrumava-se para sair.

— Que horas são? — pergunto.

— Umas três da tarde.

— Onde é que você vai?

— Vou com Giovana para o culto. Não esquece de dar banho na mamãe antes do anoitecer e buscar o Serginho na escola.

— Você vai voltar tarde?

— Não sei, acho que não.

— Como você não sabe?

— Ai, Rubens! Não sabendo. A reunião com o grupo jovem pode acabar atrasando. Você sabe como é.

Meu rosto estava pesado. O sono não queria me deixar. Afundei a cabeça no travesseiro e respondi.

— Tá bom. Mas volta logo.

Clara pegou a bolsa, me deu um beijo e saiu. Os pensamentos se chocavam na minha cabeça. Muita coisa me incomodava. O culto não é às seis da tarde? O grupo jovem se reúne antes ou depois do culto? Será que ela não foi se encontrar com alguém antes?

A nossa cama ficava encostada na parede da janela. Rolo até lá. Com os cotovelos apoiados no colchão, ergo a cabeça para espiar Clara descendo as escadas e sair de casa. Assim que fecha o portão, Giovana, a filha do padeiro, se aproxima. As duas se abraçam, riem. Giovana parecia ansiosa para ouvir as novidades e Clara demonstrava prazer em contar.

Clara cochichou algo no ouvido da amiga, tirou uma foto da sua bolsa marrom e mostrou entusiasmada. Não conseguia ouvir o que estavam falando, mas deu para ler os lábios de Giovana quando esbugalhou os olhos para a minha mulher e articulou cada sílaba para dizer “Não acredito!”.

Eu não consegui ver a foto direito, mas parecia o retrato de um homem, vestido de amarelo. Clara beijou a foto e a guardou de volta na bolsa. As duas se abraçaram e desceram a rua.

Eu tenho que tirar essa história a limpo de uma vez por todas. Visto rapidinho

uma bermuda, camiseta e tênis. Pego minha arma, a chave do carro e saio de casa. Espero Clara e Giovana dobrarem a esquina para fechar o portão e entrar no meu Astra.

Dou a partida e ando devagar, pensando no que fazer. Provavelmente as duas vão para o ponto do ônibus. Meu carro chama bastante atenção. Se eu as seguisse seria facilmente descoberto.

Engato uma ré e vou correndo até o final da rua. Percorro a rua paralela à principal, onde passam os ônibus, e entro na ruela que fica logo depois do ponto. Paro numa posição onde consigo ver as pessoas entrando no coletivo, sem que elas me vejam.

Fico agoniado. Clara e Giovana não estão no ponto. Será que elas já pegaram o ônibus? Será que foram para outro lugar? Quando penso em que atitude tomar, vejo-as chegando e se virando para olhar os ônibus.

Giovana logo faz sinal. O ônibus para. As duas se beijam, se saparam e Giovana entra sozinha no coletivo. Ué, Clara não disse que ia com a Giovana para o culto? Clara faz sinal e entra no ônibus logo atrás.

A rua principal é mão dupla, com uma pista só de cada lado. Aguardo três carros entrarem atrás do ônibus, cruzo a pista de sentido contrário e entro em fila indiana seguindo-o.

O ônibus entra na Avenida Brasil. Faz o primeiro retorno, anda um bom trecho e entra no segundo bairro depois do nosso. Clara salta no centro comercial. Seria impossível continuar seguindo-a de carro. Ela me veria na certa.

Viro na primeira rua para estacionar. A rua é muito estreita e não dá para estacionar o carro. Mas o pior foi que logo depois da curva, o carro à minha frente simplesmente para. O sujeito sai do carro para olhar alguma coisa embaixo do seu capô. Aperto a buzina e ponho a cabeça para fora do carro gritando.

— O que que foi? Anda logo.

— Eu atropelei um cachorro!

Que merda, eu pensei. Tento dar ré, mas um outro carro entrou na minha traseira bloqueando a passagem. O jeito foi esperar. Retiraram o cachorro ainda com vida. O bicho foi entregue a um dos moradores e, finalmente, o carro da minha frente seguiu caminho.

Ao dobrar a esquina, eu praticamente joguei o carro em qualquer lugar e saí correndo para a rua do centro comercial. Onde Clara pode ter ido? Será que ela está mesmo na igreja?

Na quadra seguinte, num prédio, diria até pequeno se compararmos com

essas igrejas mais famosas, estava a casa religiosa que Clara frequenta. A fachada ocupa mais ou menos o mesmo espaço que as outras fachadas do comércio e não era tão chamativa.

Do outro lado da rua, encosto numa banca de jornal para observar um pouco antes de decidir o que fazer. Olho com atenção o prédio da igreja. Será que tem uma outra entrada? Mesmo se tivesse, a entrada da frente me parece a melhor porque as pessoas ficam de costas para a entrada, olhando para o altar.

Decido entrar, mas paro e volto para onde estava. Clara saiu da garagem ao lado da igreja. E não é só isso, ela está acompanhada daquele filho da puta do Nilton. Ele dá um beijo no seu rosto e a abraça. Safado!

Nilton volta para dentro da garagem e Clara atravessa a rua. Ela se senta numa cadeira de plástico da lanchonete na calçada.

O que ela tava fazendo com aquele vagabundo na garagem? Eu não me aguento. Vou até ela para saber o que está acontecendo. Eu sei que se eu chegar brigando, não vou conseguir arrancar nada dela. Por isso vou tentar jogar um verde para ver se cola. É só os nossos olhares se cruzarem, eu logo abro um sorriso.

— Clara! Que coincidência.

Ela baixa o olhar, vira a cabeça para o outro lado da rua e me responde seca, sem me encarar.

— O que é que você está fazendo aqui, Rubens?

— Eu saí para passear de carro. Já que eu estava por aqui, eu pensei em te buscar na igreja.

Eu me sento à sua frente. Ela olha firme nos meus olhos.

— Você está me seguindo? — Clara coloca a mão na testa e balança a cabeça com um suspiro. — Eu não acredito.

— Cadê a Giovana?

— Você não ficou de dar banho na mamãe? Poxa, daqui a pouco escurece, esfria. Você sabe que ela não pode pegar uma corrente de ar. Ela não pode pegar um resfriado de jeito nenhum.

— Você pode me responder, por favor?

Clara solta outro suspiro antes de falar.

— Ela foi se encontrar com o pai. Depois eles veem juntos para o culto.

— Mas o culto não é só às seis?

— Você sabe que é.

— Então o que você veio fazer aqui antes?

— Eu não vou responder.

— Ah é? Por quê?

— Quer mesmo saber? Porque você está pirando, Rubens. — Clara vira mais uma vez a cabeça para o lado. Engole em seco. Não quer se emocionar. — Vou ser sincera com você...

— Fala, eu estou ouvindo.

— É que já tem um bom tempo que você tem andando tão distante de mim...

Eu solto um sorrisinho. Sabia que ela ia acabar se entregando. Clara continuou:

— Que quando você começou esse negócio de ciúmes eu até gostei. Achei que era uma prova que você me amava, sei lá. Mas olha só isso daqui. Você precisa se tratar. Precisa de ajuda profissional.

— Se você quer me ajudar me conta o que você veio fazer aqui.

Clara fecha os punhos e bate na mesa. Fala sem tirar os olhos dos meus.

— Eu vim para uma reunião com o pastor e os organizadores do evento. Depois do culto é que vai ter a reunião com o grupo jovem! Satisfeito! É isso que você queria saber? Se você ainda duvida de mim, por que você não entra na igreja e não pergunta para o pastor Batista? Vai lá!

Ela se levantou e começou a me empurrar. Queria que eu me levantasse e fosse com ela para a igreja. Eu a abraço, e ela me bate um pouco, mas seu sofrimento a enfraquece e ela deita a cabeça no meu ombro.

— Rubens, não faz isso comigo. Por favor, por favor, por favor...

Clara também não me respondeu por que ela saiu desse prédio ao lado do Nilton. Mas também eu não tive mais coragem de perguntar. Ela levantou a cabeça e me afastou com as mãos para eu sair do seu caminho.

— Se você não quer vir comigo, deixa eu ir sozinha, dá licença por favor. Lá eu sei que vou me sentir bem.

Fiquei parado, vendo Clara atravessar a rua e entrar na igreja.

14

Volto para casa. Em cima da cômoda da casa vejo o meu celular. Tinha saído sem ele. Abro o *flip*. Seis chamadas não atendidas. Todas da escola do Serginho. Puta que pariu! Eu me esqueci de buscar o moleque!

Desço as escadas correndo, entro no carro e acelero para a escola.

Ele já estava sentado do lado de fora, com a ajudante da professora me esperando. Todas as crianças já tinham ido embora. Quando me vê, corre para

me abraçar. Deito o banco da frente para que possa entrar e o prendo no banquinho de trás.

— Eu não podia ficar com ele esperando aqui fora — disse a ajudante. — Mas ele estava chorando tanto, pedindo pelo papai.

— Desculpa, pede desculpa também para a professora, isso não vai mais acontecer.

— Ela já foi até embora.

Volto para nosso prédio. Entro com o meu filho na casa de dona Neuza. A velha senhora estava sentada na cadeira de rodas vendo televisão. Assim que abrimos a porta, Chope corre latindo para brincar com o Serginho.

— Vovó Neuza, vovó Neuza!

Serginho corre e a beija no rosto.

Fecho a porta às minhas costas, beijo minha sogra, que levanta as duas mãos para segurar o meu rosto carinhosamente. Depois, desabo na poltrona.

— Que que foi, meu filho? — ela me pergunta. — Você está tão abatido.

Solto um suspiro e respondo que não foi não nada. Nesse tempo todo juntos eu aprendi a amar a dona Neuza. Hoje, eu digo com toda a sinceridade: ela é a mãe que eu nunca tive.

Junto minhas forças e me levanto.

— Vamos tomar o seu banhinho? — pergunto.

Me curvo sobre a cadeira de rodas e a abraço para levantá-la no colo. Com o corpo de dona Neuza encostado no meu, sinto um cheiro ruim, de coisa podre saindo da sua pele. Realmente, ela precisava de um banho.

Carrego minha sogra para o quarto enquanto Serginho fica na sala brincando com Chope e vendo televisão. Deito-a na cama e a ajudo a tirar a roupa. Enrolo-a na tolha e levo a velha senhora no colo para a banheira.

Ensaboo-a toda e, como sempre, lhe entrego o sabonete e deixo que ela lave suas partes íntimas. Mesmo depois de ter lavado tudo, o cheiro podre persistia.

— A senhora está lavando direito essa perereca?

Dona Neuza solta uma risada.

— Acho que estou. Por quê?

— É que eu estou sentindo um cheiro estranho.

— Deve ser o meu cheiro de velha mesmo.

Ela se curvou para ensaboar melhor a vagina. Com o movimento, a parte de baixo das costas saiu um pouco da água. Bem no meio da coluna tinha uma mancha negra, escura.

— Fica um pouco assim nessa posição, por favor.

— O que que foi?

Me aproximei da mancha. À medida que meu rosto chegava mais perto, o fedor ficava mais forte. Era daí que vinha o cheiro. Com cuidado, encostei na mancha.

— A senhora tá sentindo alguma coisa?

— Nada demais.

— Nem quando pressiono um pouco?

— Pressiona o quê?

Dona Neuza não sentia que eu estava encostando nela. Aquilo já tinha virado carne morta.

— Amanhã eu vou te levar no médico sem falta.

15

No dia seguinte, Clara e Serginho estavam no andar de baixo com a dona Neuza. Logo que acordamos, combinamos de irmos os três levar a minha sogra no hospital. Enquanto eu estava me arrumando, o celular toca. Era o coronel Alfredo.

— Então, tá rolando um churrasco aqui na casa de um amigo. Tá a fim de vir?

— Vai estar cheio de coronel, oficial?

— Não, que nada. É uma festa para minha velha turma. Só vai ter soldado, sargento, os guerreiros da rua.

— Agora não dá, tenho que levar a minha sogra no hospital.

— Anota aí o endereço, se quiser dar uma passadinha aqui mais tarde, fica à vontade. Se tu ainda tiver de frescura e achar que vai ficar sozinho, traz um colega teu da guarnição.

Escrevi o endereço num papel, me despedi e desliguei o telefone. Saio de casa, me viro para fechar a porta quando vejo a bolsa marrom de Clara. A mesma bolsa que ela estava usando ontem. Entro de novo em casa e tranco a porta. Se por acaso ela, ou alguém aparecesse, não iria me pegar com a boca na botija.

Abro o zíper da bolsa. Pego a foto do homem de amarelo que Clara beijou antes de sair com Giovana. A foto é do Nilton. Filhos da puta! Ela beijou esse merda! A vadia tá me enganando, só pode ser.

O sangue sobe à minha cabeça. Chuto uma, duas, três, quatro vezes o sofá e

jogo a bolsa longe. Besteira eu ter feito isso. Pego a bolsa, que tinha ido parar no quarto do Serginho. Cato tudo que caiu no chão e ponho tudo de volta. Fecho a bolsa e a coloco no lugar exatamente do jeito que estava.

Clara não pode perceber que eu mexi nas coisas dela. Eu vou pegar eles de surpresa. Vou dar um bote nesses dois safados e matar esse filho da puta do Nilton.

Saio de casa e vou direto para o meu carro. Já na Avenida Brasil, ligo para o Tiago e o convido para ir no churrasco. Ele aceita. Passo na sua casa para apanhá-lo antes de seguirmos para o endereço que o Alfredo me passou.

É só Tiago fechar a porta do carro, que já foi logo levantando a blusa para mostrar a belezinha que ele tinha acabado de comprar. Um pistola Colt toda cromada. A arma era de um prateado tão brilhoso, que chegava a chamar demais a atenção.

— E aí, o que você achou? — perguntou Tiago tirando a pistola da cintura e virando ela de um lado para o outro, para eu ver.

— Dá aqui — mesmo com o carro em movimento, peguei a pistola para admirá-la. — Bonita pra caralho. Deve ter custado uma nota.

— Nada, foi baratinho.

Eu encarei para perguntar:

— Ela é legal?

— Cem por cento. Comprei ela em loja e tudo.

Devolvi a arma e sorri batendo no seu ombro.

— Ah moleque! Tá virando homem.

Entramos na rua que o coronel havia me passado. Ficava dentro de um condomínio fechado. Só tinha casarão de luxo.

— Tem certeza que é aqui?

— Parece que é.

A rua estava lotada de carros parados nas calçadas. Só tinha lugar para estacionar bem longe do número que eu havia anotado. Paramos o carro e voltamos o trecho a pé.

— Tem certeza mesmo que é aqui?

Com certeza aquela era a casa. Vozes, risos, o cheiro de carne na brasa. Só podia ser ali. Toquei a campainha. Nada. Toquei de novo. Esperei e toquei mais um pouco.

Tiago olhou para as câmeras de segurança do lado de fora da casa e disse:

— Vamos embora, a gente deve estar no lugar errado.

Toquei mais uma vez e finalmente a porta se abriu. Quando aqueles olhos

negros se cruzaram com os meus, até ela se assustou. Fingiu, tentou esconder a surpresa. Abriu o seu sorriso branco, que era lindo em contraste com a sua pele escura.

— Oi Marina, tudo bem? — eu disse bem casual, lhe dando dois beijos no rosto. — Esse aqui é o Tiago, um colega de farda.

O coronel Alfredo, com uma latinha de cerveja na mão e seu charuto na outra, me viu do outro lado da piscina e gritou:

— Rubens, chegou rápido! Vamos entrando.

A casa era um luxo. E a tarde parecia perfeita. Cheio de piranha, carne e muita cerveja, tudo que o policial gosta. Sem falar na mais gostosa de todas, Marina. Com os cabelos soltos, encaracolados até o meio das costas, estava simplesmente linda.

Perto da entrada, quando eu estou passando por uma das mesas, uma mão bate no meu peito barrando a minha passagem.

— Coé, Rubens!

— E aí Gonzáles! Beleza! Porra, meu irmão, quanto tempo!

O tempo apagou todas as lembranças ruins que eu tinha. Estava feliz em revê-lo, só isso. Feliz por ver que ele continuava com o seu bom humor.

Nos abraçamos e ficamos conversando enquanto Tiago pegava umas cervejas para a gente.

— Eu encontrei o Nelson outro dia. Porra, ele tava dirigindo um carrão. Disse que tava trabalhando no ramo de carros. Você tem visto os outros, o sargento Lopes, Jesus?

— Eles até disseram que iam chegar aqui hoje, mas depois eu liguei para eles e os caras disseram que não ia rolar. Cada um inventou uma desculpa diferente.

— E você, cara? Conta de você.

— Depois do ocorrido, graças a Deus, eu consegui me firmar numa empresa de segurança.

Gonzáles contou que passou uns tempos difíceis depois de ser expulso da polícia, depois da cadeia, mas como ele já tinha bastante experiência em combate, tiro, conseguiu um ótimo emprego numa empresa de segurança particular. Hoje, ele já era gerente de operações.

Tiago chegou com a cerveja, eu o apresentei. Continuamos a conversa, bebemos e fomos ver as piranhas do churrasco. Mas nenhuma delas me interessava. Só Marina. Quando eu parei para conversar com Gonzáles, ela passou por nós, deu a volta na piscina e se sentou ao lado do coronel Alfredo. Eu acompanhei todo o seu percurso com o olhar, depois voltei a olhar para os meus

colegas.

Desviei o olhar de novo para espiar Marina e ela deu um beijo quente, muito quente, no coronel. Marina se jogou sobre ele. O beijo foi tão intenso, que o coronel quase derramou toda a latinha de cerveja em cima dela. Alfredo ainda tentou lamber o que tinha derramado sobre o corpo dela, mas o nariz gigante dificultava e o movimento ficou todo torto. O pior foi que a sacana estava só esperando eu olhar para beijá-lo daquele jeito.

Eu não podia deixar de cumprimentar o coronel, por isso fui até lá, mas tentei ser o mais rápido possível. Evitei olhar para Marina, que permanecia sentada ao seu lado, para não acabar, sem querer, causando algum constrangimento.

Tentei não pensar mais em Marina, mas era impossível. Ela estava ali, na minha frente. Mesmo assim, me diverti um monte. Tomei todas, e junto com Tiago e Gonzáles, zoei um monte as piranhas da festa.

Anoiteceu. Muita gente já tinha ido embora. Eu estava sentado com os meus amigos já descalço e sem camisa. Alfredo entrou no casarão para mostrar uns DVDs para uns amigos.

Eu me levantei para ir na casinha da sauna onde tinha o banheiro. No meio do caminho, a vontade de mijar já era insuportável. Abri a porta do banheirinho correndo e mijei do umbral da porta, tentando acertar a privada, mas sem estar muito preocupado em conseguir. Eu que não iria entrar naquela porra, estava toda mijada. Era um daqueles microbanheiros que não tinha mais nada além do espaço para o vaso sanitário. Olhei para cima, o alívio era tão gostoso. Enquanto isso, eu devo ter mijado muito mais no chão do que em qualquer outra coisa. Foda-se.

Me viro, mas não me assusto com aquela presença, só fico muito excitado, pior do que cachorro quando cheira uma fêmea no cio. Era Marina que estava bem atrás de mim. Vendo a minha expressão, ela tenta ir embora.

— Eu pensei que esse era o banheiro feminino.

Antes que ela pudesse sair, eu a agarro pela cintura, a jogo no banheiro e tranco a porta. Coloco todo meu corpo junto ao dela e puxo de leve os seus cabelos antes de falar:

— Eu vi o jeito que você me olhou antes de beijar o Alfredo.

Marina põe a mão dentro da minha calça, tira para fora o meu pau e fala no meu ouvido.

— Você que é um cachorro, que nunca mais apareceu!

Viro ela de costas, levanto a minissaia, afasto a calcinha e meto espremendo ela contra a parede do cubículo.

Saio primeiro do banheiro e fecho a porta. Vou direto sentar na beira da piscina. Ponho os pés na água para limpar o cheiro insuportável de mijo. Marina sai logo em seguida. Passa pelas minhas costas e entra na casa para se juntar ao Alfredo.

Sentei de volta na mesa e não saí mais. Passei o resto da noite só bebendo cerveja. Meu único trajeto era da mesa para o banheiro e do banheiro para mesa. Fiquei tão bêbado, que mal ficava de pé.

Os convidados já tinham ido embora, mas eu tive que passar algumas horas tomando muito café para ter alguma condição de pegar o carro e voltar para casa. Alfredo e Marina me deixaram aos cuidados dos empregados e subiram para o quarto. Tiago se deitou na rede do lado de fora e tirou uma soneca enquanto me esperava.

Foi só eu me sentir um pouco melhor, acordei Tiago e pegamos o carro de volta para as nossas casas.

Cheguei com o bafo tão forte, que minha mulher de longe sentiu o cheiro. Clara já estava na cama e a última coisa que me lembro foi dela reclamando. Deitei e acordei no outro dia com uma ressaca tremenda. Parecia que minha cabeça se soltaria do corpo. Levantei todo grogue, dei uma mijada no banheiro e me joguei no sofá. Fiquei o dia inteiro de molho, sem sair nem me levantar pra nada, nada, nada.

No final do dia, comentei que havia encontrado com Gonzáles, mas ela não me deu muito papo. Só me disse:

— Obrigada por resolver me dar alguma notícia sua. A gente ficou ontem até de noite te esperando para levar a mamãe no hospital. E ninguém fazia a menor ideia aonde você tinha se metido.

Virou as costas, entrou no nosso quarto e fechou a porta.

16

A nossa maior sorte mesmo foi que o Gordinho não nos traiu. Também não sei por que ele não nos traiu. Se tivesse traído, talvez a sua morte não tivesse sido tão trágica. Só sei que se ele quisesse entregar a nossa guarnição, era só ter mandado um rádio para mim e marcado um encontro num lugar que nos levasse à morte.

Realmente, nós tivemos sorte com o caso da morte do Gordinho. Pensando melhor, acho que os traficantes não queriam armar essa armadilha. Porque eles

até poderiam executá-la sem a colaboração do nosso informante. Em vez disso, resolveram dar uma de fodões. Fizeram o Gordinho de exemplo.

Quando cheguei no batalhão, toda a minha guarnição estava cabisbaixa. Eu achei que estavam pensando a mesma coisa que eu. Pensando sobre o que aconteceu com o nosso principal informante, o Gordinho.

Achei que eles podiam até estar putos comigo, já que fui eu que comecei com esse negócio de X9 e era o principal responsável por toda a articulação com os nossos infiltrados. Putos porque o caso do Gordinho podia ter terminado numa chacina da guarnição inteira.

O que me deixou mesmo preocupado era que até o Fausto estava sentado na banco. Óculos escuros pendurados na gola, completamente estático, olhando fixo para o chão.

Até o cabo Russo, que nunca estava nem aí para nada, parecia abatido. Mesmo atrás dos seus óculos escuros, que ele não tirava por nada desse mundo, dava para ver uma expressão diferente.

Estavam todos lá. Só o Tiago que ainda não tinha chegado.

Me aproximei do sargento. Ele estava de pé, encostado na parede. Com a mão no rosto, tirava algumas casquinhas de pele ressecada que apareciam de vez em quando nas cicatrizes da bochecha.

Tinha vontade de perguntar o que é que estava acontecendo. Mas me segurei. Nessas horas é melhor ficar calado. Vai que eu acabo dando mole e me acuso de algo que ninguém sabia? É sempre melhor esperar até que alguém resolva falar alguma coisa, o que não demorou muito. Sem me encarar, olhando para o infinito e sem parar de tirar as pelezinhas do seu rosto, falou:

— Não tenho boas notícias para te dar.

Às vezes a emoção tem um poder maior do que a razão. Por mais que eu estivesse na defensiva, depois de ouvir o que o sargento falou e da forma como foi dito eu acabei perguntando:

— Vocês vão me tirar da guarnição?

— Antes fosse isso, irmãzinho — respondeu Fausto também sem olhar para mim. Continuava com a cabeça baixa.

— Mataram o Tiago.

A notícia me atingiu como um raio que percorreu todo o meu corpo. Fico em estado de choque. Com um ato involuntário, corro e agarro os dois braços de Fausto obrigando-o a se levantar. Sacudi o coitado, que não tinha culpa nenhuma na história, em busca de alguma explicação.

— Como isso pode ter acontecido? Eu tive ontem com ele! Eu dei carona até

a casa dele e vi o garoto entrando dentro de casa. Não é possível!

— Calma, Rubens. Ninguém aqui tem culpa de nada.

Fausto tentava falar ao mesmo tempo que se esforçava para manter o equilíbrio. Minhas mãos cravadas no seu braço faziam com que seu tronco oscilasse para frente e para trás em pequenos solavancos que seguiam o ritmo da minha fala.

— Mas como? Como foi que aconteceu?

Nem percebi, mas de repente o sargento estava atrás de mim. Tentava me desprender de Fausto.

— Calma, Rubens, solta ele.

Aos poucos a mão pesada do sargento Lúcio foi me ajudando a voltar ao normal. Fiquei completamente sem graça, arrependido da minha agressão ao colega. Mas o que eu podia fazer? Tinha perdido a cabeça.

Soltei um longo suspiro antes de dizer:

— Desculpa, Fausto. Eu não sei o que me deu.

— A gente sabe como você gostava do garoto, Rubens — falou o sargento. — Todos nós tínhamos um carinho especial pelo moleque.

— Mas como é que foi acontecer uma coisa dessa? — perguntei.

— Foi hoje mesmo — me respondeu o sargento. — Na hora que ele saía de casa para vir trabalhar, tentaram assaltá-lo. Ele reagiu e foi baleado no coração.

— Mas pelo menos ele levou um com ele — completou Fausto.

Ridícula a maneira de Fausto pensar. Como se o fato de não ter morrido sozinho valesse de consolo. Tiago não tinha que ter morrido e pronto.

O pior é sentir a culpa pesando dentro do meu corpo. Eu não conseguia deixar de pensar naquele final de semana que ele passou lá em casa. Será que se eu não tivesse contado aquela história, ele agiria diferente? Por que é que eu fui botar pilha para o moleque comprar aquela porra daquela pistola?

Fomos chamados para a sala do coronel. Alfredo estava sentado atrás da sua mesa. Dessa vez não fumava. Segurava o charuto apagado na ponta dos dedos. Ele se levantou assim que entramos na sala. Deu a volta na mesa e parou na nossa frente. Estava rígido, se portando como um militar.

— Queria prestar os meus sentimentos à guarnição — disse o coronel. — Todos nós que passamos por esta situação sabemos como ela é dolorosa. É dolorosa para todo o quartel, toda a PM. Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para minimizar esta perda. Prometo que no serviço seguinte já tenhamos conseguido alguém para ocupar o lugar do soldado... do soldado...

— Tiago — eu respondi.

— Isso mesmo, do soldado Tiago — continuou o coronel. — Eu sei que não dá para substituir um companheiro. Mas pelo menos com isso, o serviço de vocês não vai ficar sobrecarregado.

Ficamos todos calados por alguns segundos, até que o sargento Lúcio tomou a palavra:

— Nós agradecemos, coronel.

O coronel Alfredo soltou um suspiro, levantou a sobrancelha e pegou o isqueiro no bolso da farda azul. Sua postura tinha mudado. Estava relaxado. Sentou em cima da mesa e falou enquanto queimava a ponta do charuto nas mãos.

— Eu sei que não é a melhor hora para tratar desses assuntos, mas vocês chegaram a ler o jornal de hoje?

Alfredo pega o jornal em cima da mesa e entrega para mim. Na primeira página, uma foto de moradores do morro da Galinha protestando contra a violência policial.

— Esses caras são fodas, estão vendo — disse o coronel. — Para nós, da PM, só existe Deus e nossa arma a nosso favor. Cadê os Direitos Humanos? Os Direitos Humanos só existem para a família dos vagabundos. Quem vai apoiar a família do nosso querido soldado Mateus?

— Tiago — eu respondi mais uma vez. Estava começando a me irritar.

— Tiago, isso mesmo, Tiago — continuou o coronel. — Eu sempre confundo Tiago com Mateus, não sei por quê. Bom, o que eu quero dizer é que vocês estão mandando muito bem, mas é melhor relaxar um pouco. Talvez vocês estejam indo com muita sede ao pote. É bom botar o pé no freio um pouco. Principalmente nessa favela. Eu não sei se vocês estão com X9 lá dentro. Estão?

Todos nós nos olhamos. O coronel nunca tinha perguntado um detalhe deste. Ficamos todos desconfiados. Até que o sargento Lúcio respondeu:

— Mas o senhor não tem o que reclamar da gente. A nossa guarnição nunca antes atuou na favela da Galinha. Já o que o senhor perguntou é uma informação que para todos nós, do quartel, é melhor ser mantida em sigilo. O senhor quer mesmo saber?

O coronel Alfredo ia acender o charuto. Quando ouviu a pergunta do sargento, interropeu o movimento e tirou o fumo da boca. Baixou e levantou a cabeça ao falar cada palavra. Como se usasse o seu nariz pontudo para deixar bem claro o que queria:

— Se eu não quisesse saber, eu não teria perguntado.

— Não, senhor — respondeu o sargento —, não temos ninguém no morro da

Galinha. Mas estamos com informante em atuação em outras comunidades. O senhor quer saber quais?

— Não. Não precisa — respondeu o coronel.

Provavelmente, o sargento Lúcio só fez essa pergunta sabendo que o coronel não iria mesmo querer saber sobre os nossos informantes. Se o Alfredo resolvesse se interessar pelos nossos X9 ia ser uma cagada. Esse tipo de informação, quando muita gente tem acesso, vaza com uma facilidade esmagadora. E o coronel nem precisa estar de má-fé para que isso aconteça.

Alfredo se levantou sorrindo, pousou sua mão sobre o ombro do sargento e disse:

— Ótimo. Então eu vou ordenar a vocês a mesma coisa que vou ordenar para todo o batalhão. Eu não quero que entrem no morro da Galinha. Não quero nenhum PM lá dentro até segundas ordens.

17

Eu queria seguir Clara de novo até a igreja. Ver se ela ia se encontrar com esse Nilton antes do culto. Por causa da morte de Tiago, o coronel aliviou o nosso serviço. Com isso, deu para o sargento Lúcio me liberar mais cedo.

Recebi a permissão de deixar o quartel e corri direto para o meu carro. Saí de farda e tudo com a esperança de não pegar o engarrafamento na Avenida Brasil. Mas não adiantou, estava tudo parado.

Que raiva! Soco a buzina várias vezes. Aperto muito aquela corneta irritante. Isso alivia um pouco a minha tensão. Quando paro, escuto uma voz gritando:

— Para de apertar essa merda, porra! Não tá vendo que não tem como a gente andar, ô viado!

Abro a porta e saio do carro na hora.

— Viado é a puta que te pariu!

Minha vontade é de matar esse babaca. Ando dois carros à frente, seguindo a direção da voz que continua me xingando de tudo quanto é nome. Passei o primeiro carro e vi, para fora da janela, aquela cabeleira lustrada, penteada para trás. O gel chegava a refletir a luz dos postes que já estavam acesos na pista. E os dentes enormes, ameaçadores, só pararam de se mexer quando me viram.

— Porra Rubens! Era você?

— E era você, sargento Lopes, que estava me xingando?

— Era, ué?

Soltamos uma gargalhada. Lopes, o meu ex-sargento, saiu do carro e nos abraçamos no meio da pista.

O trânsito lento voltou a andar. Os carros buzinavam para mim e para o sargento, que éramos os únicos trancando o tráfego com nossos carros parados no meio da avenida.

— Porra! Pera aí, eu não vejo meu colega há muito tempo! — gritou o sargento, botando mais uma vez os seus dentes de fora. Se virou para mim: — Me dá o teu celular que a gente se fala de dentro dos carros.

Dei o número e voltei correndo para o meu carro. As pessoas já estavam impacientes, não paravam de nos xingar. O sargento respondeu a alguns desses reclamões levantando o dedo médio, fazendo o sinal de piru, e entrou de novo no carro.

Fechei a porta, o meu celular tocou.

— E aí, meu chefe, como o senhor está? — perguntei.

— Tô legal, irmão. Descobri que perdi foi tempo na polícia, dinheiro se ganha é aqui fora.

— Encontrei Gonzáles e o Nelson, e eles estão bem também.

O carro do sargento Lopes entrou na primeira saída e desapareceu nas ruelas.

— Aí — disse ele. — Agora tu já tem o meu número. Liga depois porque agora vou para a firma, valeu! Estou atrasado.

Desliguei e dei uma olhada no visor: ligação restrita. O celular de Lopes estava programado para não ser identificado no bina. Achei tudo um pouco estranho. Principalmente ver o meu exsargento trabalhando numa empresa.

Por causa do engarrafamento do inferno, não vai dar para seguir Clara de casa. Ela já deve ter saído há muito tempo. Com certeza deve estar ou na igreja, ou ali por perto. Dou a volta no primeiro retorno. É para lá que eu vou.

Estaciono o meu carro ali perto, no centro comercial, e vou correndo para a igreja. Escorado na fachada, coloco só a cabeça para dentro para espiar. As pessoas estão todas de costas para mim. Olhando para o pastor no altar à frente. Clara está na primeira fileira. Do lado dela, o safado do Nilton.

No altar, também estão o seu Geraldo, dono da padaria, sentado ao lado de sua filha Giovana. O pastor Batista continua seu discurso:

— Agora que pai e filha já estão aqui em cima conosco, gostaria de chamar o rapaz que vai pedir a pequena Giovana em casamento. Nilton, por favor suba aqui também.

Nilton se levanta, beija Clara no rosto e sobe ao palco sob um salva de palmas. Ele pega o microfone:

— Pastor, seu Geraldo, congregação, boa noite. Eu queria aqui, na frente de todos, seu Geraldo, pedir a sua filha Giovana, a grande paixão da minha vida, em casamento.

Giovana se derrete em lágrimas. Ela corre até Nilton. Os dois se abraçam, se beijam. Depois de passada toda a comoção, Nilton se senta ao lado de Giovana no palco. O pastor comanda uma oração e uma cantoria em homenagem aos noivos.

Eu continuava no mesmo lugar, encostado na parede do lado de fora, só espiando. O pastor Batista retoma a palavra:

— Eu queria agradecer muito a ajuda da companheira Clara. Foi ela que preparou toda esta homenagem para o casal. A pedido de sua amiga Giovana, conseguiu até fazer uma surpresa para o noivo. Surpresa esta que mostro para vocês.

Sob suspiros e comentários do tipo “Ai! que lindo!”, “Glória a Deus!”, o pastor tira uma prova do convite de casamento de um envelope. No convite tem de um lado a foto de Giovana e do outro a foto de Nilton com camisa amarela. O mesmo retrato que estava na bolsa de Clara e que ela beijou naquele dia na rua.

— Eu queria aproveitar este momento — continua o pastor — para orar pela família da nossa querida Clara. Venha cá, Clara, não tenha vergonha, figura de Deus. Suba aqui para falar e pedir aos nossos fiéis que orem, orem conosco. Eu posso garantir que com a força que você tem em Jesus, tudo isso vai passar!

Clara, muito tímida, sobe devagar o palco e vai até o palanque onde o pastor fica.

— Pode falar, minha filha.

Ela pega no microfone. Gagueja um pouco:

— Vocês sabem que minha mãe anda muito doente... Mas eu queria orar especialmente para o meu marido, o Rubens... eu... eu...

Se segura, do seu jeito, para não chorar. O pastor a abraça e ela ganha forças para continuar:

— Eu amo ele e sei que ele é uma pessoa boa. Tem um coração bom... só que ele está passando um momento confuso... Ele é polícia e deve estar passando por situações muito difíceis. Eu sei que ele não é assim... — fala olhando para Nilton e Giovana. — E queria aproveitar este momento abençoado, que é o noivado dos meus amigos, para rezar por ele.

Fiquei o tempo todo parado ouvindo com atenção cada palavra. Aquilo mexeu tanto comigo, que é quase impossível descrever o que eu senti. Me fez sentir pequeno, constrangido. Eu tenho agido como um idiota, meu Deus!

A imagem de Tiago também me veio à cabeça. As atrocidades que eu passei nos meus anos de polícia. O que é que Clara tem a ver com isso? Eu devia ter sido mais forte. Eu devia tê-la preservado. Tinha que ter lutado para preservar a nossa relação. Afastado os meus demônios de perto da minha família.

Joguei minha cabeça para trás e fiquei com o corpo todo colado na parede da fachada da igreja. Quando a oração começou, meus olhos se encheram de lágrimas. Escorreguei, com as costas na parede, até ficar sentado no chão da rua, como um mendigo.

O culto se encerrou e eu ainda estava sentado do lado de fora, soluçando. Devia ser estranho para as pessoas ver aquele marmanjo, fardado, caído no chão, se lamentando. Alguns passavam as mãos no meu ombro. Outros acariciavam minha cabeça. Mas a maioria simplesmente me olhava com estranheza e ia embora.

Assim que Clara me viu, correu, se ajoelhou do meu lado e me envolveu em seus braços. Por um bom tempo, ficamos os dois no chão, Clara em cima de mim, me abraçando com força. Eu só conseguia dizer uma única coisa:

— Desculpa... desculpa...

18

Em casa, Serginho está no sofá, ao lado de Magali, vendo televisão. A nossa vizinha é um amor de pessoa. Ama o Serginho e sempre quebra o nosso galho cuidando dele quando não estamos.

— Eu vou descer para dar um banho na sua mãe.

— Mas será que é bom dar banho nela agora de noite?

— Aquela mancha não dá para deixar sem lavar. Mas pode ficar tranquila, eu fecho todas as portas e janelas. Não vai entrar nenhuma corrente de ar.

Chope dormia embaixo da cadeira de rodas, enquanto dona Neuza falava com a sua irmã pelo telefone. Ela ficou feliz em me ver. Beijei-a no rosto e ela retribuiu.

— Depois a gente se fala, Nilce. O meu filho desceu para ficar um pouco comigo.

Desligou o telefone e eu fechei todas as janelas e portas, como havia prometido. Levei-a para o quarto para prepará-la para o banho.

Tirei seu vestido e me assustei com o que via nas suas costas. No lugar da mancha preta, tinha brotado uma ferida em carne viva como se fossem lábios

para fora, avermelhados e cinza.

Vesti de volta a minha sogra e pedi que ela aguardasse um pouco.

— O que é que foi, meu filho?

— Nada não, só acho melhor levar a senhora para o médico dar uma olhada.

Sem esperar dona Neuza terminar de falar, corri para cima. Magali já estava de saída.

— Magali! Graças a Deus que eu ainda te peguei aqui. Você pode ficar mais um pouquinho?

— Claro, por quê?

— É que a gente vai ter que levar a dona Neuza no hospital. Clara me ouviu falando e correu para a porta.

— Que é que aconteceu, Rubens?

— Calma, acho que não é nada de grave, mas surgiu uma ferida nas costas da sua mãe. Acho melhor levar ela para fazer um curativo na emergência.

Clara desce comigo. Olha a ferida. É um abscesso maior que a tampa de uma garrafa. Ela explica tudo o que está acontecendo para a mãe. Com muita paciência e segurança diz que não deve ser nada demais, mas que nós achamos melhor levá-la para a emergência fazer um curativo.

Diferente do que esperávamos, até que fomos atendidos rápido no hospital. Com muita delicadeza, o médico nos afastou de dona Neuza para conversarmos. Disse que infelizmente, aquilo já era carne morta e a ferida era irreversível. A tendência era piorar.

Voltamos para a maca onde dona Neuza estava deitada. O médico, junto com um enfermeiro, nos ensinou a fazer o curativo. Primeiro tinha que limpar a ferida com a gaze molhada no antisséptico. Depois, fechar com outra gaze e esparadrapo.

O médico também nos receitou uma injeção, caso ela sentisse muitas dores.

Eu abracei Clara com força.

— A gente vai cuidar dela. Ela vai ficar bem.

19

Os primeiros dias de serviço, depois da morte do nosso colega, foram estranhos. Havia um sentimento real de revolta, tristeza. Era um vazio muito grande não escutar a voz de Tiago.

O tempo passa e devagar tudo vai voltando ao normal. Como o coronel

Alfredo havia prometido, um soldado foi designado para nossa guarnição. O seu nome era Quirino.

Ele não era um novato igual ao Tiago. Tinha tantos anos na polícia quanto eu. Mas ele conseguia ser mais tímido e calado do que o nosso falecido colega. Por ser mais velho do que Fausto, tinha o direito de ir na janela. Quirino passava o dia inteiro afundado no seu canto sem dizer uma palavra.

A entrada desse novo integrante gerou uma situação incômoda dentro da guarnição. Será que a gente podia confiar nesse cara? Será que ele não ia repassar as informações dos nossos X9?

O mais difícil era julgar o comportamento e atitudes de um cara que passava o dia inteiro parado. Que só se mexia para resolver questões do serviço, atender a uma ocorrência, eventuais perseguições etc.

Numa busca, à noite, o coitado tropeçou e o cabo Russo foi ao seu socorro. Não aconteceu nada com o Quirino, mas na viatura o cabo não perdoou:

— Eu entrei na polícia para caçar bandido, não para ser babá de três coroas! O que que é isso, parceiro?!

Quirino se encolheu ainda mais no seu canto sem dizer uma palavra. É claro que eu e o sargento não deixamos passar.

— Mas para que é que a gente precisa de você, se a gente já tem a Priscila, aquela tua piranha, que vem no batalhão todo dia cuidar da nossa caceta?

— Olha o respeito, parceiro! Daqui a pouco ela já não é mais piranha, vai se tornar oficial. Olha aqui!

Levantou a mão para exibir o seu o anel de noivado. Nesse momento o meu rádio particular tocou. Era um informante. Será que eu atendo aqui mesmo na frente do Quirino? Olhei para os outros companheiros para ver se alguém me ajudava. Nada. Então eu perguntei:

— Alguém tem uma caneta?

Era chato toda vez ter que inventar uma historinha para me afastar do Quirino e falar com um informante. Mas assim que fiz a pergunta, todos entenderam o que eu realmente queria. Cabo Russo, o sargento Lúcio e Fausto colocaram a mão nos bolsos procurando uma caneta e todos fingiram não encontrar nenhuma. Cabo Russo falou:

— Eu vou parar aqui e você vai naquela lanchonete. Com certeza eles têm caneta. Aproveita e pede papel também.

Quando o cabo Russo parou o carro, Quirino falou:

— Aqui, Rubens, achei a minha caneta.

Eu peguei a caneta dele, mas fui rápido na desculpa.

— Valeu, Quirino, mas eu também vou precisar de papel então eu vou lá na lanchonete mesmo.

Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, saí do carro e fechei a porta. Eu tinha certeza que a minha desculpa foi ridícula, o que não faltava na viatura era bloquinho jogado por tudo quanto era canto. Teria sido melhor se eu tivesse dito que ia aproveitar a parada para dar uma mijada. Bom, foda-se. Agora já passou.

Sentei em frente ao balcão da lanchonete e pedi uma folha de papel para fazer algumas anotações. Eu estava aflito para atender porque eu vi no visor que era o X9 que estava plantado no morro da Galinha. É claro que a gente mentiu para o coronel Alfredo quando ele perguntou se tinha algum informante no morro da Galinha.

Apertei o botão na lateral do Nextel e avisei ao informante que já podia falar.

— Tá chegando um caminhão lotado de brinquedo e doce para a criançada.

— Mas é caminhão mesmo? — eu perguntei.

— Não, anota aí: Kombi placa JTQ 3336. Mas a festa só deve começar perto das duas da manhã.

— Tem certeza que é hoje mesmo?

— Confirmado.

O código não era muito brilhante, mas qualquer proteção já ajuda. Tá na cara que brinquedo eram armas e doce, drogas.

Voltei para o carro e Fausto já se adiantou, querendo saber:

— Alguma novidade?

— Não — respondi —, nada de especial.

— Essa ansiedade vai acabar te matando — o sargento falou cada palavra com o seu jeito pausado, lento.

Ele tinha razão. Não era para o Fausto ter perguntado nada! Eles sabem que se tivesse alguma coisa a ser dita, eu arranjaria uma maneira de falar sem envolver o Quirino. E de fato havia uma informação valiosa a ser partilhada com a minha guarnição.

Eu não queria deixar de realizar essa operação. E sabia que por ser no morro da Galinha, onde o coronel tinha deixado claro que não queria a gente lá, alguém poderia ficar receoso e dar para trás. Por isso, esperei até ficar em cima da hora.

Ao ver no meu relógio que eram quinze para uma, pedi para o cabo Russo parar o carro. A rua era deserta, e parecia seguro conversar por ali.

— Sargento? — eu perguntei. — O Quirino pode esperar no carro enquanto a gente resolve uma parada lá fora?

O sargento pensou um pouco, tirou algumas casquinhas da bochecha e falou:

— Combinado.

Saímos todos do carro e andamos alguns passos longe da viatura. Não fomos muito longe, porque não podíamos deixar de vigiar o Quirino. Qualquer ligação que ele fizesse no celular seria considerada suspeita. A paranoia me consumia. Imaginava ele falando:

"Eles pararam e se reuniram para conversar. Devem agir a qualquer momento. Estamos perto do morro da Conceição, a operação deve ser por aqui. Talvez no morro da Galinha, que é mais na frente."

Mas tudo isso só passou na minha imaginação. Quirino ficou o tempo todo no seu canto, sem se mexer.

— Se você tava querendo ser discreto com o Quirino — disse o Cabo Russo —, acabou de fuder tudo.

— Eu sei. É que não dava para ser diferente. Quem me passou o rádio era o cara que tá lá na Galinha.

— Xiii... — fez o cabo.

— O cara me disse que vai chegar uma Kombi cheia de armamento pesado e drogas. Ele me deu até a placa do veículo. O cara já está há quatro meses lá na Galinha. Não tem erro. Quer moleza maior do que essa?

— Eu quero — respondeu Russo. — Quero exatamente o que você falou, mas em outro morro, não na Galinha.

— Mas e se a gente armar uma *blitz* na avenida que dá para a favela? O coronel Alfredo disse que não era para a gente entrar na comunidade. Mas não disse nada que a gente não podia atuar ali por perto.

— O Rubens está certo — disse Fausto quase pulando de alegria. Falava tão rápido, que embolava as palavras. — Tá vendo, sargento, esse cara é um gênio, ele pensa em tudo. O que que o senhor acha, sargento?

Ele olhou para frente, coçou o queixo marcado pelas queimaduras e respondeu com uma pergunta para mim:

— Mas por que você só nos falou disso agora?

— Eu achei melhor só falar em cima da hora porque se o Quirino descobrisse alguma coisa, não teria tempo da informação vazar.

Minha desculpa era só meio verdadeira. O que eu queria mesmo era que com a pressão, a guarnição nem pensasse nos riscos e agisse por instinto. Se eu tivesse avisado antes, eles teriam horas para ficar pensando no assunto e talvez desistissem.

— Acho melhor avisar o coronel. O que é que vocês acham? Ele não mandou a gente avisar ele quando fosse fazer qualquer operação? — Fausto estava cada

vez mais nervoso. Já não tinha mais unhas para roer. — Me dá um cigarro, Russo?

— Não.

Estendi o celular para o Fausto.

— Toma aqui o celular. É uma da manhã. Você liga para a casa dele e avisa.

— Não, não, não. Obrigado.

Botei o celular de volta no bolso e segui expondo o meu plano:

— Eu chamei vocês aqui para fora, mas na verdade eu acho até melhor a gente contar tudo o que vai rolar para o Quirino. Ele pode nos ajudar bastante. O único problema é que depois da gente falar é bom ficar de olho no cara. Vai que o cara é um filho da puta? A gente não pode deixar ele nos trair.

— Pô, parceiro, eu já disse que não estou a fim de dar uma de babá de coroa.

— Então você continua dirigindo e não enche o meu saco! — repreendeu o sargento Lúcio. — Será que você não percebe que a gente está tentando decidir uma parada séria?

Era uma das únicas vezes que vi o sargento Lúcio perdendo a paciência. Acho que desobedecer o coronel deixou ele um pouco alterado.

— O que é que vocês acham, vamos contar tudo para o Quirino? — perguntei.

— Sargento? — perguntou Fausto.

— Pelo menos se der merda, ele cai junto também — disse o sargento.

20

Montamos a *blitz* na frente da favela da Galinha.

Durante a operação eu e Quirino ficamos como seguranças da retaguarda.

A estrada estava deserta. Mas depois de meia hora, apareceram dois carros, quase que juntos. Um Corsa vinha na frente, e logo atrás a Kombi placa JTQ 3336. O sargento deixou o Corsa passar e mandou a Kombi parar.

O carro ligou a seta, reduziu a velocidade e entrou no acostamento.

Ao se aproximar de mim, o rapaz sentado no banco do carona tirou um fuzil cromado para fora da janela. A imagem daquele cano prateado passando a centímetros do meu rosto me aterrorizou por semanas seguidas. Passou tão perto, que eu senti no meu nariz o vento que a arma deslocou. Acho que o bandido estava tão nervoso, que nem viu que eu estava bem ali debaixo.

Fiquei cara a cara com o vagabundo, mas para o azar dele, o embalo da

Kombi já tinha deixado ele de costas para mim. Nessa posição já era quase impossível para ele me acertar. Aí foi como brincar de tiro ao alvo. Enquanto eu atirava, via o fuzil do traficante dando tiros para o alto em pleno desespero. Atirei até que meu carregador acabasse. Deitei para poder recarregar e eles aceleraram. O motorista talvez não estivesse ferido.

Engano meu. A Kombi andou reto e bateu na parede de uma casa na subida do morro. Quebrou o tijolo e entrou com a frente dentro da sala. Provavelmente o pé do motorista morto caiu sobre o acelerador, o que fez com que o carro avançasse.

A guarnição se posicionou em meia-lua e fuzilou o veículo. Mesmo assim quatro pessoas baleadas ainda conseguiram sair da Kombi. Mesmo feridos mortalmente, ainda trocavam tiros tentando a fuga. Lógico que os disparos não tinham a menor precisão. Disparavam para onde o cano apontava. O sangue deles ainda devia estar quente. Isso explica essa espécie de reação.

Mas essa reação não adiantou de nada. Eram no total seis bandidos. No final, seis mortos, é claro.

Enquanto eles agonizavam meu ego subia, me sentia o cara. Mas sei que foi a mão de Deus que me protegeu. Não tem outra explicação. Passou muito perto, muito mesmo.

Os cachorros latindo é que me tiraram do transe. Vi as pessoas saindo das casas para espiar o que tinha acontecido. Comecei a perceber o tamanho do estrago que a gente fez no morro da Galinha. Tiroteio, uma lateral de uma casa completamente destruída, seis cadáveres.

— Isso vai dá merda — disse cabo Russo.

— Mas valeu a pena — respondeu Fausto todo feliz com a chacina. — Eu me diverti, e vocês?

Fausto parecia uma criança. Estava todo bobo, rindo até de fratura exposta. Cabo Russo andou com passos firmes até a Kombi. Ao passar por mim, se virou e disse:

— Agora que a gente vai ver se valeu a pena mesmo.

Ele deu a volta no veículo para se certificar que não tinha sobrado nenhum bandido vivo.

De onde eu estava, era possível ver o interior da casa cuja parede a Kombi destruiu. Eram bizarras as caretas que o pai, a avó, a mãe e a criança faziam lá dentro. Todos de pijama ou roupas de dormir, a cara amassada de sono e assustados com aquela frente de carro parada do lado da estante da televisão.

Russo foi para trás do carro e abriu o porta-malas. Bingo! Estava tudo lá.

Doze fuzis de vários modelos e muita cocaína.

Socorremos todos os bandidos, mas nenhum resistiu aos ferimentos. Por outro lado, nenhum inocente saiu ferido. Só tiveram danos materiais. Aliás, uma parede inteira destruída é um puta dano material.

Partimos para a delegacia, a fim de desenrolar a ocorrência. Perdemos o resto da madrugada. O telefone não parava de tocar, jornais, televisão, todos nos parabenizando.

No meio dessa confusão, um inspetor da civil se aproximou da nossa guarnição.

— Telefone para vocês. É do batalhão. O coronel quer falar com um de vocês.

O comandante do nosso batalhão? A essa hora? Que diabos será que ele está fazendo lá no quartel? Ficamos nos olhando assustados, até o cabo Russo quebrar o silêncio:

— Eu não falei que a gente ia se fuder? Atende aí, sargento.

O inspetor já estava começando a perder a paciência quando o sargento Lúcio se levantou para atender. Ele colocou o fone no ouvido e demorou alguns segundos até finalmente falar alô.

Quando ele desligou, logo perguntamos o que o coronel Alfredo queria. O sargento respondeu do seu jeito lento e pausado:

— Ele mandou a gente resolver tudo o mais rápido possível e voltar o quanto antes para o batalhão.

Ao entrarmos no quartel, o coronel Alfredo estava nos esperando no pátio da garagem. Saímos todos do carro e nos posicionamos à sua frente. Ele abriu um largo sorriso amarelo e disse:

— Bom trabalho. Vocês ganharam dez dias de folga.

Depois se virou e foi embora.

21

De manhã comprei o jornal. Estávamos estampados na foto da primeira página, ao lado das drogas e armas que apreendemos. Exibi o jornal para toda a rua, tamanho o meu orgulho.

Combinei com Clara passar alguns dias em Cabo Frio. Iríamos nós quatro: eu, Clara, Serginho e dona Neuza. Chope ficaria na casa de Magali. A única coisa que me incomodava era a saúde da minha sogra.

— Não sei se é uma boa ideia essa viagem. Será que sua mãe aguenta?

— Primeiro vamos perguntar para ela. A gente pergunta se ela tá a fim de ir. Eu acho que vai ser ótimo, Rubens. Poder sair um pouco de casa, sentir o cheiro do mar.

Dona Neuza ficou radiante com a ideia da viagem. Só a notícia fez com que ela rejuvenescesse uns dez anos. Se empolgou tanto, que até tentou se levantar da cadeira de rodas para ir fazer a mala.

— Calma, mamãe, eu te ajudo.

À noite vesti uma camisa social, calça, sapatos e fui com Clara e dona Neuza na igreja. Foi a primeira vez que eu ia com elas no culto. Fomos recebidos com uma festa tão grande, que cheguei a me emocionar. Foi uma sensação muito gostosa. Eu me senti acolhido por essas pessoas.

Cumprimentei todos, inclusive o Nilton, que não parecia ser um mau rapaz. O pastor Batista fez uma oração agradecendo a Jesus por nossa reconciliação e nos desejou muita paz e felicidade. Mesmo sem jeito, eu tentei acompanhar todos os cantos e rezas. Foi uma noite maravilhosa. Clara e dona Neuza estavam muito orgulhosas de mim.

Na hora de dormir, troquei o curativo de dona Neuza. A ferida já tinha aumentado de tamanho. Estava mais profunda. Para eu conseguir passar a gaze com antisséptico em tudo, as pontas dos meus dedos entravam dentro da ferida. Fechei com esparadrapo e vesti minha sogra com a camisola. Beijei o seu rosto, dei boa-noite e subi para casa.

Serginho ainda estava acordado. Brinquei com ele de carrinho pela sala. Depois Clara o pôs na cama e acabou caindo no sono enquanto fazia o nosso filho dormir.

Sem acordá-la, levei Clara no colo para nossa cama. Deitei ao seu lado e dormi.

Os meus sonhos começam tranquilos, depois começam a ficar perturbados. Dona Neuza aparece para mim e começa a gritar. Um grito agonizante.

Acordo com um susto. Não era só um sonho. A minha sogra estava realmente gritando. Pulo da cama, pego a minha arma. Antes de me virar, a mão de Clara pousa na minha impedindo que eu feche a gaveta.

— Não precisa da arma. Deve ser as dores que o médico disse que ela ia sentir.

Encarando Clara, solto a arma e fecho a gaveta. Corro para o banheiro e pego a injeção que o doutor havia recomendado. Os gritos estavam horripilantes.

Clara ficou com Serginho, que acordou e estava chorando. Eu saí para

socorrer dona Neuza.

Enquanto descia, os gritos, por incrível que pareça, ficaram mais abafados. Entrei no quarto da minha sogra. Ela não parava de gritar. Mas estava deitada de barriga para baixo. Com a cabeça afundada no travesseiro, abafando o som do seu suplício. Sua camisola estava levantada acima da ferida.

Me aproximei e acariciei os seus cabelos para mostrar que estava ao seu lado.

— Calma, sogrinha, calma. Eu vou aplicar esse remedinho e a senhora logo vai ficar bem.

Piquei dona Neuza bem acima das nádegas, perto da ferida, como o médico me ensinou. Joguei a seringa fora e voltei para consolá-la. Aos poucos, os seus gritos foram diminuindo. Viraram um murmúrio até que cessaram e a velha senhora pegou no sono.

Virei para ir embora e vi que Clara estava na porta. Abracei-a com força e subimos de volta para nossa casa.

22

Em dois dias, dona Neuza já estava bem melhor. O chato desse negócio de igreja era que eu me sentia na obrigação de contribuir sempre que tinha dinheiro. Às vezes, acabava sobrando pouco para a gente. Mesmo assim, de manhã bem cedo, botamos tudo no carro e fomos, a família toda, para Cabo Frio.

Foram dez maravilhosos dias. Ah, que saudade! Minha família, dinheiro no bolso, paisagem agradável, tudo que um ser humano merece ter. E não posso esquecer: muita paz e sossego. Durante toda a viagem, não botei uma gota de álcool sequer na boca. Clara me olhava apaixonada, como na época do nosso namoro.

Um dia, deixei minha esposa, Serginho e dona Neuza na pousada descansando e fui dar uma volta. Entrei numa rua onde só tinha mansões e para minha surpresa, encontrei meu ex-colega Jesus, parado em frente a um desses casarões que virava o quarteirão. Ele se surpreendeu quando me viu. Atravessei a rua e fui dizer oi ao amigo que já não via há anos.

— Fala aí, irmão! — disse eu.

— Coé, rapaz, quanto tempo! — respondeu.

— Tá perdido aí?

— Não, essa casa é minha.

Olhei para cima para conseguir ver um pedaço da casa atrás dos altos muros.

A mansão era muito grande, tomava a metade da rua. Deve ter custado de duzentos a trezentos mil. Virei para ele e brincando lhe falei:

— Me ensina a fórmula.

Jesus riu. Me confessou que passou fome depois da expulsão injusta que tinha sofrido. Mas com os contatos certos, conseguiu uma brecha e entrou no ramo de cargas. Daí para frente começou a ganhar dinheiro. Muito dinheiro, diga-se de passagem.

— Que pena que eu só te encontrei hoje, Rubens! Se eu soubesse que estava por aqui, a gente podia ter passado mais tempo juntos. Eu te convidava para ver um jogo do Fluzão aqui em casa. Eu tenho *pay-per-view* e tudo.

— Por que, você já está de saída?

— Tenho que voltar às pressas para o Rio. Me ligaram desesperados da empresa me chamando: Jesus! Jesus! Sabe como é que é.

Rimos da brincadeira e nos despedimos.

Voltei para a pousada na qual estava instalado. Clara se balançava na rede, vendo televisão. Contei para ela sobre o encontro com meu ex-colega. Ela balançou a cabeça indignada e ainda me deu um esporro.

— Tá vendo, Rubens? Todos eles tão bem melhor de vida do que você. Por que você também não larga essa desgraça?

Depois desses anos todos, o que eu iria fazer? Eu não sabia ser mais nada além de polícia. Essa era a minha vida. Resolvi não responder nada a ela. Tive que me calar. Pelo que eu tinha visto, o que ela disse era verdade.

Esse nosso pequeno desentendimento não estragou nosso passeio. Pesquei, brinquei com meu filho, fomos à praia. Nos divertíamos adoidado durante o dia. Durante a noite, eu, Clara, Serginho e dona Neuza, víamos televisão deitados na rede, comendo pipocas.

23

— É esse o tipo de trabalho que eu quero no nosso batalhão!

O caso da Kombi tinha dado uma boa publicidade para o quartel. Saímos em todos os jornais do Estado, o coronel Alfredo deu entrevistas para o rádio e a televisão. Por isso, o coronel resolveu tornar a nossa guarnição um exemplo.

No primeiro dia após a nossa dispensa de dez dias, fomos homenageados em pleno pátio, para todos verem.

Alfredo discursava com paixão sobre o serviço que vínhamos prestando.

Chegou até a chamar a nossa guarnição de “Os Cinco Fantásticos”, como éramos conhecidos.

Mas a reação dele me parecia muito ambígua. Se por um lado ele nos elogiava por ter trazido mídia para o batalhão, que no final era isso que contava para ele, por outro a maneira como ele nos recebeu no dia da ocorrência não saía da minha cabeça. De vez em quando ele agia de forma muito estranha.

No final das contas, a iniciativa do coronel não fez nada bem à imagem da nossa guarnição. Durante um bom tempo viramos motivo de inveja dentro do quartel. Todos queriam trabalhar com a gente, e isso não era bom. Tem um ditado muito certo e sábio: quem não é visto, não é lembrado. É verdade, aqueles que não gostam de você, pelo motivo que for, ficam doidos para que você se estrepe.

Por conta da homenagem, passamos a manhã toda no quartel. Só iríamos sair para o serviço depois do almoço. Passamos boa parte desse tempo comentando o que tínhamos feito nos dez dias de folga. Demos altas gargalhadas, até que surgiu um comentário interessante:

— Bem que todo policial podia ter a cada seis meses uma folga dessas de dez dias para poder curtir a família e desestressar.

Olhamos para trás, batemos palmas, nos levantamos e assoviamos com alegria.

— É isso aí!

A ideia tinha partido de Quirino, o tipo caladão, que quase não falava. Claro que ele ficou sem graça com a nossa expansiva reação. Mas vendo ele mais à vontade com o grupo, para nós foi uma boa surpresa.

Infelizmente, tudo que é bom dura pouco. Depois de almoçarmos no refeitório, tivemos que voltar à dura realidade, à realidade do combate no dia a dia. Pelo menos, entramos na viatura descontraídos, prontos e cheios de gás.

Mal tínhamos saído do quartel, o meu rádio particular tocou. Olhei para Fausto, ao meu lado, que já começou a se agitar. Nem o cabo Russo, nosso motorista, nem o sargento Lúcio, que ia no banco do carona, mostraram qualquer interesse. Nem sequer viraram para trás para saber do que se tratava.

Com certeza era um informante. Mas eu não estava a fim de inventar mil artifícios para tentar mais uma vez tirar o Quirino da jogada. Afinal, ele já estava há dias com a gente Parecia uma pessoa do bem.

— Atende — disse Fausto.

— Olha a ansiedade — respondeu o sargento sem tirar os olhos da estrada.

Tirei o Nextel do bolso e atendi.

— Pode falar.

Quirino olhou para mim e sorriu. Sabia que o meu gesto o incluía de verdade na nossa guarnição. A partir daquele momento, passou a fazer parte dos “Cinco Fantásticos”. O sargento Lúcio não esboçou nenhuma reação, mas o cabo Russo jogou a guimba de cigarro na rua e balançou a cabeça negativamente soltando fumaça pela boca.

De qualquer forma, se eu estiver errado no meu julgamento, o informante vai falar em código e isso vai complicar a compreensão do Quirino.

— A parada é o seguinte — disse o informante. — Vai chegar um cara aí. É de São Paulo, o tal de Demente. O cara é poderoso por lá. É pica grossa, chefão do Comando. Esse cara vai reunir vários donos de morro para uma reunião. Parece até coisa de filme. Eu não sei direito o que eles vão falar nesse encontro, mas pode tá certo que não é pouca merda.

De linguagem cifrada isso não tinha nada. O cara estava sendo claro e direto. Eu tentei disfarçar um pouco:

— Você não está se arriscando demais falando desse jeito com a gente?

— Que nada! Da onde eu tô não tem problema. Eu posso falar à vontade. Pô, mas deixa eu continuar! Tu quer ouvir ou não quer? O que eu não posso é perder muito tempo!

— Vai, fala logo.

— Então, onde é que eu estava... Ah! Já sei! Vai ter essa reunião dos chefões. O dono aqui do morro quer que eu vá junto com ele. Eu vou participar de toda a parada, tá ligado?

— Pergunta se dá para invadir o hotel. Pergunta, Rubens. Pergunta como é que faz para entrar lá. Pergunta.

— Calma, Fausto!

Apertei o botão ao lado do aparelho e perguntei para o informante:

— Tu acha que dá para invadir o hotel?

— Tá maluco?! Vai tá lotado de segurança do movimento. Fora a quantidade de inocente que pode acabar sendo atingido num conflito dentro do hotel. Nessa reunião não vai dar para pegar ninguém. Mas eles vão falar de grana, muita grana. Várias transações. Na hora, eu deixo o meu celular ligado e vocês escutam toda a negociação.

Meus olhos começaram a brilhar. Com esse tipo de informação, a gente vai ganhar rios de dinheiro! É só anotar detalhes das transações: dia, hora, local. Depois, fazer um mapa de ação e ir interceptando uma a uma. Ouço até o som das moedas caindo dentro do meu caixa. Plim! Plim!

— Acorda, Rubens! — gritou o cabo Russo. — Parece tudo maravilhoso, a única coisa é que o cara ainda não disse quando e onde vai ser a porra dessa reunião.

Russo me tirou do meu pequeno devaneio. Aperto o botão na lateral do aparelho para chamar o informante. Nada. No visor dava que o rádio dele estava desligado.

— Pode ficar tranquilo, Russo, quando ele tiver informações mais detalhadas, ele entra em contato com a gente.

Em seguida, pelo rádio da viatura, fomos acionados. Havia um bonde, grupo de bandidos armados, nas ruas apavorando motoristas e pedestres do bairro.

Como sempre, o sargento ficou olhando para frente, sem parecer que ia responder ao chamado.

— O senhor está à vontade, sargento? — perguntou o cabo Russo. — Quer um café, umas torradinhas antes de atender o chamado?

— Obrigado, Russo, acho que é boa ideia.

Sem perder sua paciência, o sargento Lúcio pegou o rádio e respondeu ao chamado. Já o cabo Russo pegou o seu isqueiro, acendeu outro cigarro e continuou resmungando. Ele não tinha o menor saco para o jeito do sargento.

Patrulhamos todo o bairro à procura, mas não demos sorte em achá-los.

— Claro! — reclamou o cabo Russo. — Nessa velocidade toda que o sargento levou para atender o chamado… Desse jeito a gente não vai pegar nem tartaruga!

O cabo Russo acendeu mais um cigarro. Ao guardar o isqueiro Zippo no bolso, escutamos no rádio:

— Atenção os prefixos, acaba de ser roubado uma cegonha na Avenida Brasil que está indo rumo à Via Dutra.

Olhamos para o outro lado da pista e coincidentemente vimos a cegonha, aquele caminhão que transporta carros, trafegando tranquilamente em direção à Via Dutra, sentido São Paulo.

Sem esperar do sargento Lúcio a resposta ao chamado, o cabo Russo jogou o seu cigarro, que estava quase inteiro, pela janela, acionou a sirene e partiu em perseguição.

Só no retorno, alguns metros à frente, é que o sargento pegou o rádio:

— Viatura já em perseguição ao suspeito.

Não houve nenhum tipo de resistência por parte dos bandidos. A cegonha foi interceptada por nós e efetuamos a abordagem padrão como tem que ser. Com arma em punho, saí da viatura e fui até a janela do motorista. Fausto veio logo

atrás de mim e deu a volta no carro.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, meu coração veio na boca. Não queria acreditar que era ele sentado no banco do carona. Ficamos nos encarando. Não sabia dizer quem estava mais triste. Ele levantou as sobrancelhas, como se quisesse dizer “o que eu podia fazer?”, mas acabou só dizendo duas palavras:

— Perdi, mano.

Era Nelson, meu ex-companheiro de guarnição. Uma revolta muito grande bateu no meu peito como uma pancada de porrete. Na hora me veio a lembrança da injustiça que ele e os outros haviam sofrido na polícia. O mais revoltante era que essa injustiça era a prática reinante dentro da segurança pública!

Na época, Nelson, sargento Lopes, Jesus e Gonzáles prenderam um rapaz cheio de droga. Mas como o marginal era parente de um figurão, quem acabou na cadeia? Os meus ex-companheiros. Fiquei imaginando: quem iria dar emprego a um ex-presidiário expulso da polícia? Para a sociedade, ele virou pior do que bandido!

Estava completamente sem ação, sem saber o que iria fazer. Do outro lado do carro, Fausto se agitava com a arma apontada para a cabeça de Nelson. Vi que não tinha escolha. Tinha que fazer o certo. Prendê-lo. Pensei que minha voz fosse falhar quando dei a voz de prisão:

— Vocês estão presos! Vamos saindo do veículo!

Tirei o motorista do carro. Fausto tirou Nelson. Ordenei que deitassem no chão. Enquanto eu o algemava, as lágrimas desciam do meu rosto. O que seria do Serginho, da Clara, da dona Neuza se um dia eu tivesse o azar que o Nelson e minha ex-guarnição tiveram? O que seria da minha família se de repente eu fosse expulso da polícia e jogado na cadeia como um bandido? Minha cabeça não parava. Imaginava minha família no lugar da dele.

Nelson percebeu que eu chorava e me disse o seguinte:

— Mano, não pensa não, me prende e pronto, senão eles vão te expulsar também. Desculpa, mano, mas minha família tinha que comer. Mano, ainda bem que foi você, pelo menos não teve esculacho, você sabe minha história.

Senti um nó apertando minha garganta. Confesso que deu vontade de deixá-lo ir. Eu sabia de tudo que ele tinha passado e que muitos outros passam dentro dessa porcaria de polícia. Os coronéis fazem o que querem e pronto, ficam impunes.

Quando chegamos à delegacia, pedi que o cabo Russo ou o sargento conduzissem a ocorrência. Eu não quis nem sair do carro. Não tinha condições psicológicas para realizar essa prisão.

24

Eu estava arrasado. Abri a porta de casa. Serginho brincava de carrinho no chão da sala. Sem dar uma palavra, ajoelhei ao seu lado, abracei meu filho e comecei a chorar. Senti a mão de Clara pousando no meu ombro. Ela disse no meu ouvido:

— Já sei, passou na televisão: “Policial preso por assalto à cegonha carregada de automóveis”.

Lembrei na hora de quando tinha encontrado com Nelson meses atrás. Ele me dissera que estava no ramo de carros, mas não disse que os roubava. Me virei para Clara. Ela era tão doce, que mesmo no meio das minhas lágrimas, conseguiu arrancar um pequeno sorriso do meu rosto. Ao seu lado, me sentia acolhido.

— Vou sair da polícia. Não quero um dia de repente passar por isso. Penso muito em você, no Serginho. Olha para ele! Meu Deus... Como é que ele ia ficar?

Naquele momento senti que minha hora de sair da PM havia chegado. Nelson era um excelente homem e a política fez isso com ele. Meu ex-colega se deu à corporação e ganhou isso? Teve que roubar para sustentar a família. Ninguém quer um ex-PM na folha de pagamento.

Mal dormi naquela noite, pensamentos vagavam na minha cabeça, e as lágrimas rolavam em meu rosto.

Uma situação dessas pode acontecer com qualquer um de nós. É só ferir o interesse de alguém grande, um político, um juiz, um coronel, qualquer um que tenha o poder da verdade.

25

— Rubens, você não ficou de arrumar a mamãe para receber as visitas?

Abro os olhos e vejo Clara sentada ao meu lado. Sem tirar a cabeça do travesseiro, pergunto:

— Que horas são?

— Já é mais de duas da tarde.

Pulo da cama com a notícia. A dona Neuza ia receber as senhoras da igreja às três! Corro para o banheiro, jogo água no rosto e desço as escadas correndo até a casa da minha sogra. É só eu chegar perto da porta que Chope começa a latir.

— Desculpa, dona Neuza, eu perdi o horário.

— Tá tudo bem, meu filho, ainda dá tempo.

Sem perder um segundo, liguei o chuveiro para encher a banheira. Empurrei-a na cadeira de rodas até o quarto. Despi minha sogra, enrolei-a na toalha e a coloquei na banheira.

Tirei o curativo das costas dela. Fazia tudo com muito cuidado, para não machucá-la. Aquilo estava um horror. Uma mistura com pedaços de carne vermelha, carne acinzentada, sangue e pus.

A ferida era tão profunda, que dava para ver o osso da sua coluna. Limpando a cavidade com a gaze, minha mão chegava a entrar toda dentro do abscesso. Sinceramente, eu não sabia se dona Neuza tinha consciência do que estava acontecendo nas suas costas.

Depois do banho, levo ela de volta ao quarto. Enquanto a vestia, ouvimos a voz de algumas senhoras do lado de fora. A porta estava aberta e eu gritava para elas irem entrando.

Coloco minha sogra na cadeira de rodas e lhe entrego o frasco de perfume que ela passa no pulso e no pescoço. Sozinha, pega o pente em cima da prateleira e dá os últimos retoques no cabelo. Eu fico encostado na porta fechada, esperando ela se arrumar. Do lugar que estou consigo ouvir as senhoras da igreja comentando.

— Não sei como dona Neuza se deixa ser banhada por esse rapaz. Ele nem é da família.

Dona Neuza para o movimento. Será que ela escutou o comentário das amigas?

— Terminou? — eu pergunto.

— Estou pronta. Obrigada, meu filho. Pode me levar à sala.

Abro a porta e empurro a cadeira de rodas até o lado do sofá. Antes de cumprimentar as amigas, dona Neuza fala com a mesma força que tinha na minha época de namoro com Clara:

— Deus me tirou um filho, é verdade. Mas o Senhor é justo. Quando eu menos esperava, ele me deu um outro filho. Eu me orgulho de poder chamar Rubens de meu filho.

Esses lampejos de vida que ela dava eram incríveis.

26

Minha relação com Clara voltou a se fortalecer. A ponto dela me ligar quase todo o serviço só para saber como eu estava.

Durante toda a semana, sempre que meu celular tocava, acontecia a mesma coisa.

— É o informante? Será que é o X9 dessa vez? Atende aí, Rubens.

— Porra, Fausto, você ainda não conhece esse toque meloso? — disse o cabo Russo enquanto dirigia. — É a esposa do homem. Aí parceiro, tu deve tá pagando uma nota de celular.

Mal-entendidos à parte, como eu havia previsto, durante o decorrer da semana o informante voltou a entrar em contato. Ele nos deu o dia, a hora e o local exato da reunião dos chefes do tráfico: um hotel na Avenida 2 de Dezembro.

No dia marcado, somos os primeiros a chegar no quartel. Entramos na viatura e fomos até uma padaria para tomar nosso café com tranquilidade.

Quirino já estava se entrosando mais com a gente. Ele era um sujeito muito legal, mas do tipo que só vai se soltando a partir do momento que te conhece melhor. O que a gente menos podia imaginar é que o cara era engraçadíssimo.

Enquanto tomávamos o nosso café, Quirino se levantou e fez uma imitação do coronel Alfredo conversando com o cabo Russo. Botou a colher na boca, como se fosse o charuto do coronel, e discursou balançando a cabeça para baixo cada vez que falava.

— São homens como eles que o nosso quartel precisa! Por hoje é só, estão dispensados!

Era uma comédia. O jeito, a voz que ele fazia, parecia mesmo o coronel Alfredo usando o seu nariz de abutre para bicar as palavras.

Cabo Russo ria feito criança. Mas quando Quirino relaxou o corpo e fez um gingado cheio de marra, o sorriso dele foi desaparecendo. Igual ao cabo, Quirino fingiu que pegava o Zippo do bolso, abria o isqueiro cheio de estilo e acendia um cigarro.

— Aí, parceiro... quer dizer, coronel, posso ir?

Quirino ficou um tempo parado fazendo uma expressão típica do cabo, como se estivesse ouvindo o coronel falar. Depois virou as costas e saiu rebolando. Era de se mijar de rir. Quando chegou no fundo da padaria, correu de volta para o lugar que estava antes para imitar a reação do coronel Alfredo.

— Pelo amor de Deus, cabo Russo! Eu disse que vocês estavam dispensados, mas não precisa sair por aí rebolando!

O sargento Lúcio quase se engasgou com o pedaço de pão com manteiga.

Todo mundo caiu na gargalhada. Só o cabo Russo não ficou muito contente.

— Não sei o que vocês estão vendo de engraçado — disse ele. — Eu não tô achando a menor graça.

Para piorar ainda o seu mau humor, ele recebeu um tapa forte nas costas. Era o sargento Lúcio que ria de boca cheia, as migalhas de pão voando para fora.

Terminada a refeição e com os ânimos mais calmos, partimos para o hotel na Avenida 2 de Dezembro.

Paramos a viatura a duas ruas do hotel e entramos numa estação ferroviária abandonada. Nos escondemos atrás de uma mureta. De lá, podíamos observar toda a movimentação da entrada do estabelecimento com um binóculo sem sermos vistos.

O tempo passava e nada acontecia. Fausto já não se aguentava mais.

— Já passaram quase duas horas da hora marcada, sargento — ele disse. — Será que fritaram esse informante também?

O sargento olhava para frente do hotel e demorou para responder:

— Espera, Fausto. Porra!

A guarnição se dispersou. Foi cada um para um canto tentando avistar qualquer coisa que fosse.

Peguei o Nextel e tentei passar um rádio para o informante. Nada. Aparecia no visor a mensagem que o rádio dele estava desligado. A situação parecia com a do Gordinho, queimado nos pneus.

— Rapaziada, tá meio estranho isso aqui — eu comentei.

O pessoal me olhou e Russo completou:

— Podes crer, parceiro.

O meu celular toca a famosa melodia melosa.

— Puta que pariu, parceiro, você não desligou essa merda?

— Bom — respondi —, não parece que vai acontecer nada por aqui mesmo.

Atendi o telefone e sentei atrás da mureta para conversar com Clara.

— E aí, o que você está fazendo? — ela me pergunta.

— Para falar a verdade, eu não estou fazendo muita coisa no momento.

— Ah, então você pod...

Estávamos em um local ermo e deserto, por isso não esquentamos para a segurança, esse foi nosso erro. Antes que Clara pudesse completar a frase escutamos os primeiros disparos. Senti o impacto da bala estourando na mureta e instintivamente abaixei a cabeça.

— Depois a gente se fala amor, tchau.

— O que que foi...

Não parei para ouvir o que Clara estava dizendo. Desliguei o telefone, meti ele no bolso e empunhei o meu fuzil. Quirino e Fausto, que estavam mais afastados, rolaram no chão. Reagrupamos atrás da mureta. O tiroteio já era intenso.

A nossa sorte é que não veio nenhum bandido pelas nossas costas. Eles vieram de frente para nos atacar. É muita burrice! Atrás do concreto, conseguimos nos proteger de uma troca de tiros violenta.

Mas era só fazer um sinal, que o sargento Lúcio tirava um carregador do bolso. Ele nos abasteceu com muito mais munição do que precisávamos. Depois de vinte minutos, vi os bandidos fugindo. Logo em seguida, os disparos cessaram.

Levantamos só o suficiente para olhar o que tinha acontecido. Dois bandidos baleados no chão. Fausto foi ver se ainda estavam vivos. Nós ficamos atrás dando cobertura. Numa situação desta, todo cuidado é pouco. Quem garante que os bandidos foram embora? Só o tempo. Como não houve mais nenhum outro disparo, todos nós ficamos de pé.

Fausto fez sinal de negativo com a cabeça, estavam todos mortos.

Numa explosão de raiva, cabo Russo deu um empurrão no peito de Quirino, que tropeçou na mureta e caiu de cara do outro lado. O cabo apontou o fuzil para o colega, mas antes de fazer disparo recebeu um abraço do sargento Lúcio. Mas mesmo assim, meio que no ar, o dedo do cabo Russo puxou o gatilho. O tiro acertou o terreno bem ao lado de Fausto.

— Puta que pariu! — gritou Fausto pulando com o susto.

Abraçado ao cabo, o sargento se jogou no chão. Russo chegava a babar de raiva. O seu rosto, a sua boca, estavam todos sujos com a poeira que foi levantada com a queda.

— Porra, sargento! — disse Russo. — Será que o senhor não está vendo que foi esse filho da puta que nos vendeu! Só pode ter sido ele!

O cabo Russo tentava a qualquer custo se desvencilhar do sargento. Mas ele o apertou ainda mais contra o corpo.

— O mais provável é que o próprio informante tenha nos vendido por dinheiro.

No calor da hora eu disse isso sem perceber que jogava a culpa para o meu lado. Afinal, era eu que tinha arranjado o informante.

— Rubens está certo — disse o sargento Lúcio ainda segurando Russo, que começava a se acalmar. — A gente tem que achar o viado desse X9. Foi ele que nos traiu. Mas se tem mais alguém nessa jogada, só ele que vai poder dizer.

Convencemos o cabo que primeiro tínhamos que caçar aquele safado antes de acusar qualquer um de nós. O informante tinha que pagar pelo que fez. Onde ele estivesse teríamos que achá-lo. Não importava como nem onde, nós o acharíamos.

Mesmo assim, ao se levantar do chão, limpando a poeira da farda azul, o cabo Russo meteu o dedo na cara do Quirino, olhou no fundo dos seus olhos e falou:

— Se tu der algum mole, parceiro, tu tá fudido comigo!

27

Mal abro a porta de casa e Clara corre para me abraçar.

— Graças a Deus que você está bem!

Ela se solta de mim e bate de mão fechada no meu peito.

— Por que você não me ligou para avisar que estava tudo bem!? Eu estava aqui desesperada sem ter notícias suas! Sem saber o que tinha acontecido! Só sei que a gente tava falando e eu comecei a ouvir barulho de tiro, você desligou... Fiquei morrendo de medo de ligar de novo.

— Já passou.

Foi a única coisa que consegui dizer. Jantamos sem comentar o assunto. Só sei que, depois desse dia, Clara nunca mais me ligou quando eu estava de serviço.

Serginho foi dormir e sentamos no sofá para ver televisão. Eu trocava de canal sem me interessar em nada do que estava passando. De repente, paro no telejornal. Vejo uma notícia que me chamou a atenção:

— Acaba de ser preso no complexo da floresta o traficante Lesco-Lesco, dono do tráfico no conjunto da floresta. Durante a troca de tiros, todos os seus seguranças foram mortos. Entre eles havia um ex-PM, Alberto Gonzáles, vulgo Dedo de Ouro...

Ele nem era tão bom atirador. Mas entre os bandidos, devia ser o rei. A reportagem terminava dizendo que ele havia sido expulso por tráfico de drogas. Quanta mentira, Gonzáles nunca se envolveu nisso. Mas era isso que a população devia saber. Nada mais, nada menos.

A corporação estraga uma vida sem dó, só para satisfazer a vontade de uns ou fazer favores para outros. Como são sujos! E a população acha que a culpa é dos policiais. Se a população soubesse que eles proíbem a polícia de entrar nos morros, que o dinheiro corre solto na cúpula superior. A população não tem ideia

da verdade.

O que no início era um sonho, hoje que conheço a verdade, sinto nojo de ser um policial.

Gonzáles podia não ser um exemplo de ser humano e de profissional. Mas odiava vagabundo. Se tornou mais uma vítima do poder, essa força que só funciona contra nós, mas a favor de interesses particulares. Tenho pena da população, ela não merece isso.

Minha mulher ficou perplexa com tal notícia. Pois também conheceu bem meu ex-colega. Talvez até melhor do que eu; Gonzáles era muito amigo do sargento Braga. Mais um que a polícia estragou. Jogando mais um pai de família no crime.

No dia seguinte, minha revolta foi ainda maior. Em todos os jornais havia os comentários de oficiais de diversos quartéis. Os coronéis se vangloriavam de ter expulsado Gonzáles da polícia, encobrindo o verdadeiro motivo de sua saída forçada.

Eu me lembrava do dia que prendemos o Zé Careca e o coronel pediu para soltá-lo. Tive vontade de abrir o bico, de gritar, mas sou um simples soldado de polícia. Eles são coronéis. É melhor ficar calado, pois no final eu acabaria preso e expulso igual aos amigos que eram de bem e hoje estão mortos e presos.

À noite, nosso sono, mais uma vez, foi conturbado. Além da história de Gonzáles ficar martelando na nossa cabeça, dona Neuza acordou duas vezes gritando de dor. Desci todas as vezes para ajudá-la. A pobre coitada da minha sogra só conseguiu pegar no sono mesmo lá pelas quatro da manhã.

Já há algum tempo as crises de dona Neuza viraram rotina. Cada dia sua dor aumentava. Eu passava o tempo todo ao seu lado, cuidando dela como se fosse a minha própria mãe. Eu nunca deixava de socorrê-la, nem que para isso fosse preciso abdicar de uma noite inteira de sono.

28

O cabo Russo não era mais o mesmo. Ele sempre viveu meio que à parte do grupo. Acho que porque pensava que era melhor do que a gente. O cara se acha o foda. Essa é que é a verdade. Mas se antes ele já não gostava muito da gente, agora parece que começou a nos desprezar.

É verdade também que as minhas constantes insônias traziam traços estranhos à realidade. As olheiras já faziam parte do meu corpo. Mas quando

olhava para Russo, tinha certeza do que via.

Passou a manhã toda resmungando. Não quis nem saber de nos ajudar com a busca ao informante. Sempre que olhava Quirino, a sua expressão fechava. Ele mesmo passou a evitá-lo. Não queria nem encará-lo. Para mim, a única coisa que passava na cabeça do cabo quando via o pobre do soldado era a vontade de pular no seu pescoço e acabar com a vida dele ali mesmo.

Peguei o famoso caderninho vermelho envolto com elástico preto do bolso. Depois de várias ligações, descobri que o informante morava na favela da Biquinha. A favela era comandada pelo tráfico, mas não era considerada muito perigosa. Esse é o termo oficial usado para classificar um monte de bandidos cagões que fogem assim que veem a farda azul. Planejamos uma incursão em que vasculhássemos o máximo de espaço no mínimo de tempo.

Saímos do quartel e estacionamos a viatura a algumas ruas da favela. Dessa forma, o cabo Russo não precisava se preocupar com o possível roubo do carro e podia se juntar a nós na busca.

Antes de subir, marcamos de nos reunir uma hora e meia depois num boteco na esquina que dá acesso à subida do morro. Entramos na favela da Biquinha correndo. Cada um por um beco. Os olheiros, uma garotada de no máximo dez anos, soltaram fogos para avisar aos traficantes que estávamos invadindo a favela.

O chato era que a favela era muito íngreme. Eu suei a camisa, mas procurei com vontade. Percorri cada buraco que achava. Entrava nas casas dos moradores na maior cara de pau, abusando da minha autoridade. Conversei com um, parei outro que descia. Nada. Eu mostrava foto, ninguém conhecia o safado. Não achei nada. Nenhum sinal do cara.

Desci decepcionado. Como é possível, o cara morar na favela e ninguém saber dele?

Fausto e Quirino já estavam no ponto de encontro. Segundos depois, chegou o sargento Lúcio.

— A minha busca foi um desastre! — eu falei.

— A minha também — disse Quirino.

— Eu também não tive sorte — lamentou Fausto. — E você, sargento?

Sargento Lúcio estava distraído olhando para o alto do morro. Nem parecia que estava nos escutando. De repente, ele falou:

— Mário Pedro da Fonseca, o nosso informante, morou com a família no terceiro barraco da esquerda de quem sobe na sexta rua depois da subida para o poço. Ele se mudou para o morro há pouco tempo, uns dois anos, mas acabou de

se mudar de novo, ninguém sabe para onde. Ele nunca foi de fazer muita amizade por aqui e a vizinhança realmente não sabe nada sobre ele.

— Beleza — eu disse irônico. — Isso quer dizer que a gente não tem mais nenhuma pista sobre o safado.

— Não é só isso — prosseguiu o sargento. — O pior de tudo é que o cabo Russo não apareceu até agora. Isso sim é que é uma cagada.

Um vazio me atingiu na hora. Fiquei tão preocupado com o Russo, que cheguei a me sentir mal comigo mesmo. Estava tão focado em achar o informante, que nem me dei conta que o colega estava em perigo. Quando se marca um encontro como o nosso, o polícia pode até chegar mais cedo. Atrasado, nunca.

— Se ele foi pego desprevenido — eu disse — a gente não pode dar esse mole de novo. É melhor a gente subir juntos ou em duplas.

Coçando as cascas da sua ferida no queixo, o sargento respondeu.

— Acho que em dupla já é seguro o bastante. Eu vou com o Quirino, você sobe com o Fausto.

Não foi à toa que o sargento Lúcio escolheu levar o Quirino. Essa desaparecida do cabo podia muito bem ter sido proposital. Ele podia estar armando um esquema para matar Quirino. Vai saber? A única certeza que tínhamos era que o cabo Russo tinha medo do sargento Lúcio. Por mais que zombasse do sargento, o cabo aprendeu a ter respeito pela força contida naquele bloco imenso de massa muscular.

Junto com Fausto, entramos num beco e mais uma vez encaramos aquelas escadas e rampas. Na hora, eu estava com o corpo quente, mas sabia que depois ficaria todo dolorido. Aquelas subidas eram muito inclinadas.

Entramos em várias casas, paramos alguns moradores. O que me deixava mais aflito era que também não encontrávamos nenhum bandido. Não dispararam nenhum tiro na nossa direção. Nada. Único sinal da bandidagem foram os fogos que a criançada soltou no início da operação. Fora isso, eu não vi mais nada.

Vinte minutos depois, Fausto avistou um barraco abandonado. Nos aproximamos. Quando íamos arrombar, a porta se abriu. Era o cabo Russo, que tomou um susto quando nos viu.

— Que susto, parceiro! O que é que vocês estão fazendo aqui?

— Sou eu que te pergunto isso — respondi. — Tá tudo bem?

— Tudo ótimo, eu já tava descendo.

Empurrei o cabo de lado e entrei no barraco para ver se achava alguma coisa

de suspeito. Mas como sempre, nada. O barraco estava vazio.

— O que você está procurando aí, Rubens? — perguntou o cabo.

— Tu é muito irresponsável mesmo, Russo! A gente lá embaixo preocupado contigo achando que tu tinha sido pego pelos caras. Que é que você estava fazendo?

— A mesma coisa que vocês: procurando o informante. Agora que eu vi que eu perdi a hora.

Ou o cabo era muito malandro, ou realmente não tinha a menor responsabilidade. Qualquer uma das opções deixava toda a guarnição correndo risco de vida.

Descemos o morro e voltamos para a viatura. Em nenhum momento o nosso amigo, cabo Russo, perguntou qualquer coisa sobre o informante. Ele nem sequer quis saber se a gente achou o cara. É mole? Dirigiu para o quartel como se estivesse passeando, fumando o seu cigarro e secando as meninas na rua.

Chegamos no quartel um pouco antes da hora de deixar o serviço. Mesmo assim o sargento nos liberou. Por causa do horário, o vestiário estava vazio. Só devia começar a ter algum movimento dentro de uma hora. Tomei uma ducha de água quente, vesti uma calça *jeans*, camiseta preta e guardei a farda azul na bolsa. Nos despedimos no vestiário mesmo e foi cada um para o seu canto.

O cabo Russo saía ao meu lado, mas seu celular tocou e ele parou para atender:

— Fala aí, parceiro.

Eu continuei andando na direção da saída. Boto a mão no bolso para pegar a chave do carro e nada. Procuro em outros bolsos, mas não consigo achá-la. Devo ter esquecido no meu armário. Volto para o vestiário e vejo o cabo Russo sentado falando no telefone:

— Que cinco fantásticos que nada, esses caras não passam de uns otários.

O começo da frase estava tudo bem, mas quando eu ouvi a palavra “otários”, fiz um movimento rápido e silencioso como um gato. Voltei para trás e me escorei na parede. Tenho certeza que ele não me viu, porque continuou a conversa normalmente:

— Só para tu ter uma ideia, os caras entraram na favela só para caçar um X9. Aí parceiro, tu acha que eu vou perder o meu tempo com isso?

Eu precisava de mais alguém junto de mim para escutar essa conversa. Senão, a guarnição pode achar que eu tô de implicância com o cara. Que eu estou fazendo fofoca.

Com a mesma agilidade que me esquivei para não ser visto, saí do vestiário.

O único que ainda encontrei na minha rápida vasculhada pelo batalhão, foi o sargento Lúcio que andava a passos lentos pelo corredor.

Expliquei a situação e puxei o sargento para o vestiário. O meu único medo era que o sargento não conseguisse chegar a tempo.

Paramos próximo à porta. O cabo Russo ainda falava ao telefone. Deu para ouvir nitidamente quando disse:

— Só nessa visita de hoje, eu tirei dos caras dois contos.

O sargento olhou para mim e sussurrou:

— Para mim chega. Vamos esperar o senhor malandrão do lado de fora.

Fomos para o pátio onde estacionamos os nossos carros. Esse terreno, que é usado só para os carros dos polícias, fica do lado de fora do batalhão. O meu carro estava separado do carro do cabo Russo por três outros veículos entre eles. Nos apoiamos no capô do meu carro e fingíamos que conversávamos sobre qualquer assunto.

Sem muita demora, o cabo saiu do batalhão e foi até o seu carro. Botou a pequena bolsa de mão no teto do carro para tirar a chave do bolso e abrir a porta.

— Psiu! Psiu!

Russo se virou. Era o sargento que o chamava. Só agora que o cabo nos viu. Estava tão imerso em seus pensamentos, que nem percebeu que estávamos no terreno. Ele soltou um sorriso e acenou com mão. Foi aí que o sargento perguntou:

— Tem alguma coisa para você dividir com a gente?

Russo deu com os ombros como se não estivesse entendendo a pergunta e respondeu:

— Não, por quê?

O sargento me olhou levantando as sobrancelhas e fazendo uma expressão que parecia querer dizer: “Ele não sabe do que se trata”. Se voltou de novo para o cabo, que estava tendo dificuldades para abrir a porta do próprio carro, e perguntou mais uma vez:

— Não tem nada? Tem certeza?

As suas mãos não estavam mais tão firmes. Russo suava. Estava todo atrapalhado com as chaves. Mas mesmo assim, ele negou.

— Era só para saber. Bom descanso — disse o sargento.

Finalmente conseguiu abrir a porta, fez mais um aceno de mão com um sorriso e entrou no carro. Só que ele tinha ficado tão nervoso, que esqueceu a bolsa de mão em cima do teto. Quando arrancou com o carro, a bolsa caiu. Sargento Lúcio abriu o zíper. Nós não contamos, mas dava para ver que tinha

uns dois mil reais dentro.

O sargento ligou para o celular de Russo o mais rápido que pôde.

— Você deixou a sua bolsinha cair.

Ouvimos ao longe uma cantada de pneus. Sargento Lúcio, que era muito malandro, me disse:

— Não fala nada, fica quieto.

— Pode deixar — respondi balançando a cabeça assentindo.

Em pouco tempo, cabo Russo estava de volta. Devolvemos a bolsa e pronto.

29

Meu primeiro dia de folga corre na maior tranquilidade. Na escola, Serginho aprendeu a brincar de polícia e ladrão. É mole?

— Quem você quer ser? — perguntei. — Polícia ou ladrão?

— Eu sou polícia e você é ladrão. Combinado?

Ele era uma figura. Era muito engraçado o jeito que ele falava, colocando a mão no peito para dizer que era a polícia.

Passamos quase o dia inteiro correndo pela casa, brincando de dar tiro um no outro.

No segundo dia de folga, Serginho está comigo no quarto. Espera eu terminar de me trocar para a gente brincar na sala. Clara tinha ido ao culto e Magali tinha cuidado dele até eu voltar da rua. Meu filho ficou tão contente ao me ver, que, desde que entrei em casa, não quis mais desgrudar de mim.

Tiro minha blusa, e meu filho fixa o olho na pistola presa na cintura. Pego a arma na mão, sento na cama e dou umas palmadinhas no colchão.

— Senta aqui do meu lado.

Ele escala a cama e se ajeita onde lhe indiquei. Tiro o carregador e puxo a parte superior da pistola conferindo que não tem nenhuma bala na culatra.

— Toma, segura aqui. Essa é a pistola do papai. Uma Taurus 40mm.

Criança quer mexer naquilo que não conhece. Mostrando a arma de perto eu queria matar essa curiosidade para que ele nunca mexesse na pistola sozinho.

Com a arma em punho, Serginho virou ela de um lado para o outro fascinado.

— Jesus! Você pirou, Rubens?!

Eu nem percebi Clara entrando em casa. Só sei que ela apareceu no quarto bem na hora em que Serginho segurava a arma.

— Me dá já esse negócio, Serginho!

Assustado e de olhos arregalados, meu filho encarou a mãe. Mal fez o movimento de erguer a pistola e Clara a arrancou de sua mão.

— Onde você estava com a cabeça, Rubens?!

— Eu queria que ele...

— Não me interessa o que você queria!

Clara está descontrolada. Continuou:

— Isso não tem explicação! Onde já se viu colocar uma pistola na mão de um garoto de quatro anos?!

Serginho fechou o bico e chorou. Clara pegou o filho no colo consolando-o.

— Não foi nada, meu amor. Vamos descer para ficar com a vovó, vamos? Lá embaixo a mamãe te explica o que aconteceu. Tá bom?

Antes de sair do quarto, Clara se vira para mim e grita:

— Maluco!

Esperei a noite toda que eles voltassem. Que pelo menos Clara voltasse para conversar comigo. Nada. O dia amanheceu. Me arrumei para ir para o trabalho e, até agora, nada deles.

Onde será que Clara dormiu? Para de pensar besteira, Rubens! Mas eu não conseguia. Tem alguma coisa errada nessa história.

30

No quartel, chego completamente atordoado. Olheiras, o corpo pesando para frente. Todo esse desgaste físico, eu só atribuía a uma coisa: a raiva que estava sentindo. Ódio da minha própria esposa, Clara. Que direito ela tem de falar comigo daquele jeito na frente do meu filho?

Ao reunir a guarnição, Quirino logo percebeu o meu estado deplorável e me chamou para conversar:

— O que que houve, irmão?

— Não é da tua conta. Só quero ficar quieto, só isso, e não quero mais falar no assunto.

Depois desse fora, entramos na viatura e fomos trabalhar. Eu estava tão consumido, que nem tinha percebido o quanto fui grosso com o cara. Quirino até evitava olhar para mim.

Russo dirigia calmo. Como até agora ninguém falou sobre a bolsa, ele não se esquentou. Talvez pensasse que o assunto já estivesse resolvido.

— Para onde vamos? — perguntou.

O sargento, com o braço recostado na janela, olhava para fora. Parece que não escutou. O cabo insistiu:

— Sargento?

— Vamos voltar para a favela da Biquinha. Na busca de ontem, descobri que o nosso infeliz informante iria estar hoje no primeiro barraco bem em frente ao poço.

— Ma...

Fausto, que sentava no meio do banco traseiro, ao meu lado, ia falar qualquer coisa. Antes que pudesse emitir mais que um grunhido, segurei o seu braço com força. Não precisei fazer mais do que isso para que entendesse que era para ficar calado. Cabo Russo não percebeu nada.

Quirino me encarou, e também ficou quieto.

— Vamos parar na mesma rua do serviço passado? — perguntou Russo.

— Não precisa. Como dessa vez é para dar um bote certo, é melhor você ficar com o carro ligado na entrada da favela. Fausto fica contigo para dar cobertura. Nós três pegamos esse cara fácil.

— Não sei se a viatura vai dar muita bandeira... — resmungou Russo.

Eu percebi o que o sargento queria fazer e também percebi como o cabo Russo tentava se defender. O sargento Lúcio queria subir o morro para descobrir como é que o nosso colega arranjou o dinheiro. Já o cabo queria uma chance para ficar sozinho e poder avisar, seja lá quem for, que iríamos invadir. Não é à toa que o sargento deixou o Fausto junto com o nosso motorista.

A viatura parou na entrada da favela e saltamos. Ouvimos os habituais fogos e seguimos em frente sem saber direito o que iríamos encontrar. Eu subia aquelas rampas e escadas com muita dificuldade. Ainda sentia o meu corpo pesado, meus olhos ardiam por causa do cansaço e mal conseguia manter o fuzil empunhado para frente.

Alcançamos o entroncamento das ruelas onde ficava o poço. Diferente de dois dias atrás, os traficantes não tinham fugido. O bizarro era que eles ignoraram completamente a nossa presença. A boca funcionava normalmente, como se não estivéssemos lá.

Alguns soldados do tráfico, estrategicamente posicionados com fuzis em volta da boca, nos encaravam, mas nem chegavam a apontar suas armas.

— Qual é, rapaziada? O que é que vocês querem? — perguntou o vapor.

O baixinho magricela, só de bermuda e chinelo, não fazia o menor esforço para esconder a pochete cheia de cocaína.

O sargento Lúcio baixou o fuzil, mas fez sinal com a mão para que nos

posicionássemos um em cada ruela, onde estaríamos protegidos e dando cobertura a ele, caso algum traficante resolvesse atirar.

Sem falar nada, foi andando na direção do vapor do seu jeito calmo, olhando de um lado para o outro como se estivesse passeando num *shopping*. Mas chegando perto, meteu a sua mão pesada no ombro da criatura, torceu o seu braço e algemou o bandido.

Vendo que estavam todos na nossa mira, os soldados nem atiraram. Simplesmente fugiram.

— Qual é, meu chefe, paguei o arrego direitinho.

— E para quem tu pagou? — perguntou o sargento.

— Ué, para aquele teu colega branquinho, de olho claro, que tá sempre de óculos escuros. É Russo o nome dele, não é?

É claro que eu já desconfiava, mas a certeza me bateu como uma pedra no estômago. O fato de o companheiro ter dado calote no grupo e ter ficado com o dinheiro sozinho já era grave. Receber dinheiro para proteger bandido era pior ainda.

Eu e todas as guarnições de que participei nunca fizemos isso. O que a gente pega é o espólio de guerra: dinheiro, armas, drogas e qualquer coisa de valor que a gente toma dos bandidos depois do combate. No começo eu até relutei em receber o espólio. Hoje eu o considero legítimo. Nada mais justo do que receber uma recompensa por termos arriscado as nossas vidas na luta contra o crime. Mas ficar na lista de pagamentos dos bandidos, jamais.

Hoje era o típico dia que eu preferiria não ter saído da cama. Eu sentia tanto ódio do cabo, que parecia que minha cabeça ia explodir se eu não descontasse essa energia em algum lugar.

Enquanto eu pensava, vi as mãos do sargento Lúcio envolverem o pescocinho do vapor e o esmagarem como se estivesse preparando um frangote para depenar e levar ao forno. Aquela imagem me acalmou um pouco.

— Pena que eu tive que deixar o Fausto no carro — disse o sargento ao largar o corpo.

Quando estava tirando as algemas do defunto, perguntei:

— E o que a gente vai fazer do Russo?

— Um Mike-Mike, mão de macaco como ele não merece viver. Um filho da puta que nos traiu desse jeito pode acabar dando um tiro nas costas de um companheiro para proteger um bandido.

Mike-Mike, ou mão de macaco, é a expressão usada para o policial que se envolve com o arrego na favela. Quer dizer, recebe dinheiro dos traficantes. Não

é bem para protegê-los. É mais para ficar de fora e não invadir a favela. O macaco tem pelo nas mãos, então a sua mão dá a impressão que está sempre suja.

— Mas e aí? — perguntou o Quirino.

— De repente o Russo confessa alguma coisa — respondeu o sargento Lúcio. — Vamos levar ele para outra favela. Se a gente acabar executando o cara, a gente põe na conta dos traficantes.

Voltamos para a viatura. Fausto saiu do banco do carona cedendo o espaço para o sargento Lúcio. O cabo Russo deu a partida e seguimos.

— Não mandei ficar com o motor ligado? — reclamou o sargento.

— E cadê o informante, pelo visto não pegaram ninguém.

— O cara deve ter fugido — eu falei.

— Eu não falei que era melhor ter parado a viatura longe da favela? Ele deve ter visto a gente chegando.

— Sei lá o que aconteceu — disse o sargento. — A única coisa que descobri era que ele se mandou para o morro da Madalena.

Russo nos levou para a sua cova sem desconfiar de nada. Trabalhar numa guarnição em que um fica mentindo para o outro era uma merda. A sensação é que você vai acabar virando o pato da história.

Chegando perto da favela o sargento falou:

— Dessa vez vamos fazer como você sugeriu, Russo. Vamos deixar a viatura longe e entrar a pé.

— É bem melhor, não falei?

O morro da Madalena é conhecido por ter a boca de fumo só no alto da favela. Tem que andar muito para chegar até lá.

Entramos na favela todos juntos, na formação clássica dos “Cinco Fantásticos”, com o sargento Lúcio na frente.

— Aí parceiro, o senhor sabe para onde estamos indo? — pergunto o cabo Russo para o sargento.

Ele não respondeu. Apenas nos guiou até um beco sem saída. Ao chegar junto à parede, deu uma virada brusca e foi logo perguntando:

— Cadê o dinheiro, Russo?

O cabo Russo tomou um susto violento e precisou de um tempo para entender o que estava acontecendo.

— Aí parceiro, eu acho que tu tá pirando. Eu não tenho ideia do que você está falando.

Eu já não tinha chegado bem no batalhão. Qualquer coisa estava me irritando.

Aquele cabelo arrumadinho, gingado de malandro, tudo estava deixando a minha cabeça fervendo. Eu estava fora de mim. E pensar que esse cara nojento tinha nos traído! Ele era capaz de dar uma rasteira nas minhas costas! E uma rasteira que, se bobear, não dava mais para levantar. Uma passagem direto para o encontro com o Zé Maria.

Todo o meu cansaço físico formava com essas ideias uma massa nebulosa dentro do meu cérebro. Algo que eu não controlava. O pior é que eu não percebia que essas ideias estavam começando a me controlar.

— Tô achando que foi tu que nos vendeu naquela emboscada do hotel, seu Mike-Mike! E partiu para cima de mim para que ninguém desconfiasse.

Quirino mal terminou o desabafo, o cabo Russo já partiu para cima dele. O sargento separou mais uma vez a briga.

— Acabou! Vamos embora! Escuta bem, Russo! A parada vai ficar por isso mesmo, mas a partir de agora você não faz mais parte da nossa guarnição.

Depois de falar, o sargento empurrou o cabo Russo para que voltasse a descer a favela. O cabo Russo estava de cabeça tão quente, que nem percebeu que tinha ficado desprotegido. Tinha virado as costas para nós.

Foi aí que recebeu dois tiros. Os dois nas costas.

Eu via a fumaça do cano, sentia o calor da minha pistola, mas não queria acreditar que os tiros tinham partido de mim. Eu que baleei o cabo. Fiquei parado. Não queria me mexer. Nunca na minha vida pensei que fosse capaz de atirar num companheiro de farda.

Toda aquela raiva, o ódio, sumiram no mesmo instante que me dei conta do que havia feito. O que cresceu dentro de mim, numa velocidade esmagadora, foi uma sensação de arrependimento. Eu queria poder voltar atrás, não queria ter feito aquilo.

Quirino e Fausto me olhavam assustados. Percebendo o meu estado, o sargento pousou a mão no meu ombro e falou:

— Não fica assim, garoto — foi a primeira e a única vez que o sargento me chamou de garoto. — Foi para isso que a gente veio para cá. Se você não tivesse se antecipado, era eu que iria completar o serviço.

Convivendo com o sargento Lúcio, aprendi muita coisa. Aprendi que ele era um ótimo ator. Sempre parecendo distraído; mas de bobo, ele não tinha nada. No nosso trabalho, cada um arranja um jeito de sobreviver. Na polícia não existe nada de bom. Tudo é teatro, farsa. A única coisa que realmente interessa é o vil metal, o dinheiro.

Socorremos Russo. Mas é claro, ele já chegou morto ao hospital. Os

traficantes ficaram com a culpa, lógico.

Mesmo sem ter provas, nós passamos a acreditar que o cabo Russo foi o traidor da emboscada que sofremos no hotel. Culpar alguém, principalmente morto, é melhor do que viver com um inimigo oculto. Mesmo naquele caso, no qual era difícil que qualquer um de nós fosse o traíra, já que todos entramos na armadilha.

Nos separamos e cada um seguiu seu caminho, um para cada lado. Eu fui para casa, Lúcio foi para o seu trabalho de segurança particular, Fausto foi beber, Quirino foi visitar sua mãe e o cabo Russo foi para o inferno.

31

Deito na cama, mas não consigo dormir. Não era o que aconteceu com o Russo que me preocupava. Eu quero mais que ele se foda. Clara já dorme há bastante tempo. Olho para o relógio e vejo que são duas da manhã. Depois de ficar horas me virando de um lado para o outro, eu não resisti e sacudi Clara de leve.

— Clara... Clara, você está acordada?

— Não... — me respondeu e virou de lado.

— Clara... Clara...

— Que que foi, Rubens?

— Nada não... É que... Onde é que você foi ontem à noite?

— Esquece, Rubens, isso é problema meu.

— Você dormiu com quem?

— Não acredito, Rubens, vai começar tudo de novo.

— Por que você dormiu fora de casa?

— Rubens, assim eu não aguento. Por favor, por favor me deixa em paz. Eu não aguento mais, pelo amor de Jesus.

Me arrependi na hora de ter acordado ela. Coloco a minha mão no seu ombro, como se para me desculpar, mas ela fez um movimento me repelindo.

— Não me toca, por favor. Me deixa dormir.

Que merda que eu fui fazer!? Que vergonha! Se eu queria me sentir mal, consegui. Estou péssimo. Jogo a minha cabeça no travesseiro e solto um suspiro.

Com o tempo o sono vem. Não me lembro de ter sonhado nada. Só sei que dormi pouco. Acordei no meio da madrugada, me virei para o lado e a cama estava vazia, nada de Clara.

— Clara? Clara?

Ninguém responde.

— Clara?

— Papai!

Me levanto e vou até o quarto do Serginho. Ele está acordado, sentado na cama, sozinho. Sem entrar, do corredor mesmo, eu pergunto.

— Cadê a mamãe?

Serginho não responde. Eu levanto a voz.

— Cadê a mamãe?

Serginho arregala os olhos, assustado. Faz uma cara de ressentido e responde em meio às lágrimas:

— Saiu.

Depois não se contém e abre o berreiro. Eu me aproximo tentando consolá-lo. Nesse momento, ouço a porta de casa se abrindo. Clara surge no quarto e logo pega Serginho no colo.

— Tá bom, Rubens, agora vai dormir e deixa que eu cuido de tudo.

Fico em pé, parado, olhando Serginho que não para de chorar.

— Vai ficar parado na minha frente sem fazer nada? Você não sabe como isso me irrita! Vai dormir, Rubens. Assim eu não vou conseguir acalmar o Serginho.

Mais uma vez, deito na cama, mas não consigo dormir. Pior, nada de Clara se deitar comigo. Passado uma meia hora me levanto para ver onde ela está. Fazendo o Serginho dormir, ela acabou adormecendo junto com ele. Volto para cama mais tranquilo.

Passo todo o dia seguinte meio grogue. Esse negócio de não dormir direito me deixa mal. Clara e Serginho saíram para uma festa de aniversário. Clara queria que eu fosse de qualquer jeito, mas eu não estava com a menor vontade. O que eu queria mesmo era ficar estirado o dia todo no sofá.

No final da tarde, Clara voltou da festinha. Fez Serginho dormir e logo se deitou na cama. Parecia exausta. Vi mais um pouco de televisão e me deitei ao seu lado.

Quanto ao sumiço de Clara na noite anterior, eu preferi nem pensar no assunto. Já tinha encontrado uma maneira de resolver o problema.

32

— Rubens, pelo amor de Deus, o que que você fez?!

Acordei com Clara em cima de mim. Os olhos dela estavam vermelhos, uma

mistura de raiva e medo. Ela saiu da cama e foi direto tentar girar a maçaneta do quarto para abrir a porta. Ela insistia. Gritava.

— Cadê a chave, Rubens? Abre a porta!

A porta estava trancada. Eu tinha trancado a porta. Do outro lado, Serginho chorava, berrava, pedindo por mamãe. Clara voltou para a cama e me agarrou com força, quase implorando.

— Eu preciso cuidar do Serginho! Por que você fez isso?

— Não vou abrir a porta, Clara.

— Ficou maluco! E o nosso filho?

— Ele tem que aprender a se virar sozinho.

— Ele só tem quatro anos, meu Deus!

Eu estava mentindo, é claro. Tinha trancado a porta para Clara não inventar mais nenhuma escapadinha noturna.

— Rubens! Abre a porta! Me dá a chave! Rubens!

Clara me sacudia com força, gritava, estava descontrolada. De uma hora para outra, isso me irritou profundamente. Me levantei bruscamente, a agarrei, ergui meu braço e despejei o peso da minha mão aberta no seu rosto.

Com o tapa que recebeu, Clara se acalmou. Parou de falar e se deitou na cama, encolhida. Sem ouvir os gritos da mãe, em pouco tempo, Serginho parou de gritar.

Voltei a me deitar. Antes de adormecer, ainda ouvi Clara choramingando ao meu lado.

No dia seguinte, o despertador tocou na hora habitual. Clara se levantou e ficou esperando de pé ao lado da porta, sem dizer uma palavra. Eu peguei a chave, que estava na minha cueca, e destranquei a porta. Clara abriu a porta e Serginho caiu para dentro do nosso quarto. Ele tinha dormido encostado na porta.

Clara não queria nem olhar para mim, quem dirá falar alguma coisa. Arrumou e levou o garoto para a escola. Eu me vesti e fui para o batalhão.

33

Pedimos para o coronel Alfredo que o lugar do cabo Russo, na nossa guarnição, não fosse substituído por nenhum outro soldado. Quirino tinha experiência como motorista e passaria a guiar a viatura. Ele aceitou e com isso “Os Cinco Fantásticos” acabaram.

Depois de tudo que aconteceu, era impossível que voltasse a existir uma confiança total como antes. Era só perceber os olhares de cada um de nós. Perguntas pairavam no ar: será que era só o cabo Russo que fazia isso? Será que eu serei o próximo a receber um tiro nas costas?

Estávamos muito desgastados. Não rendíamos mais como antes. Parte disso devia-se ao fato de não arranjarmos um outro informante em quem pudéssemos confiar. A gente nem sabia o paradeiro do X9 que nos levou para a emboscada com aquela história de reunião dos chefões.

O único que ainda tínhamos estava no morro da Galinha. Mas como a comunidade ainda reclamava da polícia, o coronel Alfredo insistia para não nos aproximarmos.

Passamos dias sem prender ou matar nenhum bandido. O estado da nossa guarnição era visível no corpo de Fausto. Estava cada dia mais magro. Não conseguia ficar quieto, mas ao mesmo tempo estava tendo dificuldade em fazer movimentos mais ágeis. A cavidade dos olhos estava funda, os zigomas salientes, a pele amarelada.

Sentamos os quatro: eu, sargento Lúcio, Fausto e Quirino para jantar no refeitório. Fausto ficava com o garfo para lá e para cá em cima do prato. Mexendo a comida de um lado para o outro. Não tinha mais apetite.

— Para de brincar e come logo essa porra!

O sargento dava o esporro, mas não adiantava nada. Ele dava uma garfada, mas logo voltava a brincar.

O mais triste era quando ele tentava beber qualquer coisa. Não conseguia de jeito nenhum firmar o pulso. A mão dele tremia tanto, que derramava boa parte do refresco em cima da farda azul.

Saímos para a patrulha noturna. Era mais uma daquelas noites que parecia que nada ia acontecer. Até que passou por nós um carro com o farol desligado. Sargento mandou o Quirino ligar a sirene e paramos o veículo.

Eu e Fausto saímos para abordar o suspeito. Quando me aproximei do carro e vi quem era, gritei para o sargento Lúcio:

— Sargento, chega aí para o senhor ver quem está aqui.

O sargento saiu da viatura e se juntou a nós. Quando o coitado dentro do carro viu quem éramos, começou a se desesperar. Foi só a figura monstruosa do sargento se curvar sobre a janela, que subiu aquele cheiro de merda. O cara se borrou todo e repetia sem parar:

— Eu juro por Deus que não fui eu, juro que não fui eu que entreguei vocês. Juro, eu juro mesmo.

O infeliz era Mario Pedro da Fonseca, o nosso informante traidor. Fausto estava ansioso para matar. Qualquer coisa era motivo para largar o dedo para cima do cara.

— Não foi o quê? Não te perguntamos nada. Não foi o quê? Fala! Não foi o quê?

— Calma, Fausto! — disse o sargento o mais rápido que pôde.

Essa pressa era porque parecia que Fausto já ia matar o cara naquela hora. Mais tranquilo, o sargento continuou:

— Então me responde, quem foi que nos traiu?

— Eu não posso... ele me mata... por favor.

— Você já está morto, meu filho — disse o sargento. — Só que eu estou te dando a chance de escolher. Eu posso te matar rápido. Ou te torturar por horas seguidas.

— Mas... por favor... eu não quero morrer.

— Então me dá a chave do carro.

Tremendo de medo, o informante tirou a chave com dificuldade e passou para o sargento. Num piscar de olhos, antes que o rapaz pudesse se dar conta do que estava acontecendo, o sargento tirou sua faca da cintura e cravou próxima da clavícula dele. Os lampejos de agilidade do sargento Lúcio me impressionavam a cada vez que eu os via.

O sargento colou o seu rosto no ouvido do rapaz. A cada palavra que sussurrava, torcia a faca fazendo o informante urrar de dor.

Com muita dificuldade, o coitado acabou confessando:

— Foi... foi o coronel... o coronel Alfredo quem vendeu vocês.

Eu fiquei branco. Aliás, todos nós ficamos. O sargento olhou para Fausto do outro lado do carro e disse:

— Fausto, é a sua vez.

Mas desta vez até Fausto tinha ficado imóvel. O sargento teve que repetir:

— Vamos, Fausto, vai matar o cara ou não?

Precisou que o sargento soltasse um berro para acordar Fausto do transe. Ele balançou a cabeça, nos olhou e disse:

— Sim, sim, claro.

E deu dois tiros na cabeça do informante.

Tiramos o corpo do carro e metemos no porta-malas da viatura. Quirino também não acreditou quando contamos o que o informante havia confessado. Estávamos todos abismados. Era difícil até fazer qualquer comentário sobre o caso. Eu, por exemplo, não sabia o que pensar, o que dizer.

O sargento Lúcio era quem estava menos chocado. Talvez porque em sua carreira já tivesse vivido de tudo. Ele era o que estava com as melhores condições psicológicas e nos guiou para nos livrarmos do corpo.

Paramos num posto de gasolina e compramos cinco garrafas de óleo diesel. Depois o sargento mostrou o caminho para um lixão numa área bem isolada. Chegando lá, catamos oito pneus, colocamos o corpo dentro, jogamos o óleo em cima e tacamos fogo.

A imagem das chamas e a fumaça preta ficaram marcadas na minha mente. Aquele fogo não ardia só do lado de fora. Era exatamente como eu estava me sentindo. Eu queimava por dentro e não tinha a menor ideia de como poderia apagar esse incêndio.

O sargento Lúcio, que era o mais prático de todos nós, olhou para mim sorrindo. Se referindo à vez em que eu livrei um cadáver executado por Fausto, disse:

— Esse aqui é mais meu estilo, Rubens. Está no código: “Sem corpo, sem provas”.

34

Estava tão deprimido que, quando entrei em casa de manhã, não consegui nem chegar até o nosso quarto. Vi o sofá, desabei e só acordei à noite. Mesmo assim, não queria me levantar.

Há várias semanas tínhamos marcado ir na manhã seguinte na casa do sargento Zaqueu para um churrasco. Mesmo com tudo o que estávamos passando em casa, Clara estava empolgada. Sempre que vamos lá, Serginho se diverte muito com os netos do meu ex-sargento. Eu não estava com a menor disposição de dirigir até lá. Praticamente tinha que atravessar o Rio de Janeiro. Além de tudo, estava meio deprê, sem grana. Esse negócio de dar dinheiro para igreja estava acabando com o meu orçamento.

— Liga desmarcando, Clara, pelo amor de Deus. Eu não quero me levantar do sofá nunca mais.

— Que desmarcar que nada. Anda, Rubens, já vai levantando o bumbum daqui. O jantar tá pronto. E para de ficar reclamando toda vez que a gente doa uma mísera parte da nossa renda para a igreja!

Ela diz “mísera” porque não faz a menor ideia do dinheiro que entra e sai dessa casa. Comi como se fosse um zumbi. Estava grogue de sono. Mal

conseguia sustentar minha cabeça. Apoiei o cotovelo na mesa, joguei a cabeça sobre a mão e jantei só o que conseguia pescar com o garfo na mão direita.

Foi automático. Fiquei mais ou menos satisfeito, me levantei, me atirei na nossa cama e apaguei. Já devia ser tarde da noite, pois Clara já dormia ao meu lado, quando acordei com dona Neuza gritando de dor. Meio atrapalhado, peguei algumas ampolas no banheiro e desci correndo.

No atual estado de dona Neuza, a injeção só fazia efeito por mais ou menos uma hora. Fiquei à noite toda no sofá do quarto dela. De hora em hora eu aplacava sua dor.

A crise de dor tinha passado e o sol dava sinais de estar despertando. O dia já estava claro quando subi as escadas de volta para casa. Três horas depois, Clara estava me acordando para irmos para a casa de Zaqueu.

Colocamos bicicleta, bola, roupa, toalha, cerveja, carne, tudo no porta-malas e segui viagem com Clara e Serginho. Apesar das olheiras eu até que estava bem desperto.

Magali passou a tarde com dona Neuza. Qualquer coisa, ela também sabia aplicar o calmante. De qualquer forma, o meu celular estava sempre ligado. Se tivesse algum problema, era só me ligar que eu voltava correndo.

A tarde, como era de se esperar, foi muito boa. Zaqueu, sempre alegre, brincava com todo mundo. Serginho jogou bola, andou de bicicleta, entrou na piscina, não parou um segundo sequer. Clara se dava muito bem com as filhas e noras do meu ex-sargento. Apesar das sacanagens e brincadeiras que os homens me aprontaram, não bebi um gole de cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica. Chegou o início da noite, eu estava um bagaço.

Vendo meu estado, Zaqueu nos convidou para passar a noite. Eu aceitei com o maior prazer. A coisa que eu mais queria fazer era dormir.

Clara estava com a esposa do ex-sargento arrumando as camas. Eu estava sozinho na sala com Zaqueu. Ele tomava uísque. Eu, água. Conversávamos sobre tudo e sobre nada. Desde o dia que peguei seu caderninho, voltei várias vezes para passar a tarde com ele. Meu ex-sargento tinha virado um bom amigo e sabia de quase tudo que eu estava passando. Mas ele nunca tinha falado nada sobre a doença da minha sogra.

— É por isso que você está acabado desse jeito? — perguntou.

— Também... Passei a noite inteira cuidando dela. Coitada.

— Ela não tem uma irmã que mora no interior? A irmã não é boa de saúde?

— A tia Nilce, a irmã dela, é bem mais nova. Mora numa casinha com a família. Planta verduras e legumes no quintal de casa. Tem uma saúde de ferro.

Mas por que você está perguntando?

— Não, eu só tô falando porque eu vi como você passou o dia. Você mal conseguiu brincar com o teu filho. Em vez de curtir as tuas folgas com tua mulher, com a criança, você fica como? Parece um morto-vivo.

— É cansativo, mas não tem outro jeito.

— Rubens, acorda! Isso não é problema teu. Pega tua mulher e teu filho e dá no pé.

Meus ouvidos não quiseram acreditar no que Zaqueu tinha acabado de dizer. Ele continuou:

— Vai curtir tua vida, porra! Daqui a pouco o teu filho tá grande, ele não quer nem mais saber de você, e você perdeu a melhor fase da vida dele cuidando dessa velha. Leva a tua sogra para casa da irmã dela, põe num asilo, sei lá. Ela não é tua mãe nem nada.

A cada palavra eu ia ficando mais furioso. Meus olhos devem ter chegado a ficar vermelhos de tanta raiva. Todos esses anos, o mundo asqueroso que ele me abriu, tudo que ele me mostrou. Até durante o dia de hoje, as brincadeiras que ele fez para tentar me obrigar a beber cerveja. Mas foi só agora que eu consegui enxergar como Zaqueu era escroto. Um safado com a alma podre que fudeu com a minha cabeça.

Me levantei. Não conseguia encostar em mais nada. Tudo na casa dele me dava nojo.

— O que que foi, Rubens?

— Eu quero ir embora.

— Deixa disso, espera até amanhã. Tá bom, talvez eu tenha exagerado.

— Agora. Eu quero ir embora agora.

Virei a cabeça e gritei:

— Clara!

Ela apareceu no umbral da porta que dava para o corredor.

— O que que foi, meu amor?

— Junta as nossas coisas, a gente vai embora agora.

— Não faz essa desfeita comigo, irmão.

O tom do meu ex-sargento era quase ameaçador.

— Obrigado, Zaqueu, a tarde foi ótima, mas eu quero ir para casa.

Joguei todas as nossas coisas o mais rápido possível dentro do porta-malas. Clara segurava Serginho no colo. Estava assustada com tudo aquilo.

— Você não vai me dizer o que aconteceu?

— Não foi nada, vamos embora.

Coloquei Serginho na cadeirinha atrás, abri o portão da casa sozinho, saí com o carro, depois voltei para fechar. Entrei no carro de novo e arranquei.

Minha cabeça estava longe. Fervia com todos os ingredientes dessa sopa estragada que era minha profissão. Zaqueu, os bandidos, coronel Alfredo, eu, meus colegas, mortes, assassinatos, execuções.

— Rubens, pode ir mais devagar, por favor!

Eu mal ouvia o que Clara estava falando.

— Não precisa andar nessa velocidade... Rubens, você está me assustando.

Só sabia que estava dirigindo porque eu estava sentado dentro do carro. Fora isso, eu não conseguia prestar atenção na direção. Era levado, quase automaticamente, para casa. Era tanta coisa passando no meu cérebro. Mas não era como se ele fosse explodir. Parecia mais uma constante implosão, em que os detritos desciam pela minha garganta e tomavam conta de todo o meu corpo.

— Rubens, por favor! Você está levando uma criança no carro.

Olho pelo espelho retrovisor. Serginho está dormindo com a cabeça caída na lateral da cadeirinha. A serenidade do seu sono me alivia um pouco. Volto a olhar a estrada no momento que um carro sai descuidado do retorno e se joga bem na minha frente. Clara solta um grito. A colisão parece certa. Freio tudo que posso tentando desviar do carro e jogar a direção para o mato. A pontinha do meu capô encosta na traseira do outro carro bem no momento que as minhas primeiras rodas entravam na grama e na terra. Meu carro dá uma volta e meia no eixo e para.

Serginho chorava sem parar. Clara tirou o cinto e foi o mais rápido que pôde para o banco de trás para ver como estava o nosso filho. Mesmo vendo que ele estava bem, chorou desesperada.

O carro que tinha entrado na nossa frente parou no mato um pouco mais adiante. Um garoto, de óculos de grau, todo bem vestido, parecendo que ia para a festa, sai do carro. Com as mãos tremendo de susto, anda na nossa direção.

Eu também saio do carro e o encontro no meio do caminho.

— Tá tudo bem com vocês... Desculpa... descul...

Antes que ele pudesse completar o segundo “desculpa” bati com a minha mão esquerda no seu peito ao mesmo tempo em que fechava os dedos segurando o colarinho da sua camisa. Minha mão se prendeu a ele como um buldogue que fecha a sua mandíbula sobre a presa. Fechei a direita e dei-lhe um soco com toda a minha força, amassando os seus óculos contra o rosto.

No terceiro soco, no mesmo lugar, ele parecia um boneco sem força para sustentar seu próprio corpo. Larguei a sua roupa e ele caiu para trás, batendo a

cabeça na terra. Coloquei a mão na cintura para pegar a minha arma. Eu não estava raciocinando, não conseguia perceber mais nada à minha volta. A única coisa que passava na minha cabeça era que esse irresponsável quase matou a minha família.

Quando saquei a arma, Clara me abraçou por trás impedindo que eu completasse o movimento. A cabeça dela caía sobre as minhas costas chorando compulsivamente. Ela gritava:

— O que você tá fazendo!? Pelo amor de Deus! O que você está fazendo!?

Voltei a ouvir o som dos carros na estrada. Olhei para os lados para entender onde eu estava. Recuperei os meus sentidos e comecei a ficar tonto, perdi um pouco do equilíbrio. Me virei para Clara. Fui abraçá-la, mas ela se afastou.

— O que você tava fazendo!? Pelo amor de Deus!

Eu estava agindo como eu agia todo dia. Só que ela nunca tinha presenciado. Eu não sabia como me explicar.

Clara andou para o carro de costas. Não parava de repetir as mesmas frases e balançar a cabeça.

— O que você tava fazendo?... Pelo amor de Deus...

Se sentou no banco de trás e pegou Serginho no colo. Eu entrei no carro e saí dali, deixando o rapaz desacordado caído no mato. Dirigi de volta para casa bem devagar. Durante todo o longo percurso, ficamos os três em silêncio total.

35

Enquanto eu me deprimi por quase dois dias, era incrível ver como Fausto estava bem melhor depois da folga. Nesses dois dias, voltou a ganhar peso e sua pele tinha voltado à coloração normal. Estava muito bem disposto e dava sinais de que logo recuperaria a forma.

Fausto era muito simpático e chegamos até a desenvolver uma relação de amizade. Mas um cara como ele não podia andar solto na rua. Muito menos fardado. Foi só ter acompanhado o que aconteceu nos últimos dias para me dar razão. Fausto adoeceu porque estava há muito tempo sem matar ninguém. Bastou meter dois tiros na cabeça do informante que sua saúde voltou ao normal. Isso é coisa de maluco, Deus me livre!

Sabendo que foi o coronel Alfredo que tinha mandado nos matar, o que a gente podia fazer? A quem a gente podia reclamar? Ao comandante geral da PM? Ao secretário de segurança? Ao governador? Como é que a gente podia ter

certeza que eles também não estavam envolvidos no esquema?

Resolvemos nos calar. Fingir que nada tinha acontecido. Ficar só observando o que acontecia no batalhão para, no momento certo dar o bote. Mais cedo ou mais tarde, a gente iria descobrir um jeito de fuder o Alfredo.

O comportamento do coronel até podia parecer de um modo geral suspeito, mas não existia nada de concreto que o ligasse aos bandidos. Alfredo era esperto e dificilmente daria mole com facilidade.

Sua atitude mais suspeita era a constante insistência para que não entrássemos no morro da Galinha. Ele alegava que era devido a problemas com a comunidade, mas era evidente que se suas razões fossem outras, não as tornaria explícitas.

Passamos a noite patrulhando o bairro e conversando sobre o que iríamos fazer, como iríamos agir. Decidimos esperar o informante que estava no morro da Galinha entrar em contato. Pediríamos a ele para que tentasse descobrir qualquer coisa sobre o envolvimento do coronel do nosso batalhão com o tráfico de drogas.

Faltando umas três horas para terminar o serviço, no meio da madrugada, resolvemos passar perto do morro da Galinha para espiar. No caminho, quando passamos embaixo da favela da Cuíca, nos deparamos com dezenas de homens armados subindo o morro.

Era gente vestida de tudo quanto é jeito: bermuda, calça, cordão de ouro no pescoço, camiseta de time de basquete americano, camisa do Flamengo, camiseta regata, sem camisa com dois cordões de munição cruzando o peito igual ao Rambo, tênis, chinelo, uns com máscara ninja preta, outros não. E cada um usava um armamento diferente.

O reflexo do Quirino foi parar a viatura e dar ré até dobrar a esquina. Mas ele fez a manobra tão rápido, que deu até para ver a fumaça do pneu queimando no asfalto.

Sargento Lúcio pegou o rádio e pediu imediatamente por reforço:

— Maré Zero, prioridade!

Ao conseguir dobrar a esquina de ré, saltamos do carro. Enquanto eu e Fausto observávamos tudo agachados atrás do capô, o sargento concluiu o seu ritual. Abriu o porta-malas e se encheu de carregadores.

— Que sorte — disse Fausto. — Passar pelo morro da Cuíca bem na hora que ele está sendo invadido pela facção rival!

— Vamos esperar esses filhos da puta se matarem um pouco. Depois a gente entra e pega todo mundo.

Era muito tiro. Da esquina, dava para ouvir bala voando para todo o lado. Assim que o tiroteio diminuiu, nos movimentamos.

Me dando cobertura, o sargento fez sinal para que eu avançasse e me protegesse atrás do poste mais à frente. Fomos avançando assim, pouco a pouco, até que estávamos no meio do combate.

Eu era o primeiro do grupo. Me posicionei atrás de um muro e escolhi meu alvo. Era um branquelo baixinho de cabelo grande, tipo rastafári, um dos bandidos que invadia o morro. De submetralhadora na mão, se escorava na parede. Quando davam chance, se virava com a arma apontada e atirava.

Dei alguns tiros, mas não cheguei a acertar. Cravou tudo perto dele, na parede onde se protegia. Só que o desespero do invasor foi tão grande quando percebeu que estava recebendo tiro pelas costas, que saiu correndo e acabou baleado pelos traficantes do morro.

Foi covardia. Metade dos bandidos estava de costas! Viraram alvos fáceis. Os bandidos enlouqueceram vendo tiro vindo das duas direções. Gritavam desesperados:

— Não é nada com vocês não! A parada é entre a gente!

Fausto estava se deliciando, adorando a noite.

Alguns minutos depois, várias viaturas chegaram. Com a força maciça dos polícias, o conflito se dissipou. Vários bandidos fugiram, outros foram mortos e o fuzuê se encerrou.

Entramos na viatura e fechamos as portas. Estávamos com o corpo tão quente e suado, que logo os vidros ficaram embaçados.

— Abre essa porra aí atrás! — disse o sargento.

Obedecemos. Entrou no carro um ventinho muito gostoso. Aquela sensação relaxante do ar frio no corpo aquecido pelo esforço físico.

Fausto estava tão feliz e relaxado, que parecia em estado de êxtase. O sargento se recostou no banco da frente e fechou os olhos, aproveitando o friozinho da madrugada. Eu também estava com a cabeça jogada para trás, distraído com a paisagem.

Já na rua do quartel, o meu rádio particular toca.

— Quem é a essa hora? — pergunta o sargento, que estava quase dormindo.

Olho no visor e respondo:

— É o cara que tá na Galinha.

O sargento emite um grunhido qualquer e se afunda ainda mais na cadeira.

Aperto o botão na lateral do rádio.

— Fala.

— Aí rapaziada, eu tive que arranjar pra falar com vocês ainda hoje. Vocês não vão acreditar no que eu descobri! Foi o comando do seu batalhão que autorizou a vagabundagem a tomar o morro da Cuíca!

Ouvimos sem expressar nenhum sentimento. Eu queria que ele visse a nossa cara de surpresa: nenhuma. Nada mais nos deixava surpresos. O informante continuou:

— O coronel de vocês é arregado, põe muito dinheiro no bolso aqui da facção do morro da Galinha. Aposto que vocês estavam na invasão da Cuíca, não estavam? Então, essa porra foi armada para despistar a polícia. Enquanto vocês estavam se matando por lá, os traficantes aqui do vizinho recebiam um puta carregamento de armas e drogas! Agora que já entrou tudo aqui na favela, os caras tão comemorando. Até o matuto, que sempre foi muito discreto, ficou para a festa. Ele tá dando muito mole de aparecer desse jeito. Com uma camisa do Fluminense, cercado de piranha, não está nem aí para porra nenhuma.

Matuto é o nome dado à pessoa que traz drogas e armas para a favela. É uma figura tão importante, que normalmente só o dono do morro sabe como encontrá-la. Essa informação vale ouro, e o chefe da favela guarda-a a sete chaves. Só comanda o tráfico a pessoa que tem o contato com o vendedor de armas e drogas. Dependendo do morro, o matuto é tão bem protegido, que nenhum outro traficante, fora o dono do morro em pessoa, o conhece.

O informante concluiu:

— Tão tudo lá agora, num churrasco no final da principal rua de acesso para o morro. Ali onde tem aquela placa de ferro, sabe? É, a festa é na rua mesmo! Com mesa montada e tudo.

Foi só ele terminar, o rádio da viatura falou:

— Atenção todos os prefixos, permaneçam em torno do morro da Cuíca. Situação em QAP. Repito, situação em QAP. (agora eu não me lembro direito o que significa essa sigla. É um código militar. Só sei que quando falam QAP. é para ter atenção).

Chegava a ser diabólica a forma como o coronel Alfredo manipulava o aparato policial. Nos olhamos perplexos.

— E aí, o que a gente faz? — perguntei.

O sargento estava de pernas cruzadas. Arrancava a pele ressecada da sua queimadura enquanto pensava. Parecia que não iria nunca mais sair daquela posição.

— E aí, sargento? — perguntou Fausto, aflito. — Tá cansado? Quer deixar para outro dia, ou não? O que o senhor acha, sargento?

— Cansado eu tô — respondeu o sargento com um bocejo. — Mas é agora ou nunca. Essa é a nossa chance de vingança. Vamos acabar com a festa desses filhos da puta.

36

O nosso maior desafio era entrar no morro da Galinha e chegar até o churrasco sem sermos vistos. A invasão mais eficiente de que participei nesses anos de polícia foi a tomada do morro do Titiri. E nem era um incursão oficial. Na época, organizamos uma milícia. A invasão foi tão bem-sucedida, que mesmo com poucos homens, matamos todos os traficantes do morro.

Contei rapidamente para minha guarnição como foi a operação. O sargento achou uma boa ideia. A favela da Galinha fica num lado só do morro, o outro era inabitado. Na teoria, era possível subir o morro por trás e entrar na favela pelo topo. O problema era que não conhecíamos o terreno. Não seria nenhuma surpresa se acabássemos perdidos.

Do outro lado da favela, víamos o morro todo à nossa frente. Era um lençol verde. O sargento abriu sua bússola. Apontou para o topo da montanha.

— É só a gente seguir para o noroeste.

O sargento Lúcio reuniu os carregadores, separou os que já tinham sidos usados, deu três para cada um e se entupiu com o resto. Tive vontade de perguntar: “Como é que o senhor vai aguentar subir esse morro com todo esse peso?”. Mas ficou só na vontade. Era admirável a força do cara.

Preparado, o sargento respirou fundo e disse:

— A gente tem que chegar do outro lado antes do sol nascer. Senão fudeu. — Olhou o relógio. — Temos ainda umas duas horas. Acho que dá para encarar.

A caminhada foi dura. De longe, o verde da mata engana, mas tinha muitos trechos de pedra escondidos embaixo das árvores. Trechos que eram difíceis de vencer sozinho. Imagina agora todo equipado.

Havia trechos tão complicados, que tínhamos que ser ajudados ou até levantados pelos companheiros para poder avançar. Teve uma pedra lisa de uns dois metros, impossível de contornar.

Por ser o mais pesado, o sargento Lúcio foi o primeiro a ser içado. Ele subiu nos nossos joelhos e ombros. Nós três juntos o empurramos para cima. Depois, levantamos Quirino. Segurando as mãos dos dois companheiros da parte de cima, subi em Fausto. Eles me puxaram com força e alcancei o patamar superior.

Por último, levantamos Fausto, que era o mais leve.

Mesmo com o nosso passo acelerado, demoramos uma hora e meia até chegar ao topo.

A favela estava toda às escuras, mas de uma ruela vinha um clarão intenso. A luz era tão forte, que dava para ver seu brilho atrás das casas. Som do pagode, risadas, vozes, saíam daquela direção. Não tivemos dúvida, aquele era o tal churrasco dos traficantes.

— Vamos pegar esses filhos da puta bonito — disse o sargento, empolgado.

Ele dividiu a guarnição e apontou para as casas em volta do pátio onde a festa estava rolando.

— Quando vocês chegarem nas lajes, esperem o meu sinal.

Nos separamos e corremos para nossos postos. As casas da favela eram construídas uma ao lado da outra. Quase não havia espaço entre elas. A parede de trás da casa que o sargento havia me designado estava separada da fachada vizinha por mais ou menos um metro de distância. Perfeito para subir.

Joguei o fuzil pendurado nas minhas costas com o laço cruzando meu peito. Coloquei a palma da minha mão esquerda na parede da casa e a direita na fachada da vizinha. Com os pés fiz a mesma coisa. Fazendo pressão nas duas paredes, escalei até o teto da casa.

Fiquei deitado de barriga para baixo e vi que nas outras três casas ao redor, pouco a pouco, os meus companheiros foram chegando ao teto. Rastejei até o lado que dava para o pátio.

Ao redor de um bloco de concreto, que tinha uma placa em aço de inauguração de alguma coisa, estavam três mesas. Na boca do U formado pelas mesas, um grupo com pandeiro, cavaquinho e bumbo tocava, animado. Devia ter uns quinze convidados, entre homens e mulheres. Alguns exibiam armas. Os outros, não dava para saber se eram bandidos ou não. A churrasqueira ficava encostada no bloco de concreto. A festa estava bombando. Tudo regado a muita cocaína, piranhas, bebida e maconha.

À medida que me aproximava da beirada comecei a ver melhor as pessoas. Logo na minha frente, do outro lado do bloco de concreto, estava o matuto com a camisa do Fluminense. Não consegui ver a sua cara. Ele estava inclinado, dando uns amassos numa piranha. Metade da parte de cima do seu tronco e a cabeça estavam atrás do bloco de concreto. Fiz a mira na metade do peito que ficou para fora. Queria ver o rosto do filho da puta quando recebesse o meu tiro, pena que estava atrás da placa.

Do meu lado direito o sargento Lúcio levantou o braço. Fiquei tenso, não

queria que o matuto saísse da minha mira. Foi só o sargento abaixar para eu largar o dedo. Acertei uns cinco tiros no tricolor safado e já escolhi outro alvo. Depois outro e outro.

Foi uma chacina.

Os bandidos tentaram revidar, mas estavam tão atordoados, que nem sabiam de onde vinham os tiros. Mulheres, e quem mais estivesse por lá, também acabaram baleados. Alguns conseguiram entrar nos becos e fugir.

Não tinha mais música, mais risadas, mais vozes. Não sobrou nada vivo no pátio. O chão de terra batida e concreto ficou coberto de cadáveres e sangue. O sargento Lúcio levantou de novo a mão, era o sinal para descermos.

Voltei rastejando para a parte de trás da casa. Com o fuzil nas costas, coloquei as pernas, depois o corpo para fora até ficar pendurando pelas mãos. Do meu coturno para o chão devia ter no máximo uns quarenta centímetros. Soltei a laje e caí de pé.

Fiquei escorado na parte lateral da casa que dava acesso para o pátio. Olhei para o sargento esperando instruções. Lúcio fez sinal para Quirino e Fausto avançarem com ele enquanto eu ficava dando cobertura. Iriam atrás dos que escaparam do massacre.

Eu já sabia o que fazer. Tinha que proteger a retaguarda para conter os bandidos da parte de baixo da favela.

O sargento Lúcio falou alguma coisa no rádio e seguiu. Com certeza deve ter pedido reforço. Entrar na favela até que foi fácil. Sair sem a ajuda do reforço às vezes é impossível.

Fiquei parado, com o fuzil em punho até eles sumirem entre as casas. A ruela em que eu estava dava para a parte de baixo do morro; para conter os bandidos seria melhor eu ficar atrás do concreto fazendo mira exatamente para esta mesma rua.

Corri para trás do concreto. Antes de chegar, tive um choque com o que estava vendo. Contornei o bloco completamente abalado. Bati as costas no concreto, escorreguei até o chão. Suava frio. O cheiro do churrasco misturado com sangue embrulhava o meu estômago. Mal consegui virar para o lado. Vomitei ali mesmo.

O matuto que eu matei, o matuto com a camisa do Fluminense, era meu ex-companheiro, o soldado Jesus.

Limpo a boca na manga da camisa. Preciso me posicionar para guardar a ruela de subida. Coloco a ponta do fuzil para fora e recebo o primeiro tiro que, graças a Deus, explode no concreto. Se o atirador tivesse um pouco mais de

paciência teria me acertado.

Me escoro no bloco esperando o momento de revidar. Ouço um segundo tiro zunindo às minhas costas. Grudo na hora o meu rosto e o meu corpo no concreto. O viado do atirador deve estar meio que de lado para mim. O terceiro tiro no concreto foi como uma pancada na minha cabeça.

O COMEÇO DO FIM

1

Não posso mexer o meu rosto. Não posso mexer meio centímetro do meu corpo. Na hora não pensava em nada disso, era puro instinto. É estranho, de repente tudo parece estar contra mim. Até o meu próprio corpo quer me trair. Eu tenho que me segurar. Não posso me mexer. Minha boca está tão ressecada, que minha gengiva chega a colar nos lábios. A adrenalina faz o meu ângulo de visão ficar reduzido a menos de noventa graus. Não consigo saber direito o que se passa à minha volta. Só sei que não posso me mexer.

Às vezes eu tinha um relâmpago de consciência quando meus olhos conseguiam focalizar o relógio de pulso. Eu via que mais um minuto tinha se passado. Até o tempo está contra mim. Parece que eu estou parado nessa posição há horas. Mas, na verdade, não se passaram nem dois minutos. O tempo quer ficar congelado nesse inferno.

Ouço sons de tudo quanto é tipo. Explosões, rajadas de metralhadora, gritos. Nenhum deles me assusta. Só aquela música me fazia tremer. Um ritmo contínuo, mas que vai ficando cada vez mais alto. É ele que me obriga a ficar parado, estático. Eu já conheço bem o seu som, é um tiro de 7.62. Mas não é um tiro qualquer, é um disparo de alguém treinado. Tiro colocado, devagar, ritmado. Um depois do outro, vai cada vez mais se aproximando da minha cabeça.

À medida que vou aprendendo a música, fico sabendo mais ou menos a frequência que ele para para trocar o carregador. É essa a minha hora de revidar.

Os tiros chegam cada vez mais perto. Eu ouço o zunido estridente passar a poucos centímetros do meu ouvido. A dois dedos da minha testa, tiros estouram no bloco de concreto em que estou escorado. Sinto o impacto como uma paulada na minha cabeça. Mas tenho que me segurar. Não posso me mexer. Meu rosto está todo branco por causa do reboco arrancado pelos tiros. Poeira branca e pedaços de concreto caem nos meus olhos.

Mais um minuto se passou e nada do reforço chegar. Estou tomando uma chuva de tiro. É tiro pra caralho! Na posição que tenho que ficar, não dá nem para trocar o carregador. Tenho que economizar na munição. Dou um tiro de vez em quando. Não vou dizer que eu só atiro na boa porque na verdade eu não estou

enxergando é porra nenhuma.

O tempo custa a passar. Devo estar a umas três horas agachado, encostado nessa parede. Olho para o relógio. Só se passaram meia hora! Cada minuto parece levar uma eternidade! Tudo bem que não se passaram três horas, mas mesmo na medição real do tempo, ser alvejado por trinta minutos sem poder mover um centímetro do corpo é coisa pra caralho.

Os estouros no concreto vão ficando cada vez piores. O impacto que minha cabeça grudada na parede leva é insuportável. Mas eu sei que se eu tirar a cabeça da parede eu morro. O concreto parece que está cada vez mais fino. O animal com a 7.62 está tentando demolir a parede a tiro. O cara viu que não consegue me atingir, então resolveu acabar com o meu abrigo. O pior é que ele está conseguindo. Esse filho da puta é bom mesmo.

Tento dar mais um tiro. Não consigo, acabou minha munição. Pela primeira vez desde o começo dessa roubada minha cabeça voa para outro lugar. Penso no meu filho Serginho, na minha vida. Fudeu. Além de estar perdendo a concentração, já cansei de ouvir histórias de nego que antes de morrer vê a vida passar em *flashback* diante dos olhos. Porra, esse filme eu não quero ver agora não. Tento mudar de canal, voltar para o tiroteio. Eu não posso me mexer. Concentra! Estou vendo que isso vai dar merda.

Ouço tiros vindo das minhas costas. Quero me virar, mas me seguro. Se eu me mexer vou acabar tomando um tiro no rosto. Mas e se forem os vagabundos chegando por trás? Aí é só esperar o Zé Maria bater e me abraçar.

Paro de ouvir os tiros passando perto do meu ouvido. Estou zonzo, será que eu fui atingido? Mas não estou sentindo nada. Uma mão pousa no meu ombro. Que alívio! Duvido que a mão do Zé Maria seja tão quente. Vejo coturnos e fardas azuis avançando à minha frente. A segunda guarnição chegou. Demorou, mas chegou. Os bandidos recuaram.

— Vamos embora, polícia! Rápido, porque o bicho tá pegando!

Vou me levantar, mas as pernas não respondem. Fiquei tanto tempo parado sem me mexer, que elas ficaram dormentes.

— Não consigo, eu não tô sentindo as minhas pernas!

— Aguenta firme.

O policial se levanta e avança junto com os demais, me deixando novamente sozinho. Filho da puta! Se eu conseguisse andar, eu quebrava esse viado. Juro por tudo que é mais sagrado, se eu sair vivo dessa eu mato esse filho da puta que me deixou para trás. Vou encher ele de porrada, depois vou dar um tiro seco no meio da testa. Filho da puta!

Levanto os olhos e vejo o rapaz que eu acabara de crucificar com outro soldado. Ele tinha ido buscar ajuda. Os dois me levantam e me carregam para longe daquele mar de sangue, daqueles corpos estirados. Para longe do perigo. Santo garoto! Ele tinha conseguido tirar um policial da linha de frente para me resgatar.

Eu mal conseguia andar. Os dois praticamente me carregaram até a entrada da favela e me colocaram dentro da viatura. Queria dizer pelo menos um “valeu, irmão”, mas não tinha mais forças nem para falar.

No banco de trás, deixo minha cabeça cair para o lado. Fico com a testa prensada contra o vidro vendo a movimentação da rua. O cansaço deixa tudo meio desfocado. Ainda zonzo, tento distinguir as imagens que passam pelos meus olhos. Alguns polícias armados, a agitação das pessoas que saem para o trabalho e ficam que nem barata tonta sem saber para onde correr. Até que vejo a minha guarnição carregando um corpo. Não acredito! Esfrego bem os meus olhos, tento me concentrar. Será que é ele?

— Era esse o safado que te encurralou na viga de concreto! Olha só o estado da criança — disse o soldado Fausto todo agitado, como se tivesse recebido uma carga de adrenalina.

Estava todo dilacerado por causa dos tiros. Mas mesmo assim dava para reconhecê-lo. Não era à toa que os disparos em cima de mim foram muito bem colocados. Sua pontaria era perfeita. Com um fuzil na mão, ele era o melhor. Era mais um dos meus ex-colegas, o sargento Lopes.

Depois que vi seu corpo sendo jogado dentro do camburão, não me lembro de mais nada. Apaguei.

2

— Acorda, Rubens! Acorda rapá! O dia já está raiando. Chegamos em casa.

Em casa nada, abro os meus olhos com dificuldade e vejo que amanheci no pátio da garagem do quartel. Pelo visto, a minha viatura acabou de chegar. A incursão deve ter durado a noite inteira. O sargento Lúcio, o soldado Fausto e o soldado Quirino já saíram da viatura. Só eu ainda continuava sem me mexer.

— Consegue se levantar? Ou dessa vez você vai precisar de quantos para te carregar? Ele não consegue sair do lugar, sargento. Olha só — disse Fausto.

Ele falava sem parar. Estava radiante, tão excitado que não conseguia ficar parado. Também, depois de toda a carnificina que passamos durante a noite.

— Botamos para fuder? — perguntei.

— Responde, sargento, fala aí as boas pro camarada, fala, chefia. — Fausto estava mesmo eufórico, mal respirava para falar.

O sargento ficou me encarando. Balançou pouco a pouco a cabeça à medida que abria o sorriso.

— A maior apreensão do ano — disse ele me estendendo a mão e me ajudando a levantar.

Ah! Tudo dói. A tensão foi tanta que eu acho que fiquei com todos os meus músculos contraídos. Me esticar de novo doeu, mas foi uma dor gostosa. Algo que acabou me provocando um alívio inesperado.

— Vai sair foto da gente em tudo quanto é jornal — completou Fausto.

Fui andando devagar, com bastante dificuldade, até a reserva de armamento. Dei baixa no fuzil 7.62 e na minha pistola.

Graças a Deus não cruzamos com o coronel Alfredo. Talvez ele ainda não tenha chegado ao batalhão. Mesmo com a cabeça tumultuada, tenho consciência que compramos briga. E uma briga feia.

Como é gostoso sentir a água do chuveiro caindo e batendo no meu corpo. Hoje o meu banho foi mais demorado que o normal. O banho é quase que um ritual de passagem. Eu relaxo e tento deixar para trás a brutalidade do meu dia para mais tarde poder me encontrar com a minha família.

Entro no meu Astra e vou pela avenida Brasil.

Como estou voltando de manhã para casa, pego o fluxo inverso e chego rapidinho. Essa hora a maioria das pessoas já saíram para o trabalho e a molecada já foi para a escola. Minha rua está vazia.

Estaciono em frente à minha casa e ando até a padaria. De longe eu já percebo algo estranho. Tem um moleque escurinho servindo os fregueses atrás do balcão. Isso não está certo. Nos trinta anos que eu moro nesse bairro, sempre foi o seu Geraldo e as suas filhas que cuidaram sozinhos do boteco. Agora não vejo nenhum deles. Só esse escurinho aí.

Coloco logo a minha mão direita na coronha da arma e ando devagar até a porta da padaria. Com certeza esse moleque não está agindo sozinho. Ele deve estar só de fachada, servindo os clientes, enquanto os seus colegas fazem o seu Geraldo e as filhas como reféns.

A porta que dá para os fundos da padaria está logo atrás do moleque. Eu não sei quantos bandidos estão lá dentro. Acho melhor não chamar muita atenção. Ao invés de matar o escurinho com um tiro, eu quebro o pescoço dele... não, melhor! Eu rendo o filho da puta e uso ele de escudo humano para entrar no

fundo da padaria e prender os outros bandidos. A minha cabeça ferve.

Eu me aproximo do balcão e vou sacar a arma quando o seu Geraldo aparece todo sorridente detrás da porta dos fundos.

— Rubens! Que bom te ver hoje de manhã. Eu queria mesmo falar contigo. Você já conhece o Jorge, meu novo empregado?

Ainda pode ser armação dos bandidos. Vou entrar no jogo para ver o que acontece.

— Não, não conheço. Tudo bem?

— Tudo bem, e o senhor?

— Um pouco cansado, mas tudo bem...

Seu Geraldo tira um envelope detrás do balcão.

— Aqui Rubens, o famoso convite de casamento da minha filha Giovana. Não é maravilhoso? É por isso que eu contratei o Jorge. Depois do casamento, Giovana vai se mudar com o marido. Você não pode deixar de ir. Você sabe como minha filha gosta tanto da Clara.

Relaxo. Não está rolando nenhum assalto. Foi só paranoia da minha cabeça. Mas vida de policial é assim mesmo, tem que estar preparado a toda hora. Quando menos se espera, algum maluco pode mandar o Zé Maria vir te fazer uma visita. É foda.

Bato um papinho com o seu Geraldo e com o Jorge, compro os pães e subo para casa.

Minha esposa tinha acabado de acordar. Ela está arrumando o Serginho para ir à escolinha. Assim que eu abro a porta, Serginho corre para o meu colo.

— Papai! Papai! Eu não quero escolinha!

— Mas isso não tem não querer, tem que ir. Vocês não estão atrasados, não?

— O despertador não tocou — responde Clara.

Entrego o Serginho no colo de Clara. Fazendo mil coisas ao mesmo tempo, ela se vira para falar, como se tivesse se lembrado de algo importante:

— Rubens, eu deixei um prato de comida para você dentro do fogão.

— Está ótimo.

Estou todo dolorido. Minhas pernas estão doendo de verdade. Hoje foi pancada. Só espero que isso não vire rotina.

Sento na cama. É só chegar em casa que o cansaço bate. Que sono. Acho que não vou nem comer. Vou direto para cama.

Tiro a minha roupa, fico só de cueca e deito na cama. A maldita fome volta a aparecer. Será que eu levanto? Se eu dormir a fome passa... Que merda! Quanto mais cansado eu fico, mais difícil pegar no sono. Estou morrendo de fome. Essa

que é a verdade.

Me levanto. Estou tão cansado que pareço um zumbi andando pela casa. Clara e Serginho ainda estão na sala.

— Ué, vocês ainda estão aí?

— A gente já está saindo...

Clara começa a rir.

— Que que foi? — pergunto.

— Você está com a cara toda amassada de sono.

Dou um bocejo em resposta e vou até a cozinha. Acho que tenho alguma consciência da minha figura ridícula. Tiro a comida do fogão e me sento para comer.

A rua continua calada. O bom do silêncio é que conseguimos perceber qualquer coisa estranha. Ouço o motor de um carro. Ele se aproxima e parece que o carro para bem perto daqui de casa. Fico com esse barulho na cabeça, mas não tomo nenhuma atitude. Volto a comer. Continuo encucado. Me levanto e me dirijo até a janela. Olho para baixo, não vejo nada. Estranho, mas deixa para lá. Mais uma vez, me sento e continuo a minha refeição.

A campainha toca. Agora sim estou preocupado.

— Já vai — responde Clara.

Me levanto e vou o mais rápido que posso para a sala. Tento impedir que ela abra a porta.

— Clara, não...

Não deu tempo. Ela abriu a porta e dois polícias com a farda azul da PM entram empurrando-a contra a parede. O que é que dois policiais armados querem na minha casa?

— Qual é? Que porra é essa, meu irmão?

— Qual é que tu tá preso!

— Preso? Tá maluco?

— Tu tá preso pra caralho, vamo embora.

Serginho não para de chorar. Clara o segura no colo, tentando acalmá-lo. Os policiais me algemam e estão me levando de casa como se eu fosse um bandido.

— Eu sou polícia! Sangue azul, porra! Não sou vagabundo não! Qual foi o esculacho? Olha o que vocês estão fazendo com o meu moleque. Clara, leva o Serginho pro quarto! Deve ter havido algum mal entendido...

Clara estava tentando fazer o Serginho parar de chorar, mas agora era ela que chorava, os dois choravam, e isso estava me deixando muito puto. Me dava um aperto no coração.

A confusão acabou acordando toda a vizinhança. As pessoas saíram de casa e ficaram paradas na porta só para me ver passar de cueca, algemado, humilhado. Que raiva! Até a dona Neuza que não conseguia mais andar, acordou com a confusão. E nessas horas, sempre aparece uma vizinha fofoqueira que faz questão de colocá-la na cadeira de rodas e empurrá-la para frente da casa.

O olhar da dona Neuza era estranho, perturbador. Até poucos minutos atrás, eu podia dizer, com toda certeza, que ela gostava e até se orgulhava de mim. Agora parecia decepcionada. Bastante decepcionada.

Eles me jogaram no banco de trás da viatura. Eu continuava inconformado.

— Posso saber pelo menos qual é a acusação?

— Vai me dizer que tu não sabe? Tá se fazendo de espertinho, é? Aí, o cara é malandro.

— Se eu soubesse eu não estaria perguntando, porra!

— Não mete essa, meu irmão! Para de sacanagem com a minha cara. Se tu quer que eu fale alto para todos os teus vizinhos ouvirem, eu falo porra! Quer espalhar para geral?

— Para de fazer cena. Eu não estou de sacanagem com a tua cara não. Eu tô cansado para caralho, na boa, vamos deixar de caô. Com todo o respeito, eu não sei que porra é essa que tá acontecendo.

— Tu matou a tua piranha na porrada. Encheu a tua amante de cacete depois jogou o corpo no matagal! Tá bom ou quer mais?

3

Me jogaram no xadrez. Lá já estavam o sargento Lúcio e Quirino sentados de cabeça baixa. Antes que o oficial fechasse a cela, um outro guarda trouxe Fausto algemado. Foi só largar ele dentro da cela que a criatura não parou de andar de um lado para o outro.

— Esse era o mínimo que a gente podia esperar — eu disse tentando animar os meus colegas.

— Ir para a cadeia tudo bem — disse Fausto. — A merda é que eles arranjaram uma acusação sinistra contra mim. Homicídio e o caralho. Eu vou ser expulso! E preso! Vão acabar me matando! Sei lá do que esses viados são capazes! O que é que a gente faz, sargento? Tem alguma ideia?

O sargento olhou para o teto e pensou um pouco com a mão no queixo tirando casquinhas da pele ressecada pela queimadura.

— A minha acusação também é braba — disse ele.

— O cara falou que eu matei a minha amante, eu também não entendi nada.

— Acho que a gente se fudeu legal — disse Quirino.

Horas depois, dois guardas entram na cela, me algemam e me levam para interrogatório. Entro numa salinha pequena, só com uma cadeira. Os guardas mandam eu ficar sentado e vão embora trancando a porta.

A porta se abre. Um oficial e um guarda entram na sala. O oficial traz um envelope na mão. Ele fecha a porta e joga o envelope no meu colo.

— Tira a algema dele — diz para o guarda.

Com as mãos livres eu abro o envelope. Não consigo conter a repulsa com o que vejo. Naquelas fotos, mal dava para reconhecer a negra deslumbrante que um dia cruzou o meu caminho. Eram fotos de Marina, uma pior que a outra. Mostrava ela de vários ângulos, espancada, com a cabeça raspada, toda desfigurada, ossos do rosto quebrados.

— Tá com nojo? — perguntou o oficial. — Tá com nojo da lambança que fez?

— Vai adiantar dizer que eu não tenho nada a ver com isso?

O oficial se enfureceu. Me agarrou pelo colarinho e me deu um soco na boca do estômago. Uma das famosas técnicas de tortura sem deixar marcas. A merda era que, desta vez, eu era a vítima.

— Com quem você pensa que está falando? — gritou o oficial.

O interrogatório durou quase meia hora. Todo nesse tom. No final, o filho da puta se virou para mim e falou com o sorriso nos lábios:

— Eu vou chamar a sua querida esposa para ver essas fotos, ouvir as testemunhas. Se tudo der certo, e eu sei que vai dar certo, ela vai depor contra você.

Me jogaram de volta na cela. Algum tempo depois, um guarda veio me dar a notícia de que Clara estava na sala do oficial. Isso me deu um aperto. Fiquei imaginando o que o safado estava dizendo:

— A senhora sabia que o seu marido tinha uma amante?

Imaginei Clara chorando, com seu jeito tímido, enquanto ouve o delegado falando besteira. Um choro contido, que ela luta para esconder.

— Ele não passa de um safado. Essa é a sua hora de dar uma lição nele. Tudo que a senhora se lembrar ou tiver que possa nos ajudar.

Clara tentando segurar mais uma lágrima que insiste em sair.

— Olha bem para essas fotos. Olha o estado dessa pobre coitada. O nome dela era Marina, a senhora sabia? É horrível dizer isso, mas eu acho que a

senhora teve muita sorte. Se o vagabundo do seu marido sair dessa, é a senhora que pode terminar desse jeito. Escuta o que eu estou te dizendo... Olha que nojo aqui as costelas quebradas furando a barriga da menina.

A minha divagação é interrompida pelo barulho estridente da tranca de aço. A pesada porta se abre e um polícia entra seguido de Clara. Ela anda o corredor de celas gradeadas e para de frente para mim.

Sua cara está inchada. Como estivesse chorando por horas. Não vejo tristeza nos seus olhos, parece mais raiva. Algo que eu nunca tinha visto estampado no seu rosto.

— Você fez isso que estão dizendo?

— O que você acha?

— Eu não sei... eu não sei mais de nada...

— Você não faz ideia como é a minha vida.

— Esse é que é o problema. Eu não sei como você vive, as coisas que você passa. Eu tô com medo.

— Clara, essa Marina, ela não era a minha amante. Quer dizer, eu conhecia ela, é verdade...

— Ela morreu.

— Eu não matei ela! Clara, nós já passamos por situações parecidas. Na polícia o que mais acontece são essas injustiças.

— Dessa vez é diferente.

— Diferente porra nenhuma! É igual às outras vezes!

— Você foi identificado. Uma testemunha te conhecia.

— Que testemunha! Isso é impossível! Eu não fiz nada, caralho!

Clara não consegue mais segurar o choro. Como se fosse uma represa que estourasse, ela chora com força. Chora tudo que estava segurando até aquele momento.

Ela se levanta e vai embora sem olhar para trás. Um desespero, uma angústia muito forte bate no meu peito. Eu grito com toda a força que tenho:

— Clara!

Minhas pernas tremem, mal consigo ficar em pé. Escorrego arrastando o rosto nas grades da cela. Encolhido no chão, ouço a batida da porta de ferro.

Não adiantou. Clara depôs contra mim. Falou da minha bebedeira. De como eu tinha melhorado depois que entrei para a igreja, mas mesmo assim continuava agressivo. Resumindo: ela me fudeu.

Depois disso, achei que passaria a eternidade na cadeia. A expulsão parecia certa. Mas miraculosamente, depois de dois meses de carceragem, nós quatro

fomos liberados. Nos deram só dois dias de folga e disseram para voltarmos ao batalhão para sermos reintegrados ao serviço.

Sobre nossos casos, só nos informaram que foram encerrados por falta de provas. Ficamos sem entender direito o que havia acontecido, mas também não queríamos perder tempo discutindo sobre o assunto. O que a gente queria mesmo era ir para as nossas famílias. Inclusive eu, que não sabia muito bem o que esperar.

Nesse tempo todo, não vimos, nem ouvimos falar do coronel Alfredo. Melhor assim. Peguei minhas coisas, entrei num ônibus e fui direto para casa.

4

Salto do ônibus no ponto perto do *Shopping*. Já são umas onze e meia da noite. Jorge, o novo funcionário do boteco do seu Geraldo, termina de esfregar o chão com água e sabão. Já estão fechando. É terça-feira. As ruas estão desertas.

Subo a pequena ladeira que dá para a minha rua. De longe, só vejo uma pessoa em pé na esquina. O que será que esse rapaz está fazendo a essa hora parado na rua?

Fico preocupado. Seguro a minha Taurus 40, que está debaixo da minha camisa, presa na cintura. Saio do meio da rua e começo a andar próximo da parede, escorado por ela. De maneira disfarçada, para não dar bandeira.

Poucos passos à frente, eu relaxo. Solto a arma e desgrudo da parede. É o Arturzinho que está na esquina. De casaco largo, com as mãos nos bolsos, observa eu me aproximando.

— Coé, Arturzinho? Quanto tempo, rapá! Tá grande, hein moleque!

Ele tira a mão do bolso e me cumprimenta sem falar muita coisa.

— Coé, seu Rubens.

— O que você tá fazendo parado aí essa hora?

Ele não responde. Baixa a cabeça e se vira.

— Isso não é hora de moleque ficar na rua. Onde é que tu tá morando? Se precisar de qualquer coisa, você sabe, pode passar lá em casa.

Arturzinho não fala nada, só mexe a cabeça concordando com o que eu falo. Sem se despedir, se afasta andando bem devagar. Que estranho! Ele parece tão diferente.

Dobro a esquina e sigo para minha casa. Mais adiante, olho para trás e vejo que o moleque voltou a ficar de pé, parado na esquina. Arturzinho não quer me

encarar e se vira dando as costas para mim. Bom, foda-se. Eu estou cansado demais. Preciso chegar em casa, tomar um banho.

As luzes da casa de dona Neuza estão acesas. Pelo barulho da televisão imagino que ela esteja na cadeira de rodas, de frente para o aparelho.

Venço as escadas com dificuldade. Estou mesmo acabado. Está tudo escuro em casa. Eles devem estar dormindo.

Giro a maçaneta devagar e entro com cuidado para não acordá-los. Vou até o quarto do Serginho. Não tem ninguém. Vou até o nosso quarto, também está vazio. Não fico preocupado. Devem estar na casa da dona Neuza.

Acendo a luz, pego uma bermuda e uma camiseta no armário e entro no banheiro. Tomo um demorado banho de água quente. Tento relaxar sentindo a água bater nas minhas costas.

5

Dou três batidinhas e abro a porta da casa da dona Neuza. Ela nunca deixa a porta trancada. A velha senhora estava sentada na poltrona enquanto Clara fazia cafuné na cabeça de Serginho, que dormia deitado no sofá com a cabeça apoiada no seu colo.

Dona Neuza abriu um largo sorriso assim que me viu. Chope, que estava debaixo da poltrona saiu feliz, latindo, abanando o rabinho. Batendo com a mão na poltrona, a senhora chamou a atenção do cachorro.

— Cala a boca, Chope! Volta para o lugar! Você vai acabar acordando o Serginho!

Minha sogra se esforçava para mostrar alguma vitalidade. O vira-lata voltou para debaixo do sofá, mas continuou com a língua de fora, com o rabo abanando. Dona Neuza levantou o rosto. Me olhava com ternura e alegria. Falava devagar, a voz rouca, fraca.

— Eu sabia que você não tinha nada a ver com aquela história horrível! Eu sabia! Que bom te ver, meu filho!

— Fala baixo, mãe. A senhora é que vai acabar acordando o Serginho.

Clara se levanta com o Serginho no colo. Não fala nada comigo. Pior do que isso, me dá as costas e leva o nosso filho para deitar na cama da dona Neuza.

Já a minha sogra está radiante de felicidade. Tenta até levantar da poltrona.

— Dona Neuza, a senhora não precisa fazer esse esforço.

— Então vem aqui e me dá um beijo, eu estava preocupada com você, meu

filho.

Eu a beijo no rosto e me sento no sofá.

— Conta, o que aconteceu, meu filho?

Na verdade eu queria esperar para que Clara me ouvisse também. Mas como dona Neuza me olhava com um brilho tão intenso, resolvi falar.

— Mais uma injustiça que fizeram comigo. Vida de soldado não é fácil não. Eles me soltaram por falta de provas, mas eu sei qual é a verdade disso tudo. A verdade é que tem alguém dentro do batalhão que ganhava uma grana preta em cima daquele morro e nós acabamos com a festa desse cara. Por isso que eu fui preso. Vingança.

Mesmo debilitada, dona Neuza continuava falando sem parar.

— Ai meu filho, agora esquece isso tudo. Eu estou feliz que você esteja aqui...

Ela parou por um instante, estava bastante emocionada.

— O meu sonho era ver você e Clara juntos... Ver vocês juntos de novo antes de morrer.

— Não fala assim, dona Neuza. A senhora ainda vai ver muita coisa.

Clara voltou do quarto e sentou na outra ponta do sofá. Mesmo o sofá sendo de apenas dois lugares, ela se espremia na cabeceira para ficar o mais afastada possível de mim. Não me dirigiu uma palavra sequer.

Eu ficava encarando-a, mas Clara não tirava os olhos da televisão. O som do aparelho não conseguiu amenizar o silêncio brutal que se instalou na sala. Durante alguns minutos ficamos assim parados. Eu olhando para Clara e Clara para a televisão.

— Fica perto do seu marido, minha filha, ele precisa de você.

Clara olhou para a mãe sem demonstrar nenhuma emoção. Se levantou, abriu a porta e saiu de casa. Eu olhei para dona Neuza sem saber o que dizer. Depois me virei para a televisão, mas não consegui prestar atenção no que estava passando.

— Rubens, meu filho, você me leva para cama? Estou tão cansada. Quero dormir.

— E o machucado da senhora?

— Clara me fez um curativo hoje à noite. Tá a mesma coisa.

Desligo a televisão e vou até a poltrona onde dona Neuza está sentada. Me agacho e a pego no colo. O cheiro de podre empesteia o corpo dela.

O cachorro nos segue até o quarto. Coloco dona Neuza ao lado de Serginho na cama.

— Obrigada — diz a velha senhora acariciando o meu rosto.

Dou um beijo na bochecha dela e seguro meu filho nos braços.

— Vou levar ele para cima. Boa noite.

Saio da casa e subo as escadas com o Serginho apagado no meu colo. Coloco a cabeça dele no meu ombro para ficar com uma mão livre e abro a porta. Está tudo escuro, exatamente como estava quando eu cheguei.

Coloco Serginho na cama do seu quarto. Beijo o seu rosto e falo bem baixinho.

— Boa noite, garotão.

Clara já está dormindo na nossa cama. Me deito ao seu lado tentando não me encostar nela.

Não estou com sono. Fico olhando para o teto durante horas. Me esforço para não me mexer. Não quero incomodar Clara.

De repente, adormeci.

6

O barulho das cortinas me acorda no susto. O sol entra no quarto incomodando meus olhos que querem continuar fechados.

— Bom dia, papai!

— Bom dia, meu garotão.

Ainda deitado, procuro Clara na cama com as mãos. Não a acho.

— Cadê a mamãe?

— Na cozinha. Fazendo café.

Mexo no cabelo do Serginho bem rápido, desarrumando tudo. Ele ri com a brincadeira. Levanto devagar. Sonolento.

No banheiro, lavo meu rosto. Vou até a cozinha.

— Bom dia.

Clara responde seca.

— Bom dia. Você leva o café para mamãe?

— Claro.

Pego a bandeja, saio de casa e desço as escadas. Entro na casa de dona Neuza levando a bandeja com café e pão com manteiga até o quarto. Diferente de todas as outras vezes que eu entrei nessa casa, Chope não latiu.

Dona Neuza me esperava deitada, de olhos abertos. Chope estava embaixo da cama, só com a cabeça de fora, deitado com o focinho no chão. Seus olhos

acompanhavam todos os meus movimentos, mas ele não fazia nenhum barulho.

— Bom dia, dona Neuza, vamos tomar o café?

— Me leva para a poltrona, meu filho. Eu não quero morrer deitada.

— O que é isso? A senhora não vai morrer.

— Por favor.

Eu coloco a bandeja na mesa da sala e volto para buscar minha sogra. Abro as cortinas do quarto deixando o sol entrar. Quando me abaixo para pôr ela no colo, vejo que as unhas da sua mão estão roxas. Uma sensação ruim invade o meu corpo. Mau sinal.

— A senhora quer ir no banheiro?

— Não. Apenas me coloca na poltrona.

Levanto dona Neuza nos meus braços e faço o que ela me pediu. Chope segue ao meu lado, do quarto para sala, em silêncio. Se deita debaixo da poltrona, deixando só a cabeça do lado de fora.

Dona Neuza faz sinal para que eu me aproxime. Ela fala muito devagar. Como se usasse as suas últimas forças.

— Eu... eu gosto muito de você, Rubens... Você é mais que um filho para mim... Promete que vai cuidar da Clara e do Serginho?... Promete que vai ficar sempre do lado dela?...

— Eu prometo. Não se preocupe, eu sempre vou estar junto deles. Mas não fala assim, dona Neuza.

— Eu... eu não queria que... eu não queria que eles me vissem... me vissem morrer...

Puta que pariu! O que é que eu faço?

— O que a senhora está sentindo?

— Eu só quero... afasta a Clara daqui por algum tempo... Faz o que eu estou pedindo... Só isso.

— Tá bom. Eu vou chamar a Magali para ficar com a senhora. Espera aí.

Lógico que ela ia esperar, ela não consegue mais andar. Mas eu acho que estava pedindo era para ela não morrer.

Saí da casa correndo e atravessei a rua. Bati a porta da vizinha, gritando.

— Magali! Magali! Rápido chega aqui!

— Já vai, já vai, qual é o problema, Rubens?

— A dona Neuza não está passando bem. Você tem como ficar com ela que eu vou até a casa da Lurdinha chamar uma ambulância?

— Claro, claro. Deixa eu só trocar de blusa.

— Que trocar de blusa, vem assim mesmo.

Magali entrou na casa da dona Neuza enquanto eu subia correndo as escadas. Abri a porta ofegante.

— Clara! Pega o Serginho. A sua mãe não está bem. Vamos até a dona Lurdinha chamar a ambulância.

— Serginho, dá a mão para o seu pai. Rubens, eu vou descer para ver como ela está.

— Não, a gente não pode perder tempo. Vem comigo.

— Vai você, eu fico com ela.

— Ela é a sua mãe. Eu não sou parente, os caras podem encrencar comigo.

— E você é o meu marido! Eu quero ver a minha mãe!

— Você vê quando a gente voltar. Vamos logo.

— A casa da dona Lurdinha é muito longe. Não tem um lugar mais perto?

— A gente tem mais intimidade com ela. Esse troço de ambulância, hospital, sempre demora. Ela não vai reclamar que a gente use o telefone, mesmo que por um tempo longo. Vamos parar de blá-blá-blá e vamos logo!

— E o seu celular?

— Tá sem crédito.

— Então pega o Serginho no colo.

Descemos a rua correndo até a casa da dona Lurdinha que fica do outro lado do *Shopping*.

Clara foi logo girando a maçaneta, mas a porta estava trancada. Ela tocou a campainha desesperada.

— Dona Lurdinha! Dona Lurdinha! Só falta ela não estar em casa! Pô Rubens! Olha o que você fez! Eu vou voltar para ver a minha mãe!

— O que que tá acontecendo? — pergunta o Serginho que, vendo a mãe muito agitada, começa a chorar.

— Nada meu filho, vai passar.

Clara fica andando de um lado para o outro sem saber o que fazer. Se vira para ir embora, mas vê dona Lurdinha descendo a rua segurando um saco de pão.

— Dona Lurdinha! Graças a Deus!

— O que foi, minha querida?

— É a mamãe. A gente precisa ligar para a ambulância.

Dona Lurdinha se apressou para abrir a porta da casa. Clara já foi correndo para o telefone.

— Para quem eu ligo?

— Liga para o bombeiro. 193.

Sento com Serginho no meu colo. Pouco a pouco ele vai se acalmando e para

de chorar.

— O que aconteceu com a vovó?

— Ela está doente, mas vai ficar bem. Não se preocupe, a mamãe vai chamar uma ambulância.

Como era de se imaginar, não foi tão fácil conseguir uma ambulância. O bombeiro disse que não recolhe doentes em casa. Só os que passam mal no meio da rua. Clara xingava-os pelo telefone.

— Para quem a gente pode ligar? Pro hospital?

Ligamos para os hospitais da região, mas nenhum tinha ambulância disponível para mandar agora. Só à tarde.

Depois de penarmos, me ocorreu uma ideia.

— Eu tenho um amigo bombeiro. O Carlão, se lembra dele? Ele deve poder ajudar a gente.

— Só agora você foi se lembrar disso?!

— O telefone da senhora liga para celular?

— Liga sim, Rubens. Só tenta falar rápido. Celular, sabe como é que é...

Carlão me disse que não era muito fácil conseguir uma ambulância, mas que me retornava se conseguisse alguma coisa.

Clara estava desesperada.

— Você fica aqui com o Serginho que eu vou ver como a mamãe está.

— Espera um pouco, o Carlão já vai ligar.

— Esperar para que, Rubens? Parece até que você está de sacanagem com a minha cara. Que não se importa comigo.

— Não fala assim, Clara. Não fala...

Encaro Clara, mas logo desvio o olhar. Lágrimas brotam dos meus olhos. Eu não quero que ela veja. Sempre fiz tudo o que eu pude para ela e para a mãe. Não era justo.

O telefone toca. Enxugo as lágrimas e atendo. Era Carlão dizendo que estava saindo naquele instante do Corpo de Bombeiros, com a ambulância.

— Obrigado, dona Lurdinha — Clara agradece.

Ponho Serginho no meu colo e saímos da casa. Na rua, Clara segura na minha mão.

— Me desculpa!

Agora sou eu que não falo nada. Só seguro a mão dela.

Subimos a rua mais calmos, num passo um pouco mais lento. Serginho apoiava a cabeça no meu ombro, calado. Não falamos nada uns com os outros. Mas Clara segurou meu braço e andou colada ao meu corpo.

Dobrando a esquina da nossa rua, Clara viu Magali chorando, apoiada no portão. Na mesma hora ela largou o meu braço e correu para a casa da mãe.

Eu fiquei parado, pensando no que seria melhor fazer. Serginho levantou a cabeça para ver o que estava acontecendo.

— O que que tá acontecendo, papai?

— A vovó partiu, Serginho.

— Para onde ela foi?

— Para o céu. Morar com as estrelas.

Dei meia-volta e desci a rua. Voltei à casa de dona Lurdinha. Liguei para o Carlão avisando que não precisava mais vir. Depois liguei para o rabecão vir buscar o corpo.

Dona Neuza morreu exatamente como eu a havia deixado. Sentada. Estava assim, com a cabeça caída para baixo, quando Clara entrou. E permaneceu assim, sem desequilibrar até a chegada do rabecão.

7

O enterro foi no mesmo dia. Uma cerimônia simples. Poucos presentes: as vizinhas e amigas da igreja, eu, Clara e Serginho. Dona Nilce, a irmã da dona Neuza, ficou tão abalada que não quis vir para o enterro. Meu filho ficou muito impressionado com a cerimônia. Não sei se foi boa ideia ter levado o moleque para o enterro. Mas agora já era.

Clara não quis dormir em casa. Pedi para Lurdinha para passarmos a noite na sua casa. Ela não se incomodou. Gostava muito da dona Neuza e da Clara, por isso ficou feliz em ajudar.

No final da tarde, fui até a casa de dona Neuza. Tirei todas as roupas do armário, escovas de dente, de cabelo, roupas de cama e toalhas e ateei fogo em tudo no quintal de concreto na parte de trás do pequeno prédio.

Coloquei o Chope dentro da sua casinha do lado de fora e tranquei todas as portas.

Já era tarde da noite quando eu deixei o apartamento. No meio da rua, vejo Arturzinho parado na esquina. Chega um rapaz de boné perto dele. O rapaz tira um dinheiro da carteira e Arturzinho entrega um saco para ele. Filho da puta! O moleque tá abrindo uma boca bem na esquina da minha casa! Que raiva! Vou comer o cu desse viado!

Antes que ele me veja, me escondo atrás de um carro. Arturzinho olha na

minha direção, mas não vê nada. Vou me aproximando devagar, sempre me escondendo atrás de alguma coisa.

Ele está bem debaixo de um poste de luz. Chego às suas costas agachado. Me levanto, minha sombra se projetando à sua frente. Ele se vira assustado e toma logo uma bofetada na cara.

— Que porra é essa, moleque! Traficando! E bem do lado da minha casa! Tá maluco?

— Calma aí, patrão. Não é nada disso não!

— Nada disso? Abre a porra do seu casaco.

— Tu não manda em mim. Coé?

Outro safanão no rosto.

— Coé o caralho!

Abro a jaqueta e vários sacos de coca caem no chão.

— Tu quer ir em cana? Quer levar pau na bunda de malandro, quer? Quer levar tiro de polícia, quer? Que que tu quer?

— Eu só quero fazer o meu negócio.

Pego ele pela gola da camiseta e encho a cara dele de tapa.

— Não fala merda. Tu é muito garoto. Não fode a tua vida por pouco. Essa vida não dura nada.

Revisto todos os bolsos dele. Pelo menos o menor ainda não anda armado. Pego os sacos de coca que encontro.

— Vem comigo.

— Tu vai me levar em cana, patrão?

— O que que tu acha?

Pego Arturzinho pelo pescoço e o levo até o quintal da dona Neuza. Ainda tinha um restinho do álcool que eu tinha usado para queimar as coisas da minha sogra.

Fiz um montinho com os saquinhos de pó, molhei tudo com álcool e dei a caixa de fósforo para Arturzinho.

— Pronto. Agora tu põe fogo nessa merda.

— Não faz isso comigo, patrão.

Mais um tapa bem forte e estalado.

— Acende essa merda agora!

— Nego me mata.

— Tu pode escolher morrer na minha mão agora ou na mão dos teus negos depois. Qual vai ser?

Eu seguro com força o seu pescoço. Arturzinho risca hesitante o fósforo e

taca fogo na droga.

— Agora, senta aí. Tá vendo esse fogo. Olha bem para ele. Essa é a única chance que você vai ter de se salvar da cagada que tu tá fazendo.

Dou outra bofetada no seu rosto.

— Olha bem para essa merda! Para com isso, moleque! Tu é gente boa. Mas eu vou ser sincero contigo. Da próxima vez que eu te ver fazendo merda não vai ter perdão.

Esperei que a droga queimasse toda. Fiz com que ele não tirasse os olhos da fogueira. Depois botei Arturzinho para correr.

8

Dona Lurdinha tinha arrumado o quarto que era do filho para a gente dormir. Quando voltei, Clara já estava dormindo com Serginho na cama. Estava quente demais, deitei no chão que era mais fresquinho e logo adormeci.

Um choro contido vai entrando na minha cabeça e me acorda. Abro os olhos e vejo Clara sentada ao lado da porta. As mãos trêmulas encobriam o seu rosto. Ela parecia tremer inteira.

— Que que foi, Clara?

Ela respira fundo tentando se recompor.

— Eu queria beber um copo-d’água.

Me levanto, tiro a chave da cueca, destranco a porta e abro para Clara passar. Vou junto com ela até a cozinha. Ela pega a garrafa de água na geladeira e bebe um copo cheio.

De volta ao quarto, tranco novamente a porta, me deito no chão e guardo de novo a chave na cueca. Clara continua de pé ao lado da porta.

— Eu pensei que você começou a trancar a porta do nosso quarto para o Serginho aprender a se virar durante a noite.

— Vai dormir, Clara, você precisa descansar.

9

No dia seguinte abro a porta da casa de dona Neuza. A sala está toda revirada. Jornal espalhado pelo chão, cortinas rasgadas, cadeiras caídas. Será que o bandido do Arturzinho resolveu se vingar?

O quarto da velha senhora estava ainda pior. O colchão estava todo rasgado. Como se alguém tivesse cavoucado um buraco do tamanho de uma pessoa bem onde dona Neuza dormia. O que é que aconteceu por aqui?

Quando entro no banheiro, tomo um susto. Chope está deitado no box.

— Chope! Foi você que fez essa bagunça? Chope!

Me agacho e faço carinho no pelo da sua cabeça.

— Chope!

Não adianta. Está morto. Mas como é que ele conseguiu entrar na casa?

Na cozinha acho a resposta. Ele conseguiu entrar pelo basculante que ficava um pouco acima do fogão. Incrível. O cachorro pulou uma boa altura e ainda conseguiu abrir o negócio não sei como.

Coitado. Morreu de saudades.

Subi em casa e peguei um lençol velho. Enrolei o cachorro, pedi uma pá emprestada com o vizinho e enterrei o Chope no matagal mais próximo.

10

— Tem certeza que você não quer ficar mais um dia aqui em casa, Clara?

— Obrigada, dona Lurdinha, mas eu prefiro voltar. Acho que vou me sentir melhor. Mais uma vez muito obrigada por tudo.

— Mas o Serginho acabou de dormir... Bom, você que sabe.

— Não se preocupe, a senhora já nos ajudou bastante. O Rubens leva o Serginho no colo. Estou muito cansada. Eu preciso dormir na minha cama.

Coloquei a mochila nas costas e peguei o Serginho no colo. Apoiei sua cabeça no meu ombro para que ficasse confortável durante o caminho.

Subimos a rua da casa de dona Lurdinha, passamos o *Shopping* e fomos em frente. Bem antes de chegarmos na nossa esquina, vi o Arturzinho de pé, bem debaixo do poste de luz. Aquilo me arrepiou todo, meus músculos ficaram todos tensos. Clara percebeu de cara.

— Rubens, deixa quieto. Você está com o Serginho no colo.

Dou uma bufada tentando aliviar o ódio que estava sentindo. Desta vez, Arturzinho deve ter pedido proteção. Talvez esteja até armado. Paro com meus olhos fixos no pequeno traficante. Clara dá mais alguns passos à frente e se vira.

— O que que foi, Rubens?

— Eu tô sentindo uma coisa estranha. Vamos voltar. Vamos dar a volta pelo outro lado.

Eu estava desarmado. Eu quase nunca saio de casa desarmado, mas desde a morte de dona Neuza, eu tinha deixado a minha Taurus no armário de casa.

— Meu Deus, Rubens, é só o Arturzinho.

— Desde quando ele anda fazendo merda na frente da nossa casa?

— Isso não interessa agora. Vamos para casa.

— Não, Clara, vamos dar a volta, por favor. A gente entra pelo outro lado da rua.

— Eu estou morta de cansaço.

— Clara, não discute, vamos.

Serginho acordou. Não pelo barulho da nossa discussão. Ele deve ter sentido a tensão do meu corpo.

— O que que tá acontecendo?

— Nada meu amor, pode voltar a dormir.

Serginho recostou o rosto no meu ombro, mas continuou de olhos abertos.

Mesmo contrariada, Clara me acompanhou. Voltamos até o *Shopping* e subimos duas ruas depois da que estávamos. Entramos pelo final da nossa rua e fomos até o nosso prédio.

Arturzinho nos viu de longe entrando no nosso apartamento. Coloquei Serginho na sua cama e fui direto pegar a minha Taurus 40 na parte de cima do armário.

Clara estava do meu lado. Assim que puxei a arma ela segurou o meu braço.

— O que você vai fazer?

— Não vou fazer nada, Clara. Só vou dar um susto nele.

— Você sabe que o Arturzinho é como se fosse meu irmão caçula, não sabe?

— Então você devia ter cuidado melhor dele.

— Eu não vou deixar você sair de casa com essa arma.

Meu sangue já estava fervendo. Eu não queria, mas acabei estourando com ela.

— Me solta, porra! Eu que não vou deixar que esse pirralho ameace as nossas vidas!

Fiz um gesto brusco para me soltar. Ela acabou se desequilibrando e caindo no chão. Quando eu avancei na sua direção, Clara levantou os braços como se protegesse de uma possível agressão.

Aquela cena me paralisou. Clara no chão, chorando com os braços levantados se protegendo de mim. O que é que eu fiz?

Serginho sai do quarto correndo e abraça a mãe deitada no chão.

— Para! Para vocês com isso.

Minha raiva só aumenta. Filho da puta do Arturzinho!

Ponho a arma na cintura e saio de casa batendo a porta. De longe, o traficantezinho ouve o barulho e olha para minha direção.

Ando em passos rápidos, como um touro, o olhar fixo na vítima. Ele estava sentado no meio-fio, com os braços para trás, apoiados no chão. Me olhava confiante, cheio de marra.

— Eu não mandei tu ralá daqui?

— Ô patrão, tu não põe mais a mão em mim não.

Arturzinho levanta a camisa mostrando o seu revólver 38 preso na bermuda.

Na hora eu saco a minha arma, encosto na testa dele e grito:

— Mão na cabeça, moleque!

— Tu não manda em mim não, patrão.

— Para de conversa e põe a mão na cabeça!

Arturzinho continuava parado. Que ódio desse moleque! Dei uma coronhada no rosto que jogou o seu tronco para trás.

Caído no chão, ele esfrega o nariz cheio de sangue. Fica um tempo parado, olhando para a mão ensanguentada. A raiva consumia cada músculo do seu corpo.

Num gesto inesperado, Arturzinho botou a mão na cintura e tentou puxar a arma. O meu tiro foi inevitável. Um buraco pequeno do lado esquerdo da testa que logo se encheu de sangue. Arturzinho cai estirado no chão, morto.

Eu me sinto estranho, minha mão treme. Olho para ela assustado. Parece suja, manchada. Sinto as minhas costas queimando, como se estivessem sendo fuziladas por olhares.

Me viro devagar. Vejo Clara e Serginho. Estão na rua, chorando. Porra! O que eles estão fazendo do lado de fora de casa? Aos poucos, mais e mais vizinhos vão colocando a cabeça para fora da janela para ver o que tinha acontecido.

Tiro a 38 da mão do Arturzinho, ponho a Taurus na cintura e ando em direção à minha família. Clara estava desesperada, a cara encharcada de lágrimas.

— Por que você fez isso, Rubens? Por quê?

— Entra com o Serginho. Eu vou na delegacia fazer a ocorrência.

Clara não se mexe. Eu levanto a voz.

— Entra em casa, porra!

Eu me aproximo e Clara recua. Me obedece, assustada. Me olhava com medo. Abro a porta, passo por ela, entro no nosso quarto e fecho a porta.

Jogo o revólver e a pistola em cima da cama. Meus músculos fervem. Sinto um calor tão forte, como eu nunca senti na minha vida. As minhas roupas me

incomodam. Tenho a sensação de que estão molhadas, gosmentas. Tiro a camisa, o tênis, a bermuda. Fico completamente pelado.

Sento na cama tentando me acalmar. Respiro fundo. Eu suava frio. Seco o meu rosto com o lençol e me levanto para pegar uma roupa no armário. Me visto, pego as armas e saio do quarto.

Na sala, Clara estava sentada no chão, no canto mais afastado. Serginho estava em posição fetal deitado nas suas pernas. Ela estava com as costas curvadas, como se estivesse fechada sobre o filho. Os dois eram um corpo só. Uma esfera que pulsava no ritmo de suas respirações.

11

Minha arma ficou presa na delegacia para investigação. Procedimento padrão. Mas confesso que fico um pouco preocupado em andar desarmado.

Quando morre alguém onde eu moro, às vezes o corpo fica dias até ser retirado. Como foi do lado da minha casa, eu não queria que o Serginho ficasse passando por ele.

Fui até o Corpo de Bombeiro da região. Por sorte encontrei o Carlão de plantão.

— Porra Carlão, quebra essa para mim. Vai lá agora tirar o defunto. Vai?

— Agora tá foda. Mas eu prometo que dessa madrugada não passa.

— Valeu, irmão!

Esse tempo serviu para aliviar um pouco a minha cabeça, volto para casa mais tranquilo.

Abro a porta de casa. Está vazia. Dou uma espiada nos cômodos, não tem ninguém. Fico preocupado. Me agito, ando de um lado para o outro. Cadê eles? O que será que aconteceu?

Perto da televisão, encontro um bilhete. Nem chega a ser um bilhete. Só tinha uma palavra escrita: Adeus.

12

Abro os olhos. Já está claro. Fico assim, parado, com os olhos abertos, olhando para o teto. Estou sozinho na cama.

Fico alguns minutos na mesma posição. Viro o rosto e vejo pelo despertador

que são seis e meia da manhã.

Ponho a mão no lado de Clara no colchão. Está vazio. Estou sozinho.

Levanto e ando pela casa vazia, a casa que não é minha, mas de Clara. O pequeno prédio de dois andares é todo dela e do Serginho. Mas sou eu quem estou aqui. Sozinho.

Para onde eu vou? Não sei. Tenho preguiça de fazer as malas. Acho que não vou fazer mala porra nenhuma. Não quero nada do que está aqui. Que merda!

Saio de casa e ando sem rumo. Perdi tudo. Não tenho nem para onde ir. Não me sobrou nada.

Entro no bar do seu Geraldo e sento no balcão.

— Hoje é o grande dia! O casamento da Giovana com o Nilton. Vocês não podem deixar de comparecer. O que vai querer? Uma média com pão com manteiga?

— Não, uma cachaça.

— Xiiii...

— Uma cachaça, por favor!

— Tudo bem, eu vou buscar.

Seu Geraldo pega a cachaça na prateleira e me serve um copo cheio.

— Você viu o jornal de hoje? Tem uma reportagem imensa sobre você.

— E o que é que diz?

— Com todo respeito, você tinha servido de otário para um esquema de corrupção, mas a polícia federal acabou com a brincadeira.

— Deixa eu ver.

Na primeira página estava a foto do Alfredo, o comandante do nosso batalhão.

— Aqui conta todo um esquema de tráfico de drogas envolvendo esse comandante, um ex-sargento, acho que é Lopes o nome dele, e outro ex-policial chamado Jesus. Olha só que nome o safado tinha. Deus que me perdoe! O Alfredo fazia uma divisão de serviços que todo o batalhão, mesmo sem querer, acabava beneficiando o esquema. Ele tava fazendo uma política impressionante de arrocho ao tráfico dos morros vizinhos para que todos os viciados só comprassem drogas nesse tal morro da Galinha. Em pouco tempo, ele estava ganhando rios de dinheiro com o tráfico.

Abro o jornal na folha da reportagem.

— Você entra aqui, ó. Depois que vocês invadiram o morro sem a autorização do comandante, por isso você merece os parabéns mesmo, e mataram esse Lopes e o Jesus, o tal do comandante Alfredo mandou matar essa Marina para se vingar

de você e desviar a atenção das investigações. Mas parece que foi esse assassinato que acabou levando a polícia federal a prender o Alfredo.

Tomara que Clara tenha comprado o jornal. Ela vai saber que eu estava falando a verdade. Não sei se vai fazer alguma diferença. Agora já era tarde demais.

Voltei distraído andando pela rua. Estava me sentindo mal, deprimido. Atrás de mim, ouço alguém me chamar:

— Ô Rubens!

Eu estava de costas para a rua. Me virei e vi dois caras numa moto. Quando vi a *Pisto-Uzzi* na mão do carona, ele já estava disparando contra mim. Na hora, eu quis saber quantos tiros me atingiram. Eu tentei contar, mas perdi a conta. Só sei que desabei porque eu senti a minha cabeça batendo no chão. A minha visão foi ficando turva.

Agora eu sei o gosto que o sangue tem.

INFERNO

Sou um homem morto. Embora tenha sobrevivido ao atentado, sou um homem morto. Até recuperei o contato com Clara e Serginho, mas tenho medo de me aproximar deles. Medo que eles sejam vítimas de alguma brutalidade. Medo que sejam usados para me atingir. Além disso, revendo agora toda a minha vida, tenho a certeza de que não estou bem. Estou doente. Tenho medo do meu descontrole. Medo do que eu possa acabar fazendo com eles.

Minha paranoia é tanta, que tenho medo de sair na rua. É só pôr o pé para fora de casa, que minha atenção fica redobrada. Olho para cada detalhe que acontece à minha volta. Cada carro que passa na rua, cada pessoa, tudo me parece suspeito. Me sinto pressionado, perco o ar. Tudo me parece ameaçador. Tenho medo de ir para qualquer lugar, principalmente, medo de ir para o serviço.

Cada riso que escuto no batalhão, acho que estão falando de mim. Sinto que todo polícia, todo sangue azul, está armando alguma coisa para me matar. Não confio mais nem na minha própria sombra.

Sou um PM morto em combate.

Morto por não acreditar mais em nada. Morto por não ter a chance de poder mudar de emprego. Morto por não saber como me livrar da PM. Pior do que falecer fisicamente, é o que eu sinto por dentro. Melhor, o que eu não sinto. Além do medo, não sinto mais nada. E quando o medo acabar, só me restará a morte.



Powered by

